Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação

Centro Universitário Para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
UNIDAVI

Célio Simão Martignago
Reitor

Alcir Texeira
Vice-Reitor

Niladir Butzke
Pró-Reitoria de Ensino

Charles Roberto Hasse
Pró-Reitoria de Pós-graduação de Pesquisa e Extensão

Alcir Texeira
Pró-Reitoria de Administração

*

EDITORA UNIDAVI

Editor Responsável
Prof. Dr. Nivaldo Machado

Conselho Editorial
Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz – UFSC
Prof. Dr. Carlos Manholi – UEL
Prof. Dr. Gustavo Leal Toledo – UFSJ
Prof. Dr. Jean Segata – UNIDAVI
Prof. Dr. Nivaldo Machado – UNIDAVI
Prof. Dr. Theophilos Rifiotis – UFSC
Prof. Dr. João de Fernandes Teixeira – UFSCar

Revisão e Diagramação
Helton Rubiano de Macedo

Alberto Efendy Maldonado
Maria Elisa Máximo
Juciano de Sousa Lacerda
Graziela Bianchi
(Organizadores)

Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação

editora unidavi
EDUFRN Editora da UFRN
Rio do Sul | Natal, 2012

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitora
Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora
Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Diretora da EDUFRN
Margarida Maria Dias de Oliveira

Conselho Editoral
Cipriano Maia de Vasconcelos (Presidente)
Ana Luiza Medeiros
Humberto Hermenegildo de Araújo
John Andrew Fossa
Herculano Ricardo Campos
Mônica Maria Fernandes Oliveira
Tânia Cristina Meira Garcia
Técia Maria de Oliveira Maranhão
Virgínia Maria Dantas de Araújo
Willian Eufrásio Nunes Pereira

Editor
Helton Rubiano de Macedo

E64 Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação / organizadores: Alberto Efendy Maldonado ... [*et al.*]. – Rio do Sul : UNIDAVI, 2012.

362 p.

ISBN 978-85-89234-31-3

1. Epistemologia. 2. Pesquisa. 3. Comunicação. I. Maldonado, Alberto Efendy. II. Título.

CDU: 165

Ficha catalográfica elaborada por Simone da Silva Conceição CRB 14/526.

Sumário

Prólogo **9**
Introdução **13**

1ª Parte: Perspectiva epistêmica transmetodológica

A transmetodologia no contexto latino-americano 21
Alberto Efendy Maldonado

A dimensão metodológica na orientação
de pesquisas em comunicação 43
Jiani Bonin

Longe dos pensamentos totalizantes: o desafio de se inserir de forma dialógica e processual nas problematizações epistemológicas das ciências da comunicação 59
Rafael Foletto

Submersão e emersão do pesquisador no campo de pesquisa: o paradigma tecnológico digital e o fazer do fotojornalista, sob orientação do olhar epistemológico da transmetodologia 81
Beatriz Sallet

Para uma episteme da biografia: uma reflexão sobre os atravessamentos epistemológicos do biográfico e o seu lugar no jornalismo 101
Karine Moura Vieira

Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em comunicação no século XXI..... 121
Caroline Casali

2ª Parte: Propostas teórico-metodológicas para a pesquisa em comunicação

Trilhas sobre os processos comunicacionais do corpo 143
Nísia Martins do Rosário

Comunicación no-verbal: una investigación necesaria..... 161
Alberto Pereira Valarezo

A luta dos homens e das mulheres de milho: ciberpolítica, resistência ancestral e novas subjetividades..... 177
Adrián José Padilla Fernández

De populares, cuarteteros y ciudadanos: apuntes sobre la configuración discursiva de los destinatarios de Radio Popular..... 195
E. Santiago Martínez Luque

Hegemonia y prácticas culturales: experiências formativas com textualidades audiovisuales..... 219
Noel Padilla Fernández

A inter-relação teórico-metodológica entre cidadania e etnografia 237
Joel Felipe Guindani

Experiências e contextos comunicacionais latino-americanos: algumas problematizações sobre o sistema multimidiático TeleSUR.....257
Tabita Strassburger

Created in Brazil: espaço-conceito e a construção de marca-nação 277
Aryovaldo de Castro Azevedo Jr. e Fábio Caim Viana

A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço.....293
Maria Elisa Máximo, Theophilos Rifiotis, Jean Segata, Fernanda Guimarães Cruz

3ª Parte: Projetos integrados de formação científica

A pesquisa da pesquisa em projetos de IC e TCC para a formação de novos pesquisadores 323
Juciano de Sousa Lacerda, Helena Velcic Maziviero, Luciana Lima Garcia e Amanda Cínthia Medeiros e Silva

Vozes da Vila: a história oral da Vila de Ponta Negra no rádio.....339
Maria Angela Pavan, Joanisa Prates Boeira e Ana Paula de Barros Ferreira

Sobre os autores 351

Grupos da Rede AMLAT.....357

Prólogo

A Rede AMLAT (Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina) congrega uma diversidade colaborativa que procura a cooperação, o intercâmbio e a produção acadêmica conjunta de conhecimento e pesquisa. Entre suas atividades, situa a produção editorial coletiva de livros como um eixo articulador central de seus afazeres. É assim que, desde 2009, tem publicado três livros de caráter teórico-metodológico que reúnem reflexões, explicitações, propostas, experiências, argumentos e renovações epistemológicas, na perspectiva da transformação qualificada do campo acadêmico e científico na América Latina, numa orientação de contribuições estratégicas para a estruturação de novas realidades educativas no subcontinente, como premissa e condição de transformação política e sociocultural.

O trabalho de cooperação programado para o triênio 2009-2012 tornou possível a realização de um processo de exploração, conhecimento e imersão nas realidades educativas institucionais da Venezuela (UNESR-CEPAP), Argentina (UNC-CEA), Equador (FACSO-UCE) e Brasil (UNISINOS-UFPB-UFSC-UFRN-IELUSC). A produção de pesquisa, nessa diversidade de culturas acadêmicas, mostrou as diferenças de complexidade, perspectiva, relação com a sociedade, concepções de trabalho, modelos metodológicos e pontos de partida teóricos nesse conjunto internacional. Ao mesmo tempo, ensinou formas e processos concretos de construção coletiva de vida acadêmica, nos quais o reconhecimento e a valorização da alteridade intelectual e científica têm sido um aspecto crucial do poder construtivo dos grupos, núcleos, equipes e instituições em ação colaborativa.

Cabe mencionar que os contextos, de reestruturação política e sociocultural dos países implicados no projeto, permitiram dinamizar

os debates, formulações e proposições, atravessando as investigações e projetos em discussão de maneira decisiva. A Rede AMLAT, nesse sentido, deu passos importantes na perspectiva da superação do neocolonialismo intelectual existente num expressivo setor do campo da comunicação na América Latina e, em especial, no Brasil.

Por outro lado, constatamos em nosso trabalho, tanto nas estruturas macro quanto nas realizações cotidianas das instituições, os inúmeros obstáculos que as estruturas institucionais, e os poderes vigentes nelas, colocam ao fazer investigativo e à renovação das práticas educativas e de pesquisa, retardando os necessários processos de transformação acadêmica e científica que nossas formações sociais demandam.

O reconhecimento do valor teórico, metodológico e epistemológico dessa diversidade nos levou a organizar, como uma das estratégias de configuração da Rede AMLAT, a produção de livros conjuntos que recolhem as experiências de trabalho, ensino e investigação, nas suas complexidades e carências, como forma de fortalecer, socializar e realizar produtos intelectuais concretos para benefício das comunidades acadêmicas dos quatro países participantes. O alto nível de compromisso ético intelectual dos colegas, a intensidade das trocas e vivências e o rigor produtivo tornaram possível o lançamento de quatro livros, publicados em três dos quatro países participantes, e apoiados por editoras de instituições universitárias de prestígio. O resultado gratifica nossa entrega vital e, simultaneamente, nos desafia para novos empreendimentos e complexidades na perspectiva da transformação sociocultural, educativa, investigativa e política da América Latina.

Finalizando o triênio estamos avaliando o que conseguimos produzir; assim como, também, estamos visualizando futuros. Nesta fase de passagem e alegria, é preciso agradecer a todos (as) os (as) colegas que participaram nessa aventura intelectual; em especial aos articuladores (as) da Rede em cada país Adrián Padilla (Venezuela); Marita Mata (Argentina); Alberto Pereira (Equador); Jiani Bonin (Brasil); como também a contribuição crucial dos colegas coordenadores nas universidades Virgínia Sá Barreto (UFPB), Juciano de Sousa Lacerda (UFRN), Theóphilos Rifiotis (UFSC), Maria Liliana Córdoba (UNC-CEA), Maria Elisa Máximo (IELUSC), Nísia do Rosário (UNISINOS-UFRGS). A Rede

AMLAT não teria realizado suas atividades, muito além dos objetivos iniciais, sem a colaboração entusiasta, comprometida e construtiva de colegas que, indo além dos formalismos institucionais, brindaram seu trabalho intelectual, organizativo e operativo de modo intenso, inventivo e produtivo; nesse grupo, cabe destacar a atuação de Lisiane Aguiar, Rafael Foletto, Taís Flores Motta, Martín Ghisio, Oscar Rodríguez Pérez, Julio Valdez, Susana Morales, Graziela Bianchi, Daniela Monje, Soledad Segura, Noel Padilla e Alejandrina Reyes, que contribuíram para que o projeto fosse aperfeiçoado, ampliado e muito bem realizado. Nosso reconhecimento especial para os colegas que fizeram os Encontros Discentes, e a produção intelectual que surgiu deles, Dafne Pedroso, Joel Felipe Guindani, Ricardo Machado, Bruno Alencastro, Tabita Strassburger, Libera Guzzi, Maria Josefina Pividori, Valeria Meirovich, Rafael Tourinho Raymundo, Juan Alberto Ochoa, Ernesto Sánchez, Glaúcio Pereira de Souza, Sidney Marlon de Azevedo, Cândida Portolan, Taís Seibt. Um imenso obrigado para Jiani Bonin, Maria Liliana Córdoba, Taís Motta, Rafael Foletto, Maria Elisa Máximo e Graziela Bianchi, pela coordenação desses eventos.

Os livros são produto de uma cooperação investigativa, teórica e educativa, entre grupos, centros e núcleos participantes da Rede AMLAT; não obstante, essa produção coletiva de conhecimento, é pertinente destacar o trabalho decisivo de Adrián Padilla e Norah Gamboa, na Venezuela; Alberto Pereira e Jiani Bonin no Equador e Brasil; Virgínia Sá Barreto, Juciano Lacerda, Lisiane Aguiar, Fernanda Dalprá Becker e Maria Elisa Máximo no Brasil.

Meu profundo e comprometido agradecimento a todos os colegas que construíram este projeto com inteligência, solidariedade, compromisso ético-político e rigor intelectual.

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
Coordenador Geral da Rede AMLAT

Introdução

Processo é a palavra que melhor define a experiência que gerou este quarto livro da Rede AMLAT, construído com um quadro representativo do trabalho acadêmico e investigativo latino-americano realizado no contexto de nossas universidades (UNISINOS, UNESR, UNC, UCE, UFPB, UFRN, UFSC, IELUSC). Apresenta um conjunto de reflexões teórico-metodológicas cujo eixo articulador é a perspectiva *transmetodológica*, que constitui o núcleo transversal do projeto de cooperação *Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina*.

A diferença de livros que agrupam fragmentos de textos especulativos, esta obra é o resultado de um trabalho de intercâmbio, cooperação e imersão nas realidades acadêmicas e de pesquisa de todas as instituições participantes. Os textos são um produto intelectual de intensos e sistemáticos processos de investigação, realizados nos grupos de pesquisa, núcleos, centros e programas que integram a Rede AMLAT.

A primeira parte, *Perspectiva epistêmica transmetodológica*, reúne um conjunto de textos, que são o resultado da formação e orientação acadêmica em *epistemologia*, coordenados por Efendy Maldonado, entre 2009 e 2011, e por Jiani Bonin nos cursos de investigação e formação metodológica nas instituições que compõem a Rede. Rafael Foletto apresenta uma argumentação crítica questionadora dos posicionamentos *totalizantes* em epistemologia, inserindo a figura do *sujeito/pesquisador/cidadão* como ator histórico do fazer científico, e propõe em perspectiva transmetodológica a inter-relação entre diferentes visões e concepções sobre ciência, buscando problematizar questões epistemológicas em comunicação.

Beatriz Sallet participa com o texto *Submersão e emersão do pesquisador no campo de pesquisa*, apresentando um diálogo epistemológico na construção de uma tese sobre fotojornalismo digital, em termos das afetações nos valores-notícia das fotografias em veículos impressos on-line e nas multiplataformas; apropria-se da vertente *transmetodológica* para abordar a multidimensionalidade do problema/objeto numa exploração instigante de possibilidades. Karine Moura Vieira traz no texto *Para uma episteme da biografia* uma argumentação sobre a necessidade de uma orientação transversal para problematizar metodologicamente a gênese da biografia, a posição do biógrafo como investigador e produtor de conhecimento e a construção do relato biográfico como estratégia jornalística em termos de reportagem.

Caroline Casali contribui com o texto *Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em comunicação no século XXI*, definindo a epistemologia como instância de reflexão sobre o fazer científico nos empreendimentos de pesquisa concretos; problematiza o caráter dinâmico, multicontextual da realidade comunicacional, orientando-se para a promoção de estudos de caso e visualizando a necessidade de trabalhar metodologias multifocais mediante uma contínua vigilância epistemológica.

A segunda parte do livro está organizada pelo eixo de *propostas teórico-metodológicas para a pesquisa em comunicação*. Esse conjunto se inicia com a participação de Nísia Martins do Rosário, que traz o texto *Trilhas sobre os processos comunicacionais do corpo*, problematizando essa vertente a partir das noções de *corporalidades* e *redes de significação* nos seus vínculos semióticos nos processos de comunicação contemporâneos. Alberto Pereira Valarezo participa com o texto *Comunicación no-verbal: una investigación necesaria*, propondo a necessidade de formular um projeto estratégico que vincule aspectos linguísticos e semióticos para abordar experiências concretas em *educomunicação*; o autor convida a uma articulação teórico-metodológica que inclua as referencias à *Escola de Palo Alto* e articulações múltiplas contemporâneas.

Adrián José Padilla Fernández apresenta *A luta dos homens e das mulheres de milho*. Nesse texto, reflete sobre a problematização investigativa do conflito chiapaneco, no México, e as implicações que os

"campos de batalha no ciberespaço" têm nas práticas discursivas revolucionárias do EZLN, que provocaram um conjunto de questionamentos instigantes, tanto para as práticas políticas quanto para o conhecimento transformador em comunicação. E. Santiago Martínez Luque participa com o texto *De populares, cuarteteros y ciudadanos: apuntes sobre la configuración discursiva de los destinatarios de Radio Popular*. No trabalho são analisadas as estratégias discursivas de Rádio Popular, de Córdoba, Argentina, uma emissora para públicos populares urbanos. A argumentação foca na construção de figuras de *identificação*, explicitando as formas de legitimação desses reconhecimentos, como também os apagamentos, negações e tergiversações.

Noel Padilla Fernández argumenta sobre *Hegemonia y prácticas culturales: experiencias formativas con textualidades audiovisuales*. Nesse texto, problematiza as relações entre processos midiáticos e transformações socioculturais e políticas no contexto venezuelano, confrontando o projeto civilizatório do capital, nos seus imaginários sociais, com os processos formativos realizados pelo CEPAP-UNESR orientados ao autorreconhecimento dos estudantes como *sujeitos mediados* nas suas práticas culturais na dimensão midiática, que precisam para promover processos de emancipação mediante o cultivo de competências de leitura e escritura de textualidades audiovisuais. Joel Felipe Guindani trabalha o texto *A inter-relação teórico-metodológica entre cidadania e etnografia*, no qual propõe estimular os pesquisadores a produzir um olhar mais sensível, dinâmico e atento sobre a realidade investigada; concebe a cidadania enquanto construção da ação social, vinculando-a com a etnografia como alternativa metodológica pertinente e apresentando um quadro ilustrativo das suas dimensões operativas.

Tabita Strassburger apresenta *Experiências e contextos comunicacionais latino-americanos: algumas problematizações sobre o sistema multimidiático TeleSUR*, problematizando esse sistema multimídia nos seus aspectos de democratização, cidadania e integração, tanto na configuração midiática estruturada pela TeleSUR, quanto nas apropriações que os públicos realizam dessas produções e como as vinculam as suas realidades. Aryovaldo de Castro Azevedo Jr. e Fábio Caim Viana mostram no texto *Created in Brazil: espaço-conceito e a construção de marca-nação*

o processo de fabricação dessa marca no contexto do Pavilhão Brasileiro na Exposição Mundial de Xangai 2010; problematizam a noção de *espaço-conceito* em inter-relação com a noção de *conceito-país*, explicitando as formas simbólicas de sua produção na construção de uma estratégia de marketing.

O texto de Maria Elisa Máximo, Theophilos Rifiotis, Jean Segata e Fernanda Guimarães Cruz situa-se no debate sobre as metodologias de pesquisa nas diferentes situações de interação e comunicação on-line, oferecendo uma contribuição do ponto de vista da Antropologia. O texto contempla as reflexões mais atuais do GrupCiber (Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço, da UFSC) e propõe uma revisão crítica de estudos recentes que têm como foco essa questão metodológica, mais especificamente as possibilidades de apropriação da etnografia como "método" apropriado para a investigação da vida social no chamado ciberespaço.

Na terceira parte do livro, *Projetos integrados de formação científica*, Juciano de Sousa Lacerda, Helena Velcic Maziviero, Amanda Cínthia Medeiros e Silva e Luciana Lima Garcia apresentam o texto *A pesquisa da pesquisa em projetos de IC e TCC para a formação de novos pesquisadores*. A reflexão metodológica é estruturada a partir da experiência nas indagações sobre as apropriações das TICs em telecentros e *lan houses*. A equipe mostra as suas estratégias como também os obstáculos e dificuldades para trabalhar em bancos de dados de teses, dissertações, repositórios, portais e revistas científicas nacionais on-line do campo da comunicação. Simultaneamente, expõe as qualidades da *pesquisa-da-pesquisa* para a formação de novos investigadores e construção de habilidades para o exercício crítico/analítico da produção científica. Maria Angela Pavan, Joanisa Prates Boeira e Ana Paula de Barros Ferreira contribuem para o livro com o texto *Vozes da Vila: a história oral da Vila de Ponta Negra no rádio*. Nessa reflexão, explicitam e valorizam o procedimento metodológico da *história oral* como recurso crucial para trabalhar as culturas ancestrais presentes nas memórias das pessoas de uma vila da cidade de Natal. O trabalho mostra o esforço e a qualidade metodológica da equipe na formulação do projeto e na realização fecunda da pesquisa, comunicando as virtudes dos processos

de iniciação científica quando organizados e sistematizados de maneira inventiva e problematizadora.

Por fim, é importante dizer que este livro é o último volume do projeto editorial da Rede AMLAT, que contou com outras três publicações, além de artigos e trabalhos acadêmicos inspirados e produzidos no âmbito do diálogo, das trocas e das possibilidades de cooperação científica promovidas pela Rede. Neste sentido, podemos entender este livro não como o fim de um ciclo, mas como uma passagem para outros projetos, outras redes, enfim, outras instâncias de trocas e de cooperação, certos de que as experiências fomentadas na e pela Rede AMLAT nos animam a continuar nas trilhas das *transmetodologias*, das metodologias transformadoras, do conhecimento produzido coletivamente.

Alberto Efendy Maldonado
Maria Elisa Máximo
Juciano de Sousa Lacerda
Graziela Bianchi
Organizadores

1ª PARTE

Perspectiva epistêmica transmetodológica

A transmetodologia no contexto latino-americano

Alberto Efendy Maldonado

Introdução

O texto problematiza, numa perspectiva *transmetodológica*, a investigação em ciências da comunicação no contexto ibero-americano, focando suas análises e reflexão em projetos de cooperação acadêmica e pesquisa realizados entre 2004 e 2010 no Brasil, na Venezuela, no Equador, na Argentina e na Catalunha. Seu objetivo metodológico busca sistematizar conhecimento sobre experiências, estratégias e realizações de investigação nos âmbitos dos grupos de pesquisa PROCESSOCOM (UNISINOS), MIGRACOM (UAB) e Rede AMLAT (UNESR, UCE, UNC, UFPB, UFSC, UFRN, IELUSC). Tem como objetivo teórico a construção de inter-relações entre processos sociocultural e comunicacionais em realidades de fluxo, integração e conflito, construindo argumentos a partir das investigações teóricas e das experiências de cooperação em pesquisa e ensino. Seu objetivo operativo procura fortalecer a concepção *transmetodológica*, compartilhando conhecimentos epistemológicos e investigativos com os colegas dos vários países participantes na Rede AMLAT, nas associações científicas e universidades da América Latina e da península ibérica.

Na primeira parte do texto, são inter-relacionados os conceitos de *cidadania comunicacional; cultura midiatizada; êxodos e migrações; identidades culturais; reconfigurações socioculturais; comunicação transfronteiras* e *poder* em diálogo e confronto crítico com Bonin (2008; 2011); Rosário (2008; 2011); Martín-Barbero (2008); Mata *et al.* (2009); Santos (2006); Cortina (2005); e Lacerda (2010). A argumentação busca tecer argumentos que aprofundem e ampliem as compreensões sobre epistemologias *multiléticas*, heurísticas, interpretativas e transformadoras, seguindo uma orientação de práxis teórica rigorosa, que qualifique os afazeres intelectuais, investigativos, socioculturais e políticos na atividade acadêmica e científica contemporânea.

Na segunda parte, o texto analisa estratégias e táticas postas em prática nos projetos de investigação e cooperação acadêmica[1], refletindo sobre os processos mediante um olhar multifocal, *transmetodológico*, que problematiza as realidades e os pensamentos construídos em agir suscitador de novas configurações lógicas e conceptuais para a pesquisa em comunicação.

Na terceira parte, conclusiva, procura-se a articulação das dimensões teórica e investigativa, apresentando-se os resultados argumentativos e propondo alternativas de trabalho renovador para a investigação em comunicação.

---

1 Projeto CNPq-PROSUL 2009-2012: Rede Temática 'Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina'. Projeto de investigación: Medios, espacio público y ciudadanía (CEA-UNC). Projeto: Impulso e desarrollo de líneas de investigación (CEPAP-UNESR). Projeto: Culturas Televisivas e Dialogias Sociais: Configurações, pactos e sentidos de Comunidades Periféricas na TV (UFPB). Projeto: Diseño, análisis y difusión curricular de la Comunicación Social en el Ecuador (FACSO-UCE). Projeto: Estudo etnográfico das formas de apropriação dos centros públicos de acesso pago à Internet (UFSC-IELUSC). Projeto CAPES-MEC (2004-2008): Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de midiatização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e do Mercosul (UNISINOS-UAB). Projeto: Tratamiento informativo de la inmigración en España (MIGRACOM-UAB).

Cidadania comunicacional: componente teórico central da problemática

O eixo articulador da argumentação é a noção de *cidadania comunicacional*. Ela atravessa o mundo contemporâneo de fluxos intensos, mudanças *tecnoculturais*, reconfigurações de poder político e reestruturações dos modelos de sociedade. A *cultura midiatizada*, com forte penetração, reconhecimento e eficiência na maioria das sociedades ibero-americanas, participou de modo estratégico nos intensos processos de urbanização, êxodos e fluxos, provocados pelos processos de reorganização econômica nos vários formatos do capitalismo latino-americano, que teve sua orientação conduzida pelas estratégias neoliberais, das duas últimas décadas, do século passado. O *concreto real* multifacetado e dinâmico mostrou, em termos de sistemas midiáticos, a concentração anacrônica (própria de épocas pré-capitalistas escravocratas e latifundiárias) da propriedade e do poder midiático em poucas famílias das elites tradicionais, vinculadas aos setores mais conservadores das sociedades, tanto em termos políticos, quanto econômicos. No caso brasileiro, é preocupante a defasagem entre os processos capitalistas reais, de aceleração e reconfiguração produtiva, e os discursos dos grandes meios comerciais que não conseguem acompanhar, nem vislumbrar, os processos concretos de reestruturação que o país teve, e está tendo, no presente período.

As concepções e posturas políticas da grande mídia brasileira a respeito da América Latina se sintetizam numa concepção própria do século XIX, época do império; atualizam, propõem, reinterpretam e sugerem relações de exploração, aproveitamento sistemático e subjugação programada dos países vizinhos mediante a força econômica e militar. Foram ilustrativas desse posicionamento as crises durante o processo de nacionalização das indústrias de gás e petróleo na Bolívia, fato que afetou diretamente os interesses da transnacional Petrobras; e o processo de renegociação do *Tratado de Itaipu*, defendido pelo governo paraguaio de Fernando Lugo. Nos dois casos, os arautos da grande mídia comercial demandaram do governo brasileiro uma "política dura" de continuidade das políticas definidas em épocas autoritárias e ditato-

riais, que normatizavam uma relação de exploração dos recursos dos países vizinhos por empresas nacionais.

A profunda mudança na política internacional do Brasil, definida e realizada pelo governo Lula, comprovou-se imprescindível, e justa, em perspectiva democrática integradora; porém, foi qualificada como "fraca" e de favoritismo político aos "aliados" regionais. Esses posicionamentos político-ideológicos, que manifestam a opinião e os comportamentos dos grandes grupos de poder midiático, são expressivos dos seus graves problemas interpretativos em relação às mudanças ao interior do modelo capitalista brasileiro. As relações econômicas, políticas, culturais com a América Latina ainda são pensadas, por esses grupos de poder, em termos de domínio e degradação ("relacionar-se com eles é degradar-se"). Reproduzem assim a matriz do *Complexo Militar Industrial* estadunidense e das transnacionais do *fundamentalismo de mercado*, que olham para o mundo como campo de exploração em proveito próprio.

Em investigações sistemáticas, que coordenamos entre 2000 e 2006, comprovamos o lamentável tratamento que os grandes sistemas midiáticos televisivos brasileiros dão à América Latina e seus habitantes[2]. Numa síntese qualitativa, dos milhares de páginas de sistematização investigativa sobre essa produção simbólica, comprova-se uma ação midiática programada de distorção negativa sobre as pessoas e as sociedades latino-americanas. A ênfase em temas como *narcotráfico, delinquência, contrabando, violência política, crise, guerra, explosões, tráfico de armas* e *terrorismo* na Rede Globo (MALDONADO, 2004, p. 108). O estilo autorreferencial midiático no SBT, que apresenta *música* e *programas de TV comercial* como representação exclusiva da América Latina, em quase metade de suas transmissões (MALDONADO, 2004, p.

---

2 MALDONADO, A. Efendy (Coordenador). Relatórios de Pesquisa: "Transnacionais da televisão latino-americanas: as inter-relações Brasil-América Latina apresentadas pela grande mídia televisiva" (2002); "As estruturações televisuais sobre América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: Produtos midiáticos, estratégias e recepção" (2004); "América Latina midiatizada: produtos televisivos e recepção [...]" (2006), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – UNISINOS (Doutorado/Mestrado).

150). A TV Bandeirantes, que segue a linha de caracterização pejorativa de América Latina, e produz sua marca midiática transmitindo, reiteradamente, *programas esportivos* com pouquíssimas contribuições para a saúde corporal, para a educação física e para a democratização do esporte nas sociedades latino-americanas (MALDONADO, 2004, p. 56). Esses sistemas midiáticos investigados mostraram uma fragmentação programática em vários temas que, contudo, confluem numa estruturação simbólica distorcida sobre a cultura, a sociedade e a natureza da América Latina.

Nesses contextos de adversidade midiática, restrições políticas e limitações jurídicas, considera-se estratégico, para um movimento teórico desestabilizador e reconstrutor das problemáticas em ciências da comunicação, o trabalho investigativo e de geração de teorias que contribuam à estruturação de conhecimento sobre *cidadania comunicacional*. Para isso, alargamos a compreensão do conceito de *cidadania* para além das restrições jurídicas positivistas e das concepções políticas liberais. Pensamos *cidadania* desmontando seu caráter filosófico democrático representativo (positivista/liberal-burguês), leia-se restritivo, e ampliamos sua compreensão e pertinência para outras dimensões da vida, como as étnicas, regionais, econômicas, de gênero, espirituais, científicas, artísticas, cosmopolitas (contra as restrições à livre circulação na Terra) (CORTINA, 2005; SANTOS, 2006; MALDONADO, 2010; MATA *et al.*, 2009). Concebemos a *cidadania comunicativa*, *política*, como o *direito/desafio/compromisso/pertença/participação* para produzir estratégias e táticas de comunicação que possibilitem processos e estruturações enriquecedoras da diversidade cultural, da vida comunitária, dos ecossistemas e dos modos de vida pós-capitalistas nas *formações* (macro/meso/micro) *sociais* contemporâneas.

Um passo imprescindível na vida cidadã comunicativa é aquele que permite superar, quebrar, a vivência e a concepção unidimensional que só reconhece os sistemas midiáticos comerciais, capitalistas, como a melhor possibilidade de estruturação e realização social comunicativa. É necessário promover uma reflexão sistemática nos contextos, comunidades, faculdades, institutos, centros e núcleos e grupos de investigação, como também nos sistemas educativos, em especial nos universitários,

sobre a pertinência e urgência de conceber, estruturar e desenvolver novas realidades, tanto estruturais, quanto culturais, em comunicação.

A favor da mudança estão as novas condições de produção, circulação e reconhecimento simbólicos. De fato, a partir de 1994, a Internet tornou possível outras ordens, enquadramentos, formatos e configurações de meios. Lamentavelmente, ainda, boa parte da produção investigativa e teórica continua restrita ao acompanhamento dos modelos analógicos, empresariais, de modelo concentrador e autoritário, focado em lógicas de maximização de lucro para poucos. Na problematização da *comunicação digital* prima o tecnicismo funcionalista, que se apresenta como uma atualização do cientificismo positivista. É assim que as ferramentas, os suportes, os arranjos eletrônicos e os jogos de funcionalização dos procedimentos técnicos para o mercado, têm primazia de financiamento e apoio administrativo.

A problematização que nos ocupa, vincula *cultura midiatizada* à *cidadania* porque considera crucial para as transformações sociais necessárias à construção de pensamento forte, *teorias*, que expliquem, interpretem, questionem e critiquem os modos de existência contemporâneos que têm gerado situações de conservadorismo (ritualização repetitiva dos usos e consumos) na vida cultural, privilegiando determinados formatos, modelos, gêneros, estratégias e costumes e, simultaneamente, restringindo as possibilidades de *livre fluxo e produção da cultura simbólica múltipla* criada por etnias, regiões, classes sociais, grupos artísticos, redes produtivas, núcleos alternativos, pequenos e médios empresários, e setores populares. Os modelos tradicionais de estruturação midiática, que confluem numa matriz empresarial de grandes redes, sob propriedade de poucas famílias oligárquicas (Azcárraga, Marinho, Cisneros, Saad, Slim, Herrera, Abrabanel, para citar alguns exemplos na América Latina), imitam a lógica das sete grandes transnacionais da mídia, e seu poder redutor da vida e a cultura, representados paradigmaticamente pelas figuras de Berlusconi e Murdoch no contexto mundial.

Na América Latina, na conjuntura atual, são ilustrativos os vínculos da empresa *Clarín* com a ditadura genocida argentina dos anos 1970-1980, que ilustram de modo decisivo os modos de agir jurídicos e sub-reptícios dos *donos da mídia* na região. Esses nexos são uma

amostra, que devidamente problematizada e investigada, pode oferecer subsídios valiosíssimos para a compreensão da realidade hegemônica no campo da mídia na América Latina no século XX e, ainda, nos inícios do século XXI. Os governos, os grupos de poder político autoritário das classes hegemônicas e o Estado liberal restritivo, em combinação com as ditaduras civis e militares, estruturaram e mantiveram uma *ordem jurídica midiática* excludente que favoreceu as oligarquias locais. Esse modelo se mostra tanto nas *formações sociais* de maior sofisticação (Brasil, México, Argentina), quanto nas estruturas sociais intermediárias (Venezuela, Colômbia, Chile, Peru), e também nas menores (Equador, Bolívia, Paraguai e os países centro-americanos e do Caribe, com exceção de Cuba), podem ser vistas as mesmas características de concentração de poder entre mídia/política; hegemonia: econômica/mídia e enquadramentos jurídicos que beneficiam a *produção de mais-valia* e *lucro* por essas elites.

O que se coloca, portanto, é a necessidade urgente de reformar e transformar o marco político/jurídico/econômico dessas realidades, tornando viável e promovendo a *participação* de vários setores das sociedades latino-americanas, que possuem competências para produzir *cultura midiática de qualidade*, na reconstrução dos sistemas, instituições, meios e culturas de comunicação; democratizando a gestão, o poder e os modos de produção simbólica. É um desafio central do atual momento histórico, a reestruturação profunda das concepções, hábitos, práticas e culturas midiáticas. Para isso, a ideia diretriz de *participação produtiva* se vincula com a noção de *cidadania comunicativa* na realidade concreta, favorável, de condições de produção simbólica. Terminou a época em que se necessitava de grandes capitais, estrutura industrial e vínculos com o poder para fabricar produtos comunicativos de circulação mundial. Hoje a produção comunicativa de qualidade estética, de conteúdo e compromisso ético com a humanidade, depende mais das competências intelectuais e técnicas dos meso e micro produtores, e a clareza que tiverem sobre os agires cidadãos, que de grandes financiamentos condicionados por todo tipo de poderes.

A investigação em comunicação é exigida, pelas novas configurações da realidade cultural e midiática, a problematizar, pensar, explicar,

compreender, elucidar e interpretar essas novas condições; orientando, numa linha de cidadania, seus esforços para as potencialidades transformadoras que as culturas comunicativas apresentam em profundo vínculo com as reconfigurações tecnológicas. Nessa perspectiva, interessa menos o que de continuidade reprodutiva consumista se apresenta nas práticas sociais, interessa sim, de maneira crucial, o que de renovador, reconstrutor, transformador, desestabilizador, fortalecedor de culturas de justiça social, paz, solidariedade e invenção se apresenta nas práticas comunicativas e nas produções teóricas relacionadas com esses fenômenos e processos.

A noção de *cidadania comunicativa*, para dar conta desses desafios, precisa incorporar a sua compreensão (definição) elementos conceituais das culturas subalternas populares, tanto em termos de concepções de poder quanto de diversidade cultural e favorecimento a fruição da vida, da inventividade e de compromisso de grupo. Na dimensão política, precisa superar a noção de "gozo de direitos civis e políticos e desempenho de deveres", definindo a *cidadania* como dimensão *participativa, elucidativa, propositiva* de novos modos de vida sociocultural, em especial os comunicativos. Propor, por exemplo, processos de inter-relação comunicativa entre vivências/modelos de distintos continentes, culturas, sabedorias, realidades, valores e existências. Ensaios e experimentações renovadores que podem dar pistas de *bem viver*.

Nas sociedades latino-americanas (com maior penetração dos modos de vida liberal-burgueses, individualistas e utilitaristas), a problematização dos consumismos midiáticos e o esclarecimento do papel sociocultural liberador que as novas configurações comunicativas podem propiciar gerariam processos de formação investigativa qualificados em *comunicação integradora*, desestabilizariam a euforia técnica eletrônica contemporânea das telecomunicações, orientando-as para a geração de culturas renovadoras que potenciem a circulação e apropriação de bens informativos, artísticos, científicos, culturais, éticos, políticos, educativos e espirituais.

Entre os setores dinâmicos de reconstrução da *cidadania comunicativa*, o campo educativo e o campo científico são urgentes de reconstrução e construção para transformar as realidades de subalterni-

dade e *neocolonialismo intelectual*, que freiam nosso desenvolvimento e limitam significativamente nossa liberdade. No primeiro, é importante a crítica do utilitarismo técnico (LACERDA, 2010), focando as problematizações na estruturação de sistemas digitais de comunicação em escolas, universidades e institutos nos aspectos de *cultivo de inteligências, investigação em todas as atividades, aprendizagem de problemáticas, formulação de projetos, inventividade e experimentação criativas*. As escolas e colégios precisam de estratégias fortes para lutar contra os modelos de *cultura da violência* (jogos produzidos para o *Pentágono*; produção midiática que cultua formas de violência sistêmicas); como também contra os relacionamentos factuais, o consumismo midiático tradicional (tecnofilia fascinada pelas novidades instrumentais técnicas) propondo uma mudança profunda e ampla dos métodos de ensino e vida escolar, transformando os espaços educativos em cenários de vida inventiva, fraterna e comprometida com as mudanças da sociedade. Os sistemas de poder político e midiático trabalham intensamente por manter as novas gerações ocupadas no seu *enquadramento de rituais cotidianos*.

Paralelamente, é imprescindível trabalhar nos processos de *formação/pesquisa/organização* fora das instituições educativas formais, em ambientes culturais, espaços alternativos, organizações populares, movimentos sociocomunicativos, *telecentros* e comunidades étnicas no sentido de fortalecer os aspectos de emancipação cultural, política e espiritual dos cidadãos. Para a *comunicação cidadã*, é um campo de luta e criação que deve ser assumido mediante a confluência *transmetodológica* de estratégias, táticas e culturas, que configurem dimensões de conhecimento, liberdade, arte, prazer e energias produtivas.

Dado que os processos, modos, técnicas, recursos, culturas, estruturas, conjuntos e sistemas de comunicação têm sido centrais, e fundamentais, na constituição da espécie humana e de suas sociedades; considerando que, a atual fase histórica é de profunda mudança das condições da *práxis* comunicativa; tomando em conta, também, que os dinâmicos processos de fluxos socioculturais, nos quais os nexos, vínculos e características comunicativas tem papel central; incluindo, nessa articulação, o recurso renovador das potencialidades produtivas culturais, que as tecnologias digitais brindam e; articulando politica-

mente esses fatores, na atual conjuntura que inicia a constituição de uma América Latina que vai pensando e atuando com independência, agindo com dignidade, preocupando-se pelos seus povos, questionando os formatos e modelos neocoloniais (dependentes, subservientes, subalternos, depredadores, violentos, fundamentalistas de mercado). É necessário trabalhar na construção de *fortalezas científicas* que sejam propositivas de novas realidades de dignidade, justiça, liberdade, trabalho reconhecido, riquezas compartilhadas e solidariedade. Os processos investigativos comunicativos podem contribuir em muito nessa orientação, a alfabetização comunicativa nos currículos escolares e a promoção de atividades culturais/comunicativas, vinculadas ao exercício da pesquisa em todos os níveis, formais e não formais, em espaços micro e meso sociais, misturando os tempos de entretenimento, descanso e lazer com processos lúdicos de aprendizagem prazerosa e participação em projetos de pesquisa que alimentem as instituições e tornem possível a estruturação de *fortalezas estratégicas* de sabedorias e conhecimento. Desse modo, temos a ruptura epistemológica com o senso comum acadêmico conservador, burocrático e elitista provocando confluências entre potencial criativo sociocultural e práticas científicas renovadoras.

Múltiplas experiências comunicacionais em vários continentes (DOWNING, 2002) e, em especial, na América Latina (MALDONADO, 2009; BARBALHO *et al.*, 2010), mostram que é possível mudar qualitativamente para bem-estar da maioria da população os atuais enquadramentos e culturas comunicacionais e midiáticas. O desafio exige trabalhar em duas linhas estratégicas; a primeira, focada nas culturas populares, étnicas, vizinhais, regionais, de gênero, migratórias, classistas e etárias, aproveitando todas as possibilidades socioculturais, educativas e políticas que as mobilizações contemporâneas tornam possíveis, concentrando a tarefa na promoção e geração de *movimentos sociocomunicacionais*. Na segunda linha estratégica, no campo jurídico/político formal instituído da *democracia liberal representativa restrita*, são urgentes e necessárias estratégias de reformulação de normas, leis e condições de produção econômica da comunicação social, como um requisito imprescindível de reformas democratizantes que melhorem os contextos e as realidades comunicativas contemporâneas, situando

o complexo comunicativo das sociedades ao serviço de todos os seus setores constitutivos.

No campo científico é urgente a reformulação da linha estratégica *positivista* que cultua as formas quantitativas; o empirismo abstrato; a dependência metodológica a receitas produzidas nas metrópoles acadêmicas do hemisfério norte; a repetição sistemática de procedimentos, rituais e montagens de textos; como também a subserviência às lógicas do *lucro fundamentalista de mercado*. As *fortalezas de conhecimento* precisam apropriar-se da significativa experiência da ciência transformadora em todos os campos do conhecimento; requerem da inclusão, nas suas epistemologias, da riqueza filosófica que cultiva a perspectiva da *mudança renovadora* política, ética, estética, social, cultural e gnosiológica. Construir *fortalezas* implica, em primeiro lugar, construir seus alicerces, seus pontos e bases de partida, formar os grupos humanos produtores desses *complexos* científicos e culturais. Para isso, é necessário avançar na cotidiana luta por situar a *Investigação* como atividade central e privilegiada dos pesquisadores, bolsistas, professores, estudantes e trabalhadores intelectuais em geral.

Transmetodologia e experiências de investigação e educação na Rede AMLAT

A *transmetodologia* define-se como uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de *confluências* e *confrontações* entre vários métodos, realizando processos de atravessamento lógico, desconstrução estrutural, reconstrução de estratégias e problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas. Para dar continuidade ao processo de aprofundamento, aperfeiçoamento e ampliação da proposta *transmetodológica*, formulou-se um projeto de cooperação, intercâmbio e encontro entre experiências e perspectivas teóricas, diferenciadas, em quatro países da América Latina: Equador, Venezuela, Argentina e Brasil. Aproveitou-se o co-

nhecimento e os contatos sobre o trabalho de colegas pesquisadores e professores no CEA-Argentina (Universidad Nacional de Córdoba); no CEPAP-Venezuela (Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez); na FACSO-Equador (Universidad Central de Ecuador) e a presença do grupo de investigação PROCESSOCOM na UNISINOS, na UFPB, no IELUSC/UFSC e na UFRN para trabalhar um *processo de encontros/confrontações* metodológicos, que permitam conhecer em profundidade e com detalhe os trabalhos de investigação e ensino em oito universidades da região. Configurou-se assim a *Rede AMLAT: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina*, numa perspectiva de intromissão em pluriperspectiva nos afazeres acadêmicos e metodológicos dos colegas das universidades participantes.

O que possibilitou essa *Rede de Colaboração Acadêmica*? Em primeiro lugar, uma aproximação, diálogo, conhecimento e reconhecimento, cultivo de afetos, aprendizado de alteridades, definição de distinções, vivências coletivas em confluência produtiva. Os nexos e os vínculos se combinam em formatos presenciais e digitais. As dimensões acadêmicas, investigativas e políticas se interpenetram, confrontam e confluem. As culturas acadêmicas, regionais, institucionais e pessoais se manifestam, abrem trilhas e possibilidades e aprendem jeitos diversos de produzir e construir problemáticas, como também táticas de sobrevivência intelectual em contextos adversos. Nessa caminhada histórica da Rede AMLAT, constata-se no concreto real, do dia a dia, as significativas carências que a investigação ainda tem na América Latina. Não obstante essas adversidades, as pensadoras e pensadores, as professoras e professores; as estudantes e os estudantes em condições mínimas de trabalho, com laboratórios escassos, poucas bolsas, instalações com problemas, recursos limitados e pouco fomento editorial, produzem investigações de qualidade, estabelecem compromissos pedagógicos, educativos, sociais e políticos renovadores, sacrificando suas economias e bem-estar. Essas equipes de trabalho organizam grupos de investigação, núcleos, programas, linhas de investigação, redes e projetos aumentando sua carga de trabalho com carinho, dor e entusiasmo. O processo da Rede AMLAT e de projetos similares dos quais temos conhecimento mostram que o potencial humano latino-americano de produção inte-

lectual é imenso e comprova, na dimensão educativa e científica, amplas possibilidades de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, constatam-se os empecilhos estruturados pelas culturas coloniais, neocoloniais, imperialistas culturais e de domesticação das juventudes e das crianças, que atuam com força e sistematização programática buscando manter a condição de subjugação histórica que a população latino-americana tem tido em relação com o poder transnacional. Simultaneamente, o mundo sociocultural latino-americano desestabiliza os ordenamentos formais, cultiva os afetos subversores, constrói imaginários e *heterotopias* construtivas e transformadoras diversas, como o trabalho de colaboração acadêmica e científica nos mostra nas suas diversas etapas e estruturações.

No campo científico, a modo de exemplo reflexivo, são suscitadoras as experiências do grupo de investigação PROCESSOCOM. Ele se nutre de uma cultura de pesquisa *multimetodológica* iniciada na Universidade de São Paulo, entre os anos 1995 e 1999, quando um conjunto integrado de projetos de pesquisa trabalhou um mesmo *problema/objeto* a partir da sociologia da cultura, a linguística aplicada, a psicanálise, os estudos culturais, a história oral, a antropologia urbana, a economia política da comunicação, a análise de discurso e a teledramaturgia, investigando as relações *ficção e realidade na telenovela brasileira*. Esse processo tornou possível a confluência e confrontação de métodos, de várias áreas, traduzidos para a lógica da comunicação. Essas estratégias foram reconstruídas para problematizar um processo comunicacional (*telenovela*), em que participam dezenas de milhões de brasileiros e latino-americanos desde a década de 1960, e que se constitui em um *ethos midiatizado* preferencial nas sociedades latino-americanas.

Essa complexa experiência de pesquisa na USP confirmou e ampliou conhecimentos sobre a força estratégica das *culturas populares* na invenção da vida das sociedades contemporâneas. Os trabalhos de campo mostraram a diversidade de formas, táticas, imaginários, competências, jeitos e inteligências investidas na relação com os sistemas midiáticos hegemônicos e, o que é mais importante, os usos e apropriações subversores das lógicas da produção e circulação industrial e comercial.

Na dimensão epistemológica, foi uma *"base de lançamento cósmica"* que reabriu nossos olhares e trilhas metodológicos ao conhecimento de várias vertentes da filosofia, história e sociologia da ciência. Confrontar, dialogar, reformular os problemas teóricos colocados fez necessário organizar uma *pesquisa teórica sistemática*, que tornou possível um reconhecimento sério, aprofundado e construtivo dos argumentos e processos em questão. As vertentes teóricas da geografia humana, da semiologia estrutural, da história (historiografia, oral, anais, civilizações, mentalidades, culturas), da ecologia da comunicação, da semiótica, dos estudos culturais, da economia política, da antropologia confluíram mediante transformações e redefinições em teorias da comunicação que foram pensando as culturas em termos de cultura midiática; as histórias de vida como trajetórias de vida comunicativa; os modelos enunciativos sob o aspecto de estruturas programáticas de seriados, telenovelas, telejornais, programas de auditório etc.; as estruturas e sistemas culturais considerados como formatos, gêneros, estratégias midiáticos, pensados como um *complexo comunicativo* (*semiosfera; tecnosfera; psicosfera; sociosfera*) dinâmico e mutável.

No contexto do Rio Grande do Sul, a partir de 1999, tivemos que nos confrontar com atualizações das vertentes cartesianas, sistêmicas, ortodoxas e mídia-centristas, que ainda tentam estruturar uma "disciplina modelo Newton" para a comunicação no século XXI. Esse conflito aprofundou e lapidou nossas concepções sobre as carências do estrutural positivismo e fortaleceu nosso conhecimento sobre diversas vertentes que procuravam constituir-se em eixo central, unidimensional, do conhecimento teórico em comunicação, esclarecendo a diversas facetas da estruturação conservadora dos *estudos acadêmicos* na área. Os processos de conflito nos deslocaram para uma ênfase na combinação *pesquisa teórica/pesquisa empírica*, movimento que impede uma centralização em exercícios retóricos, abstratos e de debate performático, situando a *investigação* no centro das articulações do agir acadêmico e intelectual. Esse posicionamento investigativo nos distanciou das culturas sofísticas, instrumentalistas, pragmáticas e retóricas, comuns nas comunidades intelectuais carentes de pesquisa, como é o caso da *"ciência aplicada à comunicação"* que se distingue pela sua fraqueza investigativa e científica.

A nossa opção epistemológica, que situou a investigação como valor central de orientação real nas práticas de trabalho, mostrou-se forte, prolífica, coerente com as necessidades socioculturais contemporâneas de *Nossa América*, comprometida com o aperfeiçoamento das comunidades de investigação científica da área, e renovadora da formação investigativa e intelectual das novas gerações. Organizamos nossas estratégias, primeiro no contexto de uma linha de pesquisa de *Mídias e processos socioculturais* (1999-2006) e, numa segunda fase, na linha *Cultura, cidadania e tecnologias da comunicação* (2006-2011), trabalhando mediante a perspectiva *transmetodológica* os projetos, teses, dissertações, TCCs e, simultaneamente, aprofundando e lapidando essa concepção para a investigação científica em comunicação.

O real, concreto, reconstruído pela pesquisa científica, mostra que os processos e fenômenos em comunicação são *multidimensionais* e *multicontextuais*. O confronto em cada projeto, na construção de cada problematização, nos permitiu formular estratégias de pesquisa que convocaram vários métodos que reformulamos para a comunicação:

- histórias de vida comunicativa;
- etnografias de públicos;
- análises comunicativas de produtos midiáticos;
- hermenêuticas políticas sobre os poderes simbólicos;
- *psicanálises sociocomunicativos* (sobre as inter-relações mídia comunicantes);
- *vídeo-fóruns* e *vídeo-conversas* (reflexão, debate e diálogo intercomunicativo);
- *explorações livres de campos, ambientes e dimensões teóricas*;
- *pesquisas teóricas sistemáticas* (em orientação heurística);
- *pesquisa-da-pesquisa* ou reconstruções *metodológicas* (reconhecimento, imersão, confronto lógico, reformulação);
- *laboratórios metodológicos* (formação, experimentação, ensino, aprendizagem);
- *pesquisa documental* – organização, sistematização, operacionalização (bancos de dados, bibliotecas, videotecas, portais, blogs, sites);
- *organização e sistematização de material midiático* (levantamento, classificação, operacionalização);

- *análises de processos de produção de significações*;
- *análises socioculturais de contextos*; *hermenêutica comunicativa* (sobre culturas, éticas, sistemas, conjuntos);
- *metodologias transformadoras* (do senso comum acadêmico e dos sensos comuns conservadores).

Para construir esses *problemas/objeto* tivemos que entrar nas lógicas dos métodos, mergulhar nos seus conteúdos conceituais, confrontar estes com os processos reais, concretos, repensar, redesenhar, reconstruir suas lógicas e redefinir seus conteúdos. Em síntese, confluir dialeticamente em orientação múltipla para arranjos metodológicos que potenciem as investigações. Essa perspectiva rejeita o consumo intelectual mecanizado de lógicas e métodos prontos; critica a adoção instrumental de procedimentos, modelos, matrizes, paradigmas e propostas metódicas. Afirma, como uma premissa inventiva imprescindível da investigação científica, a necessidade de reconstrução, reformulação, problematização e experimentação metodológica em todos os projetos e investigações.

Na perspectiva *transmetodológica* não é pertinente, válido e produtivo aplicar métodos. Define-se que toda investigação requer uma *problematização metodológica*, uma reconstrução metodológica (conceptual e operativa), dado que, tanto os objetos/*problema*, quanto os sujeitos/*investigadores*, fluem em processos dinâmicos de mudança, em múltiplas inter-relações, manifestações, expressões e configurações. A riqueza inventiva da espécie humana nos brinda com um conjunto de métodos instigantes e suscitadores. Não obstante, essa mesma riqueza nos demanda e orienta para ampliações, deslocamentos, reformulações, variações, traduções, combinações; reestruturações que tornem possível trabalhar de modo autêntico, frutífero e transformador cada processo de pesquisa.

A concepção *transmetodológica* nos orienta para os atravessamentos, as miscigenações, os confrontos criativos, os diálogos renovadores, o conhecimento respeitoso das lógicas constituídas, a necessidade do entusiasmo por conhecer os métodos dos outros; porém, ao mesmo tempo, a necessidade de exploração, subversão, ampliação, reformu-

lação e renovação do constituído. Por tanto, a prática de uma cultura científica de promoção da cooperação, do reconhecimento, do intercâmbio recíproco de metodologias, procedimentos, experimentações, propostas e projetos. Nesse sentido, temos aprendido em vários campos do conhecimento, não só do campo das humanas e sociais. Com efeito, na maioria das vezes, encontramos mais abertura, flexibilidade, espírito transformador em comunidades das ciências físicas e naturais, que na comunicação e outros ramos das sociais. É paradoxal constatar o conservadorismo tecnicista, instrumental, positivista em nosso campo, uma espécie de subserviência às formas mais atrasadas do conhecimento científico das ciências físicas e naturais. Constata-se, por exemplo, que ainda têm uma força política singular aqueles que se consideram representantes contemporâneos dos modelos de Newton e Descartes, às vezes disfarçados, outras, autoritários e explícitos. Nas ciências da comunicação o confronto metodológico com esses modelos é constante, cotidiano, intenso. A força de acomodação que os *modelos, esquemas* e *estratégias* "consagrados", instrumentais e pragmáticos, apresentam para a maioria de estudantes, professores e técnicos é avassaladora. O *instrumentalismo* e a *aplicação* de roteiros metódicos formatados sob essa orientação constituem o senso comum acadêmico metodológico contemporâneo da comunicação. Área de conhecimento ainda em processo de configuração básica, atravessada por um conjunto de fatores mercadológicos, institucionais, políticos e culturais que a orientam para o reducionismo intelectual e a repetição de fórmulas tecnicistas.

O que nos ensina a experiência de confluência/confrontação na Rede AMLAT, e no PROCESSOCOM, é que problematizar *O Metodológico* ainda é uma exceção, incluso no campo crítico da pesquisa as problemáticas metodológicas não são concebidas como parte central, constitutiva, da dimensão teórica e da dimensão epistemológica. A tendência é separar a produção teórica da pesquisa concreta, cotidiana, do "óbvio" e do "trivial", do empírico vulgar, do escolar institucionalizado, do político urgente – transformador; simultaneamente, a fragmentação é uma opção, e um procedimento, comum nos afazeres investigativos. Trabalhar sobre *O Metodológico* em cada investigação, nos novos projetos, não é uma alternativa valorizada, só é feito de modo aplicativo,

adotando receitas de moda disponíveis no campo acadêmico internacional (leia-se *positivista*, de preferência anglo-saxão). Nesse aspecto, temos outro grande problema para resolver, o da dependência metodológica, fomentada pelos hábitos escolares das lógicas competitivas – quantitativas, que valorizam a reprodução de culturas mecanicistas de pensamento e ação.

A vertente *transmetodológica* mostra, tanto nos seus argumentos epistemológicos, quanto nas suas pesquisas empíricas, que é possível produzir, investigar e formar em uma orientação que exija dos trabalhadores intelectuais, aprendizes de pesquisadores, professores, estudantes e investigadores a formulação de problemáticas metodológicas amplas (concepções de método) e específicas (estratégias e táticas adequadas aos *problemas/objeto* particulares). Dessa maneira, se afirma a interconexão epistemológica entre método e conhecimento, definindo o processo de investigação e produção teórica como atravessado pela necessidade e pelo desafio de produzir estratégias (método – lógicas) para gerar e construir ciência. Distinguindo a *pesquisa teórica* dos exercícios performáticos dos sofistas, retóricos e mercadores intelectuais.

Na pesquisa empírica, a vertente *transmetodológica* se diferencia das correntes de pesquisa instrumental, administrativas, que concebem a investigação no estreito campo dos instrumentos de ação. É assim, que a orientação *transmetodológica* empírica demanda um esforço de pesquisa teórica, de argumentação, que atravesse os desenhos, procedimentos, opções, decisões, programas, planos e técnicas (*"teorias em ato"*) trabalhados na pesquisa empírica. Esses atravessamentos são pensados em termos de aperfeiçoamentos, alargamentos, aprofundamentos e transformações. Por isso, precisam da intervenção da dimensão epistemológica, aglutinadora de todas as dimensões na sua força de esclarecimentos, vinculação, crítica e renovação.

É na América Latina, nos seus processos históricos de miscigenação, desestruturação, renovação, confluência de culturas e cosmovisões, que encontramos um contexto suscitador para essa vertente epistemológica. Filosofemas, revoluções, artes populares, comunidades de pensamento alternativo, sabedorias ancestrais, movimentos sociocomunicacionais contemporâneos, em intensa mudança, nos inspiram

e nos fortalecem. Ao mesmo tempo, os mestres da ciência de várias regiões e continentes nos ilustram, confrontam, ensinam, apoiam e desestabilizam. É na confluência *multilética* dessas fontes que nutrimos nosso pensamento, orientando-o pelo compromisso ético/político com a humanidade, com a vida e com as imprescindíveis transformações socioculturais.

Referências

BARBALHO, Alexandre *et al.* **Comunicação para a cidadania**: temas e aportes teórico-metodológicos. São Paulo: INTERCOM, 2010.

BONIN, Jiani. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, cap. 7, p. 135-152.

BONIN, Jiani. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, A. Efendy *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, cap. 1, p. 19-42.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo:** para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC, 2002.

LACERDA, J. El proceso de digitalización y la sociedad de la información. In: VALAREZO, A.; MALDONADO, A. E. (Org.). **La investigación de la comunicación en América Latina**. Quito: FACSO-UCE, 2010, p. 147-168.

MALDONADO, A. Efendy *et al.* **Transnacionais da televisão latino-americanas**: as inter-relações Brasil-América Latina apresenta-

das pela grande mídia televisiva. Relatório de Pesquisa, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2002.

MALDONADO, A. Efendy *et al.* **As estruturações televisuais sobre América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo**: produtos midiáticos, estratégias e recepção. Relatório de Pesquisa, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2004.

MALDONADO, A. Efendy *et al.* **América Latina midiatizada: produtos televisivos e recepção / As configurações da TV Educativa e a Rede Record na construção audiovisual dos latino-americanos e a sua realidade sociocultural / As significações fabricadas pelos seus telespectadores sobre a região.** Relatório de Pesquisa, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2006.

MALDONADO, A. Efendy. La perspectiva transmetodológica en la coyuntura de cambios civilizatorios a inicios del siglo XXI. In: FERNÁNDEZ, Adrián; MALDONADO, A. Efendy (Org.). **Metodologías transformadoras:** tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina. Caracas: Fondo Editorial CEPAP-UNESR, 2009, cap. 1, p. 13-54.

MALDONADO, A. Efendy. La investigación de la comunicación en América Latina y las estrategias transmetodológicas para su avance epistemológico y socioeducativo. In: PEREIRA, A.; MALDONADO, A. E. (Org.). **La investigación de la comunicación en América Latina**. Quito: FACSO-UCE-AMLAT, 2010, p. 19-38.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Autopercepción intelectual de um proceso histórico. **Anthropos**: huellas del conocimiento, Barcelona, v. 219, p. 21-70, 2008.

MATA, María Cristina *et al.* Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: FERNÁNDEZ, Adrián; MALDONADO, A. Efendy (Org.). **Metodologías trans-**

formadoras: tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina. Caracas: Fondo Editorial CEPAP--UNESR, 2009, cap. 6, p. 179-199.

ROSÁRIO, Nísia. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, cap. 11, p.195-220.

ROSÁRIO, Nísia. A via da complementaridade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos. In: MALDONADO, A. Efendy *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, cap. 2, p. 43-65.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Gramática do tempo**: para uma nova cultura política/ [Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume IV]. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação

Jiani Bonin

1 Introdução

Neste texto busco realizar algumas reflexões sobre os processos de orientação[1] de pesquisas em comunicação. Numa linha de continuidade com um dos focos de minhas preocupações acadêmicas, tento pensar esses processos a partir da construção da pesquisa e da simultânea formação do sujeito no sentido de capacitar-se para pensar e dominar o processo de fabricação do conhecimento que realiza. Ou seja, quero refletir sobre alguns desafios da orientação sob o prisma da dimensão metodológica.

Nesse sentido, premissas da proposta transmetodológica delineada por Maldonado (2008) relacionada a essa dimensão formativa me acompanham nesta reflexão. Em tais premissas, a formação do pesquisador é tomada como dimensão crucial, que não pode ser pensada a partir de um esquema de produção massiva. Seu caráter complexo

1 Penso aqui em processos de orientação em todos os níveis (iniciação científica, mestrado e doutorado).

e multidimensional exige investimentos em exploração, construção e experimentação de métodos formativos. A pesquisa precisa ser pensada como núcleo central no desenho desses *processos.*

Trabalho aqui, também, com a premissa de que tomar consciência e desenvolver o domínio da dimensão metodológica na investigação é fundamental para a formação do pesquisador. É, portanto, uma exigência colocada ao desenvolvimento dos processos formativos, incluindo a orientação. Quando reflito sobre a aprendizagem desse domínio, estou pensando a metodologia como exercício de fabricação e de reflexão concretamente encarnado nas práticas investigativas. Tomo a metodologia como "dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que dão feição ao objeto do conhecimento, que se inscrevem em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*" (BONIN, 2006, 2011).

Outros pesquisadores alimentam essa concepção, como Lopes (1990), que trabalha a noção de metodologia na pesquisa para pensá-la, no plano da prática, como conjunto de decisões e opções particulares realizadas ao longo de um processo de investigação; como lógica em ato que orienta a dinâmica real da pesquisa. Maldonado (2002, p. 3) também concebe o método como instância que "constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas que, no caso da ciência, têm por objetivo produzir conhecimento sobre fenômenos e processos do cosmos".

Entre os desafios que se colocam aos processos formativos estão o de desenvolver a compreensão de que a dimensão do método configura o objeto e responde também pelo tipo de conhecimento que se produz, por suas limitações e pelo seu alcance (BACHELARD, 1977; BOURDIEU *et al.,* 1999; LOPES, 1990). Vivenciada na *práxis* investigativa, a metodologia pode assim ser pensada e assumida como dimensão de formação do sujeito para a pesquisa, mas também para a vida.

A *práxis* na dimensão metodológica a que me refiro é tributária, também, do pensamento de Mills (1975) que, colocando-se contra a alienação no trabalho da pesquisa, pensa que essa dimensão precisa ser

vivenciada como *artesania* intelectual, o que implica laborar à maneira do artesão no processo de fabricação do conhecimento, dominando seu sentido e seu produto. No concreto da investigação, deve ser experienciada e incorporada como *construção refletida dos objetos,* como um *habitus*[2] de natureza flexível que, ao mesmo tempo em que expressa a aquisição desse domínio, incorpora nesses esquemas a necessidade de autorrevisão e reformulação constantes.

Essa concepção implica desafios para os quais tem que ser pensados, concebidos, planejados e programados processos de orientação que permitam, por um lado, desconstruir *habitus* formalistas, burocráticos e positivistas trazidos pelos pesquisadores aprendizes, frutos de culturas de pesquisa que se exprimem em certas concepções e práticas ainda vigentes no campo da comunicação.

Em relação à *metodologia,* tais *habitus se* expressam na construção automatizada dos componentes arquitetônicos da investigação, na adesão acrítica a métodos e a procedimentos que caracterizam o que se poderia chamar de "*cultura de receituário*". Com respeito ao *âmbito teórico da pesquisa,* associam-se a uma compreensão equivocada do papel da teoria; à prática de revisão de literatura que na pesquisa adquire vida própria, sem vínculos com os componentes da problemática, com os procedimentos, práticas e processos de investigação empírica e com a análise dos dados; à superficialidade no trato da teoria e ao uso de conceitos como operadores semânticos; à veneração acrítica a autores e proposições que assumem caráter incontestável, entre outras. Em se tratando da *relação entre teoria e empiria,* se manifestam na desvinculação das problemáticas dos contextos concretos e do mundo; na relação ilustrativa da empiria em relação aos conceitos e proposições assumidos na pesquisa. Em termos dos *modos de conceber e vivenciar o processo de aprendizagem*, caracterizam-se por uma cultura paternalista

2 Utilizo a noção de *habitus* científico levando em conta as proposições de Bourdieu em relação a este conceito – que o formula como esquemas mais ou menos conscientes, de apreciação, ação e valoração, desenvolvidos ao longo dos processos de socialização e da trajetória dos sujeitos em seu lugar social (BOURDIEU 1994a, 1994b). Procuro pensar aqui o desenvolvimento de um *habitus* científico como configuração de esquemas não rígidos e diferenciados daqueles da cultura científica dominante.

que negligencia o papel de sujeito do conhecimento, a necessidade de autorreflexão, de autoformação e de conquista progressiva de autonomia; pela resistência à aceitação de questionamentos e correções; pela incapacidade de escuta na relação com o orientador e com seus pares, entre outras dimensões.

Por outro lado, é importante reconhecer o valor epistêmico das pessoas, o que implica assumir e potencializar competências trazidas pelos estudantes como "fatores do saber, intercâmbio e enriquecimento gnosiológico" (MALDONADO 2008, p. 42). Tais competências devem ser incluídas nos processos formativos de modo a confluir para o desenvolvimento da pesquisa e do próprio pesquisador.

Assumir o domínio da dimensão metodológica como desafio formativo exige, também, construir e sedimentar novas noções e práticas de investigação. Um dos pontos importantes desse desafio é o desenvolvimento da capacidade de compreender e de operar concretamente a construção da problemática científica, colocando em ação operações que concretizam elementos fundacionais dessa construção.

Nesse sentido, vale recordar a advertência de Bachelard (1977) de que a observação da realidade concreta, por si só, não é base suficiente para fundar a fabricação do conhecimento científico; de que a compreensão do mundo concreto/empírico necessita do pensamento, da teoria para realizar-se. Nem racionalidade vazia nem empirismo desconexo dão conta da lógica que preside a construção do conhecimento, que tem base na profunda união e conexão de dois polos filosóficos na ação científica: razão e empiria (ou teoria e dado empírico) constituindo nessa ação uma mentalidade abstrato-concreta. O objeto de investigação, lembra-nos esse autor, é construído. Sua captura/compreensão necessita da elaboração de uma problemática, que se concretiza na dialética entre esses dois polos.

Assumindo que a construção do objeto científico necessita da profunda convergência entre esses polos (abstrato/concreto), dentro dos propósitos da reflexão que me move neste artigo cabe perguntar: como, a partir de um projeto de pesquisa inicialmente delineado, conceber processos formativos/construtores da pesquisa que possibilitem realizar, refletir e internalizar essa perspectiva abstrato-concreta, neces-

sária para a consolidação da pesquisa? Tal questão me acompanha, agora, na tentativa de identificar, sistematizar e refletir sobre certas práticas ou procedimentos que, instaurados de maneira reflexiva e sistemática nos processos de orientação e em outras ambiências constitutivas da formação do pesquisador, podem potenciar a caminhada de construção da pesquisa e de aprendizado metodológico concretamente vivenciado nesse processo. Para essa proposta, valho-me de experiências vividas em diversos âmbitos da academia, em grupos de investigação, em práticas de docência e de orientação.

2 Práxis metodológica na fabricação da pesquisa e simultânea formação do pesquisador

Uma primeira questão a destacar é relativa à necessidade de construir processos que incluam simultaneamente teorização, prática e reflexão metodológica. Assim instauram-se ambiências de prática pensada, ou de teoria concretizada, que permitem dominar simultaneamente a prática de fabricação e seu sentido.

Em termos de construção da pesquisa, certas práticas que tenho experimentado e experienciado,[3] além de constituir bases de consolidação da investigação em processo, quando concomitantemente teorizadas e refletidas podem ser efetivamente lugar de aprendizado do domínio metodológico da investigação. As pesquisas *teórica, metodológica, da pesquisa, de contextualização e exploratória são essas práticas*

3 Destaco como experiências relevantes para o desenvolvimento dessas propostas: a participação no projeto coletivo *Recepção de telenovela, uma exploração metodológica*, coordenado por Maria Immacolata V. Lopes (a pesquisa realizada nesse subprojeto foi publicada em LOPES *et al.*, 2002); a atuação em disciplinas relativas à metodologia da pesquisa em comunicação nos âmbitos da graduação, do mestrado e do doutorado; as orientações de TCCs, dissertações e teses; o trabalho desenvolvido no grupo de pesquisa PROCESSOCOM; as experiências e propostas de outros pesquisadores/autores como Bachelard (1977), Mills (1975), Bourdieu *et al.* (1999), Certeau (1994), Lopes (1990); Lopes *et al.*, (2002) e Maldonado (2002; 2006), entre outros.

construtivas da pesquisa que, trabalhadas em confluência, permitem ir constituindo uma perspectiva abstrato-concreta (em termos bachelardianos) na construção da problemática. Trabalhadas concomitante e articuladamente, colocam *o sujeito no vértice de uma tensão produtiva em termos da construção da investigação e da formação investigador.*

Na sequência, recupero o sentido e os fazeres que caracterizam algumas dessas práticas, especificamente as pesquisas *da pesquisa, teórica, metodológica e exploratória.* Busco, também, sinalizar alguns desafios que devem integrar sua realização e para fazer avançar seu potencial formativo.

2.1 A pesquisa da pesquisa

A construção de nossas pesquisas se dá no contexto concreto do campo da comunicação, o que a meu ver não exclui relações e interfaces com outros campos já que nossos objetos são multidimensionais e complexos, exigentes de formulações também complexas para apreendê-los e nas quais se faz necessária a confluência de saberes disciplinares, apropriados e repensados para responder à natureza desses objeto. Nosso campo já dispõe de um "acervo" de métodos, procedimentos, reflexões, sistematizações, estruturações constituídos na sua caminhada histórica que não podem ser negligenciados pelo pesquisador (LOPES, 1990). A construção de novos conhecimentos se faz em confluência e confronto com esse saber acumulado.

Toda pesquisa que se compromete efetivamente com o avanço do conhecimento necessita colocar-se em diálogo com a produção do campo onde se insere (e de outros afins) no que concerne à problemática investigada, nos vários âmbitos da sua fabricação (domínios epistemológicos, teóricos, metódicos, técnicos). Diálogo este que implica *operar com e contra – com* as proposições que se mostrem férteis para laborar na problemática investigada e *contra* o que pode obliterar a construção e captura do fenômeno investigado – por empenho da ação enérgica do pensamento polêmico (BACHELARD, 1977), da reflexão sensibilizada e alimentada pelas solicitações e resistências dos objetos concretos. A pesquisa da pesquisa torna-se, por conseguinte, uma prá-

tica relevante para tomar contato com essa produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com* e *a partir* deles.

Realizar esse movimento implica trabalhar com investigações relacionadas ao problema/objeto fazendo delas elemento ativo da fabricação da pesquisa em que laboramos. Concretamente, exige desde ações mais operativas de levantamento das pesquisas até o trabalho alentado de reflexão e de desconstrução, que permita ao pesquisador empreender apropriações, reformulações e alargamentos das propostas, em vários níveis.

Um levantamento e mapeamento geral das pesquisas realizadas é importante para situar-se nesse processo e orientará o trabalho de reflexão aprofundada daquelas que se mostrem relevantes para o trabalho de apropriação. Programas de pesquisa da pesquisa devem ser elaborados para que esse movimento se efetive. Os esforços de busca e de triagem das pesquisas deve ser estrategicamente pensado em sua concretização. Operacionalmente, isso requer conhecer e adentrar nos lugares/espaços onde se pode encontrar tais pesquisas, o que tem relação com os processos de organização do acervo do nosso campo no atual estágio de seu desenvolvimento, catalogação e publicização.

Localizadas e acessadas as pesquisas, o pesquisador passa ao processo de estudo interessado e reflexivo daquelas que se mostrarem relevantes para a sua investigação. Nesse processo, é importante a prática da *desconstrução metodológica*, que implica refazer reflexivamente o percurso de construção da pesquisa, identificando os elementos arquitetônicos que a estruturam, explicitando as bases da sua construção e refletindo sobre seu sentido e articulação com os demais componentes.[4]

Essa prática pode oferecer elementos concretos que, problematizados adequadamente, contribuem para a elaboração da pesquisa em processo em todos os seus níveis (construção do problema/objeto, da justificativa, de contextos, da teorização, das estratégias metodológicas, dos procedimentos de descrição e de análise dos dados); simultaneamente, colabora para a autoformação do pesquisador, na medida em que propicia aprendizado metodológico concretamente vivenciado a partir do trabalho alentado de exame e crítica de investigações, contri-

4 Para maiores detalhes dessa prática concreta ver Bonin (2006).

buindo para o alargamento da capacidade de pensar/projetar a pesquisa de maneira consciente.

A realização da pesquisa da pesquisa permite visualizar os problemas já enfrentados na investigação, os conhecimentos obtidos e daí trabalhar na formulação de questionamentos que tragam à luz novas dimensões dos fenômenos comunicacionais. Ela também fornece elementos concretos para fundamentar a construção da relevância científica permitindo situar, problematizar e afirmar a contribuição que a pesquisa em execução vai oferecer ao conjunto de conhecimentos do campo relacionados ao problema/objeto investigado. Na dimensão teórica, essa operação contribui para pensar possibilidades e propostas que se mostrem férteis para aprofundamento na pesquisa em construção, assim como para visualizar insuficiências nesse nível que podem ser objeto de superação. Pode ainda fornecer elementos para situar contextos pensados como relevantes para a problemática investigada. No plano propriamente metodológico, pode oferecer inspirações e elementos para arquitetar métodos e procedimentos de coleta e de análise dos dados na investigação em processo.

2.2 A pesquisa metodológica

Consciente ou não, o pesquisador, ao iniciar um processo de investigação, trabalha com concepções de método, tanto num nível mais geral (teorias do conhecimento, do método científico) quanto em níveis mais específicos da sua construção (teorias dos métodos de observação, de descrição etc.). O domínio da fabricação da pesquisa exige instaurar processos de reflexão desse nível o que implica, entre outras ações, realizar *pesquisa metodológica*. Isso significa investir em trabalho de reflexão de teorias do método para alicerçar a construção da investigação e seu domínio reflexivo. Lembremos com Bachelard (1977) e Bourdieu *et al.* (1999) que os métodos são *teorias em ato*.

Num primeiro plano, é importante instituir processos de reflexão relativos à construção do conhecimento científico que permitam pensar, problematizar e visualizar a natureza desse conhecimento, suas bases, seus processos. Essas reflexões, ao longo da caminhada de cons-

trução da pesquisa, vão acompanhando as práticas investigativas e propiciando o domínio do seu sentido. Programas de estudo e reflexão relacionados ao método investigativo devem acompanhar o processo de formação do pesquisador, potencializado no espaço de disciplinas de metodologia, nas atividades dos grupos de pesquisa, assim como nas práticas de orientação.

No plano da construção do objeto empírico, é crucial investir na reflexão sobre os métodos e no reconhecimento de que eles operam inclusões e exclusões, conferem existência científica a determinadas dimensões, obliterando a captura de outras (BOURDIEU *et al.* 1999). Essa reflexão é importante porque, em confluência com os processos de aproximação empírica e de visualização de especificidades que o fenômeno apresenta, permite aprender a recriar e reinventar métodos e procedimentos necessários para superar limites e obstáculos epistemológicos.

Os processos formativos e de orientação devem permitir aos pesquisadores em formação reconhecer que as problemáticas propõem modos de questionamento e de compreensão de um fenômeno que fazem exigências em termos do objeto empírico a ser fabricado – de que elas solicitam olhar dimensões ou aspectos, em cuja captura/construção intervirão os métodos e procedimentos de observação. É necessário investir na construção de arranjos metodológicos que trabalhem em favor da captura/construção dessas dimensões (BACHELARD, 1977; BOURDIEU *et al.* 1999; MILLS, 1975).

A pesquisa metodológica (que também se realiza na pesquisa da pesquisa) exige a instauração de processos de estudo, reflexão, desconstrução, reformulação e apropriação de propostas metodológicas (contidas em textos metodológicos reflexivos e em pesquisas concretas), para delas extrair elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando. As aproximações empíricas, pela via da pesquisa exploratória, em confluência com essa prática, permitem realizar uma fabricação metodológica sensível às especificidades do fenômeno estudado.

A complexidade e a multidimensionalidade dos fenômenos comunicacionais/midiáticos colocam-nos o desafio de operar, não apenas

no nível teórico, mas também no metodológico, com configurações multiperspectivadas, não redutoras. A construção e a experimentação de estratégias multimetodológicas em pesquisas comunicacionais têm revelado sua fertilidade nesse sentido (LOPES *et al.*, 2002; BONIN 2001, 2004) e são importantes experiências de aprendizado, quando reflexivamente instauradas. Grosso modo, elas implicam em construir arranjos de métodos e de procedimentos diversos que confluam para a captura/construção das múltiplas dimensões requeridas pela problemática concreta; para a fabricação de dados complexos, de angulações distintas de um mesmo dado ou aspecto crucial (operações multifocais na captura/fabricação dos dados); para a superação de limites de um método ou procedimento por outro ou por redesenho desse método/procedimento.

A construção desses arranjos deve valer-se da reflexão teórica dos métodos para dar conta do que fazem aos objetos, dos pressupostos que se instituem como configuradores desses objetos, das possibilidades que oferecem a essa captura/construção e dos limites que impõem. Essa reflexão, em convergência com as pistas advindas da pesquisa exploratória, deve permitir obrar em processos de reinvenção, de criação e de integração com os demais métodos e procedimentos, em um desenho coerente.

2.3 A pesquisa exploratória

Desafiada pelas reconfigurações nas dinâmicas que conformam os objetos do campo, a pesquisa em comunicação enfrenta a necessidade de construir suas problemáticas com forte atenção à dinâmica concreta dos fenômenos que investiga, daí a necessidade de aproximações empíricas exploratórias para dar conta desses objetos "móveis, nômades, de contornos difusos" (LOPES, 2006).

Sobre a pesquisa exploratória se pode dizer, de modo simplificado, que significa um movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades. As ações de pesquisa exploratória abrangem planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações em-

píricas a partir de várias angulações possíveis que interessam ao problema/objeto em construção.

Os movimentos exploratórios podem ter natureza e procedimentos diversos. Podem incluir o levantamento de dados já existentes, armazenados em outras pesquisas ou instituições. Comumente, se fazem pela imersão direta no "campo", que pode se dar, por exemplo, através de observação direta de produtos midiáticos a serem investigados, de entrevistas com informantes-chave e/ou de procedimentos mais intensivos e estruturados, como a aplicação de entrevistas ou de questionários a um grupo de interesse da pesquisa.

A pesquisa exploratória traz contribuições importantes para a construção investigativa. As pistas relativas ao fenômeno investigado geradas através dela facilitam a construção e a concretização dos problemas/objetos investigados; permitem trabalhar na elaboração de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional e suscitam o aprofundamento de dimensões que se revelam importantes na sua configuração. A pesquisa exploratória também oportuniza experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos para compor e construir arranjos metodológicos sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos. Auxilia, ainda, na construção das amostras e/ou *corpus* a serem focalizados na investigação sistemática. Exercícios multi-angulados de aproximação empírica são importantes porque aguçam a percepção de dimensões dos objetos naturalizadas ao olhar – pela possibilidade de distanciamento/estranhamento que potencializam (BONIN, 2006).

2.4 A pesquisa teórica

Pensando a construção das investigações e a simultânea formação do pesquisador, um desafio fundamental que se coloca é desenvolver uma compreensão genuína do que seja teoria, do que sejam conceitos, do seu papel na geração de conhecimentos, no processo de pesquisa.

Nesse sentido, é importante que os processos formativos e de trabalho com a teoria permitam ao pesquisador compreendê-las concretamente enquanto proposições e tentativas de compreensão do ob-

jeto de conhecimento do nosso campo, produto de esforços contextual e historicamente situados, cujo valor é dado pela possibilidade que oferecem para a compreensão dos objetos investigados. Esses processos formativos e de orientação deverão potencializar a compreensão das teorias como construções provisórias e sujeitas à retificação, cuja potencialidade explicativa necessitará ser pensada polemicamente e apropriada para pensar os fenômenos comunicacionais e midiáticos que se investiga.

É importante, nesses processos pedagógicos, laborar para ultrapassar visões reducionistas como as que colocam a teoria como mera "revisão de literatura", associando-a à prática de arrolamento ou resenha de proposições teóricas e de resultados de pesquisas relacionadas ao problema investigado. Realizar a teoria na pesquisa implica, fundamentalmente, efetivar um trabalho de construção e de articulação de proposições teóricas que permitam compor um quadro compreensivo para a especificidade do problema/objeto investigado.

Trabalhar em pesquisa teórica abrange a busca e seleção de proposições relevantes para fundar linhas de compreensão do problema/objeto investigado; estudo, reflexão e desconstrução de propostas teóricas e a sua reconstrução para atender às demandas do objeto concreto investigado. O contato com elementos empíricos contribui nesse processo ao permitir tensionar as proposições explicativas dos autores, questioná-las e aproximá-las do objeto empírico que se pretende estudar.

Nesse processo deve-se trabalhar no sentido de fazer com que o pesquisador vá se reconhecendo em seu papel autoral ao fabricar a teoria na pesquisa. Pois se as proposições teóricas dos autores estudados para elaborar uma compreensão do problema/objeto servem de embasamento para a construção teórica na pesquisa, o modo como essas são construídas, questionadas, alargadas e articuladas a outras propostas caracteriza uma construção teórica autoral. Há, portanto, um lugar de construção teórica na elaboração de um quadro teórico de referência, que distancia esse trabalho de uma simples operação de resenha de autores e de proposições.

Ainda, é necessário instituir processos que permitam ao pesquisador em formação perceber que a teoria se articula e impregna todos os

componentes arquitetônicos de um projeto de pesquisa; que ela orienta a construção da fase de observação, que envolve a elaboração de estratégias e de procedimentos metodológicos para realizar a investigação empírica. Em pesquisa não se observa qualquer coisa, mas aquilo que o problema, os objetivos e as perspectivas teóricas suscitam. Assim também a amostragem e/ou o *corpus* a estudar, os métodos e as técnicas de pesquisa precisam articular-se com a perspectiva teórica que informa a problemática.

***

Neste texto, busquei refletir sobre os processos de orientação de pesquisas a partir da necessidade de formação para o domínio da dimensão metodológica, assumindo que essa dimensão é chave na formação do investigador. A partir de fundamentações que colocam a necessidade de inter-relação entre os polos teoria/empiria na pesquisa, sinalizei o desafio de operar concretamente essa perspectiva na orientação da prática investigativa, tomada simultaneamente como lugar de fabricação do conhecimento e de formação do pesquisador. Com base em experiências concretas, busquei refletir sobre práticas que, em inter-relação, instituem esta relação teoria/empiria no processo de consolidação da proposta investigativa e que, acompanhadas de reflexão sobre o seu sentido no processo da pesquisa, instauram um lugar fecundo de aprendizado metodológico.

Esses desafios de formação metodológica devem ser assumidos na concepção de estratégias e de procedimentos nos processos de orientação. Entretanto, para que a formação do pesquisador se efetive, há necessidade de confluências de cenários e de ambientes formativos. Assim, propostas e desenhos concretos de disciplinas da graduação, do mestrado e do doutorado, em particular aquelas voltadas à metodologia e à construção das pesquisas em processo, práticas dos grupos de pesquisa e de demais ambiências de formação também precisam ser concebidos e concretizados em termos de sua contribuição para esse processo de construção de culturas de pesquisa e de formação dos pesquisadores.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BONIN, Jiani Adriana. **Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela**. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

_____. Estratégia multimetodológica de captação de dados em pesquisa de recepção: a experiência da investigação Telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar. **Rastros**, Joinville, n. 5, p. 6-18, 2004.

_____. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 271-294.

_____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.

BOURDIEU, Pierre *et al.* **A profissão de sociólogo:** preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1994a, p. 46-81.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1994b, p. 82-121.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 30, p. 16-30, ago. 2006.

LOPES Maria Immacolata V. *et al.* **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-15, 2002. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/efendy2.htm>. Acesso em: jun. 2011.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizatória em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios da prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 27-54.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Longe dos pensamentos totalizantes:

o desafio de se inserir de forma dialógica e processual nas problematizações epistemológicas das ciências da comunicação

Rafael Foletto

1 Apontamentos iniciais – a caminhada científica do doutorado e o fazer-se sujeito/pesquisador/cidadão

Um dos principais desafios no percurso intelectual inerente à investigação em nível de doutorado[1] diz respeito à construção da concepção epistemológica e metodológica do projeto de pesquisa, já que se tem a necessidade de desenvolver um pensamento crítico e transformador das problemáticas sociais, históricas e políticas relevantes para com-

1 Cabe ressaltar que o presente texto corresponde a problematizações elaboradas a partir dos debates, questionamentos e inquietações gerados pela disciplina de Epistemologia da Comunicação do doutorado em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), ministrada pelo Professor Dr. Alberto Efendy Maldonado, no primeiro semestre de 2011.

preender as dinâmicas da realidade sociocultural contemporânea, que possibilite não apenas problematizar a ciência, mas também as culturas, o mundo, a vida e a existência. Em outros termos, nas processualidades do fazer científico, precisamos buscar construções teórico-metodológicas e epistemológicas que sustentem uma visão global e complexa do processo comunicativo; que se distanciem de pensamentos e saberes que se propõem únicos, totalizantes e universais, que dividem as dimensões teórica e empírica, bem como abstrata e concreta, no processo de construção da tese, pois a teoria precisa dar conta da realidade concreta. Assim, a problematização teórica e epistemológica não é apenas jogar uma teoria contra a outra, mas sim tensioná-la levando em conta a realidade concreta, para perceber certas nuances, contornos, aspectos e elementos da problemática em construção. Conforme Bachelard (1981), na práxis investigativa, confluem as lógicas de abstração (teoria) e de concretização (empiria), dando sustentação à construção do objeto científico. Enfim, é importante considerar a necessidade do atravessamento entre a dimensão teórica e a dimensão empírica em todos os campos e disciplinas.

Observamos a pertinência de se conceber uma abordagem teórica e metodológica que permita a combinação de distintas abordagens e procedimentos de pesquisa empírica no campo das Ciências da Comunicação. Entendemos que é preciso desenvolver um mapeamento de teorias, conceitos e noções que dialoguem com as problematizações construídas no decorrer do desenvolvimento de cada passo da pesquisa. Martín-Barbero (2001, p. 15-16) atenta para a necessidade de realização de fortes movimentos de aproximação empírica para dar conta dos "objetos móviles, nómades, de contornos difusos, imposibles de encerrar en las mallas de un saber positivo y rígidamente parcelado", inerentes ao campo da comunicação. Igualmente devemos considerar que os objetos de conhecimento, processos e realidades do campo da comunicação são multidimensionais e multicontextuais (MALDONADO, 2008), exigindo formulações complexas para compreendê-los, bem como evidenciando a necessidade de confluência de saberes disciplinares apropriados e repensados para responder as exigências desses objetos (BONIN, 2010). Ainda segundo Maldonado (2006, p. 279), na investigação no

âmbito das Ciências da Comunicação, "o empírico é imprescindível se considerarmos os sistemas, estruturas e campos midiáticos como um referente central dos problemas de conhecimento para a nossa área". Compreendemos que provocada pelas reconfigurações nas dinâmicas que conformam os objetos do campo, a investigação no âmbito da comunicação enfrenta a necessidade de configurar as suas problemáticas com intensa atenção à dinâmica concreta dos objetos que pesquisa.

Assinalamos a união entre as dimensões teórica e metodológica como um dos pontos imprescindíveis à investigação, complementada pelas entradas simultâneas na teoria e na empiria. A relevância da dimensão empírica instaura-se no plano da experiência e da sensibilidade adquirida pela prática. Ela permite que as problemáticas sejam construídas em vínculo profundo com o concreto. Por seu turno, o âmbito teórico possibilita a ampliação e o aprofundamento de ideias, argumentos, proposições e conceitos.

Norris (2006) apresenta a proposta de que adquiramos conhecimento de maneira progressiva, por meio de modos de interação, de pensar, repensar e experimentar uma diversidade de métodos e do uso de experimentos mentais. Assim, na caminhada científica, o pesquisador precisa visualizar e articular conceitos, categorias e noções cruciais para o desenvolvimento do projeto, procurando se acercar de contribuições conceituais e teóricas pertinentes para a investigação, por meio da reflexão aprofundada das estratégias, lógicas e procedimentos de pesquisa de diversos autores, visando ampliar a compreensão dos arranjos epistemológicos, teóricos e metodológicos, suscitados pelo problema e pelos objetivos da pesquisa. Pensamos que esse tipo de problematização permite a definição de aportes teóricos que sustentem e contribuam efetivamente para a construção do problema de pesquisa, bem como para o encaminhamento de estratégias metodológicas que fujam das tradicionais "receitas de bolo" e que de fato possibilitem um olhar transversal para tratar o objeto, as perguntas de pesquisa e os objetivos da investigação; enfim, para permitir o avanço na construção do conhecimento, visto por Santos (2006), como prática social.

Entendemos que refletir sobre as pesquisas científicas e acadêmicas da Comunicação implica pensar a cultura, os modos de produção

de conhecimento que se tinha anteriormente e os diversos processos pelos quais as sociedades passaram até chegar ao cenário contemporâneo e sua conformação de cultura da informação e experimentação, redes de informação e múltiplos saberes em circulação (WALLERSTEIN *et al.*, 1996). Ainda, exige considerar as posturas e condutas dos pesquisadores junto à emergência de uma cultura científica que assinalaria a ciência como instituição social.

A caminhada científica exige a problematização das técnicas e dos conceitos, das condições, dos limites e da validade do conhecimento; a atenção ao sentido cultural das ações dos sujeitos sociais e a relativização de questões como a proximidade e a familiaridade com o objeto de investigação. Compreendemos que os pesquisadores devem questionar as suas práticas e o mundo no qual estão inseridos, no sentido de entender que é justamente por meio dos questionamentos que se constroem os objetos de investigação. Bachelard (1981, p. 129) atenta que é preciso se afastar da "sedução da primeira escolha", da observação inicial, criticando-a, problematizando-a, desconfiando e, por consequência, reforçando a objetividade científica e a vigilância epistemológica, concebendo o objeto como algo que não está dado, mas que deve ser construído. Nesse sentido, há nitidamente uma dificuldade em distinguir percepção e ciência; em outras áreas, o simples fato de sair do domínio de pesquisa – um laboratório, por exemplo –, marca a oposição com a vida cotidiana. Mesmo que um pesquisador das Ciências Sociais e Humanas tente, não há como se despojar de sua investigação, pois ele está imerso nessa experiência, por vezes até integra o objeto ou contexto observado.

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2003) observam a necessidade de se pensar os problemas científicos por meio do atravessamento de diversas lógicas, buscando a inter-relação com as várias vertentes epistemológicas e o diálogo com diferentes áreas do conhecimento. Observamos essa proposta como válida, ao entendermos que os objetos do campo das Ciências Humanas e Sociais não são rígidos, estáticos, imutáveis, pelo contrário, são dinâmicos (WALLERSTEIN *et al.*, 1996), estando em constante movimento e transformação, necessitando que sejam observados, problematizados e tensionados. Assim,

na construção do problema-objeto, o pesquisador precisa entrar em contato com a realidade que deseja conhecer, buscando diferentes fontes para entendê-la, uma vez que a ciência se constitui como um saber sistemático das realidades sociais (WALLERSTEIN *et al.*, 1996).

Na dimensão teórica, a epistemologia precisa ser encarada como um processo, como um movimento, um fluxo que acompanha toda a problematização proposta pelo investigador, pois, como salienta Bachelard (1981), essa dimensão está permanentemente em ato. A cada pensamento encontrado, urge ao pesquisador questioná-lo, interrogá-lo, desconfiar dele, fugindo da certeza e da unidade estática e dogmática, assumindo o papel de construtor da realidade, pois nada é espontâneo, nada está dado, tudo se constrói (BACHELARD, 1981). O pesquisador, a cada movimento, a cada passo, a cada tentativa, procura construir conhecimento científico emancipatório e transformador.

Pensamos que a inserção nas distintas vertentes epistemológicas que compõem o campo das Ciências da Comunicação contribui para estruturar o pensamento acerca do conhecimento científico e do pensamento comunicacional; também para refletir e problematizar o fazer científico e o constituir-se como pesquisador, contribuindo, assim, para fortalecer as escolhas teóricas e metodológicas que irão nortear a pesquisa, a exemplo das opções transdisciplinar e transmetodológica[2] (MALDONADO, 2008), que colocam em perspectiva diversos saberes, conhecimentos e noções epistemológicas. Ainda, compreendemos que a construção crítica e reflexiva do saber possibilita um desenvolvimento mais amplo dos conceitos e olhares sobre questões, epistemologias e teorias.

---

2 Conforme Maldonado (2006, p. 47), "a *transmetodologia* apresenta-se como uma linha de pesquisa metodológica que procura trabalhar visualizações epistêmicas, concepções teóricas, desenhos e estratégias metodológicas, operacionalizações técnicas, combinando-as com o que a história, a filosofia, a sociologia, a psicologia e a lógica da ciência oferecem para realizações férteis". Desse modo, entendemos a *transmetodologia* como uma processualidade do fazer científico que busca construções teórico-metodológicas e epistemológicas que sustente uma visão global e complexa do processo comunicativo, articulando, para tanto, experiências, vivências, saberes, culturas, lógicas do mundo concreto.

Visualizamos que estamos em processo, em construção, em fazer-se pesquisador o tempo todo, compreendendo o fazer científico como uma processualidade na qual as escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas estão presentes em cada momento da pesquisa. Entendemos que a investigação se realiza por meio do diálogo, relação e confrontação de uma tríade de elementos, a saber, problema-metodologia-teoria, implicando em observar o problema enquanto ponto de partida, o método como caminho, a teoria enquanto instância para problematizar a realidade, o contexto, o concreto.

A epistemologia, então, constitui-se como uma dimensão que atravessa todo o processo de refletir, pensar e fazer não apenas ciência, mas também a vida cotidiana (NORRIS, 2006), pressupondo a inter-relação entre particular e geral, entre teoria e prática, entre ciência e sociedade (GORTARI, 1956). Ou seja, a epistemologia não é única, total e universal, mas sim plural, concreta, real e cotidiana etc. Assim, as epistemologias são produzidas e constituídas em processualidades e vivências de múltiplos tipos, evidenciando a necessidade de atravessamentos de diversos saberes. Conforme Santos (2006, p. 154), "não há conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos". Em outros termos, existem diversas epistemologias e, para tanto o pesquisador, ao construir as suas problematizações, deve estar aberto a essa diversidade de formas de conhecimento e saberes.

A formação do sujeito enquanto pesquisador participante do processo científico e atento ao mundo cotidiano pressupõe a busca pela transformação e aperfeiçoamento de ambos. Trate-se de unir saberes, conhecimentos, epistemologias de modo a compreender o mundo do micro ao macro, desenvolvendo estratégias de investigação capazes de transformar a realidade e quebrar com o neocolonialismo intelectual e cultural. É importante considerar a epistemologia como viva, capaz de desconstruir as falácias do discurso do poder e de mudar o nosso olhar, transformando a nossa compreensão do mundo. Nesse sentido, Maldonado (2011, p. 9) traz a noção de *cidadania científica* que problematiza "essa necessária sintonia construtiva do campo científico com os outros campos sociais, inserindo as e os cientistas nos projetos estratégicos de construção de um país avançado social, educativa, cultural, ecológi-

ca, política e cientificamente". Encara assim, a cidadania e a ciência como processos concretos e necessários aos fazeres cotidianos, inerente às sociedades contemporâneas e aos sujeitos, contribuindo para o desenvolvimento de um campo científico dinâmico, crítico e ético, que potencialize a transformação individual e social. Desse modo, distancia-se do pensamento epistemológico fechado, que engessa a reflexão para as mudanças, privilegia grupos em detrimento de outros e promove a exclusão do acesso ao saber para significativa parcela da população. Assim, uma das preocupações que deveria atravessar os projetos remete às contribuições que os pesquisadores prestam à academia e à comunidade em geral, através de suas investigações.

Na ótica de Japiassu (1979, p. 39), "cabe à epistemologia perguntar-se pelas relações existentes entre a ciência e a sociedade, entre a ciência e as instituições científicas, entre as diversas ciências", constituindo-se como um saber interdisciplinar, inter-relacionando as diversas disciplinas, uma vez que o contexto sociocultural precisa do diálogo e do equilíbrio através do qual os cientistas, pesquisadores, especialistas e sujeitos possam não fazer do imediato o verdadeiro. Assim, refletindo e vivendo o mundo, o cotidiano e o conhecimento de modo a melhor compreendê-los e transformá-los, pois "é o pensamento que forja as opiniões e elabora os valores que comandam a ação daqueles que encontram as soluções ou tomam as decisões" (JAPIASSU, 1979, p. 183).

Ressaltamos a importância da inserção nas problematizações sobre a epistemologia não apenas para entender o fazer científico, mas também para refletir sobre a constituição do pesquisador enquanto sujeito e cidadão empenhado em aproximar a ciência e a sociedade, a teoria e a empiria, o abstrato e o concreto, procurando desenvolver uma visão multidimensional das problemáticas sociais, históricas e políticas relevantes para compreender as dinâmicas da realidade sociocultural contemporânea e buscando oferecer abordagens transformadoras das questões e fenômenos atuais.

2 Reflexões sobre as noções de ciência e de epistemologia

A noção clássica de ciência se estruturou por meio da procura de leis universais – nomotéticas, de verdades que dessem conta de explicar os diversos fenômenos da natureza e do mundo. Posteriormente, buscou-se comprovar os saberes empiricamente, por meio de experimentos, de formas de registros e interpretação dos dados obtidos e de lógicas e procedimentos investigativos. Uma das fontes de desenvolvimento do campo científico reside na propagação da ideia de progresso ilimitado, herança do darwinismo, concebendo a ciência como meio de sistematizar o conhecimento e gerar formas de superação dos obstáculos impostos pela natureza à espécie humana.

Wallerstein *et al.* (1996), problematizando os processos de institucionalização da ciência que constituíram os campos científicos, observa que a estruturação dos saberes em disciplinas trouxe um caráter utilitário ao conhecimento devido a pressões econômicas, políticas ou estruturais. A organização da ciência em áreas de conhecimento, em nichos acadêmicos, em distintas especialidades, gerou não apenas a fragmentação e disputas de campos de saber, mas também o desenvolvimento de teorias e de metodologias fechadas. Ocasionou ainda, a sedimentação de fronteiras entre as diversas áreas. Assim, as disciplinas do pensamento social, desde o final do século XVII, buscam a rigidez epistemológica, inspiradas no método cartesiano, como uma maneira de alcançar a verdade absoluta. Com isso, perderam a ênfase no processo e focaram no resultado, criando barreiras e distanciando o sujeito do objeto do conhecimento.

Acreditamos que, além do exemplo da Fundação Calouste Gulbenkian[3], que apoiou as investigações do grupo de pesquisadores do qual Wallerstein fazia parte, o *Círculo de Viena* se apresenta como um

3 A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição sediada em Lisboa, que se dedica à beneficência, à arte, à educação e à ciência, desenvolvendo atividades de investigação científica, promovendo conferências, colóquios e cursos internacionais, distribuindo bolsas de pesquisa e financiando projetos de investigação e, ainda, realizando significativa atividade de produção editorial. Mais informações em: <http://www.gulbenkian.pt>.

dos mais significativos projetos de construção de saberes e de experiências de pesquisas no processo histórico de desenvolvimento da ciência. O círculo tinha um caráter transdisciplinar, reunindo pesquisadores de várias áreas. Debatia sobre questões filosóficas e epistemológicas visando à constituição de conhecimentos científicos objetivos e estruturados, no sentido de criar uma linguagem científica única, ancorada em uma unidade metodológica e em um padrão de análise conceitual e filosófica, principalmente por meio do método dedutivo. Cabe ressaltar que uma das principais questões problematizadas por esse grupo de pensadores diz respeito à linguagem, vista enquanto conjuntos culturais, necessitando de formulações epistemológicas para ser compreendida. Haller (1990), apresentando o transcurso e a estruturação dessa corrente de pensamento, sobretudo através das considerações do filósofo Otto Neurath, observa que:

> Os pontos centrais em que Neurath seguiu o passado de Duhem foram, primeiro, que mais de um sistema autoconsistente de hipóteses pode satisfazer um dado conjunto de fatos e, segundo, que qualquer teste de uma teoria refere-se a uma rede completa de conceitos e não a conceitos que possam ser isolados (HALLER, 1990, p. 28).

Os pensadores do *Círculo de Viena* procuravam construir uma visão holística da história da ciência, desenvolvendo as suas problematizações através de redes de conceitos e de conjuntos de argumentos, ancorados no pensamento lógico. O programa de pesquisa do *Círculo* evidenciou a necessidade de construção e aplicação de métodos críticos e analíticos de investigação lógica. Refletindo as questões filosóficas por meio de pesquisas empíricas, consideravam que o mundo real é múltiplo.

Segundo Morin (2005, p. 36), "o método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método". Assim, o método para Morin (2005, p. 36), "se opõe à conceituação dita 'metodológica' em que ela é reduzida a receitas e técnicas".

> O método aqui se opõe à conceituação dita "metodológica" em que ela é reduzida à receita técnica. Como o método cartesiano, ele deve inspirar-se de um princípio fundamental ou paradigma. Mas a diferença é justamente o paradigma. Não se trata mais de obedecer a um princípio de ordem (eliminando a desordem), de claridade (eliminando o obscuro), de distinção (eliminando as aderências, as participações e as comunicações), de disjunção (excluindo o sujeito, a antinomia, a complexidade), ou seja, obedecer a um princípio que liga a ciência à simplificação lógica. Trata-se, ao contrário, de ligar o que estava separado através de um princípio de complexidade. "Fazer revolução por todas as partes": assim falava Sainte-Beuve do método cartesiano. É que Descartes havia formulado o grande paradigma que iria dominar o Ocidente, a separação de sujeito e o objeto, de espírito e matéria, a oposição entre homem e natureza (MORIN, 2005, p. 37-38).

Kuhn (2001), ao discutir processos epistemológicos, buscou refletir sobre os caminhos dos saberes científicos, percorrendo a trilha da história da estruturação da ciência, atentando para o fato de que a ciência é também um produto histórico. Para Kuhn (2001), no processo de desenvolvimento da ciência, os métodos foram degradados a instrumentos de manipulação. Assim, ele evidencia a necessidade de a interpretação ser desenvolvida a partir de pensamentos orientadores, de teorias, metodologias e dados, bem como de ser submetida a processos de avaliação e crítica. O autor observa que nem sempre os cientistas produzem ciência, construindo mitologias e pesquisas administrativas meramente operativas, esquemas conceituais que burocratizam os processos de conhecimento.

Os pressupostos de Kuhn (2001) foram estabelecidos por meio da noção de paradigma, entendido como "as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (KUHN, 2001, p. 13). Para Kuhn, a conformação dos paradigmas é capaz de tornar visíveis as revoluções que ocorrem, por processos cíclicos, através das mudanças de ideias fundamentais de uma ciência, levando a um total redirecionamento nas investigações e problematizações. O desenvolvimento de paradigmas gera um am-

biente menos conflituoso entre os membros da comunidade científica. Estes são utilizados para a estruturação dos conhecimentos na área, no sentido de comprová-los ou referenciá-los como base para desenvolver suas ideias. Ainda, o estabelecimento de um paradigma não significa necessariamente que ele tenha explicado todos os fatos. Um paradigma é aceito pelo quadro de cientistas mesmo que eles reconheçam a existência de anomalias ou fatos ainda não completamente explicados, permitindo a propagação do conhecimento, até surgir outro paradigma que provoque uma nova mudança nos saberes científicos. Igualmente, Kuhn (2001) observa que o paradigma se apresenta como fascinante e sugestivo, mas que deve servir como um espaço para nutrir técnicas eficientes de problematização e de descoberta.

Para Popper (1975), a investigação científica inicia com um problema e avança resolvendo-o. As teorias são *imprescindíveis* para a pesquisa, porém, nem sempre são fortes e satisfatórias, carregando erros que devem ser aprendidos e não cometidos nas investigações subsequentes. O autor atenta para a existência de três mundos reais, independentes e ontologicamente distintos: o mundo 1 diz respeito àquele dos estados materiais, objetos físicos exteriores como pedras, árvores e animais. O mundo 2 representa os estados mentais, pensados enquanto conhecimento. E o mundo 3 seria aquele dos objetos de pensamento, dos produtos da mente humana, como teorias, hipóteses (tanto as falsas, quanto as verdadeiras), problemas não resolvidos e argumentos. O pensador observa ainda que o mundo material e o mundo mental fazem parte da tradição dualista cartesiana, não oferecendo significativos obstáculos para a sua compreensão. Contudo, o mundo 3 alude ao conhecimento objetivo, que sofre constantes modificações, ampliações e ressignificações pela crítica intersubjetiva, incidindo sobre o mundo material por meio do mundo 2.

O mundo 3 é constituído pelo ser humano, não tendo planejamento histórico e necessitando da produção coletiva. Corresponde ao espaço de inúmeros problemas, permitindo pensar em originalidade, através de situações-problemas que busquem a inter-relação com o universo real, de maneira multidimensional, em vários contextos. Assim, Popper (1975) propõe o pluralismo filosófico como modo de fazer ci-

ência, partindo de problemas, da análise situacional, para investigar metaproblemas, por meio da pesquisa histórica das ideias, noções e termos, com o objetivo de enriquecer o quadro que possuímos do mundo, pois a ciência é vista por ele como uma obra de arte.

Deleuze (1974), analisando os paradoxos do sentido, por meio da lógica dedutiva, problematiza que a relação entre o sentido e o não sentido produz o acontecimento, visto como o sentido das frases e o devir do mundo. Trata-se daquilo que do mundo, permite-se envolver na linguagem e possibilite que funcione. Assim, o não entendido é a condição para o sentido, uma vez que "o sentido é o efeito de causas corporais e de suas misturas" (DELEUZE, 1974, p. 97). Através da lógica paradoxal, o autor aponta para a necessidade de dialogar com várias lógicas, confrontando a lógica formal e compreendo que a lógica constitui o mundo metodológico. Assim:

> É curioso constatar que toda obra lógica diz respeito diretamente *à significação*, às implicações e conclusões e não se refere ao sentido a não ser indiretamente – precisamente por intermédio dos paradoxos que a significação não resolve ou até mesmo que ela cria. Ao contrário, a obra fantástica se refere imediatamente ao *sentido* e relaciona diretamente a ela a potência do paradoxo. O que corresponde os dois estados do sentido, de fato e de direito, *a posteriori* e *a priori*, um pelo qual o inferimos indiretamente do círculo da proposição, outro pelo qual o fazemos parecer por si mesmo desdobrando o círculo ao longo da fronteira entre as proposições e as coisas (DELEUZE, 1974, p. 23).

Em Peirce (2008), encontramos uma crítica à racionalidade moderna por intermédio da construção de fundamentos filosóficos para estabelecer a arquitetura das ciências, apresentando uma espécie de filosofia dos modos de raciocínio. Para o autor, toda a ciência necessita se expressar logicamente, por ordem de signos, que representam objetos por convenção. Observa que o pensamento do ser humano é fundamentalmente verbal, mas existem também outras formas e subcategorias não contempladas. Assim, empreende uma problematização sobre os modos de raciocínio, ou seja, as formas como a consciência humana formula conhecimento sobre o mundo e os fenômenos e o modo como

produzimos conhecimento sobre esse mundo e esses fenômenos. Para tanto, formula um raciocínio triádico, por meio de três categorias amplas, gerais e universais de signos. Através de uma série de combinações, essas lógicas se entrelaçam no modo de captação do mundo. Trata-se da primeridade, que é fugaz, rápida, quase imperceptível, correspondendo à apreensão inicial do fenômeno; da secundidade, na qual o fenômeno é percebido na sua singularidade, no momento em que se torna evidente, e da terceridade que diz respeito à tradução, à mediação dos fenômenos em linguagem articulada, em pensamentos, em juízos perceptivos, configuradores de sentido, enfim, naquilo que Peirce (2008) denomina de signo icônico.

Visualizamos que uma caminhada pela história do fazer científico corresponde a uma travessia por diferentes noções e concepções de ciência, entendendo o desafio de conceber um pensamento epistemológico diante da complexidade dos saberes, observando a ciência como prática social realizada por sujeitos históricos. Ainda, Wallerstein *et al.* (1996) observa que o intuito do positivismo de liberar o espírito humano constituiu em um obstáculo para a estruturação do pensamento científico, pois não há como o pesquisador se desassociar do contexto físico e social que o perpassa.

Assim, não se pode desconsiderar, na problematização epistemológica, o caráter histórico das noções, conceitos, teorias e processualidades de investigação, bem como os mundos, lógicas e visões do sujeito/pesquisador. Torna-se necessário vincular constantemente as dimensões teórica e empírica, buscando a "inter-relação entre o mundo da vida e a dimensão teórica fértil" (MALDONADO, 2008, p. 45), enfim, relacionando pensamento e ação na compreensão das questões de epistemologia.

3 Inserindo-se na trama da epistemologia da comunicação

Observamos as Ciências da Comunicação como um espaço em constante transformação, mas historicamente constituído, acumulando

capital científico através, também do diálogo com diferentes campos (PRADO, 2003). Assim, para pensar a comunicação enquanto campo é preciso atentar para os objetos que a ela supostamente concerne. Torna-se necessário construir um olhar que tem de sair do objeto para o contexto, não do contexto para o objeto, no qual a problematização é perpassada pelas questões contextuais.

Fazendo um resgate histórico do Campo da Comunicação, Prado (2003, p. 136) observa "historicamente esse campo constituir-se a partir da sociologia, de onde veio a separar-se, ou mesmo dos estudos literários, de onde os primeiros estudos semióticos se constituíram". Desse modo, a Ciências da Comunicação não podem ser enquadradas nas margens de um compartimento disciplinar rígido, mesmo quando reduzida ao âmbito dos *mass media*. Ou seja, a pretensão positivista de tornar científica a comunicação não tem possibilidades de continuidade. Rodrigo Alsina (1995) observa que um modelo do processo comunicacional, para que tenha futuro, deve ser suficientemente flexível para integrar as realidades comunicativas e as conseguintes relações dos elementos do processo produtivo.

Para Mattelart e Mattelart (2004), torna-se necessário pensar os processos comunicacionais como parte do sistema capitalista mundial, evidenciando a necessidade da pesquisa empírica ao longo do percurso científico desse campo:

> O esquema de pensamento mecânico e linear se vê deslegitimado pelo pensamento organicista (os paradigmas propostos pelas ciências da vida tornaram-se, como vimos, referências incontornáveis). Ao método objetivo, será oposta a primazia dos valores; às técnicas quantitativas, técnicas empíricas qualitativas; à atitude lógica, a atitude heurística; ao cognitivo, o intuitivo; à projeção linear, a multiplicidade das escolhas e das opções (MATTELART; MATTELART, 2004, p. 83).

Lima (1975) observa que, para entender a cultura de massa, deve-se compreender a economia de mercado, bem como a sociedade de consumo, suas bases tecnológicas e seu sistema social. Adorno (1995) buscou problematizar a comunicação a partir da crítica cul-

tural, entendendo o capitalismo como o mais elevado estágio evolutivo da sociedade burguesa. O programa central da concepção epistemológica de Adorno (1995) é a crítica racional da razão burguesa. Para tanto, ressaltou a importância da experimentação e da exploração teórico-metodológica, realizando uma crítica à pesquisa quantitativa e ao modelo hipótese-teoria-resultado vigente no sistema acadêmico dos Estados Unidos, concebendo que o mérito da investigação está na problemática, na definição de problemas e de situações problemas. Para o autor, as classificações e os números correspondem a delimitações arbitrárias, necessitando de vários tipos de lógicas para compreendê-los, para além do uso meramente mecânico. Segundo Eco (2008), a crítica da cultura deve pensar e questionar a cultura de massa, sem reduzi-la, a partir de pesquisas multifocais com teorias profundamente vinculadas à problemática.

Visualizamos o objeto da comunicação como uma problemática em construção. Igualmente, observamos que não existe um conceito único de comunicação, variando conforme o objeto de pesquisa e o aporte teórico e metodológico de cada investigador. Uma definição complexa de se construir, pois "estamos hechos de comunicación, como individuos y como sociedades, pero también usamos la comunicación para afectar particularmente esta constitución" (FUENTES NAVARRO, 2003, p. 36).

No âmbito da América Latina, Fuentes Navarro e Lopes (2001) apontam para a escassa reflexão existente a respeito da institucionalização dos estudos de comunicação na região e, nesse marco, o pouco interesse concedido aos mecanismos e processos institucionais que intervêm no desenvolvimento das investigações que poderíamos chamar de comunicativas ou comunicacionais. Entretanto, no caso latino-americano, é impreterível observar como aconteceu na região uma forte ebulição intelectual sobre as problemáticas comunicacionais a partir dos anos 1960. Período no qual foram produzidos, em vários pontos e centros da América Latina, investigação avançada, pesquisa séria, argumentos inovadores, críticos e reformuladores das práticas e dos pensamentos.

Uma das contribuições mais significativamente e reconhecidas na América Latina é o programa de pesquisa elaborado por Martín-Bar-

bero (1988, 2008), que visa pensar a comunicação a partir da cultura, pressupondo não centralizar a observação nos meios em si, mas abrir a análise para as mediações, deslocando os processos comunicativos para o denso e ambíguo espaço da experiência dos sujeitos, localizada em contextos sócio-históricos particulares. Em síntese, o desenvolvimento de uma teoria das mediações implicou em um distanciamento de concepções de comunicação mediocêntricas.

Igualmente, Santos (2006) oferece a sua construção teórica sobre a América Latina, mas especificamente, sobre as Epistemologias do Sul, constituídas pelos múltiplos saberes, culturas e dialéticas da região. Trata-se de uma complexa revisão e problematização epistemológica, conceitual e paradigmática para abordar a noção de América Latina. O autor busca compreender as lógicas de negação da alteridade provenientes do "pós-colonialismo". Para tanto, ancora-se em um pensamento mestiço, que traz à tonas outras culturas, outras cosmovisões. Trata-se de um movimento importante, que dá voz aos vencidos. Santos (2006) desenvolve uma crítica epistêmica das teorias pós-modernas através de uma abordagem interdisciplinar, entendendo as múltiplas formas de cultura que, no âmbito de uma concepção de globalização hegemônica, são esquecidas. Ou seja, Santos compreende que a diversidade de culturas nunca será completamente traduzida, somente como uma virada epistêmica que produza um conhecimento situado e contextualizado, dando conta das transformações institucionais geradas pela crise do neoliberalismo.

A abordagem de Santos (2006) demonstra que as marcas e as construções históricas das culturas e das identidades refletem uma espécie de fascismo social, ancorado na lógica do lucro e nas microrrelações de poder que subvertem as minorias. Assim, é imprescindível reinventar um paradigma que dialogue com as visões de mundo dos distintos grupos que constituem as sociedades, visões estas que são abrangentes, ricas e significativas, mas que ao mesmo tempo são ocultadas pelas lógicas do capital hegemônico. O que o autor almeja é uma espécie de globalização contra hegemônica, que inclua a diversidade de dimensões culturais, econômicas e políticas dos povos do Sul. Trata-se de uma mudança de eixo, visando um olhar abrangente e diversificado das sociedades contemporâneas.

Compreendemos que o debate da localização da comunicação como campo e objeto de estudo, bem como dos marcos conceituais e das tipologias está ligado a um entendimento da contemporaneidade, da fase atual do modo de produção capitalista (em especial em sua versão mediática) e seus desdobramentos de caráter ético, cultural, tecnológico, econômico e histórico. Enfim, "a investigação dos processos comunicacionais contemporâneos é configurada pelas exigências dos objetos-problema que as realidades históricas e sociais apresentam" (MALDONADO, 2003, p. 212).

4 Reflexões finais

Observamos a necessidade, no campo das Ciências da Comunicação, do diálogo com distintas contribuições, problematizando os processos midiáticos de forma transversal. Dialogamos com a ideia de Kaplún (2002), que enfatiza a permanente necessidade de uma comunicação centrada no processo e não apenas nos efeitos e conteúdos. E, ainda, com o pensamento de Martín-Barbero (2008), que instiga a pensar os meios a partir das práticas comunicativas, inseridas em processos comunicacionais que atravessam o conjunto do tecido social.

Compreendemos que as Ciências da Comunicação se constituem como uma área dentro do amplo campo Ciências Sociais e Humanas que apresenta como propriedade, matriz e alicerce epistemológico a transdisciplinaridade, justamente por suas problemáticas e investigações apresentarem um caráter multidimensional e complexo. Desse modo, o campo da comunicação se estabelece como uma área mestiça e múltipla, dialogando com diversas vertentes de conhecimento e de práticas sociais. Entendemos que a diferença e a riqueza da comunicação em relação às outras disciplinas está no fato de poder transitar por todos os outros campos do conhecimento e não se fixar em nenhum deles. Assim colocada, a comunicação raramente se prestaria a uma elaboração fechada, porque seria ampla e complexa e seu objeto de estudo estaria perpassando diversos campos do saber humano.

Dessa maneira, o objeto de estudo da comunicação é interdisciplinar. Isso se deve, em grande medida, ao contexto contemporâneo,

de significativas mudanças e de amplos processos como a propagação das tecnologias de comunicação, a globalização etc. Fato que demanda uma diversidade de olhares para encarar a sua complexidade e, ao mesmo tempo, a sua singularidade. Enfim, considerando que o caráter histórico da concepção da comunicação enquanto saber interdisciplinar está irremediavelmente atrelado às mudanças tecnológicas, sociais, políticas e culturais das sociedades contemporâneas, observamos a necessidade de repensar os conhecimentos já estabelecidos e de se desenvolver novos olhares e abordagens possíveis, que atendam a demanda atual de problemas da vida social e cultural, revelando a emergência dos estudos acerca de comunicação (FUENTES NAVARRO, 2003, p. 19). Da mesma forma, surge como imperativo a abertura às múltiplas formas de experiências culturais, de saberes e de cosmovisões, procurando quadros teóricos favoráveis à categoria de diferença, bem como a construção de uma proposta de universalismo pluralista para entender a complexidade dos processos contemporâneos.

Referências

ADORNO, Theodor. Experiências científicas nos Estados Unidos. In: ADORNO, Theodor. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 137-178.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia.** Lisboa: Edições 70, 1981.

BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros**, Joinville, n. 13, p. 9-21, ago. 2010.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **El oficio de sociólogo**: presupuestos epistemológicos. Madri: Siglo XX, 2003.

DELEUZE, Giles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

FUENTES NAVARRO, Raúl. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 15-40.

FUENTES NAVARRO, Raúl; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Comunicación: campo y objeto de estudio.** Perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara: Iteso; Universidad de Guadalajara, 2001.

GORTARI, Eli de. **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**: questões. São Paulo: EDUSP, 1990.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación**: el comunicador popular. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

LIMA, Luiz Costa. **Teorias da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 27-54.

_____. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 271-294.

_____. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. **XX Encontro Anual da Compós**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação. In: _____. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 205-225.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos de la investigagión en América Latina. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Procesos de comunicación y matrices de cultura**: itinerarios para salir de la razón dualista. Barcelona: Gustavo Gil, 1988, p. 82-97.

_____. Deconstrucción de la crítica: nuevos itinerarios de la investigación. In: _____. **Comunicación: campo y objeto de estudio.** Perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara: Iteso; Universidad de Guadalajara, 2001, p. 15-42.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. **O Método**: a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia**: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIERCE, Charles Sanders. A fixação da crença. In: PIERCE, Charles Sanders. **Ilustração da Lógica da Ciência**. Aparecida: Ideias e Letras, (1877 [2008]), p. 34-58.

POPPER, Karl R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

PRADO, José Luiz Aidar. O campo da comunicação e a comunicação entre os campos na era da globalização. In: _____. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 135-153.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **Los modelos de la comunicación.** Madrid: Tecnos, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Ilya; LECORT, Dominique *et al.* (1996). **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

Submersão e emersão do pesquisador no campo de pesquisa:

o paradigma tecnológico digital e o fazer do fotojornalista, sob orientação do olhar epistemológico da transmetodologia

Beatriz Sallet

> Tudo o que devemos dizer do mundo, quando possível, deverá ser dito cientificamente e não especulativamente (JAPIASSU, 1971, p. 45).

1 Contextualizações introdutórias e teóricas

O presente artigo, partindo de uma concepção epistemológica, estabelece um possível diálogo entre a construção de um objeto de pesquisa e o fazer do pesquisador enquanto profissional engajado e atuante na área em que pesquisa. A área em foco é o Jornalismo de vertente fotojornalística, e a opção por partir dessa reflexão perpassa pela preocupação frente ao objeto, que se compromete com o olhar vigilantemente epistêmico, compreendendo a Transmetodologia (MALDONADO,

2008) como uma boa proposta para lançar pistas não só em relação ao próprio objeto de pesquisa – a reconfiguração do fotojornalismo, a partir do digital –, mas também com a fundamental contextualização, que diz respeito à profunda mudança de paradigma que representou (e que está representando), a partir de 1994, o ingresso das tecnologias digitais, principalmente da fotografia, no campo da Comunicação.

No campo do Jornalismo, observamos crises como o paradigma da objetividade, quando um fato, que de um lado deveria ser, ou se pensava como *dado*, passou a ser questionado pela verdade construída (*o que é a verdade*? Norris (2006) questiona a verdade da epistemologia positivista, por exemplo). Também, no fotojornalismo, no exemplo de uma anterior mudança: a que diz respeito à passagem da fotografia vista como "espelho do real", ligado ao paradigma analógico, para então ser compreendida como uma "construção do real" (MACHADO, 1984; DUBOIS, 1994). Tais exemplos permitem percebermos a necessidade e utilidade da epistemologia (NORRIS, 2006), ou das epistemologias que atravessam os campos diversos do conhecimento, a fim de acompanhar os períodos em que se estabelecem as rupturas/revoluções (KUHN, 1987). Ao mesmo tempo, nos permite colocar a dúvida no interior de qualquer problemática de pesquisa que possa vir a ser construída a partir de crises de paradigmas, como é o presente caso, pois o pesquisador consciente deve duvidar da construção do problema como verdade última (BACHELARD, 1981). Por termos tendência de pensar que aquilo que conhecemos é verdade, devemos questionar, duvidar e lembrar constantemente de que existem conhecimentos conhecidos e desconhecidos (GORTARI, 1956), e que nossas proposições devem ter correspondência com processualidades reais.

No momento de construção do objeto, faz-se necessário estabelecer o problema, o programa, o planejamento da pesquisa, a partir de um atravessamento entre a dimensão teórica e a dimensão empírica. Isso implica em regras de problematização para o trabalho, métodos de experimentação, lógicas organizadas para trabalhar a temporalidade e a espacialidade. Esses dois últimos aspectos são imprescindíveis para as questões macro (e também micro) de minha pesquisa doutoral. Questão bastante pertinente para meu objeto é:

> A produção simbólica com o potencial renovador do formato digital, ainda está em fase inicial de exploração. [...] Essa não é uma mudança simplesmente de ferramentas, é uma transformação importante de possibilidades, condições e modos de produzir mensagens. [...] O caso da fotografia é paradigmático a partir da socialização dos modos digitais de fotografar, editar, registrar, montar e reconstruir imagens. As pessoas comuns estão vivenciando, brincando, produzindo, significando com imagens fotográficas de um modo impensável no passado imediato (MALDONADO, 2008, p. 32-33).

Diz-se "olhar epistêmico" porque a intenção é ver o objeto de pesquisa imerso na concepção transmetodológica, pois ela comunga com várias vertentes epistemológicas. Norris (2006) indica que o conhecimento pode ser gerado por múltiplos métodos, pelo imbricamento metodológico. Ao encontro disso, em Maldonado (2008), a transmetodologia apresenta-se no trânsito *entre*, *através* e *além* das disciplinas, transdisciplinar, portanto, e sem negar o conhecimento gerado por elas, pois, como postula parte de uma de suas sete premissas, pesquisa-se estabelecendo "relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações teórico/metodológicas, com base no conhecimento sistemático, organizado, empírico e teórico das diversas áreas do saber" (MALDONADO, 2008, p. 37).

A vertente epistemológica transmetodológica permite que o olhar para o objeto seja construído *no* e *a partir de* seu próprio processo, livre para enamorar-se de vertentes diversas, as quais estão contempladas pela própria proposta que a transmetodologia nutre. Minha opção dá-se principalmente pelo fato de que meu objeto parte de um campo empírico muito rico, que é o mundo do fotojornalista em mutação, afetado por reconfigurações de diversas ordens, em função da paradigmática alternância do processo analógico para o digital.

As transformações decorrentes desse fato não permitem que se olhe ou se construa o objeto partindo de modelos metodológicos que permearam o campo da Comunicação, tal como os utilizados no início do século XX, e descritos por autores como Mauro Wolff (1995) na obra em que contextualiza as pesquisas em diferentes cenários: entre os anos 38 e 60, com Lasswell e as ciências empíricas funcionais, cultura

de massa e Escola de Frankfurt; dos anos 60 a 70, representado pelo cenário da contraposição de um estruturalismo linguístico, quando assistimos a manifestações coletivas e a organização social embalados pelos textos de McLuham (e que agora são atuais!); e, num outro momento, o dos anos 80, com crises pela emergência da sociedade rumo ao período sociotécnico. De Wolf, as contribuições para minha pesquisa possivelmente se restringirão aos conceitos pertinentes às teorias do jornalismo, como *gatekepper*, *newsmaking*, entre outros que possam vir ao encontro do próprio objeto, conforme as articulações que o mesmo requerer.

Em meu estudo, a ideia é apontar teorias com estruturação do pensamento baseado em conceitos como rede de argumentos. Trabalhar poucos conceitos na tese, pois serão articuladas lógicas de pensamento, lógicas que viram táticas, estratégias, articulações de teorias. A intenção é pesquisar a partir de várias vertentes metodológicas, inserindo-as como contraponto para meu próprio processo, perfazendo arranjos metodológicos a partir do que já existe, sem ignorar as lógicas (formal, axiomática, intuitiva), como propôs Maldonado[1]. Popper (1975) ensina que a teoria científica será sempre conjectural e provisória, de modo que devo pensar sobre a situação do meu problema no contexto atual. Rodrigo (1989) propõe que, na hora de avaliar os caminhos da pesquisa em Comunicação, é preciso lembrar que estamos tratando de uma ciência muito nova, e de que nos últimos 60 anos uma das preocupações fundamentais da Teoria da Comunicação foi estabelecer um estatuto científico, que foi sendo frequentemente questionado. A confrontação da Comunicação, para alguns autores, se estabelece pelo compartilhamento do objeto com outras ciências, como a sociologia, a psicologia etc. Para Rodrigo (1989), ela é toda Ciência *Encrucijada*, isto é, a confluência de várias ciências. Ele entende a Comunicação como processo complexo que pode ser investigado via diversas maneiras/técnicas, oriundas de outras ciências sociais.

As décadas de 1980/90 aparecem representadas pelo fim de tudo, pelas mortes anunciadas, fim da história, fim do fotojornalismo, fim

1 Em aula ministrada no dia 26/04/2011 para a turma do doutorado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

dos grandes referentes, já que os grandes modelos constituídos apresentam suas limitações (JAPIASSU, 1991), período em que ficam para traz paradigmas como o descrito pelo sujeito atomizado pela sociedade de massa, sujeito este pretendido pelos *mass media,* e entendido pelos pesquisadores do campo da Comunicação[2] como alguém que não responde, que aceita tudo e que não questiona. Configurador do presente, o passado deve ser olhado em sua trajetória, compreendido em seu contexto histórico, visualizado em suas crises, nas situações específicas em que apresentou entropias, nas matrizes importantes (SANTOS, 2006).

Hoje, a pesquisa requer uma abordagem sistemática e complexa, compreendendo que determinados modelos metodológicos já não dão conta de abordar o atual contexto da Era digital e da Internet, em um mundo globalizado, em que não falamos mais em rádio voltada para as massas, mas em *webrádios* (com fotografias! e, por isso, abrindo novas frentes de trabalho para os fotojornalistas), e cujo conceito de midiatização (MATTELART; MATTELART, 2004; MARTÍN-BARBERO, 2006; VILCHES, 2006; MORAES, 2006) está em processo, sendo constituído e atravessado por várias vertentes; e deve permanecer em desenvolvimento, ser ampliado e densificado (MALDONADO)[3]. Os processos comunicacionais contemporâneos estão atravessados, condicionados e constituídos pelos sistemas midiáticos (MATA, 1999 *apud* MALDONADO, 2008). Estamos falando de algo novo que é o ingresso das tecnologias digitais nos sistemas informacionais (CASTELLS, 2000).

Para além da *quanti* e *quali* na investigação, há também a necessidade de rigor para tratar da dimensão reflexiva da vida (NORRIS, 2006). "Produzir algo novo é fundamental", como propõe Maldonado (2011, em aula)[4]. Minha preocupação perpassa também por minha própria trajetória em veículos de comunicação, minha "bagagem", meu repertório como repórter, repórter-fotográfica, editora, assessora de imprensa, quando posteriormente voltei-me à academia. Perpassa pelo

2 A exemplo de Katz, Lazarsfeld e Schramm, conforme sintetiza Wolf (1995).

3 Em aula ministrada no dia 06/07/2011 para a turma do doutorado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

4 Ibidem.

pacto entre pesquisa e docência, cujo compromisso é com um olhar crítico sobre a velocidade tecnológica que defasa os educadores da área da fotografia, em relação aos jovens da Era digital, como afirmou a mim, em entrevista, o fotógrafo e educador social Miguel Chikaoca: "O educador não está preparado para trabalhar com o turbilhão da produção fotográfica digital" (SALLET, 2010, p. 275).

Com o histórico da fotógrafa analógica, que passou pelo ingresso da tecnologia digital em redações de jornais impressos, e que hoje fotografa fundamentalmente digital, ensina analógica e digitalmente, como pesquisadora tenho o compromisso com o meu tempo, e também a preocupação, que encontro em Maldonado, para quem "todo o trabalho científico, por mais sofisticado e rigoroso que seja, não tem sentido filosófico profundo, ético, se não assume um compromisso com a humanidade, a vida, as culturas, as transformações sociais e o bem-estar do mundo" (MALDONADO, 2008, p. 38).

2 Contextualizações sobre a pesquisa que se pretende

Não se pode recortar um fenômeno como o do ingresso da tecnologia digital na fotografia sem antes lançar o olhar para esse fato no contexto geral comunicacional. Maldonado (2008) reflete sobre a época de passagem da cultura mecânico-instrumental (positivista) para a cultura de informação/conhecimento, cuja experimentação, em termos de transformações tecnológicas, exige do pesquisador do campo da Comunicação uma constante vigília. Estamos tratando de um fenômeno novo, que diz respeito ao que vem sendo produzido pelas novas mídias. Faz-se necessário um recuo para compreender – de outro lugar – esses fenômenos emergentes e sem conceitos estáveis para esclarecê-los. Preciso eleger e fundamentar alguns conceitos (poucos), mas fundantes. Para tanto, a necessidade da construção de um pensamento/conhecimento objetivo que pode ser explicado também em Popper (1975), a partir da sua tese dos Três Mundos: o primeiro, fala dos estados materiais confundido com empiria; o segundo, dos estados mentais que

constituem a estrutura do conhecimento; e o terceiro, constituído pelos objetos do pensamento – a obra em si –, propõe o aprendizado da argumentação para a própria definição de situações-problema. O mundo dois, subjetivo, serve de mediador entre os mundos um e três; o último permeado pelo sujeito produtor de conhecimento.

O fabrico dos bens simbólicos, principalmente dos que estão relacionados com o campo midiático, tornou-se acessível a todos, nesses tempos em que buscamos apontar as consequências e os reflexos possíveis sobre o que representa e o que se reconfigura a partir da digitalização. O próprio campo midiático, que até bem pouco tempo esteve alocado nos grandes conglomerados e aos restritos meios de comunicação de massa (que ainda produzem no meio empresarial), torna-se acessível na medida em que os recursos técnicos foram chegando ao alcance da população em geral. Podemos dizer que o fabrico dos bens simbólicos está por se tornar ainda mais acessível à população na medida em que também se democratizam os meios informacionais.

A proposta de minha pesquisa doutoral pretende olhar as reconfigurações das rotinas produtivas do fotojornalismo a partir do ingresso das tecnologias digitais, mas sem dar as costas ao momento histórico anterior – da Era analógica – que deverá ser contemplado pela contextualização histórica e profunda que representa – na fotografia, são 172 anos[5], completados no último dia 19 de agosto, pelo menos, oficialmente – para, a partir daí, centrar-se na observação do que vem sendo praticado pelos fotojornalistas no contexto da convergência digital, no fotojornalismo *on line* e em multiplataformas.

O jornalismo mudou em sua forma. A informação chega ao público por diversos canais. A fotografia adquiriu novos contextos, ganhou novos espaços, no *webjornalismo*, nas *webrádios*, o que reconfigura não só o fazer para essas novas mídias, mas a própria cultura do impresso. A produção de bens simbólicos – texto, fotografia, principalmente – tornando-se cada vez mais acessível a todos (e isso não é ruim), merece um olhar cauteloso e cuidadoso. A reconfiguração do mundo do trabalho no campo midiático, desde a que diz respeito aos aportes

5 Autores importantes para a história da fotografia: Pedro Karp Vasquez, Boris Kossoy, Beaumont Newhall, Gisele Freund, entre outros.

tecnológicos de que se dispõe, até os lugares que se confundem hoje, e que ocupam o produtor e o receptor, precisam ser olhados com cautela. *Afinal, quem é o produtor e quem é o receptor, em que condições/situações eles se confundem*? Como postula Mattelart e Mattelart (2004), a revolução tecnológica não é a única responsável pelas novas abordagens e seus paradigmas, pois ela sozinha não produz o novo social, mas o que a virada epistemológica traz de novo é a relação indissociável do social com o técnico.

No início da década de 1990, iniciei minha atuação profissional como jornalista, e vivenciei, na prática, então como repórter em um jornal impresso diário, a alteração da ferramenta de trabalho: de uma máquina de escrever (analógica), passamos para um *Macintosh*[6]; momento representado pelo ingresso da escrita digital nas redações. Na metade da década de 1990, já repórter-fotográfica (esse "a" é por conta de ter sido única mulher em uma equipe de cinco fotógrafos, e também por me revoltar não só por conta de uma cultura cuja escrita é voltada ao mundo masculino, mas pela batalha que travei para ingressar no mercado de trabalho, que, ainda hoje, permanece bastante restrito aos homens[7]), vivenciei o ingresso da fotografia digital nas redações via máquinas baratas oriundas dos Estados Unidos.

Foi um momento em que indagávamos sobre o que estava acontecendo com a fotografia, momento em que os apocalípticos já vinham preconizando o fim da profissão, momento em que nos questionávamos se a fotografia digital era fotografia (?), pois andávamos nas pautas fotográficas munidos de dois equipamentos, o analógico e o digital, e em que os créditos (nomes dos autores das fotos inscritos nas fotografias publicadas) passaram a ser constituídos por, além do nome do autor da foto, pela inscrição *fotografia digital* (seria *esta fotografia*?, pois a que praticávamos (a analógica), tínhamos certeza que era). Não se trata,

6 Computadores utilizados no tratamento de imagem, vídeo e som. Foi o primeiro computador pessoal a popularizar interface gráfica.

7 Gisele Freund (1993) afirma que a origem da profissão é masculina devido à parafernália de equipamentos pesados com que os precursores do ofício tinham que carregar. Além de máquinas (caixas) para as viagens tinham que transportar os laboratórios de revelação.

agora, passados cerca de quinze anos, de se pensar em retroceder, pois se está frente a uma superação necessária, mas se trata de verificar o que está acontecendo com a produção fotográfica, cujos "avanços tecnológicos melhoram o rendimento, mas o seu uso desenfreado, sem ponderação, condiciona e atropela nosso tempo" (SALLET, 2010, p. 279).

Atualmente, os sistemas midiáticos estão imbricados na vida das pessoas. Mata (1999 *apud* MALDONADO, 2008) percebe os processos comunicacionais contemporâneos atravessados, condicionados e constituídos pelos sistemas midiáticos. Entendo o câmbio da Era analógica para a Era digital no fotojornalismo como superado do ponto de vista tecnológico, porém necessitado de um olhar questionador sobre as práxis que (re)significam a vida das pessoas.

Para entender a revolução simbólica representada pelo advento da Internet, a consequente mundialização do acesso ao conhecimento e a potencialização da democratização do acesso à produção de bens simbólicos a partir do digital no contexto midiático, está sendo necessário verificar, nesse primeiro momento, o que vem sendo produzido em termos de pesquisa em um contexto macro. Parto do pressuposto de que as mudanças ocorrem parcialmente, pois há um período – entre o analógico e o digital – em que os dois suportes entrecruzaram-se na fotografia. No que se refere às alterações do mundo do trabalho dos fotojornalistas, não ignoro o período anterior ao digital, pois muito daquela cultura – a cultura analógica – deixou marcas na cultura que a suplantou – a digital. Kuhn (1987) propõe a ciência como um produto histórico, daí a necessidade da abordagem contextual/histórica, ao mesmo tempo em que se pretende a ciência como geradora de novidades, das novidades que se nos apresentam nesse novo contexto digital. Preciso contextualizar esse fato, testar/experimentar/desenvolver técnicas para descobrir surpresas, pois a novidade emerge em vários momentos. Devo perceber metodologicamente o que se adequa, o que é pertinente, até chegar às especificidades do objeto fotojornalismo e investigar as mudanças que são vividas nas práticas das experiências atuais que redefinem as rotinas produtivas do fotojornalismo em convergência digital para multiplataformas.

3 Voltar-se para o objeto: olhares e atravessamentos

Ainda que muitos autores apontem a centralidade das questões que envolvem as tecnologias na pesquisa, de imediato é importante dizer que a proposta de pesquisa supracitada não pretende discutir as tecnologias propriamente ditas na fotografia, mas também não pretende ignorá-las, uma vez que, em primeira instância, são as próprias tecnologias que deflagram as rupturas/alternâncias nos sistemas produtivos, neste caso, do (foto)jornalismo. O que se pretende, através da vertente epistêmica transmetodológica, é problematizar e incorporar os métodos que são pertinentes ao objeto de pesquisa em sua especificidade, percebendo/admitindo que qualquer sistema que busca apreender a realidade inclui distorções na problemática, tanto teórica quanto operacional. Como ensina Bachelard (1981), não se capta a complexidade da realidade senão por um conhecimento que encontra obstáculos. Através de seu conceito de erro e retificação, o autor orienta que se vigie tudo o que se faz.

"O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade", conforme pontuou Milton Santos (2001) para tratar sobre o triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, do deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, de sons e de imagens. Para esse fim, parte-se do entendimento de fotografia digital como superação operacional necessária no atual contexto das rotinas produtivas. Concordo com Silva Júnior (*apud* SOSTER, 2009) para quem abordar a tecnologia analógica *versus* a digital seria constituir um falso problema. Dessa forma, parto da problematização dos afetamentos decorrentes das novas práticas na produção da fotografia jornalística.

Dentre as mudanças do impresso para o *on line,* e deste para outras plataformas digitais, o recurso fotojornalístico passa por uma revolução. Ainda que o *fazer* do fotojornalista siga afetado pela exigência das mídias em multiplataformas, uma das abordagens para esta pesquisa refere-se ao deslocamento da própria produção, quando o protagonismo das fotojornalísticas, principalmente as factuais, é potencializado

para qualquer um que esteja "na hora certa e no lugar certo"[8] com uma câmera na mão, pessoas cuja cultura já é midiática e que estão no lugar dos acontecimentos com uma câmera fotográfica de qualquer tipo, geralmente as câmeras compactas digitais amadoras, ou até mesmo as câmeras embutidas em telefones celulares. Essa produção confirma a natureza testemunhal fotográfica.

Lorenzo Vilches (2006, p. 163) reflete sobre essa forma de produção quando diz:

> A eficácia da imagem fotográfica (como a televisiva) reside em sua circulação. A dissolução do real e a dispersão da visão se multiplicam pela tendência a reduzir o ato fotográfico a uma operação do registro do real programado, despojado de sua contingência ontológica (a ontologia da imagem de André Bazin), reprimida por esquemas de representação que transformam insidiosamente o mundo numa imagem controlada, replicada, clonada. A eficácia da imagem digital extrai valor da forma de circulação mais que em sua relação com a realidade.

O fotógrafo amador e o leitor de jornal, cada vez mais antenados sobre os processos midiáticos (SODRÉ, 2002)[9], são agora requisitados pela própria mídia a colaborar como "repórteres-cidadãos" (BOWMAN; WILLIS, 2003; REBELO, 2006). Outra constatação/decorrência do ingresso das "câmeras" de fácil operação está na exigência, por parte de algumas empresas jornalísticas, de que também os próprios repórteres de texto fotografem, o que ocasiona reflexos no mundo do trabalho como a redução de vagas em algumas editorias de fotografia; para as empresas, isso reduz os gastos "extras" (como custos de viagem dos repórteres-fotográficos). Os profissionais repórteres de texto, então, operam a dupla função, isto é, além de escrever, passam a fotografar

8 Expressão cunhada por Henry Cartier-Bresson (1908-2004), considerado o "pai" do fotojornalismo moderno.

9 Muniz Sodré explica o fenômeno que chama de *bios* midiático, o qual, a grosso modo, fornece elementos sobre o fato de que as pessoas, por estarem bastante expostas à mídia, já adquiriram um bom grau de conhecimento a respeito dos processos que se operam nos veículos de comunicação, e já se colocam/participam como produtores dos *mass media*.

dentro de um contexto econômico mundial que está implicado num fenômeno chamado de *flexibilização,* mas que encobre a exploração (Karl Marx, 1948, já explicou isso).

Por vezes, o debate acerca dos dispositivos tecnológicos parece querer sobrepor-se ao debate sobre o sentido, a qualidade simbólica da imagem que vem sendo produzida a partir das tecnologias digitais. Luiz Carlos Lopes (2003) critica a centralidade dos objetos olhados sob o viés tecnológico. O autor, ao lado de Maria Imacollata Vassalo Lopes (2003) e Efendy Maldonado (2008), propõe que pensemos a epistemologia voltada para articulações e possibilidades de pesquisa no contexto brasileiro, já que os modelos norte-americanos e europeus não dão conta dos nossos objetos. Estamos tratando de uma conjuntura cujas práticas comunicacionais mudam aceleradamente, quando a dimensão digital ampliou o acesso a recursos de produção, economizando procedimentos, facilitando o exercício lúdico. A cultura da mídia inseriu as pessoas como produtoras. Há um atravessamento midiático no modo de vida das pessoas. Isso tudo é muito recente. Michèle e Armand Mattelart (2004) destacam a importância da reflexão epistemológica e da necessidade de distanciamento crítico para compreendermos as transformações nos sistemas de comunicação. Eles advogam sobre a importância da transdisciplinaridade que procura estimular uma nova compreensão da realidade complexa que nos cerca. Para a pesquisa que proponho, o campo da Sociologia deverá contribuir no sentido de lançar luzes sobre o mundo do trabalho.

Nesse momento em que busco a construção do objeto, devo olhar também para o contexto latino-americano na pesquisa, que se preocupa com a institucionalização, disciplinarização e transdisciplinarização do campo da Comunicação, buscar a própria definição da Comunicação como objeto de estudo. Nesse sentido, autores como Raúl Fuentes Navarro, Maria Imacollata Vassalo Lopes, Efendy Maldonado e Martín-Barbero serão apropriados para pensar/explorar teórico metodologicamente a pesquisa que se avizinha. Fuentes Navarro e Lopes (2001) nos sugerem que mais importante que reformular os produtos tecnológicos novos, ou as tecnologias como lógicas, devemos verificar as relações socioculturais entre os sujeitos e os sistemas. O conceito de

mediatização é fundamental para explicar a sociedade contemporânea (pós-industrial) sendo regida pela tendência à virtualização das relações humanas no contexto que Sodré (2002) chama de *bios* midiático.

Devo abordar o impacto da economia digital sobre o mundo do trabalho e sobre a cultura do fotojornalista em sua especificidade, percebendo que a mediatização implica um novo meio do sujeito no mundo, um *bios* específico, tecnocultural, onde os processos da comunicação na sociedade da informação, cuja multiplicidade de meios digitais permite que os sujeitos se instaurem como produtores/iniciadores/agentes na produção de sentido via fotografia. Em um contexto mais específico, interessa-me verificar a multiplicidade de sujeitos atuando como produtores e também a multiplicidade de produtos (fotografias) que estão sendo veiculadas em multiplataformas. Perceber o *sentido*, a produção do bem simbólico, o que está sendo captado e veiculado como bem simbólico, os valores-notícia (das fotografias) que estão agendando, seja um artefato construído, prospectivo, performático, ilustrativo, ou fruto de um acontecimento imprevisto.

Ainda em contexto micro, indagações (inspirada em HALLER, 1990) que merecem ser investigadas: *que tipo de afetação ocorre com a inundação de imagens o tempo todo*? *Que momentos importantes deixa de fotografar o repórter-fotográfico que em meio aos acontecimentos precisa transmitir as fotos para o on line*? *Fotos capturadas e enviadas às pressas são as mais significativas/representativas do evento/acontecimento*? *Em qual momento estaria à foto "boa" ou eficiente*? *E para o leitor do on line, qual imagem fica na memória? E como se dá a disputa pela fotografia dos leitores*? *Nesse ínterim, como fica a qualidade da imagem se capturada por "qualquer um"*? *O que é o factual no fotojornalismo, uma vez que para o jornalismo on line tudo é urgente*? *O que é valor-notícia de imagem*? *Para onde caminha o fotojornalismo*? Na especificidade da pesquisa que proponho, vou buscar os caminhos do virtual que só os meios digitais permitem dialogar, a fim de pensar o conceito de fotojornalismo na era digital, e o que está sendo validado como *valor notícia* de imagem em tempos de *webfotojornalismo*.

Ricardo Chaves, editor de fotografia do jornal *Zero Hora*, desde o período de minha pesquisa de mestrado, entre 2005-2006, e em en-

contros posteriores, vem confirmando a frequência cada vez maior de oferta de fotografias protagonizadas por leitores com pronta aceitação por parte da empresa jornalística. Ele chama a atenção para o fato de que, muito mais do que ganhar dinheiro com a venda da imagem, o leitor quer ostentar seu nome na fotografia (usufruir do crédito de fotógrafo). O Jornal *Zero Hora*, por sua vez, agradece a colaboração e prontamente recebe o material por entender que a foto jornalística acontece quando a oportunidade se apresenta, mesmo que seja a um amador. Isso é frequente também nos outros veículos impressos e *on line*, que se utilizam das fotografias de leitores, principalmente as factuais e imprevisíveis, e que são oferecidas à edição, na maioria das vezes, por e-mail e sem custos. Esse fato também justifica a tese de que a notícia mais curiosa é a nova, da qual ninguém falou ainda, afinal o jornal é feito de notícias em andamento e de notícias "frescas".

Um estudo nessa proposta necessariamente vai incluir uma tipificação das pautas fotojornalísticas que, ao incluírem o leitor como produtor, dividir-se-ão em mais tipos do que nos dois (pauta da agenda e pauta imprevisível) que, grosso modo, permearam as rotinas do fotojornalismo até o ingresso das tecnologias digitais. Uma pauta de agenda, por exemplo, também muda constantemente, e pode alterar o rumo da edição. Como nos disse Júlio Cordeiro, repórter-fotográfico de *Zero Hora*, durante a pesquisa de mestrado[10]: "estamos sempre em pauta"; o que significa que, uma vez em pauta, se está em constante movimento.

4 Considerações finais

A questão aqui proposta procurou estabelecer um possível diálogo entre um objeto de pesquisa em construção e as epistemologias da Comunicação, mais comprometida com a perspectiva da transmetodologia (MALDONADO, 2008). Percebo, tendo por base as premissas apresentadas, a necessidade de revisitar autores diversos que tratam

10 Histórias e "estórias" fotográficas: afirmação e rompimento das rotinas produtivas no fotojornalismo de *Zero Hora*. Dissertação de Mestrado. UNISINOS, 2006.

das tecnologias, das epistemologias e do paradigma digital de forma mais complexa. Acredito que, nessa busca, nos pontos em que meu posicionamento epistemológico for tensionado, haverá aprendizado, já que serei cada vez mais capaz de questionar minha posição como pesquisadora frente ao objeto, alocando-me e proporcionando melhor acabamento à pesquisa.

As fotografias chegam aos editores por diversas fontes: dos próprios repórteres-fotográficos contratados pelo(s) veículo(s), das assessorias de imprensa, dos leitores. Minha pesquisa estará substancialmente calcada na observação das rotinas produtivas dos editores/selecionadores das fotografias em todas as editorias dos veículos investigados (ainda por serem definidos). Devo observar/investigar, num primeiro momento, como (através de que canais/formas) as fotos chegam; acompanhar/observar (por períodos ainda por definir) os editores da editoria de fotografia e os editores do *on line*; e, em um segundo momento, os editores das editorias específicas do(s) veículo(s), para verificar como são os procedimentos/acordos/contratos de recebimento das fotografias, bem como os procedimentos/acordos/contratos nas escolhas das fotos que são publicadas e ofertadas por todos os lados aos/pelos(as) leitores(as). Também pretendo incluir entrevistas/observação dos repórteres-fotográficos para entender as afetações do *on line* na rotina do impresso e vice-versa, bem como o ingresso de outras fontes fotográficas no processo de produção, entre outras questões que surjam ao longo do processo. Deverei lançar mão de diferentes técnicas que se complementam entre si, para melhor falar sobre o objeto de pesquisa: observação participante, entrevistas em profundidade, análise de conteúdo, além do *making of* fotográfico, recurso por mim experienciado durante o mestrado, e que me permitirá, como diz Samain (2004), criar "laços de cumplicidade" entre foto e texto.

Desde o início da profissão como repórter-fotográfica, e também a partir dos autores que me iluminam nos caminhos e nos descaminhos da profissão, tenho ouvido falar na morte do fotojornalismo. Como nos lembra Gisèle Freund (1993), todo grande descobrimento técnico origina sempre crises e catástrofes, quando desaparecem velhos ofícios e surgem novos, quando novos nascimentos significam progresso, "aun-

que las actividades amenazadas por ellos se vean condenadas al naufrágio" (p. 35). O momento que estamos assistindo não significa morte, mas reconfiguração. Como orienta Alex Primo (2009), no prefácio de *Metamorfoses jornalísticas: a reconfiguração da forma*, de que não se pode pensar na morte de certo jornalismo, mas em metamorfoses. Esse fato não deve ser acompanhado com pessimismo, mas com pesquisa. Afinal, as fotografias jornalísticas são produzidas, todos os dias, e em grande quantidade.

Referências

BACHELARD, Gastón. **A epistemologia**. Lisboa: Ed. 70, 1981.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **Nosotros, el médio*:*** cómo las audiencias están modelando el futuro de las noticias y la información. The Media Center at The American Press Institute. Trad. Guillermo Franco M. Colômbia: El Tiempo (CEET), 2003. Disponível em: <www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1993.

FUENTES NAVARRO, Raúl; LOPES, M. I. V. (Comp.). **Comunicación, campo y objeto de estúdio**: perspectivas reflexivas latinoamericanas. Guadalajara, México: ITESO, Univ. Guadalajara, 2001.

HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**: Questões. São Paulo: EDUSP, 1990.

GORTARI, Eli de. "Dominio de la lógica" e "Estructura del conocimiento". In: **Introducción a La lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 11-43.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1971.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

LOPES, Luiz Carlos. Hermenêutica, teorias da representação e da argumentação no campo da Comunicação. In: LOPES, M. M. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. Brasiliense. São Paulo, 1984.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizatória em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios da prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 27-54.

MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios à prática investigativa. Editora UFPB, João Pessoa, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da Comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-77.

MATTELART. Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias.** São Paulo: Loyola, 2004.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 33-49.

NORRIS. Christopher. **Epistemologia:** conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRIMO, Alex. Prefácio. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino (Org.). **Metamorfoses Jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul-RS: EDUNISC, 2009.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos** – Revista de comunicação, cultura e educação. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, n. 8-9, primavera-outono de 2006.

RODRIGO, Miquel Alsina. **Los modelos de la comunicación**. Madri: Tecnos, 1989.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teoria e "estórias". 2. ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 27-33.

SALLET, Beatriz. **Histórias e "estórias" fotográficas:** afirmação e rompimento das rotinas produtivas no fotojornalismo de *Zero Hora*. Dissertação de Mestrado. UNISINOS, 2006.

SALLET, Beatriz. O educador não está preparado para trabalhar com o turbilhão da produção fotográfica digital. Entrevista com Miguel Chikaoka. **Revista Discursos Fotográficos**, v. 6, n. 9, p. 275-282, jul./dez. 2010. UEL. Londrina, PR.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma epistemologia do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política [Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v. 04]. Porto: Afrontamento, 2006, p. 47-85.

SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. Artigo publicado no jornal **Folha de São Paulo**, 11 de março de 2001.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO DA SILVA, Fernando (Org.). **Metamorfoses Jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel *et al.* **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

VILCHES, Lorenzo. Da prisão ao museu: criação de valor da fotografia na era da Internet. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 160-166.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

Para uma episteme da biografia:

uma reflexão sobre os atravessamentos epistemológicos do biográfico e o seu lugar no jornalismo

Karine Moura Vieira

1 Introdução

A investigação sobre a história de vida de alguém é uma aventura de dimensões e proporções imensuráveis. Quando se decide percorrer a trilha de uma existência, conhecê-la, tentar compreendê-la, o que se sabe – e isso é quase nada – é que há um começo, um fio de história que percorre um emaranhado de tramas de histórias alheias, reais, fictícias, possíveis, mas sempre sem um ponto final (VIEIRA, 2011). "Escrever uma vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender" (DOSSE, 2009, p. 11). Pois é esse mesmo desejo que nos leva à proposição de uma reflexão sobre o biográfico, pensando a existência de uma episteme da biografia, construída na transversalidade de campos de conhecimento que a atravessam, como a história, a antropologia, a literatura, a sociologia e também o jornalismo. Essa percepção busca apoio nas propostas de Norris (2006)

de um pensamento epistemológico que trabalha processos concretos, para além da ciência. No caso da comunicação, a epistemologia pode ser entendida como uma dimensão que atravessa o trabalho de pesquisa e também de produção, em diferentes níveis, vinculada a toda processualidade de conhecimento.

A ideia de pensar uma episteme biográfica constitui-se a partir da compreensão da epistemologia na processualidade do conhecimento (NORRIS, 2006; BACHELARD, 1971; JAPIASSU, 1991), na qual este é construído de forma progressiva, nas propriedades dos objetos, mediante modos de interação por métodos científicos e por experiências. Compreende-se aqui a necessidade de um exercício de problematização epistemológica sobre o fazer biográfico em um deslocamento reflexivo sobre algumas de suas aporias que são comuns aos campos que o atravessam. Entende-se que o avanço de reflexões sobre a biografia no jornalismo possa contribuir para compreensão de novas configurações e práticas dentro do campo, em um movimento de ampliação epistemológica numa perspectiva não de ruptura, mas de tensionamento de fronteiras dos saberes sobre o biográfico, buscando problematizar os apriorismos sobre o tema, os compreendendo como não definitivos e que devem ser submetidos à transmutação dos valores racionais (BACHELARD, 1971, p. 26). Isso se insere na percepção da comunicação como um campo de saber que se constitui na contemporaneidade pela multidimensionalidade de suas produções e práticas (MALDONADO, 2008) que se transformam tanto pelas mudanças tecnológicas, mas também pela intersecção e experimentação com outros campos, a partir dos seus sujeitos, como no caso o jornalista ao buscar um outro lugar de fala na apropriação de um gênero narrativo. Nesse aspecto, apropria-se da proposta de Eco (1979, p. 61) de pensar a pesquisa em comunicação a partir "de uma discussão construtiva que parta de uma objetiva tomada de consciência dos fenômenos".

O entendimento da biografia no jornalismo se situa na perspectiva de um caminho de transformações do gênero ao longo do tempo, a partir da contextualização desse fazer na idade hermenêutica[1] (DOSSE,

1 Dosse (2009) narra as mutações e as interpretações da biografia através dos séculos, na perspectiva das idades heroica, modal e hermenêutica. A

2009), quando a biografia é redescoberta pela história na plenitude das suas potencialidades interdisciplinares, como uma experiência de pesquisa e narrativa na contemporaneidade. O trabalho de pesquisa sobre a configuração da biografia no jornalismo apoia-se, ainda, na concepção transmetodológica (MALDONADO, 2008), na observação da inter-relação de fenômenos e práxis, como no caso do fazer biográfico, e na problematização do seu atravessamento por diferentes campos disciplinares.

> A transmetodologia, reconhece-se nesse processo, são as investigações concretas que constroem, reconstroem, renovam, ampliam e inventam conceitos. No caso das metodologias, vão ser os arranjos, as combinações as confluências e as estratégias concretas na sua configuração para resolver problemas que contribuirão para o avanço teórico do campo. […] o sentido dos conceitos compreende-se não só nas suas formulações discursivas, nas suas palavras e expressões, porém, principalmente, nas suas atividades heurísticas, nas operações de problematização que assume, na fabricação (invenção) de raciocínios inter-relacionados para configurar, analisar descrever, interpretar e formular problemas de conhecimento (MALDONADO, 2008, p. 47).

Nesse sentido, refletir sobre os referenciais biográficos e algumas de suas aporias contribui para o desenvolvimento dos estudos da biografia como gênero jornalístico, proposta inicialmente trabalhada na dissertação *O Desafio de Narrar uma Vida: a Crítica Genética no estudo da biografia como gênero jornalístico*[2]. Foram realizados estudos sobre a gênese biográfica e sua evolução como gênero com a utilização da Crítica Genética como metodologia, em um primeiro exercício de pensar

---

idade heroica contém a biografia dos modelos, da construção dos heróis, dos valores que permanecem por gerações; na idade modal, a biografia transpõe a singularidade do biografado e a sua individualidade passa a ser compreendida na contextualização do coletivo e a idade hermenêutica. O autor propõe uma evolução cronológica entre as idades, porém observa que os três tipos de abordagem "podem combinar-se e aparecer no curso de um mesmo período" (DOSSE, 2009, p. 13).

2 Dissertação defendida em março de 2011 na conclusão do curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

o desenvolvimento de uma episteme biográfica. As concepções sobre o biográfico vêm sendo construídas na transversalidade dos campos em que o gênero se manifesta. É importante salientar que o movimento realizado neste ensaio tem como premissa compreender o biográfico na sua construção transdisciplinar, ou seja, sem "destruir o conhecimento elaborado nos enquadramentos disciplinares" (MALDONADO, 2008) onde este fazer vem se constituindo.

Faz-se necessário entender a complexidade do biográfico, dimensionada no conflito entre o histórico e o ficcional que está no centro de estudos na história, na literatura, na antropologia, na psicologia, na sociologia e também na comunicação. Se na história questiona-se o método empregado no empreendimento biográfico, sua sustentação documental e a sua validade como reconstituição de época, na literatura suscita-se a discussão sobre o romance biográfico, a relação autor-personagem e a construção das identidades narrativas, a condução da narrativa e os limites da oficina criativa do biógrafo. Na antropologia, a problematização está na história de vida como método e na posição do pesquisador na interpretação e significação da história do outro sobre si, e como isso se configura em um contexto sociocultural. Nos estudos sociológicos, a indagação passa pela compreensão do fenômeno biográfico em uma amplitude social. Na comunicação, mais especificamente no jornalismo, toda a gama de aporias pertinentes aos demais campos faz-se presente, porém confrontada com princípios técnicos, deontológicos e epistemológicos do campo: os valores de credibilidade, verdade e objetividade do discurso jornalístico, bem como o processo de investigação sobre o biografado, com a apropriação de metodologias próprias de outras disciplinas, mas desenvolvidas e adaptadas às condições do campo, como o método de história de vida, a entrevista, e a pesquisa documental.

2 História de vida: do método à narrativa

A história de vida se faz e refaz no emaranhado de histórias alheias, nas idas e vindas do narrar memorial do biografado e daqueles

que com ele conviveram ou convivem. É por meio da memória que a existência individual se constitui como relato e, portanto, como narrativa e como história. Nesse sentido, entende-se a memória como um fenômeno de construção individual e coletivo, que implica, consequentemente, a constituição de um valor de identidade. Ricoeur (1991, p. 138) propôs que a noção de identidade narrativa seria o lugar ideal para o entrelaçamento das duas classes narrativas, a história e a ficção. O autor discute essa relação memória e narratividade na problemática das histórias de vida que ganham sentido, se tornam legíveis no momento em que são postas em narrativa e, dessa forma, tornam-se mediadoras entre a identidade e a sua interpretação. As histórias de vida trabalham na perspectiva de construção de uma identidade narrativa que se estabelece pela temporalidade, na busca pela manutenção dessa identidade do sujeito, apesar das mudanças ao longo da vida, o sujeito como devir. A noção do devir é fundamental dentro da episteme biográfica, pois o sujeito biográfico se faz e refaz em identidades nessa narrativa de reconstituição da história de vida. Uma dimensão paradoxal do biográfico é a noção de que esse biografado que se constitui na narrativa estará sempre entre a sua identidade mediada pela temporalidade, entre a sua permanência no tempo como sujeito pelo conjunto de hábitos, pelo seu caráter e pela busca de manutenção desse sujeito apesar das mudanças inevitáveis que acontecem ao longo da sua trajetória. Dessa forma, o sentido do devir é imanente à biografia. Para pensar essa questão é interessante observar como Deleuze (1974) trabalha o "puro devir" na explanação da teoria do sentido, na construção das suas séries de paradoxos.

> O paradoxo desse puro devir, com sua capacidade de furtar-se ao presente, é a identidade infinita: identidade infinita dos dois sentidos ao mesmo tempo, do futuro e do passado, da véspera e do amanhã […]. É a linguagem que fixa os limites […], mas é ela também que ultrapassa os limites e os restitui à equivalência infinita de um devir ilimitado. […] O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas (DELEUZE, 1974, p. 2-3).

O autor esclarece essa noção do puro devir ao entender que é por meio da linguagem que os limites entre as identidades na temporalidade se configuram. O conflito da configuração das identidades do biografado só se faz na possibilidade de formulação do relato de reconstituição sobre a história de vida. A biografia como gênero não é simples, não se enquadra, não se encaixa simplesmente em uma classificação. Híbrido, impuro, de fronteira, são alguns dos predicados que acompanham o gênero desde a sua constituição. O significado de narrar uma vida, ao mesmo tempo que define o gênero, expõe uma interrogação sobre o que é, de fato, a dimensão e a complexidade do conceito de história de vida. Ricoeur (1991, p. 190) explica que "as histórias vividas de uns são emaranhadas nas histórias dos outros. Partes inteiras de minha vida fazem parte da história de vida dos outros, de meus pais, de meus amigos, de meus companheiros de trabalho e de lazer". O biógrafo tem como problema montar um quebra-cabeça, um *puzzle* que é essa memorabilia do outro, um desafio constante.

Do campo das pesquisas qualitativas, a história de vida se apresenta como uma das estratégias de trabalho do método de investigação da história oral. A história oral é uma metodologia multidisciplinar na sua aplicação, onde a subjetividade do processo revela-se um valor, no que se refere à constituição da pesquisa social e, principalmente, na interação entre investigadores e investigados. O trabalho com histórias de vida traz na sua configuração como método de pesquisa a dialética relação objetividade/subjetividade. Esse conflito está no cerne das discussões metodológicas dentro das ciências sociais, onde o questionamento se dá na interferência do subjetivo no processo, para obtenção de resultados válidos dentro da pesquisa. Na sua análise sobre as ciências sociais e sua construção, Wallerstein *et al.* (1996) expõe que a noção de objetividade deve ser entendida de uma forma um pouco mais complexa do que apenas o desígnio de tentativas adequadas para se atingir um conhecimento acerca da realidade "empiricamente validado". A objetividade "pode ser vista como fruto do saber humano acumulado, representando simultaneamente a meta para que aponta a investigação sistemática e a prova mesma de que ela é possível" (WALLERSTEIN *et al.*, 1996, p. 130-131). Ou seja, a objetividade se estabelece na constru-

ção metodológica da pesquisa, nas reflexões, a interlocução com outros pesquisadores do campo, bem como no desenvolvimento dos dados obtidos.

A consideração da subjetividade na pesquisa não invalida a necessidade de uma vigilância para a construção desse conhecimento, em um constante questionamento sobre os elementos subjetivos dos modelos teóricos e metodológicos. Seguindo Gortari (1956), ao pesquisador cabe a permanente reflexão sobre os métodos, a compreensão do objeto nos seus mais distintos aspectos e ter no horizonte o caráter dialético da investigação. Evidencia-se aqui a experiência do pesquisador, no desenvolvimento do método e de como se colocar diante da pesquisa. Mills (1975) resgata a ideia de um artesanato individual para o trabalho do cientista social, que implica o gesto de trabalho em uma peça única, como uma experiência singular, revelando aí uma noção de autoria da pesquisa científica. Para o autor não há como fazer uma separação entre a pesquisa e as vivências do pesquisador.

Cáceres (1997) percebe a história de vida como um desafio, comparando-a a um "voo que não tem limites", para o qual a abertura para a experiência não pode estar pautada apenas pela busca e aplicação de uma técnica para posterior interpretação e construção da narrativa, mas, principalmente, pela compreensão do valor da subjetividade inerente ao processo de investigação. O estudo da história de vida tem como *leitmotiv* a interação entre os sujeitos, a experiência dos e entre os indivíduos e o processo de comunicação que se constitui. No processo de investigação social, a história de vida tem na construção do relato o vértice final e mais peculiar. Para o autor, é na construção do relato que a técnica revela seu potencial reflexivo e dialógico sobre a experiência que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado, um pacto entre ambos.

Na análise sobre a construção do relato na história de vida, Delgado e Gutiérrez (1995, p. 258) chamam atenção para a subjetividade como "o valor mais original, o fenômeno social que a história de vida permite que exista e circule por entre os sentidos de uma coletividade e uma época". Para os autores, o interesse pelas histórias de vida revela um sintoma biográfico, um fenômeno no qual o sujeito e sua trajetória

estão no centro de discussões sociológicas, históricas e midiáticas. Entre as dimensões desse fenômeno, está o desejo de compreensão das identidades contemporâneas, o contar e reconstruir a própria história que envolve a produção, a articulação e a circulação da memória individual e coletiva no tempo e no espaço.

Como bem define Cáceres (1997, p. 167), "o caminho da história de vida tem várias veredas que levam a ele". Para a reflexão sobre a existência de uma episteme biográfica impõe-se a exploração de questões que permeiam o fazer biográfico: a individualidade e a universalidade no contexto social do sujeito narrado e a (des)construção da sua identidade no tempo e no espaço, e a problematização dessas prerrogativas na construção do relato.

3 A "ilusão" do biográfico

Uma das críticas mais contundentes à biografia, a *Ilusão biográfica*, de Pierre Bourdieu (2006), trouxe à discussão as idiossincrasias do gênero nas ciências sociais, onde a problemática do lugar e da relação do sujeito e sua trajetória inscrita no tempo e no espaço estão além da questão retórica. O autor disseca as implicações da biografia, questionando a aceitação do postulado de que uma existência possa ser vista como um todo, indagando sobre o sentido do relato sobre si (autobiografia) e sobre o outro (biografia), da estruturação de uma lógica sobre a trajetória narrada, assim como a cumplicidade do biógrafo na interpretação do relato. O caráter ilusório da biografia residiria na impossibilidade de se conceber o relato sobre uma trajetória apenas, "como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito'" (BOURDIEU, 2006, p. 189). Ao discutir esses postulados biográficos, autor tensiona outro ponto relevante, que é a noção de trajetória como "série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações" (BOURDIEU, 2006, p. 189). Ele ressalta que essa trajetória não pode ser entendida como um fim em si mesma, mas

compreendida como integrada a um espaço social, interagindo com outros agentes envolvidos no mesmo espaço. A crítica com a problemática sociológica de Bourdieu expõe as fragilidades e vicissitudes do fazer biográfico e a construção da narrativa situa-se dentro de um período definido por Dosse (2009) como idade modal da biografia, na qual o seu fazer como possibilidade de escrita e pesquisa histórica é confrontado na ruptura epistemológica que conduz à perspectiva de que para o entendimento dos fenômenos é necessário buscar "esquemas explicativos que recorrem a lógicas puramente sociais" (DOSSE, 2009, p. 197), uma influência direta da visão da sociologia que, tem por base uma ontologia social.

> O que essa sociologia tenta esclarecer é um certo número de leis inatingíveis e causalidades fortes para demonstrar a legitimidade e a eficácia dessa nova disciplina tida como ciência independente. A partir desses princípios, a variedade humana, individual, deixa de ter pertinência e torna-se mesmo aquilo de que as ciências sociais devem se precaver (DOSSE, 2009, p. 198).

As questões de Bourdieu se colocam dentro de um regime de historicidade que, apesar de reconhecer a complexidade do biográfico, não a compreendia, isto é, entendia as aporias desse fazer como impossibilidades dentro de uma visão teórico/metodológica instrumental, positivista. A partir dos anos 1970, uma ampla reflexão no campo das ciências humanas trouxe uma nova luz para biografia, com uma abertura para o particular para a compreensão do total, com os avanços, por exemplo, dos estudos de caso e da micro-história. O indivíduo passa a ser visto também como protagonista na análise da história e das ciências sociais como um todo. "Um dos argumentos principais proferidos a favor do fim da exclusão de indivíduos das estruturas do saber foi das implicações potenciais que essa medida teria para a aquisição de um conhecimento válido" (WALLERSTEIN *et al.*, 1996, p. 83). Assim, os pesquisadores que trabalhavam com objetos permeados pela subjetividade ganharam um novo espaço na construção do pensamento científico, um processo de ampliação também de novas áreas e objetos

de investigação (WALLERSTEIN *et al.*, 1996), como no caso o fazer biográfico.

4 Sujeitos na construção do conhecimento

Entende-se que o desenvolvimento de uma "episteme biográfica" se faz na processualidade de um conhecimento sobre esse fazer, que se manifesta tanto na investigação pela história de vida, quanto como gênero narrativo. Nesse sentido, busca-se apoio na discussão sobre conhecimento trabalhada por Japiassu (1991) na estruturação das epistemologias, em que o autor apresenta a ideia do conhecimento em devir. "[...] só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer esse devir e em analisar todas as etapas e sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo" (JAPIASSU, 1991, p. 27). Gortari (1956) enfatiza a construção desse saber na processualidade do estudos do objetos científicos que, "aparentemente estáveis, passam por um câmbio ininterrupto de transformações e perda de validade, o qual, finalmente, apesar de todas as contingências mostradas e dos retrocessos transitórios, termina por produzir um desenvolvimento progressivo" (GORTARI, 1956, p. 18).

O biógrafo tem no seu ofício o labor incansável de objetivos intangíveis, no qual o saber contar a história de vida que lhe é objeto de desejo não basta. Contudo, esse desejo de escrever a vida de um personagem não pode suplantar a suas proposições de confecção da pesquisa. Wallerstein *et al.* (1996), na discussão sobre a exposição do sujeito dentro do processo científico, defende que ao pesquisador social e, no caso, ao biógrafo, cabe refletir sobre seu posicionamento na condução da investigação, sobre a proposição dos seus métodos e experiências, questionando os elementos subjetivos dos modelos teóricos, possibilitando o desenvolvimento de um conhecimento mais válido, relevante e útil (WALLERSTEIN *et al.*, 1996) na discussão sobre a exposição do sujeito dentro do processo científico.

Morin (1986), ao trabalhar os limites do conhecimento, reflete sobre a perspectiva do posicionamento desse sujeito pesquisador em relação ao objeto, pensando a relação "do empenhamento do conhecimento na existência e do empenhamento da existência no conhecimento". O autor enfatiza que a produção do saber traz essencialmente características individuais, subjetivas e existenciais, porém ao pesquisador cabe a vigilância de saber se deslocar da existencialidade no processo de investigação, buscando a verdade "para além do princípio do prazer", analisando a sua idiossincrasia intelectual e a significação das suas obsessões cognitivas (MORIN, 1986, p. 130). Para o biógrafo enquanto pesquisador, o horizonte do conhecimento sobre uma trajetória de vida não tange a verdade sobre a mesma, mas sim uma verdade possível a partir da investigação empreendida. No jornalismo, por exemplo, a noção de verdade passa pelo entendimento de uma graduação de certeza ou fiabilidade (SOUSA, 2002, p. 4), principalmente pela sua relação indireta com a credibilidade, uma vez que "por norma o jornalismo apoia-se em fontes (que são, para todos os efeitos, as suas fontes de verdade) cuja credibilidade nem sempre lhe será possível confirmar inteiramente" (SOUSA, 2002, p. 4). Verdade e credibilidade conformam com a liberdade e objetividade os valores balizadores do *ethos* jornalístico e orientam construção do conhecimento no campo.

4.1 O conhecimento e o fazer jornalístico

A problematização da construção do conhecimento na ciência e os seus sujeitos produtores, pode ser deslocada para a reflexão sobre o jornalismo como forma de conhecimento. Charaudeau (2007) trabalha a construção de sentidos na informação sobre os "saberes de conhecimento", a partir da ação do homem em tentar "tornar o mundo inteligível, colocando marcas num *continuum* de sua materialidade" (CHARAUDEAU, 2007, p. 43). Segundo ele, esse processo se dá na constituição do saber a partir das "escolhas da atividade discursiva", feitas pelo homem para contar esse mundo, que configuram "sistemas de interpretação do mundo, sem os quais não há significação possível"

(CHARAUDEAU, 2007, p. 43). Meditsch (1997, p. 4) propõe uma reflexão do jornalismo como forma específica de conhecimento: "o jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente". Essa característica pressupõe um rompimento com os paradigmas ideológicos e positivistas, propondo uma visão pelo viés da articulação do discurso, da intersubjetividade, da produção do conhecimento. O jornalismo tem uma forma própria e específica de articulação e entendimento, "capaz de revelar aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências [...]; incapaz de explicar por si mesmo a realidade que se propõe a revelar" (MEDITSCH, 2001, p. 15). O autor caracteriza o jornalismo como um gênero discursivo, inserido no processo de cognição social.

Distanciando-se da proposta de Meditsch, reflete-se na perspectiva dos estudos de Popper (1975) sobre a necessidade de várias dimensões do conhecimento objetivo, na proposta de circunscrição deste em três mundos – mundo dos estados materiais, dos estados mentais e dos objetos do pensamento – e a articulação entre eles. O jornalismo estaria inscrito no terceiro mundo, que é produto dos homens e que concentra a dimensão teórico-metodológica e considera lógicas produtivas e de pensamento como métodos, arranjos, com um grau de liberdade, mas condicionadas por um campo de pesquisa. Na observação da linguagem articulada, nas suas funções descritiva e argumentativa, se estabelece a crítica, instrumento principal de desenvolvimento desse terceiro mundo. "Só dentro de uma linguagem assim enriquecida é que a argumentação crítica e o conhecimento no sentido objetivo se tornam possíveis" (POPPER, 1975, p. 123). O saber jornalístico se revela na sua forma de contar a realidade, como o jornalista descontextualiza um acontecimento para voltar a recontextualizar em formatos informativos (RODRIGO ALSINA, 1989, p. 153). Para o autor, esse saber está determinado por peculiaridades do trabalho jornalístico. Ou seja, as rotinas de produção jornalística definem a construção dos produtos jornalísticos (WOLF, 2003).

Ao tratar da construção das notícias, Traquina (1999, p. 168) diz que elas "registram as formas literárias e as narrativas (*news frames*) utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento". Observa-se,

assim como em Charaudeau (2007), que para a construção da notícia pressupõe-se a existência de uma autoria do jornalista, uma intencionalidade do repórter enquanto produtor do relato e não como mediador. Essa presença do jornalista na construção da notícia acontece nas suas escolhas narrativas no processo de elaboração do relato. Na construção da notícia, o jornalista traz a sua percepção do fato, a sua noção do "real", um processo permeado por escolhas. Assim, a reportagem, enquanto gênero jornalístico, abre as portas para a percepção de que a presença de um autor na produção jornalística não traz uma deformidade para o ofício, mas um enriquecimento, principalmente pelo "esforço de interpretação" (MEDINA, 2008, p. 30). Para a autora, "o relato jornalístico, para obter o máximo de difusão, tem de ser eficiente: só uma estória bem contada pode aspirar ao êxito na comunicação social" (MEDINA, 1996, p. 225). Os apontamentos reforçam a necessidade do jornalismo de mesclar o saber do fazer e o saber do narrar, confluir a construção de métodos de produção com a construção de um relato que cumpra as condições do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2007).

5 A reportagem biográfica

Ao problematizar as características do jornalismo como gênero discursivo, Charaudeau (2007) propõe cinco elementos essenciais para pensar as regras do discurso jornalístico: "quem diz e para quem", "para quê se diz", "o que se diz", "em que condições se diz" e "como se diz". Nessa reflexão sobre a constituição da biografia no jornalismo enquanto gênero, propõe-se um olhar para o elemento "como se diz". Para Benetti (2008, p. 23), o "como se diz" faz referência "a uma série de estratégias discursivas, preocupadas fundamentalmente com a garantia do efeito de verdade e, por consequência, da credibilidade de quem enuncia". Pensar a biografia como gênero jornalístico encontra parte de sua problematização no elemento "como se diz", em que a objetividade do processo de produção deve caminhar junto com a subjetividade do saber narrativo. Nessa perspectiva, a biografia se aproxima da repor-

tagem como gênero jornalístico. Aqui se sustenta a ideia de uma reportagem biográfica a partir da classificação de "gênero de informação midiática"[3]. Nesse sentido, a reportagem biográfica está inscrita entre o acontecimento relatado e o acontecimento comentado, onde o procedimento de investigação lhe confere as "condições de credibilidade da finalidade de informação"[4] e as qualidades da estrutura narrativa do relato satisfazem "às condições de sedução da finalidade de captação"[5] (CHARAUDEAU, 2007, p. 221-222).

Vista dessa forma, a reportagem revelaria uma tendência "transgressora" e, ao mesmo tempo, aglutinadora, ao conceber, na sua constituição como relato, os signos da objetividade e da subjetividade, para sustentar a credibilidade e para estabelecer o pacto de captação do leitor. É na perspectiva de Charaudeau sobre esse limiar entre a objetividade e a subjetividade, inerente à reportagem e também à biografia, e nas afinações dos gêneros enquanto relatos, que se insere a proposta de reflexão da biografia como gênero jornalístico (VIEIRA, 2011).

6 Cruzada biográfica: entre o jornalismo, a história e a literatura

As biografias produzidas por jornalistas, na observação de alguns pesquisadores, tendem a ser vistas como uma produção ainda superficial do ponto de vista metodológico, como uma pesquisa de questionável valor documental e narrativo, e ainda por buscar um aperfeiçoamento na construção do como contar uma vida, pois estariam ligadas a mo-

3 Charaudeau (2007) propõe uma definição a partir de um cruzamento entre "o tipo de instância enunciativa, um tipo de modo discursivo, um tipo de conteúdo e um tipo de dispositivo" (CHARAUDEAU, 2007, p. 206).

4 "[...] condições de credibilidade da finalidade de informação (com formatos de investigações, de testemunho, de reconstituição detalhada trazendo a prova da existência dos fatos e da validade da explicação)" (CHARAUDEAU, 2007, p. 221).

5 "[...] dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador" (CHARAUDEAU, 2007, p. 222).

delos preestabelecidos, a alguns cânones biográficos[6]. Schmidt (1997), na sua análise sobre as aproximações entre jornalistas e historiadores na construção do gênero, cita a relação com as fontes de pesquisa, na qual acredita que o questionamento crítico sobre as circunstâncias dos documentos "nem sempre estão presentes nos trabalhos jornalísticos" (SCHMIDT, 1997, p. 5).

A falta de rigor metodológico também é apontada por Pignatari (1996), para quem as biografias escritas por jornalistas são romanceadas, marcadamente simbólicas, mais verbalistas do que verbais. "Pertence a esta categoria a quase totalidade das biografias escritas por jornalistas. Só há uma coisa que pode justificar e salvar essa categoria biográfica: é a *qualidade da signatura*[7], uma instância mais artística do que a ciência histórica" (PIGNATARI, 1996, p. 17). Entende-se aqui que as biografias produzidas por jornalistas não podem ser reduzidas a uma "fórmula teórica unitária", mas que se tornem objetos de pesquisa e que sejam submetidas a todas as verificações, nos estudos do jornalismo ou em outras disciplinas que queiram compreender o fenômeno na sua complexidade (ECO, 1979).

Nos estudos de comunicação no Brasil, a biografia ainda é um objeto a ser explorado, visto que se observa um movimento crescente de jornalistas aventurando-se pelo gênero. Essa fértil produção ganhou atenção na pesquisa de Vilas Boas (2002 e 2006), que se propôs a refletir sobre esse espaço ocupado pelos jornalistas. Na dissertação, Vilas Boas (2002) concentra-se na análise do modo de operação dos "jornalistas-biógrafos", em como aplicam os recursos jornalísticos e os de outras áreas (história, literatura, sociologia e psicologia) na narrativa biográfica. Já em sua tese, Vilas Boas (2006) deixa evidente que não acredita na possibilidade de uma biografia jornalística, e que ao longo da pesquisa essa hipótese se tornou "insustentável porque é imensa a variedade de

6 Os cânones da arte biográfica, segundo Dosse (2009), impõem-se ao biógrafo, como a ideia de que a biografia deve seguir "a ordem cronológica, que permite conservar a atenção do leitor na expectativa de um futuro que desvelará progressivamente o tecido da intriga [...]. A segunda regra é nunca descentralizar demais o herói da biografia, nunca fazê-lo desaparecer no pano de fundo" (2009, p. 56).

7 Grifo do autor.

intercâmbios possíveis entre diversas áreas que podem contribuir para o conhecimento do indivíduo humano e para a biografia em particular" (VILAS BOAS, 2006, p. 15). Dessa forma, opta por seguir na vereda da "multidisciplinaridade" inerente à narrativa biográfica e propõe o que chama de seis tópicos[8] para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico, paralelamente à experiência de discutir o biografismo e as suas proposições com o jornalista Alberto Dines, a quem "biografa".

No trabalho realizado durante a dissertação dessa pesquisadora sobre a biografia como gênero jornalístico, observou-se que no jornalismo as tensões sobre a biografia se apresentam sob a perspectiva dos conceitos e questionamentos internos do campo. O jornalista traz para a construção do projeto biográfico os referenciais epistemológicos do seu ofício. O "eu" jornalista dá lugar a um "eu" biógrafo, personalidade de identidade multifacetada que abriga o jornalista, o historiador e o escritor. Para o jornalista enquanto biógrafo, a biografia é um produto de consonância e dissonância entre o factual e o ficcional; e a subjetividade do relato e o como dizer esta narrativa se interpõem como imbricações conflitantes, como na historiografia. No jornalismo, essas tensões têm especificidades, mas que se assemelham às do historiador, como o valor de verdade que orienta a produção de um relato provido de objetividade, mas também de subjetividade, o trabalho com as fontes e a reflexão sobre o tratamento dado a elas. Tensões que atingem também o escritor, que se manifestam nas qualidades narrativas do relato e na escolha das estratégias para construir a narratividade.

Ao narrar e reconstituir a trajetória de um personagem, o biógrafo insere a sua obra na memória sobre esse indivíduo. A biografia se torna mais um dos lugares de memória (NORA, 1984) que compõem a trajetória do personagem, antes e depois de sua morte. A reconstituição de uma história de vida estabelece a identidade narrativa do indivíduo por meio da construção da identidade da história contada pelo biógrafo. Ou seja, a identidade da história é que faz a identidade

8 Os tópicos são divididos em quatro limitações filosóficas relacionadas ao modo de pesquisar e captar do jornalista: 1) descendência; 2) fatalismo; 3) extraordinariedade; 4) verdade. E duas limitações relacionadas ao modo de expressar; 5) transparência; 6) tempo.

do personagem. Entende-se que a identidade que se vê construída na narrativa do autor é algo que não é perene, mas evenemencial no devir da história de vida desse personagem que se faz e refaz a cada contar. Na concepção de uma identidade infinita definida por Deleuze (1974) constituída no paradoxo do devir, um vir a ser eterno que se estabelece a cada novo relato.

7 Considerações finais

Incompreendido, dialético, repleto de aporias, o fazer biográfico se mantém fascinante diante dos autores/pesquisadores, transversal e interdisciplinar como objeto de estudo, testando os limites da pesquisa, da narrativa e do interesse humano por contar de si, sobre si, de (re)(des)construir a vida. Aqui se trabalhou a reflexão de algumas das aporias do biográfico, mas propondo um tensionamento no campo jornalístico, lugar no qual a biografia vem se constituindo como um gênero narrativo. A perspectiva transmetodológica foi aqui adotada como orientadora da reflexão, em um esforço de pensar esse objeto de estudo na centralidade do campo jornalístico, distinguindo quais as problemáticas do biográfico nesse espaço de conhecimento (MALDONADO, 2008, p. 38).

A reflexão buscou observar as suas dimensões a partir da problematização da história de vida como método de pesquisa, da inscrição do biógrafo como pesquisador e da construção de um relato sobre uma existência na aproximação com a reportagem jornalística. Este ensaio de caráter exploratório sobre o tema se apresenta como um primeiro movimento de pesquisa que se fundamentou na ideia de pensar uma episteme biográfica, sedimentada na processualidade dos campos que a atravessam, com um deslocamento do biográfico para o jornalismo, observando um fenômeno que ainda carece de problematização pelo campo da comunicação, acompanhando as proposições de Eco (1979) de ampliar os limiares da pesquisa em comunicação e examinando como os fenômenos se configuram dentro do âmbito em que é possível realizar uma investigação concreta. Ao pesquisador que se debruça sobre as

idiossincrasias e vicissitudes do fazer biográfico – e talvez ao biógrafo caiba a mesma observação –, as impossibilidades que se apresentam não são limitadoras da investigação, mas sim novas possibilidades de pensar a pesquisa (BACHELARD, 1971). Compreende-se que a episteme biográfica está no desenvolvimento dos métodos de pesquisa sobre a trajetória de vida investigada, na reflexão sobre o posicionamento do biógrafo como pesquisador diante do objeto, e na configuração da narrativa sobre o biografado, como uma nova memória, um produto simbólico repleto de sentidos e significados que são deflagrados, também, na exposição desta pesquisa sobre uma trajetória de vida. Para o campo jornalístico, entende-se o fazer biográfico como um objeto fecundo para a reflexão sobre os limites da oficina do jornalista em um gênero híbrido, no qual os campos da literatura, do jornalismo e da história estão justapostos e contribuem para a convergência de um paradigma narrativo singular ainda pouco explorado pela investigação científica, bem como um novo lugar de fala desse sujeito.

Referências

BACHELARD, Gastón. **A epistemologia**. Lisboa: Ed. 70, 1971.

BENETTI, Márcia. O Jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia** (PUCSP), v. 15, p. 13-28, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CÁCERES, Luis Jesus Galindo. **Sabor a ti: metodologia cualitativa en investigación social**. Universidad Veracruzana, Xalapa. México, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GORTARI, Eli de. "Domínio de la lógica" e "Estructura del conocimiento", In: **Introdución a lógica dialética**. México: Fondo de Culura Económica, 1956.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. **Ciência e jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: jun. 2011.

_____. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: jun. 2011.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. São Paulo: Zahar, 1975.

MORIN, Edgar. **O método: vol. 3: o conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: Pierre NORA (Org.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984,v. 1, *La République.*

NORRIS, Christopher. **Epistemologia:** conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani. **Biografia:** sintoma da cultura. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **Los modelos de la comunicación**. Madrid: Tecnos, 1989.

SCHMIDT, Benito B. **Construindo biografias... Historiadores e jornalista:** aproximações e afastamentos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1997.

VIEIRA, Karine M. **O desafio de narrar uma vida:** a Crítica Genética no estudo da biografia como gênero jornalístico. Porto Alegre. Fabico/UFRGS, 2011.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo. ECA/USP, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel *et al.* **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em comunicação no século XXI

Caroline Casali

1 Considerações iniciais

A ciência compreende quatro principais dimensões[1]: epistêmica, teórica, metodológica e técnica. Dentre elas, a dimensão epistêmica ocupa lugar de destaque, por ser crítica, reflexiva e sem a qual as demais dimensões não produziriam mais que teorizações abstratas ou aplicações tecnicistas. Se nem todo o conhecimento é produzido cientificamente, a diferença do conhecimento científico para os demais consiste justamente no investimento sobre o olhar epistemológico, problematizando objetos, tensionando teorias e métodos e refletindo sobre as funções da pesquisa. Neste trabalho, trago questões concernentes a esse investimento epistemológico para as Ciências da Comunicação no século XXI, em que a comunicação complexificou-se pelo desenvolvimento tecnológico. Observo desafios epistêmicos e teórico-metodológicos a serem enfrentados pela pesquisa sobre uma sociedade que já domina o fazer-midiático.

1 Claro que quando se trata da ciência como instituição cabe considerar ainda as dimensões política e econômica no fazer-científico.

Para tanto, inicio justificando a existência de uma Epistemologia da Comunicação, uma vez que os próprios pesquisadores da área sequer tomam por consensual que a Comunicação seja ciência e, portanto, digna de uma epistemologia[2]. Depois, realizo apontamentos sobre o tensionamento entre teoria e objeto, sobre perspectivas metodológicas e acerca da vigilância epistemológica e, e em vias de conclusão, resumo algumas tendências para a pesquisa em Comunicação.

2 Por uma Epistemologia da Comunicação

Questionar a existência de uma Epistemologia da Comunicação não parece uma ideia absurda quando não há também uma definição acabada do que seria a própria epistemologia. Por vezes, toma-se a epistemologia como o conjunto de teorias acumuladas sobre determinada ciência, separando o sujeito-pesquisador do objeto investigado.

> Se a fim de saber por onde começar a epistemologia nos aponta a segurança do caminho sedimentado na definição de um domínio científico, a teoria apresenta-se como a decorrência de uma síntese epistemológica capaz de "explicar um grande número de fatos e assumida como hipótese verossímil (de verdade) pela maior parte dos especialistas de uma época", ou seja, entre epistemologia e teoria existe uma relação cognitiva que estabelece entre sujeito e objeto de conhecimento a construção de um patamar, ou melhor, de um paradigma de certeza e correção de rotas estabelecidas e trilhadas. Epistemologia seria, portanto, a teoria acumulada na história de uma área de conhecimento (FERRARA, 2003, p. 56).

Da mesma forma que Ferrara aponta a epistemologia como uma teoria acumulada na história, a palavra epistemologia é definida por

2 A discussão sobre a necessidade de uma definição precisa do objeto para que a Comunicação torne-se ciência foi empreendida no encontro do GT de Epistemologia da Comunicação na Compós 2011, apontando a divergência de pesquisadores sobre a existência da Ciência em Comunicação e de uma Epistemologia da Comunicação.

Cunha (*apud* DUARTE, 2003) como o estudo crítico de princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas e que visa a determinar os fundamentos lógicos, os valores, o alcance e o objetivo delas. Ora, quando se fala desses princípios regentes de uma ciência já constituída, se retira da epistemologia a força da ciência como ação, no olhar que o sujeito investe sobre os objetos, atualizando-os. Esse tensionamento é resgatado pela abordagem da epistemologia como conhecimento provisório em Japiassu (1979). O autor afirma que as epistemologias atuais centram-se na relação entre sujeito e objeto e, assim, a epistemologia não pode ser considerada um conjunto de ideias acabadas sobre teorias e métodos.

> Devemos falar hoje em conhecimento-processo e não mais em conhecimento-estado. Se nosso conhecimento se apresenta em devir, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer esse devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo (JAPIASSU, 1979, p. 27).

Corroboro com Japiassu (1979) no sentido de que a epistemologia tem por função o questionamento das relações existentes entre ciência e sociedade, ciência e instituições científicas, e entre diversas ciências. E é esse questionamento que faz da Comunicação uma ciência digna de epistemologia – afinal, olhamos para o nosso fazer-ciência e para o conhecimento provisório que produzimos. Quando empreendemos o olhar sobre qualquer que seja o objeto comunicacional, o fazemos atualizando determinadas experiências e perspectivas teórico-metodológicas e, dessa forma, realizamos já um investimento epistemológico.

Considerando então que construímos ciência no olhar que empreendemos cientificamente sobre a sociedade, devemos levar em conta o caráter dinâmico de uma sociedade que vem dominando, cada vez mais, os processos midiáticos. E, assim, não podemos definir a priori um objeto em definitivo para as Ciências da Comunicação – seu objeto

é justamente uma construção do sujeito-pesquisador. Maia & França (2003) preocupam-se com a polêmica em torno do objeto da Comunicação dizendo que não cabe nem reduzi-lo aos processos midiáticos, nem a outras interações simbólicas, mas salientando a importância em "construção e delimitação de um objeto de conhecimento: ao tipo de problema construído/recortado pela análise comunicacional" (MAIA; FRANÇA, 2003, p. 188). As autoras pensam na questão do objeto refletindo sobre a importância da comunidade científica para organizar o campo. Para elas, "o conhecimento se constrói com a cooperação de muitos estudiosos em um dado campo do saber e também com as condições institucionais que intervêm na efetiva produção e pertinente avaliação desse saber" (MAIA; FRANÇA, 2003, p. 190). A abordagem comunicacional dos fenômenos é necessariamente híbrida e, nesse sentido, mesmo a constante fragmentação dos estudos em Comunicação pode ganhar viabilidade científica diante do diálogo entre os pesquisadores.

Prado (2003) também visualiza essa fragmentação dos objetos em nossa área e afirma que qualquer discussão acerca da pesquisa em Comunicação no Brasil deve tomar em conta que se trata de um campo emergente, com inúmeras correntes discordantes sobre o que seja a própria Comunicação e, assim, seria o investimento que o pesquisador faz sobre o objeto que o torna um objeto comunicacional.

> É preciso também salientar que em nosso campo no Brasil não é unívoco o conceito de "comunicação". Um especialista na área que seja habermasiano, deleuziano, baudrillardiano ou semioticista (de várias áreas), teórico da recepção, da agenda setting etc., certamente teria visões muito diversas do que seja "comunicação" (PRADO, 2003, p. 145).

Essas discussões sobre objetos, teorias e metodologias compõem já uma Epistemologia da Comunicação, que não pode ser reduzida a um conjunto de princípios e hipóteses que regem o fazer-ciência, mas que se caracteriza pelo próprio olhar para a Comunicação como ciência. A Epistemologia da Comunicação compreende a reflexão sobre o campo, sua relação com a sociedade e os tensionamentos de teorias e

metodologias na investigação dessa relação, tal como aponta Navarro (2003).

> Entendo que a expressão "Epistemologia da Comunicação" refere-se a uma dimensão constitutiva, interna, fundamental, do próprio campo acadêmico da comunicação no qual refletimos como agentes qualificados e interessados nela, independentemente de que de outras perspectivas possa referir-se a um questionamento imanente, exterior ou pretensamente "superior", realizado por outros (NAVARRO, 2003, p. 19)[3].

Enfim, o objeto da comunicação é de natureza complexa e extremamente dinâmico, demandando pluralidade teórico-metodológica. Logo, não nos cabe a redundância de discutir em que medida as Ciências da Comunicação se constituem como tal. Devemos sim discutir a forma como fazemos pesquisa em Comunicação, investindo em reflexões epistemológicas, principalmente concernentes à relação entre o sujeito-pesquisador e o objeto pesquisado, ou seja, à relação do investigador com a investigação. É sobre isso que trato nos tópicos que seguem.

3 Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em Comunicação

Inicialmente cabe considerar que reproduções de retóricas, empirismo abstrato e teorizações rasas não são exclusividades dos estudos em Ciências Sociais e não podem desqualificar a Comunicação como ciência. A produção de conhecimento exige um trabalho cuidadoso e rigoroso em qualquer área, bem como maus pesquisadores são encontrados em todas as ciências. Japiassu (1979) adianta que enquanto

3 Traduzido pela autora do espanhol: "entiendo que la expresión 'Epistemología de la Comunicación' refiere a una dimensión constitutiva, interna, fundamental, del propio campo académico de la comunicación en el que reflexionamos como agentes calificados e interesados sobre ella, independientemente do que desde otras perspectivas pueda referirse a un cuestionamento inmanente, exterior o pretendidamente 'superior', realizado por otros".

pesquisadores devemos investir em problemáticas e não em perguntas simples, daí deriva o conhecimento científico – da construção realizada nos questionamentos com métodos.

É esse tensionamento entre objeto e teoria na construção de uma boa problematização que apresento no subtópico *Tensionamento teoria/objeto: o investimento no olhar*. Além disso, cabe ao pesquisador investir em uma pluralidade metodológica que permita dar conta dos objetos complexos em Comunicação e não obedecer a matrizes analíticas que pouco fazem os resultados das pesquisas avançarem em relação às hipóteses cogitadas, questão que abordo em *Sobre a Interdisciplinaridade e a Transmetodologia*. Por fim, trato da eterna vigilância epistemológica que deve perseguir cada pesquisador, de forma a manter seu espírito questionador com sua própria pesquisa e não assumi-la como teoria definitiva, em *Para uma vigilância epistemológica*.

3.1 Tensionamento teoria/objeto: o investimento no olhar

Bachelard (1971) afirma que um problema não resolvido é um problema mal posto; uma vez que construímos problemas com série de incoerências, teremos problemas em caminhar com eles durante a pesquisa. Nesse sentido, ressalto a importância em construir bons problemas, para que o entusiasmo com o empirismo não recaia em reduções a atividades laboratoriais e as teorizações em pesquisas abstratas.

> Não podemos ter a priori nenhuma confiança na informação que o dado imediato pretende fornecer-nos. Não é um juiz nem sequer uma testemunha; é um réu e um réu que acabamos por convencer do engano. O conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão. Não podemos, pois, continuar a ver na descrição, mesmo minuciosa, de um mundo imediato, mais do que uma fenomenologia de trabalho exatamente no mesmo sentido em que se falava outrora de hipótese de trabalho (BACHELARD, 1971, p. 16).

Construir um bom problema de pesquisa consiste em não considerar apenas a visualização de objetos imediatos e não ficar restrito

a descrições. Contudo, a consideração do empírico, principalmente quando se trata de objetos comunicacionais, é essencial. O Círculo de Viena[4] empreendeu discussões nesse sentido, refletindo sobre a fundamentação epistêmica do que estamos pesquisando e considerando que experimentar não é só exercício de laboratório, mas é principalmente importante uma experimentação mental. Para o Círculo, a separação entre método científico e transcedental deve ser revogada em favor de um método empírico.

Ainda sobre a separação entre empírico e teórico, vale lembrar a trajetória de pesquisa de Adorno. Ele, que vinha da lógica dedutiva alemã – em que prevalecia o eruditismo –, ao chegar a América, criticou os estudos empreendidos nos Estados Unidos por acreditar que se tratava apenas da coleta de dados em benefício da indústria radiofônica. Contudo, o contato com a pesquisa norte-americana de caráter administrativo contribuiu para que Adorno percebesse a pesquisa empírica não como algo que nega o edifício teórico-metodológico, mas como prática que pode enriquecer a pesquisa teórica. Ao analisar sua passagem pelos Estados Unidos, o próprio Adorno concluiu que, a partir dali, não seria exagerado dizer que toda consciência que não se apropriasse da experiência, mesmo que com repugnância, possuiria caráter reacionário. Assim, ele revê até mesmo a pesquisa que empreendia no Instituto de Pesquisas Sociais, na Alemanha, e que definiu como de caráter especulativo.

> Somente nos Estados Unidos, experimentei deveras o peso do que significa empiria, por mais que, desde cedo, me guiasse a consciência de que o conhecimento teórico fecundo só é possível em estreito contato com seus materiais (Materiallen). Pelo contrário, na forma do empirismo transportado à práxis científica nos Estados Unidos, eu tive de aprender que a amplitude total, não regulamentada, da experiência, vê-se reduzida pelas regras de jogo empiristas a limites mais estreitos que aqueles

4 O Círculo de Viena constitui-se por um grupo de filósofos austríacos que, no início do século XX, foi organizado informalmente em Viena e fundou o Positivismo Lógico, sistema filosófico que dizia que o conhecimento tem valor de verdade quando com vinculação empírica. Este sistema foi uma reação à filosofia idealista e especulativa que prevalecia nas universidades alemãs.

> que impõe o próprio conceito de experiência (ADORNO, 1995, p. 177-178).

Da mesma forma, por vezes temos o preconceito de que "descemos" ao campo, tomando o empírico como algo negativo à ciência, quando na verdade o que temos de objetivo em Comunicação é construído justamente no olhar que investimos sobre os objetos empíricos. Braga (2008) é um dos pesquisadores que corrobora com essa necessidade de tensionamento, trabalhando a comunicação como uma disciplina indiciária.

> Com uma dupla preocupação, de construção do campo comunicacional por desentranhamento de seu objeto, diretamente no âmbito da sociedade, e de busca de espaço no qual se desenvolvam articulações entre realidades específicas e geração teórica, os estudos de caso e o "paradigma indiciário" de Carlo Ginzburg parecem compor um modelo epistemológico bem ajustado a necessidades da área (BRAGA, 2008, p. 4).

Braga toma de Ginzburg a ideia de que formas de saber indiciárias constituem-se em "uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios" (GINZBURG *apud* BRAGA, 2008, p. 7), e afirma que os estudos de caso, nesse sentido, "se prestam particularmente à produção de conhecimento nas condições atuais de constituição da disciplina" (BRAGA, 2008, p. 5), justamente por terem como uma de suas finalidades gerar conhecimento rigoroso e diversificado sobre uma pluralidade de fenômenos que são intuitivamente percebidos como de interesse para a área.

Contudo, alguns riscos devem ser observados quando se trata de estudos de caso em Comunicação. Diante de objetos empíricos tão dinâmicos, essa modalidade de análise pode levar à dispersão das pesquisas. Além disso, é comum que teorias de áreas afins à Comunicação e que se põem como auxiliares de nossa pesquisa exerçam o que Braga (2008) chama de atração desviante, de forma que investiguemos questões concernentes a outras áreas e não nos detenhamos no problema comunicacional. Cabe observar também se o caso estudado não serve apenas como pretexto para confirmar uma teoria já adotada como ab-

soluta pelo pesquisador ou se o caso é trabalhado somente na apreensão empírica da coisa singular, caracterizando-se como uma pesquisa essencialmente descritiva.

Para minimizar essas preocupações, Braga (2008) aponta o paradigma indiciário como encaminhamento e afirma que é preciso atentar a dois níveis diferentes de percepção: primeiro, devemos perceber o próprio indício, ou seja, devemos observar que um dado aparentemente irrelevante pode ser significativo; em seguida, podemos fazer inferências, desenvolver relações. O trabalho com esses níveis de percepção deve ser de tensionamento mútuo, através de idas e vindas entre teoria e objeto. O indiciário não corresponde, então, a privilegiar exclusivamente o empírico; a base do paradigma não é colher e descrever indícios, mas selecioná-los e organizá-los para fazer inferências. É só a partir do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que podemos inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizem o caso.

O tensionamento da teoria pelo objeto não tem o sentido de negar a teoria, mas visa complementá-la com o olhar sobre o real; bem como não se trata também de investir exclusivamente em estudos empiristas, mas de ultrapassar o nível da proposição abstrata, buscando perceber manifestações teóricas em casos específicos. Maldonado (2003, p. 214) destaca que "a práxis cientifica exige realizar pesquisas concretas, problematizadas em profundo vínculo com o real, situando tanto o teórico quanto o empírico como problema a construir e não como repetição de fórmulas ou preceitos generalistas e vácuos". Nesse sentido, métodos devem ser problematizados, teorias devem ser tensionadas com objetos empíricos e os resultados dos estudos devem ser propositivos para novas pesquisas.

Ora, se a pesquisa estritamente empirista não passa de descrição detalhada dos objetos, enquanto que estudos baseados exclusivamente em reflexões teóricas podem caracterizar-se como abstrações, reside no tensionamento contínuo entre teoria e objeto a construção de um conhecimento científico efetivo; por isso, devemos vencer o preconceito de que o empírico vale menos que o teórico e usar esse tensionamento constante na produção da Ciência em Comunicação.

3.2 Sobre a Interdisciplinaridade e a Transmetodologia

Com a certeza da necessidade de ir além das aparências de objetos imediatos para compreender as conjunturas comunicacionais, bem como considerando o tensionamento entre teoria e o objeto como essencial à construção do conhecimento científico, pensemos em um segundo desafio epistemológico: como trabalhar metodologicamente nossas pesquisas.

Lopes (2003a) afirma que os objetos da pesquisa em Comunicação assumiram certo grau de centralidade na sociedade pelo próprio desenvolvimento tecnológico, e que o grande desafio epistemológico, diante disso, seria o de propor âncoras teóricas e metodológicas que dessem conta dessas aparências e essências da comunicação. Também Maldonado (2008) aponta uma série de conjunturas que demandam um outro olhar metodológico sobre os objetos em comunicação. Para o autor, as práticas culturais comunicacionais mudam aceleradamente em afinidade a transformações tecnológicas e a cultura da mídia reconstitui as relações sociais, sendo assim, "essa realidade multidimensional, multicontextual, dinâmica, multicultural e bárbara exige a formulação de estratégias e modelos metodológicos adequados ao desafio de compreender sua complexidade" (MALDONADO, 2008, p. 29). Para o autor, uma vez que a comunicação complexificou-se, a realização de pesquisas sistemáticas demonstra a necessidade de abordagens metodológicas multifocais, em vez de operações de aplicação de um só método sobre qualquer objeto.

Japiassu (1979) já criticava os sistemas relativamente coerentes de pensamentos generalizados, apontando-os como verdadeiros obstáculos à ciência. Corroboro com o autor no sentido de que a ciência é ato, que se faz na prática e, diante disso, há que se superar os métodos demandados a priori, porque o arranjo metodológico deve acontecer de acordo com os objetivos, problemas e objetos de cada pesquisa. Há que se retomar, assim, o cuidado com a variedade metodológica e, nesse sentido, cabe repensar a interdisciplinaridade. Japiassu (1979) retoma a reflexão de Piaget sobre a necessidade de que as pesquisas sejam feitas

por uma equipe interdisciplinar capaz de realizar uma colaboração entre as disciplinas e entre os setores heterogêneos de uma ciência.

> Todavia, convém que se distinga um enfoque meramente "multidisciplinar", de que dependem as aproximações concretas, das pesquisas propriamente "interdisciplinares". Estas, segundo Piaget, exigem um nível de abstração muito elevado, pois trata-se de extrair das ciências humanas, por exemplo, os seus mecanismos comuns, e não somente algumas colaborações episódicas e sem integração metodológica (JAPIASSU, 1979, p. 52).

Concordo que quando Piaget trabalha a interdisciplinaridade parece pensar a ciência e o progresso do conhecimento deslocando-os de seu caráter político/discursivo, ignorando a ideia de que a ciência não é pura, mas estamos, nós cientistas, condicionados a sistemas auto-organizacionais, com suas regras e pressões políticas e econômicas. Ainda assim, Piaget traz questionamentos que interessam às Ciências da Comunicação. Devemos considerar, por exemplo, que por vezes nossos estudos olham para os objetos como se eles estivessem postos na sociedade – não se reflete sobre o conhecimento que construímos na interação sujeito/objeto, que é dinâmica – e, assim, as metodologias utilizadas em sua análise não passam de matrizes previamente escolhidas, sem a exploração devida do objeto como constructo e a consideração do transdisciplinar.

O Círculo de Viena também aborda a questão metodológica tratando da necessidade de aplicação de métodos críticos e analíticos, e falando em métodos no plural, e não em um método único, exclusivo. Métodos analíticos dizem respeito ao exercício da análise, com a obrigação de descrever o fenômeno (ao contrário da crítica especulativa, que não analisa, não descreve, só crítica a partir de argumentos formados por meio de especulação). Cabe pensar que só podemos analisar aquilo que empiricamente foi organizado pelo pesquisador: primeiro removemos os pseudoproblemas (que podem ser construídos em termos de jogos de linguagem) e depois empreendemos métodos analíticos.

Não devemos temer nem a variedade e nem a mudança de métodos, afinal é ao mudar de métodos, que a ciência torna-se cada vez

mais metódica (BACHELARD, 1971). O autor fala da necessidade de diversidade metodológica, de forma que nós, cientistas, nos desviemos de métodos em suas características regulares, como rotinas e manuais, porque a lógica do método está sempre em reformulação de acordo com nosso objeto. Se nossos problemas em comunicação são problemas múltiplos, de multidimensionalidades por natureza, essas problemáticas adquirem riqueza quando analisadas sob multimétodos.

O conhecimento em Ciências da Comunicação implica em reconstrução, em arranjos próprios. Uma alternativa metodológica para esse exercício constante de reconstrução e rearranjo é a proposta da Transmetodologia (MALDONADO, 2008). Diante da geração múltipla de produtos culturais digitalizados, Maldonado entende que o desafio epistemológico demanda o aprofundamento e o desenvolvimento de concepções e estratégias metódicas de caráter transmetodológico, ou seja, uma linha de pesquisa metodológica que procura trabalhar visualizações epistêmicas, concepções teóricas, desenhos e estratégias metodológicas, operacionalizações técnicas, combinando-as com o que a história, a filosofia, a sociologia, a psicologia e a lógica da ciência oferecem para realizações férteis.

> Uma opção epistêmica que permite configurar alternativas enriquecedoras de investigação é a linha (concepção) estratégica transmetodológica que se caracteriza por: confluência de métodos; entrelaçamento de lógicas diversas (formais, indutivas, para-consistentes, abdutivas, experimentais e inventivas); estruturação de estratégias, modelos e propostas mistas, midiáticas, que inter-relacionem os vários aspectos das problemáticas comunicacionais (MALDONADO, 2008, p. 29).

Ora, uma vez que os processos de comunicação são de caráter multidimensional e multicontextual é justo que empreendamos pesquisas que deem conta dessa pluralidade. Lembrando que, de acordo com Maldonado (2008), o transdisciplinar não consiste em destruir o conhecimento elaborado em outros campos, em outras disciplinas, mas em alimentar-se de diferentes disciplinas (lógicas, métodos e redes teóricas). O transdisciplinar, assim, atua na realização do disciplinar,

porque estabelece atravessamentos, convergências e reformulações teórico-metodológicas.

Como exemplos de pesquisas que exploram o transmetodológico temos estudos que, preocupados com os efeitos de determinada mídia em certos públicos, por exemplo, não optam de antemão por análises de conteúdo ou entrevistas com grupos focais, mas vão traçando a metodologia de acordo com a exploração do problema de pesquisa, do que vai sendo visualizado a partir da própria investigação, sem medo de alterações ou complementações de método. Esse exercício de reajuste e exploração deve ser constante na pesquisa científica que se pretenda de caráter social; deve ser rotina para os pesquisadores que estejam preocupados mais com os resultados alcançados e sua relação com a sociedade do que com a construção de extensos currículos.

3.3 Para uma vigilância epistemológica

Além da preocupação com a metodologia, os cientistas devem cultivar outros desafios, dentre eles, o exercício de olhar para os mesmos objetos com diferentes percepções e de vigiar sempre seu fazer-ciência. É sobre essa vigilância epistemológica que me debruço neste subtópico.

Ao revisar a obra "Epistemologia da Comunicação", em que Lopes (2003b) organiza 19 textos de renomados cientistas brasileiros sobre a epistemologia para as Ciências da Comunicação, nos deparamos com uma série de apontamentos sobre a importância que o pesquisador deve atribuir a seu próprio fazer-pesquisa. Bachelard (1971) já indicava a necessidade de uma vigilância epistemológica, em que o pesquisador identifica em sua prática de pesquisa o que está errado e busca implementar mecanismos metodológicos para superar os obstáculos apresentados. Essa vigilância pode passar por várias práticas, que não são difíceis de serem executadas.

A primeira delas é realizar a pesquisa da pesquisa ao iniciar uma investigação, buscando não repetir pensamentos já trabalhados, mas sim dialogar com as pesquisas existentes sobre o mesmo objeto que se pretende investigar. Maldonado (2003) expõe a necessidade da pesquisa da pesquisa, não em termos de relatórios, mas como uma investigação

da investigação que é requisito para a estruturação das comunidades científicas de Comunicação.

> A pesquisa da pesquisa propõe-se numa perspectiva epistemológica histórica/genética/construtiva/política que problematiza os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna – sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções – e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas (MALDONADO, 2003, p. 206).

A pesquisa da pesquisa evita redundâncias em investigações, pode suscitar novas metodologias e contribui na proposição de resultados sobre a análise de objetos semelhantes. E o acesso às pesquisas de outras instituições, outros grupos ou até de pesquisadores próximos é facilitado pelas ferramentas da Internet. As inovações trazidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) criam novas possibilidades de trocas entre cientistas, sobretudo na divulgação dos resultados de suas pesquisas. As TICs diversificaram as ferramentas utilizadas por pesquisadores para se comunicar com seus pares e a Internet, principalmente, amplia o alcance e o potencial de cada texto e garante maior flexibilidade, interação e autonomia dos pesquisadores que podem produzir, publicar e fazer uso do conhecimento de forma imediata (BARRETO, 1998).

Outra questão digna de revisão, no que tange à vigilância epistemológica, é a necessidade de que o pesquisador pergunte-se em que medida seus resultados avançam em relação às hipóteses – e constroem, assim, um conhecimento efetivo. Existem pesquisas que tem hipóteses iguais as conclusões, ou seja, passamos anos investindo em uma pesquisa que nada constrói de conhecimento novo. Isso acontece porque, por vezes, cientistas lidam com projetos como se seu objetivo principal fosse comprovar suas teses a todo custo e não questioná-las. A preocupação maior, nesses casos, é com a construção de currículos, com espetáculos performáticos frente aos colegas de pesquisa ou com a obtenção de fomentos. Quem sabe resida aí uma das barreiras ao conhecimento novo (que resolva problemas visualizados socialmente). Japiassu relembra a preocupação de Bachelard com a produção de um conhecimento pautado em construção e não em espetáculos.

> Da vertente científica da obra de Bachelard, devemos reter que a ciência não é representação, mas ato. A noção de espetáculo precisa ser eliminada. Não é contemplando, mas construindo, criando, produzindo, retificando, que o espírito chega à verdade. É por retificações contínuas, por críticas, por polêmicas, que a Razão descobre e faz a verdade. Para a ciência, o verdadeiro é o retificado, aquilo que por ela foi feito verdadeiro, aquilo que foi constituído segundo um procedimento de autoconstituição (JAPIASSU, 1979, p. 69).

Bachelard (1971) fala da necessidade em dispersar uma matriz de pensamentos que nos leva a resultados quase prontos, pré-planejados. Da mesma forma, não é raro nos depararmos com pesquisas acadêmicas que trabalham muito mais o que Braga (2006) aponta como tendência à leitura de nossos autores preferidos do que observações sistematizadas. Para o autor, "uma parte significativa da crítica acadêmica é feita antes para confortar perspectivas abrangentes sobre a mídia ou sobre determinados meios do que para ampliar o conhecimento sobre produtos e processos específicos" (BRAGA, 2006, p. 48). O grande problema dessa limitação residiria no fato de a crítica, nesses casos, não alimentar significativamente o debate social sobre a mídia, enquanto que o mais relevante no trabalho da crítica seria justamente a possibilidade de contribuir com "critérios diversificados, procedimentos e 'vocabulário' para que os usuários da mídia exerçam e desenvolvam sua própria competência de seleção e de interpretação do midiático, e para que participem com eficácia do debate social sobre a mídia" (BRAGA, 2006, p. 48). Ora, se a pesquisa acadêmica já foi fundada mais por uma vaidade do pesquisador do que por uma necessidade social, não se estranha que seus resultados sirvam mais a carreiras acadêmicas que a contribuições para a sociedade. Maldonado expressa sua preocupação com esse conhecimento vazio dizendo que "é triste ver a riqueza dos pensamentos degradada a espetáculo perfomático, de expressão de vaidades; desfiles de operadores semânticos vazios carentes de conteúdo vivo, de pesquisa, de configurações lógicas sérias" (MALDONADO, 2003, p. 39).

No mesmo sentido, Santos (1989) afirma que o conhecimento produzido pela comunidade científica não deve ser para consumo interno, ao se tratar de um "conhecimento produzido a partir de objetos

empíricos que se situam fora da comunidade científica e que, depois de produzido, se destina a ser descontextualizado e, depois, recontextualizado" (SANTOS, 1989, p. 156). Não vemos com frequência essa preocupação com a geração de conteúdo para o debate social ou com a recontextualização das pesquisas desenvolvidas nas Ciências da Comunicação. Mas percebemos, por outro lado, uma urgência na alimentação de currículos com pesquisas rasas, que repetem metodologias, e que frequentemente se apresentam como teorias absolutas. É urgente que as Ciências da Comunicação encontrem vias mais efetivas de diálogo dos seus estudos com a sociedade, afinal os congressos de divulgação científica são frequentados pelos próprios acadêmicos e as revistas acadêmicas pouco circulam entre membros da comunidade não científica.

Em não raros momentos, temos a sensação de que o fim da ciência tem se esgotado nela mesma, como se o propósito maior dos investimentos científicos fosse a legitimação das próprias investigações e de seus pesquisadores – e não o bem comum, a reflexão social, ou a democratização da Comunicação. Santos (1989), ao tratar da necessidade de dupla ruptura epistemológica[5], utiliza-se da preocupação de Wittgenstein (*apud* SANTOS, 1989, p. 121) em sentirmos que "mesmo depois de serem respondidas todas as questões científicas possíveis, os problemas da vida permanecem completamente intactos", como se a acumulação de conhecimento *sobre* o mundo pouco tivesse produzido em conhecimento *do* mundo. A vigilância epistemológica é a rotina que visa minimizar essa inquietação, pois sua reflexão e prática faz com que o pesquisador preocupe-se mais com um conhecimento científico efetivo, sempre novo e sempre provisório, e que sirva mais à sociedade e menos a constituições de carreiras acadêmicas.

4 Em vias de conclusão: algumas tendências para a pesquisa em Comunicação

Sem a pretensão de que tenhamos chegado a definições precisas do que seja a Comunicação, podemos falar em uma Epistemologia

5 No livro *Introdução a uma ciência pós-moderna*, publicado em 1989.

para a área, porque nos debruçamos frequentemente sobre esse conhecimento provisório que estamos produzindo. Constituímos Ciências em Comunicação e, nela, devemos ser responsáveis por pesquisas sérias, rigorosas e preocupadas com a construção de um conhecimento novo, ético e em consonância com a sociedade. Diante disso, e frente aos temas discutidos neste trabalho, realizo agora alguns apontamentos de tendências para a pesquisa na área.

Inicio salientando a importância da pesquisa da pesquisa antes de empreender uma investigação e também no decorrer dela. O constante tensionamento entre teoria e objeto também é essencial aos estudos em Comunicação, afinal, é a partir de apropriações do real em suas peculiaridades que podemos produzir inferências mais universais. Nesse sentido, os estudos de casos, tais como apontados por Braga (2008), são alternativas para a análise dos objetos em suas circunstâncias de comunicação como ponto de partida para teorizações mais amplas.

No que tange diretamente a decisões metodológicas, devemos ter em mente que a reformulação de metodologias não é um atraso à pesquisa e não pode soar como erro, mas como adequação feita pelo cientista que se preocupa com o conhecimento construído mais do que com prazos e demais burocracias ao entorno das instituições. Se os objetos da Comunicação são dinâmicos, devem ser tensionados às teorias e analisados em suas particularidades, e é preciso também pensar em metodologias que deem conta dessa dinâmica. A meu ver, a proposta da Transmetodologia, de Maldonado (2008), aparece como alternativa a uma interdisciplinaridade que, em termos institucionais, parece utópica, e resgata a pluralidade de métodos e maneiras para olhar um mesmo objeto. Falar em Transmetodologia não consiste em trabalhar com a aplicação de técnicas, mas em pensar em estratégias, lógicas e métodos para cada pesquisa em sua conjuntura e de acordo com suas características.

Nesse sentido, ainda, e diante de uma preocupação frequente com o conhecimento, é urgente que nos questionemos de que forma nossas pesquisas contribuem socialmente e podem, de certa forma, retornar à sociedade – ao senso comum. Aponto como uma oportunidade de circulação social de nossas pesquisas justamente o retorno dos

estudos às instâncias investigadas. Por exemplo, se estudamos os efeitos de sentido de certa produção midiática por que não apresentar os resultados aos próprios produtores de mídia, de forma que o conhecimento que produzimos possa ser testado e discutido com a instância a quem realmente interessa o estudo?

Enfim, acima da discussão sobre a existência das Ciências da Comunicação deve estar a análise do nosso comprometimento com a pesquisa produzida; devemos atentar primeiro à problematizações que interessam à sociedade, tensionar nossos objetos com as teorias, adequar metodologias à complexidade dos processos em comunicação e, por fim, avaliar se os resultados das pesquisas servem mais aos interesses sociais ou às burocracias das instituições científicas – eis a vigilância que se espera do pesquisador contemporâneo.

Referências

ADORNO, T. **Palavras e sinais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1971.

BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, 1998.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia:** dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, v. 1, p. 73-88, 2008.

DUARTE, E. Por uma epistemologia da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 41-54.

FERRARA, L. D. Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 55-68.

JAPIASSU, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

LOPES, L. C. Hermenêutica, teorias da representação e da argumentação no campo da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a, p. 163-186.

LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003b.

MAIA, R, C. M.; FRANÇA, V. V. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 187-204.

MALDONADO, A. E. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das Ciências da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 205-225.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. do (Org.). **Perspectivas metodológicas em Comunicação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 27-47.

NAVARRO, R. F. La produción social de sentido sobre la produción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 15-40.

PRADO, J. L. A. O campo da comunicação e a comunicação entre os campos na era da globalização. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 135-154.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

2ª PARTE

Propostas teórico-metodológicas para a pesquisa em comunicação

Trilhas sobre os processos comunicacionais do corpo

Nísia Martins do Rosário

1 Introdução

O corpo humano não tem se revelado como objeto de pesquisa em evidência na área da comunicação no Brasil. Em outros períodos essa temática já foi mais abordada – talvez por modismo, talvez por relevância. Contudo, o que se pode ter certeza é de que esse não é um assunto esgotado para o campo.

Uma navegação no banco *on line* de teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – órgão do Ministério da Educação do Brasil) permite constituir um panorama geral acerca das pesquisas sobre essa temática[1]. Digitando-se as palavras-chave *comunicação* e *corpo* aparecem 248 teses (desde 1987), sendo que somente cerca de 40% são específicas do campo e, dessas, a grande maioria foi realizada no Programa de Pós-graduação de Comunicação e Semiótica da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Tendo em vista tratar-se de um período de 24 anos, uma das conclusões a que se pode chegar facilmente é que há poucas teses sobre corpo na área da comunicação. Outra consideração importante é que as pesqui-

1 Consulta feita em junho de 2011.

sas sobre o tema têm um ponto de origem predominante que é trilhado pela semiótica.

Essa pesquisa exploratória permite notar, também, que corpo e comunicação assumem relevância em outras áreas de investigação como a saúde, a educação, a psicologia, a antropologia, a arte. Tais interesses fazem com que esses assuntos se tornem elementos de interdisciplinaridade. Além disso, numa primeira olhada sobre as temáticas, nota-se que são poucas as pesquisas do campo da comunicação que fazem o recorte do corpo sobre as mídias – o que não seria de se esperar, tendo em vista o midiacentrismo que rege as investigações na área de comunicação. Por outras palavras, há uma boa parcela de preocupação sobre as potencialidades do corpo no mundo extramidiático.

Entende-se que esse exame superficial – que leva em conta a produção de pesquisas sobre o corpo, os focos escolhidos, as áreas de concentração dessas investigações – suscita de imediato um questionamento sobre a relevância de pesquisas sobre o corpo. Contudo, é preciso apontar que, apesar da disposição para essas tratativas, o objetivo pontual dessa abordagem, como se verá mais adiante, é o de trazer ao debate dois conceitos, ainda incipientes, que vieram à tona durante pesquisas desenvolvidas nos últimos anos: *corporalidades* e *redes de significação*. Ambos estão vinculados à semiótica e a estudos sobre o corpo na comunicação. Trilha-se, portanto, pelos processos de semioses que se articulam em redes de significação, como caminho para desvendar a complexidade que pode alcançar o estudo das corporalidades na comunicação.

2 Corporalidades

Para dar início à abordagem sobre corporalidades, entende-se como relevante recuperar duas questões que atravessam, de entrada, esse conceito e que já são bastante discutidas, mas necessitam de um posicionamento por parte da comunicação. A primeira delas diz respeito à abrangência do próprio campo e a segunda tem relação com a problematização necessária do conceito de corpo que tem permeado o âmbito da comunicação.

As pesquisas em comunicação no Brasil podem seguir muitos caminhos, mas em diversos períodos percebe-se a predominância das interfaces com disciplinas afins[2] como semiótica, filosofia, sociologia, educação e artes. Ao que parece, no Brasil, o recorte predominante são os meios de comunicação de massa (internet, cinema, televisão e mídia impressa), contudo, quando o foco das investigações é o corpo esse resultado não se apresenta da mesma forma, percorrendo os caminhos extramidiáticos. Para além disso, as investigações sobre corpo na comunicação parecem buscar interdisciplinaridade estreita com a semiótica, a antropologia, a moda, o design, a cultura.

Entender a importância do corpo como objeto de estudo da comunicação, num primeiro momento, não parece ser difícil, mas requer que se traga à tona aquilo que é efetivamente comunicacional nas corporalidades. Por outras palavras, é preciso estabelecer através de que relação e por meio de quais processos o corpo torna-se relevante como objeto de estudo da comunicação. De forma simples e direta – e um tanto reducionista – se pode responder que o propriamente comunicacional do corpo é a sua capacidade de gerar significação, produzir mensagens, promover trocas simbólicas, sendo um meio da expressão humana e colocando em processo a criação e a semiose. No corpo convergem linguagens verbais e não verbais, seja numa instância primária, secundária ou terciária[3]. Sobretudo aqueles que consideram a comunicação uma habilidade exclusivamente humana têm que reconhecer a primordialidade do corpo nesse processo.

Contudo, uma das perspectivas sobre a abrangência do campo da comunicação que alcança algum consenso é aquela que se centra sobre os meios de massa. Esse enfoque, entretanto, é bastante limita-

---

2 Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.Org.br/index.php/famecos/article/viewFile/3260>. Acesso em: 3 jul. 2011.

3 Os estudos de Baitello Júnior (2005; 2010) retomam as tratativas de Harry Prost sobre mídias primárias, secundárias e terciárias. O autor explica as mídias primárias como o primeiro suporte da comunicação: o corpo. As mídias secundárias, como aquelas que permitem usar objetos fora do próprio corpo para a comunicação (suportes materiais não eletrônicos); já as mídias terciárias surgem com o advento da eletricidade e se compõem, portanto, de meios eletroeletrônicos.

dor, apesar da sua relevância. À medida que a comunicação restringe a relevância de seus estudos, funções e conceitos a esse espaço – complexo por natureza, sem dúvida –, ela tende a constituir-se num subcampo: o das mídias. Considere-se aqui que, apesar de todas as discussões acadêmicas sobre o conceito de mídia, a tendência predominante é tratá-la centrada nos meios de comunicação de massa. Desde a modernidade não é possível desconsiderar a sua importância para a comunicação humana, no entanto o desprezo pela comunicação extramidiática não apenas circunscreve o campo, como também reforça o poder dos meios de massa e coíbe possíveis linhas de fuga desse domínio.

Entre tantos autores que trazem contribuições importantes nesse sentido, Hillis (2004) retoma duas interpretações contrastantes acerca da comunicação apontadas por Carey – a comunicação como transmissão de informação pelo espaço; a comunicação como ritual e manutenção da sociedade no tempo – para observar que elas não estão em dimensões opostas. Para Hillis (2004), as tecnologias da comunicação, sobretudo as mais atuais, trazem potencialmente as duas perspectivas, configurando-se como espaço, mas também como tempo. Essas colocações permitem entender que mesmo quando se trata de meios de massa o entendimento de comunicação não pode se constituir mais como, "ou...ou", mas, sempre que possível como, "e...e...e", ou seja, deve assumir a dimensão das multiplicidades.

Uma das perspectivas das multiplicidades pode ser entendida na via da duração, nos termos de Bergson (2006). Suas considerações se desenvolvem sobre o questionamento da maneira como o tempo é tratado pela ciência e pela filosofia, ou seja, predomina o ponto de vista da espacialização do tempo por influência até mesmo da língua, "nossa inteligência, que procura por toda parte a fixidez, supõe *post factum* que o movimento *aplicou-se sobre* esse espaço" (BERGSON, 2006, p. 8-9). Para o autor, noutra via, o tempo (qualitativo e, portanto, não cronológico) é mobilidade, vivência, continuidade, ou seja, é a própria mudança e, portanto, duração. Por isso, a duração é fluxo, nela haveria "criação perpétua de possibilidade e não apenas realidade" (BERGSON, 2006, p. 15), um caminho para a virtualidade.

Deleuze (1998, p. 27) explica a duração como algo que vai além da experiência vivida, "é também experiência ampliada, e mesmo ultrapassada". Nessa via, a duração se conecta com a virtualidade e essa com a subjetividade, enquanto que o objetivo se atrela à matéria e à atualização. "Bergson quer dizer que o objetivo é o que não tem virtualidade – [...] tudo é atual no objetivo [...] a matéria não tem nem virtualidade nem potência oculta" (DELEUZE, 1998, p. 30). Se é possível afirmar que atualizar é agir, em certa medida, é admissível dizer que atualizar é materializar.

Aplicando as noções de virtual e de atual às corporalidades poderíamos afirmar que o virtual é o modo de ser do corpo, a sua duração, enquanto o atual é o modo de agir do mesmo. A partir da primeira noção pode-se, na duração das corporalidades, organizar sua memória e seus conceitos, ou seja, sua virtualidade; com base na segunda noção podem-se vislumbrar os modos de atualização das corporalidades, ou seja, os modos através dos quais elas agem e se manifestam na comunicação.

Assim, a posição preliminar assumida nesse artigo é de que o campo da comunicação na inter-relação com as corporalidades se configura no espaço e no tempo, na transmissão e no ritual, no midiático e no extramidiático.

Reconhece-se que são inúmeras as entradas possíveis para abordar o corpo como objeto de estudo da comunicação, contudo esse artigo se vale sobretudo da semiótica para esse fim. A semiótica auxilia a pensar o objeto da comunicação na sua relação como os processos de significação e não na sua relação com as mediações técnico-materiais dos meios de massa. Ao mesmo tempo, permite focar nos diversos processos de semiose que se configuram nos fluxos comunicativos da atualidade em variados níveis e, assim, comporta o âmbito do virtual e do atual.

Por outro viés, ao colocar o corpo como primeiro suporte dos textos culturais e dos processos comunicativos, Prost, de acordo com Baitello Júnior (2005), desconstrói a noção de mídia na sua relação estrita com os meios de massa, expandindo seu conceito. Baitello Júnior (2010, p. 8) observa que essa opção propõe a "ampliação dos limites de abrangência do campo da comunicação". Para Prost o corpo sempre é partícipe do processo comunicativo, independentemente da complexi-

dade da mediação. Assim, consolida-se um espaço de investigação e relevância para a comunicação interpessoal, gestual, olfativa, oral, gustativa.

> Tal ampliação do conceito de mídia oferece um notável desafio para os estudos da comunicação humana hoje, deslocando esse campo do saber para um novo patamar, mais complexo, exigindo a inclusão de fatores bioetológicos tanto quanto psico-antropológicos, ao lado dos indispensáveis componentes sociopolíticos e econômicos (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 63).

Alguns argumentos de Zecchetto (2003) auxiliam ainda a configurar a transdisciplinaridade entre semiótica e comunicação. Para ele, primeiro vivemos e nos comunicamos, e depois refletimos sobre seus sentidos. Assim, a semiótica é uma ciência que depende da realidade da comunicação. Além do mais, a semiótica, ao averiguar a estrutura dos signos e a validade que podem ter nas percepções culturais, procura "enfrentarse con explicaciones teóricas que den razones coerentes de esos fenómenos que involucran la comunicación humana" (ZECCHETTO, 2003, p. 19).

Pelo que foi tratado até aqui, não se pode negar que o entendimento da noção de corpo na comunicação, por um lado, está ligada à concepção da abrangência do campo. Por outro lado, a semiótica auxilia a construir uma perspectiva fundante para o estudo das corporalidades na comunicação.

No que se refere à configuração de um conceito de corporalidades, deve-se levar em conta, num primeiro momento, que tal ideia pode apresentar uma série de limitações pelo fato de, nesse âmbito, se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. Assim, o corpo seria entendido apenas como objeto mediador.

O ponto de vista que restringe o corpo comunicacional ao físico tem parte de sua *episteme* ligada a um conceito de corporificação vinculado ao entendimento modernista, à organização dual da sociedade, capaz de criar classificações de forma binária, assimétrica e polarizada. A semiótica da cultura, através de Bystrina (1995), explica essa estrutura básica dos códigos terciários organizada pela dualidade, baseada na observação do mundo físico como primeira realidade e em consonância

com códigos também binários, estruturados a partir de oposições, a começar pela *vida e morte* – e que está diretamente associada ao corpo. Assim, surgiram oposições binárias básicas como saúde/doença, direita/esquerda, consolidando ainda espírito/matéria, mente/físico. Tais dualidades operam sobre a assimetria, sendo o polo negativo percebido sempre como o mais forte. Isso determina receios em relação ao polo negativo: a morte, a doença, a esquerda, o físico. Esse último, aliás, foi diretamente associado ao corpo e sempre relegado em favor da mente e, portanto, considerado menos importante. Tal forma de organizar o mundo dominou o pensamento e o desenvolvimento da nossa cultura e, portanto, dos processos de semiose.

A contribuição maior da semiótica da cultura, entretanto, não é explicar essa forma de funcionamento dos códigos terciários, mas a solução simbólica criada para superar as assimetrias. A superação das binariedades, segundo Bystrina (1995), pode se dar de várias formas como: um processo de identificação dos dois polos; a configuração de oposições pluriarticuladas; a inversão de polos opostos; a união dos polos por elementos intermediários. É nesse âmbito que parece se encontrar um caminho para construir um conhecimento comunicacional-cultural do corpo que não o restrinja ao entendimento construído sobre o polo negativo do físico. Pelo ponto de vista da articulação dual, o corpo operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo; já pela perspectiva da superação das polaridades, os polos mente/corpo, alma/físico entram em inter-relação, ou se constituem em pluriarticulações, ou são invertidos. Isso leva a entender que as corporalidades se realizam como código terciário e, portanto, como comunicação nas inter-relações e nas pluriarticulações de elementos. Nessa via, o corpo assumiria complexidade maior nos estudos da comunicação.

As multiplicidades que articulam as corporalidades também aparecem em Hillis (2004, p. 222), quando observa que os corpos humanos são um intrigante suporte para a teoria:

> Eles abarcam a dicotomia erigida entre natureza e cultura, sendo que seus espaços tanto são influenciados pelas relações sociais quanto influencia as formas que essas relações sociais

> podem assumir. É de causar perplexidade até que ponto os teóricos têm relutado em olhar para nossos corpos como meios poderosos de oposição ao poder preponderante liberado pela dicotomia natureza-cultura.

Na mesma via defendida pelo autor acerca da comunicação, o corpo não deve ser entendido apenas como espaço, reduzido economicamente a um sítio, deve ser considerado nas suas particularidades e pluralidades, em seus rituais. Assim, o corpo que interessa ao autor não é aquele que se opõe a mente cartesiana, mas o que se compõe com ela e busca a utopia. Dessa forma, separar corpo e sujeito equivale a separar desejo e significado. À medida que esse corpo-sujeito utiliza a linguagem para se comunicar, afetar e ser afetado, detecta-se, na linguagem, o modo de transcender a existência e alcançar a humanidade relacional.

Essa percepção mais abrangente acerca do corpo, associada ao que já se estudou em outro momento sobre audiovisualidades e corpos eletrônicos (SILVA; ROSSINI, 2009), permite conceber as corporalidades como engendradoras de uma dimensão complexa, que alimenta e é alimentada por outras dimensões, constituindo inter-relações constantes de tensão e distensão. Assim, elas se configuram numa esfera de virtualidade (BERGSON, 2006) que potencializa estéticas, discursos e devires de cultura de diversas ordens. Dessa maneira, busca atualizações em rituais, interações sociais, vivências cotidianas, bem como em espaços mediados tecnologicamente. Em acréscimo, esse conceito tem potencial para se vincular aos processos de significação, considerando seus diversos espaços/tempos e organizações discursivas.

As corporalidades podem assumir variadas conformações discursivas e entende-se que suas dimensões de relevância se configurariam em três principais: estética, discursiva e cultural.

As abordagens consideradas relevantes para o conceito de corporalidades se constituem, também, ao serem atravessadas pela semiose peirceana, uma vez que, ao considerar a produção do interpretante e, consequentemente, a necessidade de um sujeito afetado pelo signo, permite uma aproximação do processo de comunicação. Ao prever a constituição de uma cadeia de significação – um signo que leva a outro signo – a semiose também está antecipando a impossibilidade do

emissor ter controle sobre essa série de eventos interpretantes. Assim, é admissível afirmar que, mesmo que se consiga organizar e sistematizar linguagens, não é possível controlar os resultados dos discursos. O mais relevante, entretanto, para a abordagem desenvolvida no item "redes de significação" (a seguir) é o fato dessa cadeia sígnica estar em constante processo de atualização e virtualização.

Aceitar a percepção e a interpretação como parte do signo implica em não levar em conta apenas as linguagens e os discursos, mas elementos como contexto, cultura, códigos, arcabouço semântico, competências interpretativas. Ao inserir a mente interpretante na semiose, está, automaticamente, se colocando no processo um sujeito que interpreta. Isso implica admitir a complexidade da semiose ligada à multiplicidade de desdobramentos oferecidos por ela, bem como às imprevisibilidades no desencadeamento do processo e às transgressões possíveis.

3 Redes de significação

A complexidade almejada pelo conceito de corporalidades que se busca desenvolver leva a que se reflita, igualmente, sobre os modos pelos quais a comunicação pode tratá-lo. Um dos caminhos apontados é o da teoria da mídia de Harry Prost em que o corpo se compõe como mídia primária. Contudo, ele não para de ser objeto de estudo da comunicação quando entra na dimensão das mídias secundárias e terciárias, precisa ser pensado em seus processos de semiose nesses diversos âmbitos. Dessa forma, quer se afirmar que os sentidos do corpo vão se compondo tanto na comunicação interpessoal quanto naquela que é mediada pela técnica e pela tecnologia, num processo que organiza uma cadeia de significações, ou seja, semioses por meio de diversos percursos e diferentes movimentos. Por outras palavras, sendo o corpo um elemento que permeia todo o processo comunicacional, ele se constitui em substância fundante desse processo. Entender a comunicação requer o entendimento das corporalidades.

Para Lotman (1999, p. 41): "o espaço semiótico aparece como uma intersecção em vários níveis de vários textos, que unidos vão for-

mar um determinado estrato, com complexas correlações internas, diferentes graus de tradutibilidade e espaços de intradutibilidade". Nessa via, é necessário apreender as corporalidades nessas redes de composição de significados que vão se atualizando no cotidiano, nos meios técnicos, na cultura, de acordo com os contextos e as competências dos sujeitos envolvidos na comunicação. São as criações e composições simbólicas sobre as corporalidades que passam a interessar à comunicação e são os códigos terciários que compõem os pontos de encontro, os platôs dessas redes de significação.

Há algum tempo, se entendia que o melhor conceito para configurar o estudo das corporalidades na comunicação era o de rede discursiva, que não é uma noção nova, usada não apenas na comunicação, mas também na pedagogia, na psicologia, entre outras. A maioria das noções sobre rede discursiva, entretanto, estão fortemente vinculadas a Foucault (1979; 1987) e a seu conceito de formação discursiva; ao mesmo tempo, sempre ligadas ao processo de significação, de semiose. Há elementos valorosos na abordagem de Foucault que se prestam bastante para construir o conceito de redes de significação, os quais serão abordados a seguir.

A formação discursiva, conforme Foucault (1987), se constitui numa "massa enigmática" constituída pelos enunciados de um determinado campo e pelas relações que se estabelecem entre eles. Para os interesses do presente debate o campo discursivo sobre o qual se enuncia o corpo assume a abrangência tanto do verbal quanto do não verbal e tem características, portanto, dessa massa enigmática.

De acordo com Foucault (1979), existem duas ordens de práticas empíricas que recobrem a realidade, cada uma com seu modo de organização: as discursivas e as não discursivas ou a *dizibilidade* e a *visibilidade*. A primeira está focada no uso de signos, com vistas a toda e qualquer atividade envolvida com a expressão, criando modos de falar e fazer falar. As práticas discursivas, assim, estariam vinculadas às leis, aos códigos, aos enunciados estabelecidos pelas convenções institucionalizadas ou informais. O segundo conjunto de práticas, as não discursivas, afeta diretamente o corpo e as coisas, configurando-se num plano de ações mudas, que o autor chama de visibilidades e que criam modos de

ver e de fazer ver. Assim, colocam-se de um lado, as ações vinculadas às enunciações e, de outro, as ações mudas. Os dois planos são autônomos, mas se constituem numa relação de reciprocidade, contudo não se organizam em categorias claras ou em conceitos de contornos definidos, abrigam a dispersão e as divergências. O jogo realizado entre essas duas ordens de práticas empíricas gera os valores do signo. Numa perspectiva mais voltada à semiótica, entretanto, pode-se considerar uma maior abrangência do conceito de discurso, englobando tanto as *dizibilidades*, quanto as *visibilidades* de Foucault.

A noção de rede discursiva (Foucault) permite entender como um enunciado é construído a partir do encadeamento de múltiplos discursos. Ou seja, um enunciado se relaciona também com enunciados anteriormente produzidos. O discurso nunca é único e fechado, mas se constitui nessa rede. A perspectiva do autor, contudo, se liga fortemente às questões do poder e entende-se que as cadeias semióticas que configuram as corporalidades são mais complexas ainda, percorrendo discursos de poder, mas também dimensões estéticas e culturais que mantém suas respectivas autonomias.

Talvez a melhor forma de entender uma rede de significação fosse como o rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2004). O rizoma na obra de Deleuze e Guattari (2004) serve como uma metáfora para que o pensamento não seja paralisado por um modelo hierarquizado como o de uma árvore (raiz/caule/folhas), mas múltiplo como o de um rizoma que faz o pensamento proliferar. Para entender a trama que compõe o rizoma e que, por consequência, atinge a rede de significações, talvez seja coerente recorrer à abordagem feita por Deleuze (2004, p. 115). Ao falar sobre o dispositivo (de Foucault), o autor observa que ele se modifica o tempo todo, seguindo direções múltiplas e heterogêneas, configurando, assim, um emaranhado de linhas. Dessa forma, "desemaranhar as linhas do dispositivo é em cada caso levantar uma mapa/rizoma". É importante lembrar que o rizoma não tem centro – tem meio, tem entre –, ele se qualifica pela multiplicidade configurada não como unidade, mas como dimensão que oferece *direções movediças*. As multiplicidades, aliás, são entendidas como unidade subtraída da multiplicidade, a unidade que faz brotar o múltiplo.

Por esse caminho se consegue atravessar os dualismos e as binariedades – inclusive através da tentativa de superação das binariedades proposta por Bystrina. Afinal, os múltiplos têm como principais características, segundo Deleuze e Guattari (2004), as singularidades, os devires, as heceidades, os espaços e tempos livres, o rizoma e os platôs.

> Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter umas às outras (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 18).

Essas considerações sobre a configuração do rizoma também em linhas de fuga podem ser enriquecidas pela aproximação do conceito de *explosão* de Lotman (1999) sem fazê-los equivaler. A partir do estudo da semiosfera e de seu fundamento de heterogeneidade, o autor vislumbra as intersecções dos espaços de sentido e a impossibilidade de representá-las, já que se constituem como uma massa de sentidos cujos limites e formação se engendram na multiplicidade de usos.

É nesse espaço semiótico que se pode detectar a composição das redes de significação em rizomas e nas intersecções dessas que se organizam os sentidos. Se a rede de significação se constitui num processo dinâmico, é preciso considerar que o mesmo acontece com a formação dos sentidos, está sempre em movimento, percorrendo trilhas caóticas, provocando movimentos de encontros, promovendo choques. Enquanto algumas estruturas de instauração de sentidos vão envelhecendo (linhas de segmentaridades), novas vão sendo introduzidas e seus usos passam a ser aceitos. Contudo, o processo de formação desses sentidos gera uma explosão (linhas de fuga) imprevisível que transforma o incompatível em adequado, o intraduzível em traduzível (linhas de segmentaridade).

O conceito de explosão está, pois, articulado sobre um eixo temporal, e não espacial, mas também se configura pelo seu constante inter-

câmbio com esferas extrassemióticas e pela sua capacidade de recriação. Segundo Lotman (1999, p. 160) "esse movimento perpétuo não pode se esgotar: não obedece as leis da entropia, visto que constantemente reconstitui sua heterogeneidade, alimentada pela clausura do sistema" e, nessa via, as fontes de heterogeneidade se transformam em geradoras de caos. A cada vez que se chocam na semiosfera, os sistemas semióticos dão prova da sua capacidade de sobrevivência e de tornar-se outro.

Para o autor, os espaços semióticos estão atravessados por fragmentos de várias estruturas. Alguns deles, caindo em espaços estranhos, podem, de improviso, reconstituir-se impetuosamente. Assim, o momento da explosão é o momento da imprevisibilidade, mas cada um deles tem seu conjunto de possibilidades para passar ao estado seguinte, contudo nem todas se realizam. O movimento da explosão separa essas possibilidades, aparta os espaços de sentidos, fazendo com que se enriqueça continuamente o complexo geral das distinções de sentidos, assumindo sempre novos matizes. É no movimento da explosão, portanto, que se configuram as atualizações das redes de significação do corpo na comunicação que merecem ser estudadas.

A metáfora de "rede" foi incorporada para o estudo das corporalidades em função das múltiplas articulações que nela se formam e da complexidade que a constitui. A ideia de rizoma, porém, é mais aberta, não se configura pela ordenação de linhas retas e contínuas, de estabilidade, de equilíbrio ininterrupto e de harmonia constante. O rizoma se compõe de segmentaridades, diversidades, estratos, imprevistos, linhas de fuga, territorializações, desterritorializações, bem como de trajetos em várias direções que podem se atravessar, se cruzar, se interligar e se aglomerar. É esse o sentido que o termo rede deve assumir aqui.

Assim, pode-se pensar que cadeias semióticas de *dizibilidades* e *visibilidades*, compostas em segmentaridade, diversidade, imprevistos, tensões, formam um desenho rizomático das significações que vão se configurando acerca das corporalidades na comunicação. As tessituras de significações vão se formando, assim, não apenas a partir do texto em si, mas também nas conexões entre os textos, os contextos, a cultura, o cotidiano, entre outros. Esse viés encaminha, também, para que se reflita sobre os percursos da significação, considerando sempre os desli-

zamentos, levando em conta a complexidade discursiva na perspectiva da semiose. Nessa via, a denominação de rede discursiva é reconfigurada aqui, adotando-se redes de significação.

Para compor essas redes, num primeiro momento, a comunicação se estabelece a partir de semioses mais previsíveis, mais comuns a determinado grupo. Assim, os participantes dos processos comunicativos sentem-se mais aptos para limitar as possibilidades de distorções de sentidos e organizar as diferenças. As redes de significação das corporalidades se articulam a partir de enunciados do corpo e sobre o corpo, engendrando recursos expressivos que organizam e legitimam um tipo predominante de atualização que é consensualmente aceita, revirtualizando, na maioria das vezes, esse modo de agir num modo de ser. Nessa via, criam efeitos de sentidos sobre os corpos adequados às competências da dimensão estética, discursiva e cultural.

É justamente essa busca pela produção de textos baseados nos signos de consenso que faz com que os textos se situem numa linha de tensão entre o sentido dado, o sentido constituído e o sentido esvaziado. Esse último é aquele, em geral, que é excluído das redes discursivas hegemônicas. Mas, não se pode esquecer que as redes de significação não podem ser controladas nos caminhos que assumem e, por essa via, configuram explosões, linhas de fugas, desterritorializações de sentidos.

Com base em debate feito por Rossetti-Ferreira *et al.* (2008), a rede de significação constitui uma malha de elementos de natureza semiótica, a qual as pessoas estão submetidas, mas igualmente a constituem ativamente, contribuindo para a configuração das fronteiras dos percursos possíveis. Essa articulação/circunscrição é compreendida pelas autoras, no entanto, como se alterando continuamente, em função do tempo e dos eventos, compondo novas configurações e novos percursos possíveis, sobretudo em função da polissemia. Nas redes de significação, portanto, ocorrem as intersecções, as tensões, as lutas na constituição de semioses com orientações contraditórias.

Entender o corpo na comunicação articulado a uma rede de significações implica compreendê-lo desvinculado de um único meio de comunicação e/ou de um tipo de produto comunicacional. Demanda

apreendê-lo na sua complexidade comunicativa e na formação rizomática que compõe o processo de semiose.

4 Considerações finais

Comunicação e corpo adquirem, neste artigo, uma abrangência maior em relação aos modos hegemônicos de tratá-los no campo da própria comunicação. Assim, tais temáticas assumem diversas potencialidades na forma de serem estudadas academicamente e nas perspectivas das investigações científicas.

O corpo que comunica e gera semiose não pode ser considerado apenas aquele que se constitui no espaço restrito dos meios de massa, tampouco o que se estabelece no físico. Ao que parece, entendê-lo como objeto da comunicação requer que suas significações se componham na confluência de vários textos e discursos, na composição rizomática de uma rede.

É preciso lembrar que, como fenômeno comunicacional que gera sentidos, o corpo se articula no âmbito das multiplicidades, ultrapassando as binariedades. Nessa via, busca-se a essência das corporalidades na complexidade do próprio corpo. Quando passa a ser objeto da comunicação, atravessa mídias primárias, secundárias e terciárias, comunica e gera semiose em todos os níveis e vai compondo suas redes de significação através deles. O mais relevante: as corporalidades colocam em processo a criação, a semiose, o movimento, articuladas ao eixo temporal.

Construir um conceito de corporalidades tem por meta, sobretudo, encontrar os espaços-tempos de suas atualizações que possam, de alguma forma, contribuir para encontrar os indícios, traços, marcas, dobras que permitem algumas inferências acerca da sua virtualização (LÉVY, 1997). Isso requer que se repense a dimensão do campo da comunicação e o papel do corpo nessa ciência.

A partir desse ponto de vista, é possível organizar o conceito de redes de significação na composição de um processo dinâmico, portanto, sempre em movimento, de interação entre diversos discursos, textos

e contextos. A semiose das corporalidades se realiza nessa tessitura que vai se formando enquanto os textos circulam, os discursos geram interpretantes e os sujeitos produzem significação. Ao mesmo tempo operam com a explosão, com o imprevisível, com o incompatível e com o intraduzível. Esse movimento, portanto, não se esgota, constantemente reconstitui sua heterogeneidade.

A ação empírica que se realiza nessa rede de significação do corpo ajuda a organizar o universo semiótico no qual estamos inseridos, a semiosfera abordada por Lotman (1999), mas também o próprio entendimento de corpo.

Referências

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma:** esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BERGSON. Henri. **O pensamento e o movente.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos em semiótica da cultura**. São Paulo: CISC/PUCSP, pré-print, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. v. 1.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1987.

HILLIS, Ken. **Sensações digitais:** espaço, identidade e corporificações na realidade virtual. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual.** São Paulo: Editora 34, 1997.

LOTMAN, Yuri M. **Cultura e explosão**. Barcelona: Gedisa, 1999.

SILVA, Alexandre Rocha; ROSSINI, Miriam de Souza. **Do audiovisual às audiovisualidade:** convergência e dispersão nas mídias. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde *et al.* **Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a07v38n133.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2011. Acesso em: 01 jul. 2011.

ZECCHETTO, Victorino. **La danza de los signos**: nociones de semiótica general. Buenos Aires: La Crujia, 2003.

Comunicación no-verbal:
una investigación necesaria

Alberto Pereira Valarezo

Escena primera

Un profesor de Análisis de Discurso imparte una de sus últimas clases a un grupo de unos treinta estudiantes de pregrado. El tema que los convoca es el *discurso oral* y, para ello, dos alumnas le han pedido con anticipación que se les permita exponer un aspecto de la temática, y ahí están debatiendo – con algún nerviosismo – frente a sus compañeros. El profesor – que ha ocupado un asiento entre los estudiantes – interviene en varias ocasiones para orientar y aclarar criterios. Uno de los aspectos sobre los cuales, la mayoría de los participantes, han centrado su atención es lo relativo a los elementos no-*verbales de la oralidad*, como el paralenguaje, la prosémica, la cinésica, artefactos, factores del entorno.

Escena segunda

Acabada la clase, el profesor – entre satisfecho y sonriente – sale del aula para dirigirse a la oficina que ocupa como autoridad de la Fa-

cultad de Comunicación. Mas, al comenzar a descender por las gradas – entre un mundo de gente que sube y baja debido al cambio de horario –, un antiguo docente y ex autoridad aborda al profesor-autoridad (segunda autoridad de la institución) para manifestarle su inconformidad con la asignación de la nueva carga horaria de la cual él deberá hacerse cargo en el próximo semestre. La autoridad le manifiesta – con seguridad evidente – que eso ya está establecido, pues se ha realizado esa distribución de acuerdo con su tiempo y nombramiento. Ahí en las gradas, entre el ir y venir de estudiantes, el profesor reacciona de manera inesperada: eleva su voz de barítono para expresar una supuesta sorpresa sobre el tiempo de dedicación y sus dificultades para cumplir su tarea; su figura enjuta se tensa, su rostro se trastorna, sus labios – más bien delgados – tiemblan y dejan entrever sus dientes, sus ojos se inyectan de rabia mientras sigue dando sus razones para que se reconsidere la carga horaria. La autoridad, al ver esa actitud extrema del docente, trata de tranquilizarlo con justificativos pertinentes; pero, al ver que eso no iba producir ningún efecto, lo toma del antebrazo para decirle que se calme, que lo sucedido no es para que se exalte de esa manera, y para que exprese – además – que lo actuado por la segunda autoridad es una actitud burocrática que merece ser enmendada por el Decano. Dada esta situación – imposible de resolverla en semejante situación y momento-, la autoridad, con cara de "esto es el colmo", deja al profesor con su enojo y se dirige a su oficina.

Escena tercera

Algo incómodo por el inesperado incidente, la autoridad en mención se sienta tras su escritorio y comienza a organizar sus actividades; pero, como a los quince minutos de lo ocurrido, la figura del mencionado profesor traspasa la puerta de la oficina y pronuncia una frase: "vengo para que hablemos…" (su tono ya no tenía ese matiz de alevosía que había percibido la autoridad minutos antes). La autoridad – en tono pausado y firme – le replica, "¿de qué será que vamos a hablar…?", pues la forma como se habían producido los hechos daba para

pensar que el profesor sólo hablaría con el Decano – que es la primera autoridad –. Era evidente de qué quería hablar el profesor; pero, como se sabe, el protocolo que se observa en un discurso oral tiene sus reglas y procedimientos, en donde las emociones y el poder no dejan de estar presentes. En efecto, la autoridad dejó entrever al profesor su incomodidad por el procedimiento impertinente que éste había tenido, en un lugar inapropiado y en circunstancias nada gratas. Mas, después de que el profesor ofreciera las debidas disculpas, se inició el diálogo –cada vez más fluido-, y vinieron las aclaraciones de la autoridad, que determinaron que todo había sido un mal entendido del profesor respecto de su disponibilidad horaria y asunción de dos asignaturas; cuestión que, después de unos cuantos minutos, dio paso a una despedida cordial con un apretón de manos y los rostros descargados de tensiones.

Comentario interesado

Las escenas, una a una, ¿nos informan mucho, poco, lo suficiente?; ¿lo hacen idealmente, en síntesis, con detalle? Vaya el lector a saberlo…Mas, si usted hubiera estado allí presente cuando ocurrieron esos hechos narrados, apenas si hubiese reparado en la información fundamental de las palabras utilizadas, y sería – con seguridad – la que les interesaba producir a los enunciadores.

Pero, en este momento preciso, cuando el lector tiene la posibilidad de acceder a esa realidad mediante la lectura alfabética, son las palabras escritas – signos de los signos orales – las que le permiten recuperar y asimilar determinados contenidos y emociones; producción privilegiada de sentidos que inundan las bibliotecas de Occidente, los registros administrativos y judiciales, los correos electrónicos…; gracias, por siempre, a ese invento fantástico que resultó ser el alfabeto, que los griegos nos heredaron hace unos veintiocho siglos.

Representar la palabra con precisión – maravilla del intelecto humano – no es suficiente; pues, cuando de sentimientos, emociones, ideales se trata, bien lo supieron y sufrieron –a su tiempo- los cinceladores rupestres, los dibujantes, pintores, fotógrafos, cineastas...; de

allí la necesidad de utilizar otro tipo distinto de representaciones tan significativas como los bailes rituales, el teatro, el mimo, la telenovela, el videoclip. Pero en la academia casi no hay espacio para tales enunciaciones. Las palabras oral y escrita son las dominantes supremas.

Viene al caso mencionar el hecho de que, por ejemplo, en las culturas andinas – en muchas circunstancias y en forma predominante – no es tan importante lo que se dice, sino la forma cómo se lo dice; es decir, no es tan trascendente lo verbal propiamente dicho, sino lo paralinguístico (tonalidad, intensidad; la temporalidad, la calidez de la voz, las pausas, los carraspeos, las inflexiones onomatopéyicas etc.). Demostración palpable de que ni siquiera la palabra en su doble representación (oral y escrita) es capaz de contener los diferentes y prescritos significados que constan en los diccionarios más acabados, peor aún la riqueza indefinida de los sentidos, según sean las circunstancias de su enunciación.

La oralidad y la escritura presuponen, entonces, algo más que el dominio de estos códigos en el sentido linguístico. Implican, necesariamente, competencias y presuposiciones pragmáticas de una lengua en particular, así como el conocimiento de los principales sistemas y formas no verbales que, dentro de una cultura, convergen en la enunciación.

¿Cómo concebir, entonces, el "nerviosismo" de las estudiantes frente a sus compañeros y al profesor que, ese momento, se encontraba ocupando un pupitre como cualquier otro alumno; pero que, además, observaba atentamente para valorar sus desempeños?

"*Nerviosismo. m. Estado pasajero de excitación nerviosa*"; es la definición que consta en el diccionario de la Real Academia Española (2001). ¿La definición de este vocablo permitirá que el lector tenga una idea cierta de ese estado de excitación… de las mencionadas estudiantes? Pues, supongo que no, cuando más podríamos captar o *imaginar algún aspecto de lo que encierra esa palabra o las expresiones* (signos) que escuchamos o leemos. Bien lo había advertido, con sapiencia, Charles Sanders Peirce, hace más de un siglo, cuando decía que:

> Un signo, o representamen, es algo que, para alguien, representa o *se refiere a algo en algún aspecto o carácter*. Se dirige a alguien, esto es, crea en la mente de esa persona un signo equivalente, o,

> tal vez, un signo aún más desarrollado. Este signo creado es lo que yo llamo el interpretante del primer signo. El signo está en el lugar de algo, su objeto. *Está en lugar de ese objeto, no en todos los aspectos, sino sólo en referencia a una suerte de idea*, que a veces he llamado el fundamento del representamen (PEIRCE, 1986, p. 22, las itálicas son nuestras).

Huelgan los comentarios…

De qué trata el asunto

Acercarse a la investigación de la comunicación no verbal es todo un reto, una tarea de largo aliento. Es, en todo caso, una necesidad que la academia de la comunicación no puede, no debe rehuir. Estimamos que la vastedad del campo – por ahora – aun no ha sido ni siquiera diagnosticada con esmero y, menos todavía, investigada en la profundidad que ésta amerita.

Se trata, entonces, inicialmente, de revestirnos de humildad académica y ponernos a trabajar, reflexionar, debatir, entender y difundir sus alcances y trascendencia en la vida de los seres humanos. Nada más ni nada menos. Son tantas las deudas de la academia y de las ciencias en torno de lo humano, que de estar tan cerca de nosotros, nos ha impedido percibir nuestro propio cuerpo, de valorar los sentidos que nos posibiliten ver, oír, tocar, gustar, olfatear los entornos, explorar y cultivar nuestras sensibilidades para experimentar la vida en contacto con la realidad, tocar la belleza para sublimarnos, entender a los otros desde sus limitaciones y grandezas; en definitiva, ser competentes y productivos en la comunicación; no solo *usar el mundo como un aparato semiótico...* –alusión econiana –, sino cultivarnos para aprender – en primer lugar – a percibir, sentir y compartir experiencias que rebasen la razón, y nos transformen en seres sensibles, constructores de un mundo posible y hasta bello. En palabras del educador brasileño Rubem Alves,

> Tenemos que seducir todos para la belleza. No es para que queden más felices; esto es muy poco. Guimarães Rosa decía que

> -solo en raros momentos de distracción –. Tenemos que seducir para la belleza. Es preciso que nos sintamos bellos. Y, a veces, la belleza tiene un gusto terrible. Quien escala una montana lo hace para confrontarse con la muerte, porque es bello confrontarse con la muerte. Es maravilloso sentir el aspecto salvaje e indomable de la gente. Cuando nos sentimos bellos, entonces, descubrimos el sentido de la vida (*apud* NUNES, 2008, p. 191, traducción libre).

Aunque, por ahora, ese mundo de la belleza evocado por Alves sigue siendo una utopía, no podemos renunciar a éste, ni dejar de contribuir para su consecución. En este sentido, haber colocado – al principio de este texto – tres escenas de un acontecer cotidiano de una institución educativa de Ecuador, o de otras situaciones – felices o desdichadas – similares de otros ámbitos o latitudes, como pudieran ser el reencuentro de dos amigos luego de mucho tiempo, la ferviente insistencia de un vendedor para lograr que un comprador adquiera un producto en un almacén, el ritual cotidiano de sentarse a la mesa para cenar al calor de la familia, y otras tantas y variadas situaciones que pudieran ocurrir en una reunión social, en un juego de fútbol etc.

Si examináramos con minuciosidad cada una de estas situaciones factibles, todos estaremos de acuerdo en que no habría descripción posible si no explicáramos razonablemente cuáles son y en qué medida están presentes la diversidad de formas y sistemas de comunicación no-verbales; es decir, tendríamos que admitir sin reparos que el grueso de la interacción humana ocurre y fluye entre la producción y percepción no verbales, aunque lo verbal pudiera estar presente e, incluso, ser determinante, dado el estatus comunicacional otorgado a éste. Entonces, la pregunta obvia y necesaria viene sola: ¿por qué la comunicación no verbal ha sido postergada, invisibilizada y hasta desacreditada?

Las respuestas, con certeza, no resultan fáciles, aunque podríamos aventurar hipótesis, como aquellas que aluden al glotocentrismo dominante en la educación y escolaridad occidentales; el valor testimonial y de compromiso judicializado de la palabra, particularmente de la palabra escrita; la fidelidad y perennidad informativa de la representación escrita; la facilidad y economía representativa que el lenguaje verbal

nos proporciona para crear y recrear mundos fantásticos y perdurables mediante el relato, el teatro y la poesía, entre otros. Por supuesto que estas representaciones devienen, sobre todo, de esa herencia inmensurable que significó el invento de la imprenta a mediados del siglo XV, que dio paso a que el pensamiento humano de todos los tiempos circulara a través del libro y, más adelante, en periódicos, en revistas, en Internet…

Partir desde las experiencias concretas

Frente al panorama esbozado en líneas precedentes, y considerado el apabullante prestigio e historia del lenguaje verbal, particularmente del escrito, es menester comenzar a pensar en estrategias discursivas y esfuerzos investigativos que permitan –inicialmente – poner en la mesa el tema que nos ocupa en esta ponencia, como un fenómeno globalizador, integral, como lo habían visualizado, ya hace mucho tiempo, teóricos de la Escuela de Palo Alto, y algunos seguidores también, cuando conceptúan la comunicación como

> un proceso social permanente que integra múltiples modos de comportamiento: la palabra, el gesto, la mirada, la mímica, el espacio interindividual etc. No se trata de establecer una oposición entre la comunicación verbal y la 'comunicación no verbal': *la comunicación es un todo integrado.* Birdwhistell, uno de los primeros teóricos de la universidad invisible, dirá un día a este respecto: 'Para mí, hablar de comunicación no verbal tiene tanto sentido como hablar de fisiología no cardíaca.' De la misma manera, para estos autores no se puede aislar cada componente del sistema de comunicación global y hablar de 'lenguaje del cuerpo', 'lenguaje de los gestos' etc., asumiendo con ello que cada postura o cada gesto remite inequívocamente a una significación particular (WINKIN, 1994, p. 22-23).

Asumida, de alguna manera, esta concepción, estimo que una de las opciones factibles para abordar la denominada *comunicación no--verbal* – la llamaremos así hasta que encontremos una denominación más apropiada- es partir de las experiencias concretas de trabajo en di-

cho campo, pues las especificidades teóricas que conocemos – a nuestro entender- no permiten todavía un abordaje más directo.

Una de las experiencias más significativas y enriquecedoras de la cual puedo dar razón es la que he tenido en el campo de la educomunicación, en un programa de maestría en el cual participé como docente en la Universidad Politécnica Salesiana de Quito, Ecuador. Dicho programa de posgrado había establecido como uno de los ejes curriculares importantes el denominado *Linguística y Semiología*, que incluía asignaturas como fundamentos de *linguística, semiología aplicada a la educomunicación, análisis de mensajes*; materias que procuraban como objetivo la fundamentación y aplicación de las categorías y aspectos relevantes de dos campos trascendentes para la educomunicación: lo relacionado con el lenguaje verbal y algunos sistemas, disciplinas y manifestaciones de la comunicación no verbal, cuyas matrices teórico--conceptuales las ubicábamos en la *linguística* y en la *semiótica*, respectivamente.

De esta manera, pudimos lograr que los estudiantes -profesionales de diversa índole que se encontraban relacionados o ejerciendo cargos en los campos de la educación o de la comunicación – descubrieran – casi deslumbrados – la denominada comunicación no verbal: corporeidad, prosémica, paralinguística, cinésica, objetualidad, vestimenta, cromática, ritualidad etc. Así, los médicos-maestrantes comenzaron a considerar la trascendencia del tacto y la corporeidad; los maestros, el valor de la cinésica, paralinguística y prosémica; los arquitectos, el sentido del espacio y de los objetos; los actores, el significado de la vestimenta, la cromática; los comunicadores, las formas, las imágenes, el tiempo; en fin, una variedad de manifestaciones y realidades no verbales que antes no habían sido consideradas como grandes productoras de sentidos o que, sencillamente, no habían sido incorporadas en sus reflexiones por falta de una orientación apropiada, aunque en muchas de sus actividades y profesiones habían accedido parcial o tangencialmente a dichos campos. Así, varios de ellos, al momento de decidir su trabajo final de graduación, optaron por explorar o concretar proyectos y tesis que se nutrían de los principios, categorías y sistemas no verbales abordados en el eje curricular mencionado aquí.

Desde las experiencias concretas, entonces, hay que pensar que la investigación de la comunicación no verbal debe, necesariamente, involucrarse y profundizar en muchos ámbitos y áreas del conocimiento humano, para explorar, comprender y evidenciar la multidimensionalidad, implicaciones y trascendencia académicas y sociales de esta temática. Y, al mismo tiempo, vislumbrar la posibilidad de un proyecto de largo aliento que nos permita emprender en esta fascinante pero inmensa tarea que investigue la comunicación de manera integral (lo verbal y no verbal), como lo reclamaba esta innovadora corriente de Palo Alto – a la que hemos citado anteriormente –; cuestión que, sin dudas, le darían un viraje extraordinario y enriquecedor a la investigación comunicacional, aunque, por ahora, no consigamos presuponer todavía sus alcances futuros; pero que, si hiciéramos el ejercicio de examinar cuidadosamente lo que hasta ahora se ha logrado avanzar – de manera un tanto aislada y parcial –, los resultados y proyecciones sobre la importancia de este conocimiento y aplicación en muchos ámbitos de la interrelación y convivencia de los seres humanos, encontraríamos que los beneficios ya han rebasado, posiblemente, nuestras apreciaciones y expectativas.

De hecho, estamos persuadidos de que no podemos olvidar que los tiempos que estamos viviendo están signados por la marca de la globalización y de la digitalización, que han empezado a configurar "modos de vida expresivos de un nuevo dinamismo cultural, generador de culturas comunicacionales multimediáticas que están abiertas a la germinación de posibilidades de producción de múltiples relaciones de procesos de significación y elaboración sociocultural" (MALDONADO, 2009, p. 17); cuestión que nos obliga, por una parte, a aprender a conocernos profundamente en nuestra naturaleza comunicacional y etológica, cuyo abordaje deberá emplearse a fondo en la configuración de matrices y recursos metodológicos futuristas y transdisciplinarios; y, por otra parte – como decíamos en líneas anteriores, situados en este contexto –, comenzar a concretar un proyecto investigativo desde Latinoamérica que ilumine no solo nuestro entorno, sino que propicie un cambio sustancial en los estudios e investigaciones académicos, con la fuerza y el impacto necesarios para trascender simbólica y gratificantemente en la vida cotidiana de los ciudadanos del mundo.

Posibles alternativas de abordaje

Llegados a esta instancia, debemos comenzar a visualizar posibles alternativas para abordar esta temática tan vasta y compleja. Entonces, es cuando debemos recurrir a los caminos trajinados, a las experiencias concretas, a las visiones teóricamente trabajadas en las aulas, a las corrientes orientadoras que han incidido con mayor fuerza; en definitiva, abrir el espacio que será el escenario de nuestro proyecto de investigación, con todos los elementos que alcancemos a vislumbrar, las fortalezas, las debilidades, los fines que perseguimos; en fin, dar los pasos que aconseja nuestra experiencia investigativa frente a un reto como el que pretendemos abarcar ahora, sin olvidar las circunstancias concretas en las que nos vemos obligados a desempeñarnos como investigadores, como son el tiempo, la logística, la inversión económica, los equipos de trabajo; en definitiva, la planificación y organización, en general, de una tarea de esta envergadura.

En este intento, vamos a enunciar y exponer alternativas de investigación que permitan – inicialmente – abrir el espacio para que, quienes estuvieran interesados en la iniciativa, se unan a esta gran empresa académica, y empecemos a pensar juntos estrategias y tácticas investigativas que puedan ir plasmando en realidad lo que ahora parece un sueño.

Así, se nos ocurre que lo primero que tendríamos realizar es un diagnóstico – lo más amplio posible – de todo aquello que se ha logrado investigar en torno de la comunicación no verbal. Es decir, tener una base de datos sobre la bibliografía representativa de los estudios serios sobre la temática; estado de la situación que va requerir un acumulado de reseñas, sitios electrónicos de consulta – entre otros – que faciliten el análisis y el trabajo que sea menester efectuar en el transcurso de la investigación. Esto, por supuesto, significa haber ubicado ciertos espacios y disciplinas conocidos, como es el caso, por ejemplo, de la proxémica, la cinésica, la corporeidad, objetualidad, paralinguística, vestimenta etc.; luego irán apareciendo otras manifestaciones o sistemas que tengan la condición de producir sentidos no verbales que requieran nuestra atención.

Con la misma tónica anotada en el párrafo anterior, será muy revelador – creemos nosotros – que nos ocupemos de las grandes y pequeñas manifestaciones artísticas del amplio espectro de la comunicación no verbal: música, teatro, arquitectura, pintura, danza, artesanía, publicidad, diseño, moda… Ello implicará recurrir a la identificación y filiaciones semióticas de las sustancias expresivas que circulan en los textos que éstos puedan representar. Asunto que nos lleva a pensar en la necesidad de asumir nuestra tarea inter y transdisciplinariamente; lo que nos obligará a ir forjando matrices metodológicas y procesos investigativos que garanticen una productividad que impulse y fortalezca nuestros esfuerzos, en temporalidades cada vez más operativas y amistosas.

El proyecto de investigación que estamos proponiendo deberá determinar prioridades investigativas que vayan allanando el camino del conocimiento propiamente dicho, que sirvan de fundamentación a los campos o disciplinas que éstos engloben o conlleven, al igual que la determinación de las metodologías que se vayan estableciendo, sin dejar de abordar sistemas o ámbitos de la comunicación no verbales clásicos o emergentes que sean de interés para los investigadores comprometidos.

Un caso paradigmático y de gran trascendencia puede ser, por ejemplo, el relacionado con los estudios sobre el cuerpo, pues las indagaciones en torno a éste tienen tantas aristas: culturales, simbólicas, tecnológicas, mediáticas, estéticas, deportivas etc. Vemos, entonces, cómo la sola mención de un campo como éste puede generar tal diversidad de trabajos y de resultados trascendentes y necesarios que, al mismo tiempo que nos vayan permitiendo conocernos, nos den la opción de proyectarnos como seres integrales, propositivos, y generadores de dinámicas académicas y socioculturales transformadoras.

En esta búsqueda de alternativas para investigar la comunicación no verbal, no podemos ignorar, entre estas posibilidades, la trascendencia de corrientes o escuelas de la comunicación que han favorecido el nacimiento mismo de esta vertiente, como es el caso de la Escuela de Palo Alto, cuyos postulados dieron un viraje no sólo a las concepciones sobre la comunicación, sino a la sociología, a la psiquiatría, antropolo-

gía, linguística, de manera particular. Autores como Erving Goffman, Gregory Bateson, Edward Hall, Paul Watzlawick, Ray L. Birdwhistell, Albert Scheflen – entre otros – son referentes de cuales no podemos prescindir, como tampoco podríamos olvidar aquellas "ideas fuerza": *rituales cotidianos, doble vínculo, interacción estratégica, dimensión oculta.* Todo ello ha sido un poderoso incentivo para quienes hemos incursionado en aquellos ámbitos más cercanos a nuestra reflexión y práctica comunicacionales, como fuente de consulta privilegiada.

Tenemos que ir, necesariamente, al encuentro de investigadores de larga y productiva trayectoria como es el caso, por ejemplo, de Fernando Poyatos; autor español que ha dedicado como una treintena de años a diseñar una propuesta y proyecto de trabajo interdisciplinario que, fundamentado en la linguística como disciplina matriz, ha logrado sistematizar con bastante éxito el paralenguaje, la kinésica y la prosémica como campos básicos para profundizar en la comunicación integral. Filólogo de formación, confiesa que ya por los años sesenta del siglo pasado comenzó a abandonar su ámbito inicial para interesarse más allá de la linguística y fonética tradicionales, e incursionar de manera natural en lo que él denomina "…*la triple realidad auditiva-visual del discurso: lo que decimos, cómo lo decimos y cómo lo movemos*" (POYATOS, 1994a, p. 15). De éstas y posteriores investigaciones, conocemos tres volúmenes sobre la comunicación no verbal que dan cuenta de la cultura, el lenguaje y la conversación; paralenguaje, kinésica e interacción; la comunicación no verbal inserta en la literatura. Constan en estos textos una cuarentena de libros y artículos de referencia propia – la mayoría en inglés- sobre la temática que nos interesa aquí (POYATOS, 1994a; 1994b, 1994c).

Es bueno recordar que en la literatura bibliográfica sobre la comunicación no verbal existen libros y lecturas clásicos que necesariamente hay que volver a releerlos, debatirlos y valorarlos; varios de éstos son de amplia difusión, aunque no necesariamente se los asocia con investigaciones sistemáticas que pudieran fundamentar y proyectar posibilidades integradoras como las que estamos procurando para nuestros intereses. Las mismas investigaciones de Darwin y los sucedáneos de la etología deben ser aprovechados como insumos de trascendencia

conceptual; y, en otros órdenes y direcciones, todos aquellos discursos que recuperan la sensualidad, la sexualidad, el placer, el yoga, los deportes, la moda etc.

Otras fuentes de información e investigación empírica privilegiada son, por supuesto, el cine, la telenovela, el videoclip, la fotografía, sólo para mencionar las más evidentes y de riqueza indiscutible. Hoy que las tecnologías digital y mediática han impregnado la denominada semiosfera, no podemos desaprovechar tales opciones, cuya circulación y recepción se han visto facilitadas por diferentes vías que la Internet nos ha ido ofreciendo.

El proyecto investigativo que estoy proponiendo debería presuponer una definición provisional de cómo se va a entender la comunicación no verbal o integral, como una manera de fijar o determinar provisionalmente cuál es punto de partida, la concepción inicial. Así, las visiones y cambios que esta concepción necesariamente irá registrando en su desenvolvimiento va dar cuenta del itinerario del proyecto investigativo.

La tarea investigativa inicial, a más de lo esbozado a lo largo de esta ponencia, va ser seguramente muy productiva y provechosa si comenzamos a fijar ciertos espacios o ámbitos de reflexión y ejecución que nos obliguen y posibiliten actividades concretas de interés social o estético, como la salud, la educación, la administración, los deportes, el comercio, la publicidad, la moda, la literatura, el diseño… Con esto queremos manifestar que puede resultar estratégica y de interés general una investigación que nos acerque a la vida cotidiana contemporánea; pero al mismo tiempo nos vaya abriendo senderos por donde transitar y adoptar metodologías generadoras y productivas, que contribuyan a la comprensión, goce y aplicación de la comunicación integral, cuyas implicaciones relacionales dependen de lo verbal y no verbal.

Desde este espacio tejido morosamente por la Red AMLAT, invitamos a los investigadores que desearen participar en este proyecto que, al ser todavía una propuesta en construcción, nos compele a unir talentos para emprender una inmensa pero necesaria tarea, a quienes nos hemos comprometido académica y socialmente desde Latinoamérica en esta esforzada y gratificante labor comunicacional.

Referencias

PEIRCE, Charles Sanders. **La ciencia de la semiótica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1986.

POYATOS, Fernando. **La comunicación no verbal** I. Cultura, lenguaje y conversación. Madrid: Itsmo., 1994a.

_____. **La comunicación no verbal II**. Paralenguaje, kinésica e integración. Madrid: Itsmo, 1994b.

_____. **La comunicación no verbal III**. Nuevas perspectivas en novela, teatro y en su traducción. Madrid: Istmo, 1994c.

MALDONADO, Alberto Efendy. La perspectiva transmetodológica en la coyuntura de cambios civilizatorios a inicios del siglos XXI. In: PADILA FERNÁNDEZ, Adrián. **Metodologías transformadoras**. Tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía y integración en América Latina. Caracas: Fondo Editorial CEPAP: UNESR, 2009, p. 13-54.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. II tomo, 22. ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

WINKIN, Yves (Ed.). **La nueva comunicación**. 4. ed. Barcelona: Kairós, 1994.

Referencias complementares

COHEN, David. **A linguagem do corpo**: o que você precisa saber. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAVIS, Flora. **El lenguaje de los gestos:** la comunicación no-verbal. 5. ed. Buenos Aires: AMECE Editores, 1989.

HALL, Edward. **La dimensión oculta**. 6. ed. México: Siglo XXI, 1981.

KNAPP, Mark. **La comunicación no verbal:** el cuerpo y el entorno. Barcelona: Paidós, 1988.

NUNES, Antonio Vidal. **Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves.** São Paulo: Paulus, 2008.

PADILLA, Adrián. **Metodologías transformadoras:** tejiendo la Red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina. Caracas: CEPAP: UNESR, 2009.

PAREJO, José. **Comunicación no verbal y educación**: el cuerpo y la escuela. Barcelona: Paidós, 1995.

PEREIRA, Alberto. **Semiolinguística y educomunicación:** ensayos, ponencias y biobibliografía. Quito: FEDUCOM, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SERRANO, Sebastián. **El regalo de la comunicación**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2004.

A luta dos homens e das mulheres de milho:

ciberpolítica, resistência ancestral e novas subjetividades

Adrián José Padilla Fernández

"É o tempo de que floresçam de novo nas palavras
as silenciosas armas que levamos por séculos,
é o tempo de que fale a paz,
é o tempo da palavra pela vida".

EZLN. *Quinta Declaração da Selva Lacandona*,
Julho de 1998.

No ocaso do século XX, os ventos de ruptura, de quebra de paradigmas, da anunciada morte das grandes narrativas, foram criando o cenário para o desenvolvimento da doutrina do pensamento único e do mundo unipolar. A partir de fatos, historicamente determinados, como a crise do socialismo realmente existente, no leste europeu, constrói-se a teoria do fim da história e o velho capital mostra sua face mais originária. Nas ciências sociais, aposentam-se conceitos, categorias e noções para pensar os processos sociais, políticos, históricos e culturais. Vende-se a antipolítica como método eficiente para lidar com os assuntos públicos, perante a crise das organizações partidárias tradicionais e o

esvaziamento doutrinário. Enquanto isso, os avanços tecnológicos contribuem para uma revolução no campo das comunicações, que será um traço marcante na vida social e cultural na virada do século.

Na América Latina, no começo dos anos 1990, não era a melhor época para os movimentos sociais e políticos, localizados no campo da esquerda ou, de forma mais abrangente, no campo popular. Sem referentes históricos após a queda do Muro de Berlim e com uma correlação de força desfavorável, como consequência das derrotas políticas e militares em América Central, observavam o avanço do modelo neoliberal nos países da região. Ressaltavam os casos chileno e mexicano. No primeiro, o governo autoritário de Pinochet, sem maiores pressões sociais nem oposições políticas, tinha consolidado um modelo econômico dentro dos parâmetros da globalização, seguindo as fórmulas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). No segundo, os quadros modernizadores e tecnocratas do Partido Revolucionário Institucional (PRI) – com diplomas de Harvad –, impulsionavam o processo de entrada do país na esfera do Primeiro Mundo com o Tratado de Livre Comércio (TLC).

Em 1º de janeiro de 1994, entrava em vigor o acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México. Tratava-se de uma data histórica, o mundo olhava com atenção o que parecia ser um caminho certo para sair do subdesenvolvimento e do atraso, ou pelo menos todas as análises e os discursos midiáticos apontavam nesse sentido. Mas, no mesmo dia, irrompia no estado de Chiapas, no sudeste do país, um movimento singular que deixou evidenciada uma das maiores crises políticas já vividas pelos mexicanos. A organização político-militar denominada Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), integrada majoritariamente por indígenas maias, ocupou militarmente vários municípios do estado. A declaração de guerra ao governo mexicano deu início aos combates que se prolongaram por 12 dias, os quais levaram a um processo de diálogo e negociação que já dura, com seus altos e baixos, dez anos.

Ressalta que o conflito chiapaneco insere-se em cenários derivados do avanço tecnológico das telecomunicações, criando campos de batalhas no "ciberespaço" das redes eletrônicas. O uso dessa tec-

nologia por parte de uma extensa rede internacional de solidariedade, impulsionada através da Internet, tem mobilizado milhares de pessoas e organizações ao redor do mundo a se manifestarem nos momentos mais delicados do conflito. Isso, sem dúvida, constitui uns dos maiores recursos desse grupo insurgente.

Chiapas... entre dois tempos

Com o levante armado do 1º de janeiro de 1994, Chiapas deixou de ser conhecido como a fronteira mexicana com o passado, para se converter em um referente do futuro nacional do país. O paradoxo se explica pelas condições de abandono dessa região do sudeste mexicano, que deram origem ao movimento, e pela profunda crítica ao modelo político-econômico nacional, que se desenvolveu em importantes setores da sociedade mexicana a partir da rebelião indígena.

Nesse momento, falava-se de vários Chiapas. Dizia-se que para entender as causas do que estava acontecendo, era necessário ver Chiapas como uma região atravessada por realidades diversas. Desenvolvimentos desiguais, que quando vamos aos indicadores deixam ver com clareza uma tremenda injustiça social. Segundo as cifras do censo oficial de 1990, entre 1970 e esse ano do cadastro nacional, a taxa média de crescimento nacional era de 2,6% anual, enquanto no mesmo período a população chiapaneca dobrou. A média nacional de analfabetismo na população maior de 15 anos era de 12,42%, e em Chiapas 30,01%. Enquanto 22,65% dos trabalhadores ocupados do país dedicavam-se às atividades agropecuárias, na entidade chiapaneca essa cifra era de 58,34%. Na totalidade do México, 26,53% da força trabalhista recebiam menos do salário mínimo e em Chiapas a cifra era de 58,89% da população trabalhadora. Na zona dos Altos, que concentra um número maior de população indígena, a cifra sobe até 72,9%. Em resumo, segundo a escala de bem-estar social que desenvolveu o próprio governo, levando em conta 24 indicadores, Chiapas estaria localizada no ponto mais baixo do país (RUZ, 1994).

Para alguns autores, resulta complicado falar em apenas um Chiapas, sobretudo quando se olha para essa realidade contrapondo os índices produtivos e os níveis de bem-estar social presentes nesse estado do sudeste mexicano. O historiador Mario Humberto Ruz (1994), do Centro de Estudos Maias da Universidade Autônoma de México, questiona-se sobre qual dos Chiapas seria o referenciado pelos meios de comunicação, quando a notícia do levante armado de janeiro de 1994 tomou conta do cenário informativo. Estariam falando do riquíssimo Soconusco, com suas enormes fazendas de café, plantações de frutas e criação de gado? A depressão central, com sua gigantesca represa (enquanto em várias comunidades vizinhas não se tem serviço de água encanada), extensas plantações de cana-de-açúcar e criação de gado zebu? A zona dos Altos, onde San Cristóbal de Las Casas beneficia-se das ondas de turistas que ano após ano vão contemplar o "*exotismo*" índio, convenientemente detido no tempo pelas agências de viagens e estimulado pelos caciques locais e outros traficantes da etnicidade originária? A região da selva, onde hoje o café e as vacas ocupam o lugar que antigamente pertencia às madeiras preciosas e aos jaguares? A região das montanhas do norte e os planaltos frente ao estado de Tabasco, onde os índios zoques sobrevivem cultivando milho e onde os índios *choles* acreditaram que cultivando café sairiam da miséria? Ao final, muitos Chiapas, tão diversos como a desigual distribuição da riqueza (RUZ, 1994, p. 9).

Uma luta secular

Nessa região de contrastes econômicos e sociais, teve lugar uma história de resistência dos indígenas maias que poderíamos resumir em uma cronologia que nos remonta ao ano de 1546, quando finalmente as forças cortezanas[1] conseguiram subjugar a coligação dos caciques maias do leste, o que deu fim à conquista da península yucateca. Outras datas registradas nos arquivos espanhóis indicam uma tradição de

1 Tropas espanholas sob o mando do conquistador Hernán Cortez.

resistência dos homens de milho[2]. Em 1697, cai em mãos espanholas a última entidade política maia independente, localizada nas proximidades do lago Petén-Itzá, dentro da fechada selva tropical do Petén guatemalteco. Depois da independência do México, em 1821, a situação dos maias não melhorou; pelo contrário, piorou bastante. Entre os anos 1847-1849 e entre 1853-1901 teve lugar a chamada Guerra de Castas. Em 1935, na época em que pela mão do presidente Lázaro Cárdenas e da reforma agrária chegava de forma tardia a Revolução a essas afastadas terras do sul, todavia se mantinham grupos de *cruzobs* armados na selva. Com esse nome eram conhecidos grupos de rebeldes maias que seguiam "a cruz milagrosa", que lhes falava de uma guerra santa contra os brancos exploradores[3].

Mas, a que nos referimos quando falamos em resistência? Segundo Ruz (1994), seria interessante resgatar a experiência histórica para mostrar que em Chiapas, como em outros lugares da América, foram os índios que desde o início da colonização apostaram na mudança para poder permanecer. O conflito é resolvido com a força de um imaginário que se transforma, que desqualifica os estereótipos e as imagens impostas e refaz os códigos vindos do exterior para adaptá-los à sua própria matriz cultural. É a reafirmação da heterogeneidade social perante as modernas tendências homogeneizadoras, muito caras para os globalizadores nos tempos da pós-modernidade.

A lógica colonizadora da conquista europeia foi a marca de uma prática dominante que se impôs com uma força negadora do outro. Nesse caso, dos índios originários dessa terra de graça, como foi chamada por Cristóvão Colombo, os quais foram aniquilados de forma impressionante.

No México independente, já desde a época do Porfiriato, o Estado liberal incorporou para si os antepassados indígenas pré-colombianos, mas negou-lhes a seus descendentes, os indígenas vivos do

---

2 Nas histórias sagradas e os mitos dos maias define-se os primeiros maias, os homens verdadeiros, como homens de milho, um reflexo de uma sociedade agrária onde o elemento terra tem uma importância simbólica fundamental.

3 Ver *The Maya Civilitation. Maya Links*: <http://afs.pvt.k12.pa.us/resources/Mayalinks.html>.

território mexicano, os direitos comuns a todos os cidadãos. Enrique Florescano lembra a guerra virtual e real do Estado mexicano contra os indígenas durante o século XIX, nos seguintes termos:

> Nas suas relações com os povos indígenas, os dirigentes do país reviveram os métodos dos conquistadores: decretaram que sua cultura era superior à dos nativos e, em consequência, esforçaram-se em impor seus valores e suas leis. E quando os povos índios atreveram-se a resistir a essa avalanche impositiva, foram declarados inimigos da civilização e os poderosos não hesitaram em promover guerras exterminadoras contra eles (FLORESCANO, 1996, p. 53).

Para Adolfo Gilly (1998), nesse contexto, os indígenas que quisessem ser mexicanos teriam que renunciar à sua própria identidade. É dizer, o Estado liberal não só tirou a terra das comunidades, mas também seu mundo, seu imaginário e seu passado (p. 44). Na Constituição de 1917 também não foram incluídos os indígenas. Eles apareciam na forma geral do direito à terra dos camponeses e das comunidades. O projeto nacional do novo estado mexicano era a absorção do indígena no mexicano, era "cidadanizar" o índio através da educação pública, a proteção estatal e o desenvolvimento econômico (p. 45). Essa visão excludente do componente indígena real, o índio de carne e osso, na construção do estado mexicano, ficou mais clara no estado de Chiapas, que permaneceu às margens da revolução mexicana. O governo de Obregón fez um pacto com a oligarquia latifundiária local e, em troca de apoio político, deixou intacta sua dominação sobre os camponeses e os povos índios. Esse pacto foi para a oligarquia chiapaneca uma etapa mais de sua história de "modernização" de cima para baixo, sem mudanças nas relações sociais. Foram desenvolvidas ferrovias, estradas, capitais, administração estatal, tudo montado sobre uma obscura e terrível relação servil, mantida pela força e pela ignorância sobre os habitantes do campo chiapaneco.

Gilly (1998) fala de um tipo de tempo estagnado, no qual se reproduziam as relações de mando-obediência da colônia, embora o novo sistema político fosse a república (p. 46). O historiador argentino, ao refletir sobre a situação dos indígenas na república liberal de Porfirio

Díaz, traz uma referência de Eric Van Young, o qual afirma que no período republicano nada tinha mudado, com relação aos índios, desde a época da colônia.

> No período colonial, a maior parte dos indígenas eram vistos (sic) pelas autoridades não só como crianças com reduzida capacidade intelectual, mas também como ignorantes, preguiçosos, bêbados, perversos e por natureza com tendência à violência extrema e à regressão religiosa (YOUNG *apud* GILLY, 1998, p. 46).

Em 1994, nas primeiras declarações sobre o levante em Chiapas, o governo de Carlos Salinas de Gortari apelou à teoria da conspiração estrangeira, ao afirmar que só grupos de guerrilheiros bem treinados, vindos do exterior, poderiam ter organizado e executado essa ação militar[4], naquela região onde a população é majoritariamente indígena. Também em uma tentativa por minimizar o movimento insistiu-se que se tratava de um foco de perturbação regional protagonizado por pequenos grupos de indígenas "monolíngues"[5], que não refletia a realidade nacional e que seria controlado em poucos dias. O desenrolar dos acontecimentos demonstrou que não se tratava de grupos estrangeiros de "guerrilheiros profissionais" e que não era apenas um conflito regional localizado no estado de Chiapas, já que os rebeldes neozapatistas levantaram uma profunda crítica ao sistema político-econômico mexicano que teve repercussão em grandes setores da sociedade mexicana. Além disso, a crítica atingia o modelo neoliberal que vigora em escala planetária e esse questionamento também encontrou eco na sociedade civil internacional que na era da telemática se estrutura no avanço das comunidades virtuais na rede mundial de computadores.

Mas, nesse cenário de exclusão e de resistência como se chega ao levante armado de 1994? Como se chega à criação de uma organização

---

4 O EZLN em sua primeira atuação pública tomou militarmente quatro municípios do estado de Chiapas, incluindo a cidade colonial de San Cristóbal de Las Casas, na região dos Altos.

5 O termo era utilizado para afirmar que apenas falavam uma língua indígena e não o espanhol oficial.

político-militar como o EZLN? Onde encontrar as pistas para entender todo esse processo?

O antropólogo e historiador francês Andrés Aubry[6] diz que o que aconteceu com Chiapas em 1994 com relação à opinião internacional foi o mesmo que aconteceu, vinte anos antes, em 1974, no México internamente. Antes dessa data, Chiapas era um território desconhecido para o mexicano comum. Mas nessa década vários fatos se combinam para que o México olhe para esse estado do sudeste do país, com maior atenção. Já não é só um lugar tropical, com sua realidade tropical, suas cidades coloniais e as ruínas pré-colombianas dos maias. Por uma parte, incrementa-se a criação de gado e o cultivo do café e inicia-se a exploração petroleira e a construção dos grandes complexos hidrelétricos que farão da região um empório energético. Por outra, nesses anos criam-se as bases organizativas de um movimento camponês e indígena, que serão de uma importância fundamental no desenvolvimento das lutas sociais e políticas no estado de Chiapas até os dias atuais.

Em 1974, vinte anos antes do levante do EZLN, realiza-se o primeiro congresso indígena "Fray Bartolomé de las Casas[7]". O primeiro evento inter-étnico, que reuniu mais de dois mil indígenas *tzotziles, tzeltales, choles* e *tojolabales,* manifestou-se de forma multilíngue sobre a questão da terra, o trabalho nas fazendas, a exploração no comércio, os problemas em educação e saúde, cultura e direitos indígenas, entre outros temas importantes. Um fator que facilitou a realização desse encontro foi o apoio de um setor da igreja católica chiapaneca, liderado pelo bispo de San Cristóbal de las Casas, Dom Samuel Ruiz, que tinha abraçado a Teologia da Libertação, a qual estava em um ponto alto em vários países de América Latina, após o Concílio de Medellín de 1968[8].

---

6 Em entrevista de pesquisa, San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, em julho de 2001.

7 Apóstolo dos Índios ou "defensor e protetor universal de todos os povos indígenas", Frei Bartolomé de Las Casas (1474-1566) denunciou a sangrenta conquista espanhola da América.

8 A opção preferencial pelos pobres foi adotada no contexto de um nascente consenso radical de que as causas da pobreza na América Latina eram de natureza estrutural e tinham sua origem no imperialismo dos Estados Unidos (HARVEY, 2000, p. 91).

Como resultado dessa renovação, deu-se uma grande mudança na forma e no conteúdo do ato de levar a "Palavra de Deus". Neil Harvey (2000, p. 92) descreve como esse trabalho evangelizador era realizado: "Os catequistas já não eram treinados simplesmente para tomar a Palavra de Deus para ser entregue nas comunidades. Agora, eles tinham que fazer que ela encarnasse as tradições culturais e a vida cotidiana. É dizer, a Palavra de Deus não era algo que existia externamente, mas que se encontrava já presente nas comunidades. A tarefa era fazer florescer essa mensagem, respeitando e promovendo as práticas culturais da gente".

Tratava-se de uma dinâmica que estimulava as práticas dialógicas com um peso importante nas reflexões, as quais iam além do meramente religioso, para tocar nos assuntos econômicos e políticos das comunidades. Assim, inicia-se uma discussão sistemática sobre os baixos salários que recebiam nas plantações, as faltas de garantias nos títulos de suas terras, a corrupção nos órgãos governamentais e os abusos de comerciantes e latifundiários. Esse método de discussão-reflexão ajudou no resgate de algumas práticas indígenas para as tomadas de decisões. Discutir e refletir até conseguir acordos, que logo eram obrigatórios para toda a comunidade.

Aubry (2001) considera que a década de 1970 é um divisor de águas na luta dos indígenas chiapanecos, porque antes dessa época os assuntos dos indígenas eram matéria exclusiva dos integrantes do INI (Instituto Nacional Indigenista). Com a organização de base, os indígenas conseguem superar os *indigenistas* na busca de soluções a seus problemas. Assim, o indígena, de objeto de atenção, passa a ser sujeito de sua história. Na emergência de novos movimentos sociais criam-se organizações não tradicionais, muito diferentes dos partidos políticos. Como não têm um calendário eleitoral, esses movimentos focalizam seu trabalho na resolução dos problemas cotidianos: problema da terra, mercados, escolas, salubridade, saúde. O tipo de organização que se estrutura são frentes, alianças, blocos, união e até união de uniões. Como consequência dessa dinâmica, acumula-se uma força social e política que será cada vez mais qualificada. Nesse processo orgânico, o indígena se destaca como um ator social que vinte anos depois tomará um lugar no espaço público como um renovado ator político.

Segundo Buenrostro y Arellano (2002), os indígenas de Chiapas demonstraram sua energia ao criar as condições para o exercício de uma democracia que significasse a reelaboração de sua experiência comunitária. As organizações locais foram se espalhando por todos os cantos da região, onde a miséria e a injustiça social estavam mais presente, sobretudo nas "*cañadas*", na zona de Los Altos e na Selva Lacandona. Os indígenas começaram a falar uma língua em comum, polifônica e polissêmica, que demandava seus direitos, começando pelo **direito a ter direito**, que define o conceito de cidadania em Hannah Arendt (1992). Entre essas organizações, se destacaram pela sua combatividade a Associação Rural de Interesse Coletivo (ARIC), União de Uniões, Central Independente de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses (CIOAC), Organização Camponesa Emiliano Zapata (OCEZ), União das Comunidades Indígenas da Selva de Chiapas, Comitê de Defesa da Liberdade Indígena (CDLI) e a organização *Xi'nich*[9].

Rosa Rojas[10], militante feminista e jornalista do diário *La Jornada*, a qual durante muitos anos trabalhou como repórter especial para os assuntos indígenas e camponeses no estado de Chiapas, diz que já nos anos 1980 o nível de luta e de organização desses movimentos sociais era significativo.

> [...] na zona de Simojovel, por exemplo, havia a Central Independente de Operários Agrícolas e Camponeses que, num primeiro momento, lá em 83, estava lutando para que seu trabalho fosse reconhecido como trabalho, legalizar seu sindicato e ter dias de folga. Porque eram 'peones acasillados'[11] nas fazendas, é dizer mantinham relações quase medievais, em condições miseráveis, sem nenhum direito (ROJAS, 2001).

---

9 A palavra indígena que significa *formiga* lembra o trabalho constante e coletivo desse movimento social.

10 Em entrevista de pesquisa, Cidade de México, em julho de 2001.

11 Trabalhadores em condições semelhantes às existentes no sistema feudal: trabalham 3 ou 4 dias da semana, de forma gratuita e obrigatória, dedicando-se nos demais dias ao cultivo de um pedaço de terra na mesma fazenda para consumo próprio e se colocando obrigatoriamente à disposição do patrão para qualquer atividade (BUENROSTRO Y ARELLANO, 2002, p. 23).

A negativa dos fazendeiros e das autoridades em reconhecer o sindicato e as outras demandas do movimento levou o grupo de camponeses, na sua maioria descendentes dos maias, a outros patamares de luta. Do reconhecimento das leis trabalhistas passou-se à luta pela terra com as invasões de terrenos. Os conflitos foram mais fortes nas zonas onde hoje os neozapatistas têm maior presença. Quando ocorreu o levante de 1994, ainda existiam "*peones acasillados*" nas zonas de *Ocosingo*, *Las Margaritas* e *Palenque*. Na zona das "*Cañadas*", já a finais dos 1980, *Xi'nich* falava na necessidade de ter municípios autônomos.

A noção de ruptura, a possibilidade de subverter a ordem, uma história outra, a força do sincretismo cultural, uma fala que liberta e diverte, essas ideias e muitas outras, disparam-se quando se entra em contacto com o fenômeno político-cultural do neozapatismo. Para entender esse fenômeno, que hoje ocupa a atenção de militantes, pesquisadores e cidadãos planetários, faz-se necessário uma viagem pela história do México, pelas condições socioeconômicas das comunidades indígenas, pelo particular quadro político que se tem construído nos últimos anos e pelos universos simbólicos contrapostos que tecem o conflito. Trata-se de uma reflexão em múltiplas dimensões.

Novos atores... nova política

Na política, é preciso se localizar no campo da esquerda e dos movimentos populares latino-americanos. Porque o levante armado de 1994 em Chiapas foi, fundamentalmente, uma resposta ao modelo de dominação capitalista – com cara neoliberal –, representado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), mas também o processo de luta que se desencadeou, entre os indígenas e o Estado mexicano, preencheu um enorme vazio no âmbito da esquerda do país e do continente.

Ressalta-se que a notoriedade do movimento não se deu só por ter chegado em um importante momento de refluxo para as forças revolucionárias ou socialistas, mas, sobretudo, pelas propostas políticas que dinamitaram os esquemas "sacro-santos" da velha esquerda. Por um lado, colocam o tema central da democracia como ponto de par-

tida para a constituição de uma cidadania ativa, que se fundamenta no reconhecimento e exercício dos direitos fundamentais, não só dos indígenas, mas de todos os mexicanos. Pelo outro, questiona-se a singularidade do sujeito revolucionário e o conceito de vanguarda.

Tradicionalmente, os índios da América Latina tinham sido vistos pelos partidos de esquerda e movimentos guerrilheiros, excetuando raros casos[12], como minorias étnicas sem importância para o processo revolucionário. Em algumas experiências até foram considerados contrarrevolucionários[13], por pertencerem às classes atrasadas. Em outras, o componente indígena, como elemento constitutivo, não estava presente nos projetos políticos das organizações guerrilheiras, apesar de se tratar de países com uma população indígena importante, como foi o caso de Sendero Luminoso, no Peru.

Contudo, em uma linha mais atuante, poder-se-ia indicar a experiência do Comando Quintín Lame na Colômbia, na década dos anos 1980. E, em tempos mais recentes, os indígenas do Equador e da Bolívia que têm impulsionado importantes movimentos políticos e sociais, como o *Pachacutik*[14] e os *cocaleros*[15], respectivamente.

O neozapatismo, já foi definido por Lowy e Bensaid (2000) como um tapete tecido multicolorido, feito com fios antigos e novos. Um primeiro fio – ou tradição – é o guevarismo, o marxismo em sua forma revolucionária latino-americana. O primeiro núcleo do EZLN, fundado em 1982, era guevarista. A expressão mais clara dessa tradição é a importância da luta armada no seu projeto, a qual ficou clara nas

---

12 Destaca-se a interpretação marxista de José Carlos Mariátegui que assinalava o enorme potencial revolucionário que significava que aos fatores de exploração econômica somaram-se os fatores da opressão étnico-cultural (MARIÁTEGUI, José Carlos. 7 **Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana**. Lima: Jucen, 1984).

13 Na Nicarágua sandinista os índios miskitos, excluídos do processo revolucionário, tiveram uma participação ativa dentro da contrarrevolução impulsionada pelos Estados Unidos.

14 Movimento político equatoriano que se funda em 1996. Em língua quéchua, *Pachakutic* significa transformação.

15 Os índios bolivianos, que cultivam a folha de coca, têm-se constituídos em um movimento com forte presença política.

ações de janeiro de 1994. Um segundo fio é a herança histórica de Emiliano Zapata, com seu componente de luta camponesa, programa agrário e organização comunitária. O terceiro fio é a Teologia da Libertação, representado no trabalho de conscientização e auto-organização das comunidades indígenas, promovido pelo bispo Dom Samuel Ruiz[16] durante os anos 1970. Embora esse trabalho não tivesse uma vocação violenta, do ponto de vista político nutriu às bases do neozapatismo. O quarto fio é a cultura maia dos indígenas de Chiapas, na qual se destaca sua relação com a natureza, sua solidariedade comunitária e sua resistência à modernidade. O último, e mais recente fio, seria o das exigências democráticas da sociedade civil mexicana, incorporadas a partir de 1994.

Com o neozapatismo, o sujeito revolucionário se multiplica. Comunidades indígenas historicamente excluídas, de atores sociais, tornam-se atores políticos de peso significativo no contexto mexicano e internacional. Movimentos sociais que se articulam como parte de uma sociedade civil que demanda uma democracia substancial (de base, participativa, direita) que se reflita no "mandar obedecendo" das dinâmicas organizativas dos descendentes maias. Cibermilitantes, internautas críticos, que se constituíram em comunidades virtuais para denunciar a repressão do exército mexicano à rebelião de Chiapas, em 1994 e 1995, e a partir daí articularam-se como redes de solidariedade que, a sua vez, utilizam a rede mundial de computadores como espaço de contestação política contra a globalização neoliberal.

A guerra pela palavra e o universo midiático

No âmbito da comunicação, abrem-se várias dimensões. O primeiro destaque é para o discurso neozapatista, através do qual se gera uma interação dialógica e polifônica que diz respeito às múltiplas caras de uma sociedade civil – local e global – que se funda no universo da

16 Foi fundamental a participação da Arquidiocese de San Cristóbal de Las Casas, na organização do primeiro Congresso Indígena, realizado em Chiapas em 1974.

pluralidade cultural. Para quem quer colher transformações sociais, o semear a palavra é um ato fundamental. Além disso, no discurso neozapatista, pode-se identificar uma natureza prismática que se constata nos distintos planos de leitura que ele pode ter. Nesse sentido, destacam-se os traços culturais dos descendentes maias, seu universo simbólico-mítico, que aparecem de forma contundente na materialidade textual dos neozapatistas, especialmente, na sua narrativa sincrética e na oralidade dos comandantes nas alocuções dos atos públicos. Não por acaso, afirma-se que o grupo insurgente tem, nas palavras, suas armas mais preciosas.

Por outro lado, encontra-se o importante uso dos meios de comunicação no desenrolar do conflito chiapaneco, o qual tem levado muitos analistas a afirmarem que se trata de uma guerra midiática. Já desde o 1º de janeiro de 1994, o fato noticioso ganhou espaço midiático e entrou na vida dos jornalistas que fizeram a cobertura do conflito. Até hoje, sua produção, na forma de reportagens, notícias ou documentários, circulam nos meios de comunicação mexicanos e internacionais.

O levante armado dos indígenas mexicanos foi um importante elemento de estímulo para aprofundar a produção jornalística sobre América Latina, para jornalistas estrangeiros que a partir do conflito chiapaneco mostraram maior interesse na conflitualidade social e política latino-americana.

No México, a contundência informativa do conflito de Chiapas teve um impacto importante na mídia, sobretudo, na imprensa escrita, a qual registrou algumas mudanças a partir de 1994. Isso é realmente significativo, se levarmos em conta que a mídia mexicana se desenvolveu, durante muito tempo, dentro do ângulo do poder do PRI, como partido-estado. O fenômeno do neozapatismo ajudou nesse processo, porque o México, e, particularmente Chiapas, transformou-se em notícia. Algumas publicações como o diário *La Jornada*[17] cresceram muito a partir do conflito chiapaneco. Essas pequenas mudanças, que serviriam para resgatar, em parte, o papel social do jornalismo mexi-

17 Esse jornal, considerado pelos analistas como centro-esquerdista, mantém correspondentes permanentes na zona de conflito e tem uma edição regional para os estados do sul e sudeste mexicano.

cano, não tiveram muito espaço nos meios eletrônicos, sobretudo na televisão. Contudo, em momentos de clímax informativo, o peso do fato jornalístico impor-se-ia, como no caso da Marcha da Cor da Terra, em fevereiro-março de 2001, quando Televisa negociou com a revista *Proceso*, para transmitir, ao vivo, uma entrevista com o subcomandante insurgente Marcos que realizou o jornalista Julio Sherer, diretor dessa publicação, na véspera da chegada dos neozapatistas na Cidade de México.

As novas tecnologias de comunicação também têm deixado sua marca, do ponto de vista jornalístico, no conflito. Não só porque os profissionais fizeram uso extensivo das novas ferramentas para difundir suas matérias. Senão, também porque o EZLN tornou-se uma fonte primária de informação para o trabalho jornalístico ao colocar no ciberespaço, documentos, comunicados e cartas.

Do ponto de vista jornalístico, o tema chiapaneco, com todas suas implicações, tem sido o ponto de referência para o desenvolvimento de um jornalismo em profundidade que mergulha na realidade política, social, econômica e cultural das comunidades indígenas como uma forma de entender esse complexo processo e mostrá-lo para a sociedade em geral. Além do material jornalístico que se produz nas conjunturas informativas, destaca-se a produção de trabalhos mais abrangentes que têm circulado como matérias especiais, grandes reportagens ou livros-reportagem.

Repensando as categorias

No campo teórico, a preocupação com o fenômeno político-cultural do neozapatismo fica evidenciada na significativa quantidade de trabalhos feitos sobre o tema, tanto no México como em outros países. Mas, ressalta como esse fenômeno tem aberto uma brecha para profundos questionamentos nas abordagens, nos enfoques, para refletir sobre a temática política e social, nesta entrada do século XXI.

A riqueza epistemológica desse instigante fenômeno é um convite para se repensar as categorias hegemônicas – próprias do pensamento

ocidental –, no campo teórico-acadêmico. Fala-se de uma ruptura com o colonialismo da racionalidade científica moderna que, politicamente, habita tanto na direita como na esquerda.

Pesquisadores que refletem sobre o neozapatismo de forma aberta e sistemática falam de um reconhecimento de saberes que vai além do acadêmico, que resgata e valoriza outros muitos saberes: popular, indígena, mítico, poético, global, planetário, entre outros. No patamar das formulações, aparecem as iscas para entender, conhecer e produzir conhecimentos. Os debates nutrem-se com leques e leques de questionamentos sobre o papel do Estado; as relações de poder, a política, sociedade civil e sociedade política, hegemonia econômica e cultural, espaços de legitimação simbólica, reforma ou revolução, globalização, entre muitos outros temas.

A capacidade de geração de reflexões, de pensamentos profundos, em torno a esse fenômeno diz a respeito de sua força transcendente, muito além de sua localização histórica, espaçotemporal, que abala esquemas e convida a pegar a trilha, no campo das ciências sociais, de uma relação sujeito-sujeito, aberta aos diálogos de saberes.

Seria paradoxal fechar-se em torno a visões e leituras que do neozapatismo possam ser feitas. Por isso, as reflexões não podem ser negadoras de outros pensamentos, nem dependentes de nenhum tipo de dogmatismo. Não é uma tábua rasa teórica, que possa ser aplicada a todas as culturas, processos históricos etc., de forma mecânica.

A marca da diversidade cultural, do pluralismo e da complexidade seriam pontos de referência de uma proposta universal de inclusão. A partir da demanda por "um mundo onde caibam muitos mundos", pensa-se o neozapatismo – apoiando-se nas metáforas e alegorias maias –, como fenômeno social e cultural cheio de muitos rostos: rostos dos sem rostos, dos homens e mulheres de milho, dos homens e mulheres morcegos que habitam as noites da Selva Lacandona, mas também de todos os excluídos do mundo globalizado, que podem descobrir, nas lutas desses povos indígenas, os sonhos e as esperanças de um outro mundo, que também é possível.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 1992.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas**. São Paulo, Alfarrabio, 2002.

FLORESCANO, Enrique. Los indígenas, el Estado y la nación. **Proceso**, n. 1049, México, 8 de diciembre de 1996.

GILLY, Adolfo. **Chiapas, La razón ardiente**. México, D. F., Era, 1998.

HARVEY, Neil. **La rebelión de Chiapas**. México, D. F., Era, 2000.

LOWY, Michael; BENSAID, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. Xamã. São Paulo, 2000.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana**. Jucen, Lima, 1984.

RUZ, Mario Humberto; VIQUERA, Juan Pedro. **Chiapas**: los rumbos de otra historia. México, D. F., CEMCA-UNAM, 1994.

Entrevistas realizadas em julho de 2001, México:

Rojas, Rosa. Militante feminista e repórter especial, do diário mexicano *La Jornada*, para assuntos agrários e indígenas no estado de Chiapas.

Aubry, Andrés. Antropólogo e historiador francês. México. Responsável pelo arquivo histórico da Diocese de San Cristóbal de las Casas, Chiapas.

Base de apoio zapatista na comunidade tojolabal, de La Realidad, na Selva Lacandona, Chiapas.

De populares, cuarteteros y ciudadanos:

apuntes sobre la configuración discursiva de los destinatarios de Radio Popular

E. Santiago Martínez Luque

1 Introducción

Radio Popular es una institución privada con fines de lucro, surgida en 1994 como parte del Grupo empresarial cordobés Radiodifusora del Centro S.A. (Cadena 3). Esta emisora FM desde sus inicios ha logrado construir una amplia audiencia en nuestra ciudad particularmente entre los sectores populares a los cuales está orientada de manera específica. Actualmente es una de las tres radios más escuchadas de Córdoba, una urbe que alcanza una población cercana al millón y medio de habitantes.

En este trabajo presentaremos algunos resultados de una investigación más amplia en la que analizamos los modos de constitución discursiva de los destinatarios de emisoras FM orientadas a sectores populares de la ciudad[1]. En particular desarrollamos aquí las estrategias

1 Tesis en proceso de escritura. *Propuestas comunicativas, discursos y estrategias de constitución de públicos de emisoras FM orientadas a sectores populares de la*

discursivas implementadas por Radio Popular para construir la imagen de sus destinatarios a partir de los modos de nominación, el tipo de apelaciones así como las referencias sobre intereses, gustos y actividades. En este sentido buscamos reconstruir aquí las imágenes preponderantes que se configuran como propuestas de identificación así como aquellas ausentes en virtud de lo cual se habilitan o clausuran las posibilidades de reconocimiento de los sectores populares de la ciudad en cierto tipo de figuras, prácticas y ámbitos de acción.

2 FM Popular, discursos radiofónicos e interpelación

FM Popular construye su propuesta centrada en los modos marcadamente expresivos de sus conductores, la fuerte presencia del humor, la apelación a la alegría y la diversión permanente con una cierta recuperación de lo sentimental, lo amoroso y lo sensible. Ordenada por un ritmo radiofónico constante que propone estar "siempre arriba, arriba" lo musical se sitúa como aspecto central en tanto aquello que sostiene este ritmo permanente. En términos generales la música es el eje organizador de toda la programación pero de manera fundamental es el género local de la *música de cuartetos* – de fuerte consumo entre los sectores populares de la ciudad – el que domina la enorme mayoría de los bloques horarios. En este marco la propuesta de FM Popular se desenvuelve desde la alegría, el humor asignado de manera predominante a los sectores populares cordobeses junto con la recuperación del cuarteto como la música propia de nuestra región.

En este contexto partimos de una perspectiva que sitúa a la radio, en tanto medio de comunicación, como parte de la dimensión cultural de nuestras sociedades en la que se juegan y condensan formas y relaciones culturales – implícitas y explicitas – en tanto anudamientos y cruces de múltiples redes culturales. Desde allí, comprender la estructuración del discurso de esta emisora es parte de una operación analítica

---

ciudad de Córdoba. Maestría en Comunicación y Cultura Contemporánea (CEA-UNC).

que intenta aprehender los complejos escenarios culturales actuales. De modo más amplio, para nosotros, investigar estos discursos es también una puerta de entrada para dar cuenta de los modos en que se organiza y reproduce la hegemonía en nuestras sociedades[2].

En particular, el discurso radiofónico es analizado desde una perspectiva sociosemiótica, en el marco de la cual se entiende que el *sentido social* siempre se manifiesta de manera discursiva y es sólo a partir de esas materialidades que se define y funda la posibilidad misma de un análisis (Verón; 1998). A su vez, entendemos que el sentido en tanto producción de carácter social, está atravesado por ordenamientos más globales que constriñen y condicionan su desarrollo por lo que no puede ser pensado como de generación libre y espontánea. Junto con Angenot (1998) planteamos que más allá de las diferencias particulares en las prácticas significantes, en los estilos y las opiniones, es posible reconstruir en toda sociedad *predominancias* que atraviesan los discursos particulares, maneras de conocer y de significar propios de un momento sociohistórico. La *hegemonía discursiva* supone reglas específicas de *lo decible, de lo escribible, así como de lo visible*, que van construyendo lo aceptable y pensable en términos discursivos en una sociedad y época determinada[3].

En articulación con dichos conceptos, partimos de la idea de que los procesos de construcción de figuras de identificación se producen desde lo discursivo y en particular desde los dispositivos y estrategias de enunciación e interpelación que allí se configuran. En esa línea, con Stuart Hall consideramos que las relaciones de poder juegan en las configuraciones de aquello que queda afuera, como exterior constitutivo de los procesos de construcción de las propuestas de identificación. La

2 Por cuestiones de pertinencia y espacio no desarrollamos las vinculaciones entre cultura y hegemonía, pero nos interesa dejar en claro aquí que para pensar dichas relaciones seguimos las conceptualizaciones de Antonio Gramsci y Raymond Williams (Portantiero; 2002).

3 Las condiciones, temáticas, los estilos así como los modos de la enunciación son condicionados por aspectos propios de las formaciones sociales históricas y por las posiciones que ocupan los enunciadores y destinatarios en las relaciones de poder.

dinámica de inclusión/exclusión es resultado del proceso naturalizado y sobredeterminado de cierre desde lo discursivo (Hall; 2003: 18)[4].

En este trabajo presentamos algunos de los resultados más relevantes del análisis sobre la dimensión enunciativa del discurso de la emisora, y, de modo particular, el aspecto sobre los modos lingüísticos directos de construcción de sus destinatarios.

3 La construcción del destinatario de Radio Popular

3.1 De lo individual y lo particular

Como primer aspecto de relevancia nos interesa señalar la fortísima construcción individual y singular del destinatario de esta propuesta radiofónica. Sólo matizada en algunos momentos por una inscripción familiar, en grupos de amigos o trabajo, a lo largo de todos los programas se dibuja una predominancia notable de las referencias, calificaciones o preguntas que construyen como objeto y/o destino a sujetos en tanto individuos particulares. Ya sea materializado en diálogos abstractos o concretizados en apelaciones construidas desde referencias cercanas pero generales como *amigo*, ya sea desde el nombre o apodos particulares asignados a oyentes, la imagen del destinatario de Radio Popular se construye fuertemente alrededor de la figura de una persona única e irrepetible que se define por su singularidad. En esa línea, el discurso de toda la programación se ve articulado de manera fundamental por lo *subjetivo*: de lo que allí se trata es de dar cuenta de las realidades singulares, de sus problemas particulares, familiares o laborales, de sus gustos e intereses, de sus problemas de pareja o amorosos pero tendencialmente construidos como destinatarios individuales. La

4 Para nosotros en este punto adquiere centralidad la noción de *trabajo discursivo* como parte de prácticas discursivas que producen *efectos de frontera,* demarcan y ratifican los límites simbólicos de lo que se propone y aquello que se deja afuera como su exterior constitutivo.

relación comunicativa que parece proponerse es estrictamente un vínculo interindividual entre enunciadores y destinatarios que comparten intereses particulares. Es la celebración de la subjetividad en el marco de la cual se van dibujando mil fisonomías diferentes que configuran una imagen de la audiencia como sumatoria de individuos. En esa relación son reconocidos como tales y desde allí pueden dibujar los rasgos de sus personalidades. No hay marcas de condena al individualismo, no hay barreras para su desarrollo.

Ahora bien, un aspecto que llama especialmente la atención es que, en general, al proponerse un vínculo interindividual como el que hemos nombrado, el discurso de la radio, que se constituye como de carácter público por las características de su circulación – libre y sin restricciones –, parece estar construido como un espacio ambivalente entre tal carácter y lo privado. En esa línea, la estructuración de relaciones entre enunciadores y destinatarios que se configura se dibuja con marcas de refugio, de espacio alternativo: allí se escucha la música que te gusta, se charlan los temas comunes que te interesan, tus problemas y situaciones personales, se construye reciprocidad con otros, entre otras cuestiones. El despliegue central de la imagen de destinatario pasa por allí, por la construcción de sujetos que ponen énfasis en el desarrollo propio sin mayor anclaje en lo social, por lo que está fuertemente marcado no sólo por lo singular sino por lo *íntimo-privado*. En este marco casi todo el intercambio propuesto y construido desde el discurso de la emisora, descansa sobre el supuesto de que la sociabilidad e incluso la reflexión sobre ella, se concentra en *lo íntimo* (G. Canclini; 1998: 268).

A partir de lo dicho, en el discurso de Radio Popular se propone un tipo de vínculo de *cercanía y reciprocidad específica entre seres singulares,* como espacio de despliegue particularizado e íntimo entre enunciadores y destinatarios. De modo productivo esto puede vincularse con estudios de distintas disciplinas que vienen señalando de manera diferenciada a las culturas convencionales, entre los sectores populares argentinos se verifica una estructura de valores culturales, en el marco de la cual se destaca la noción de *reciprocidad* de manera especial. Se observa, así, que las estructuras de reconocimiento y legitimación social se construyen en estricta relación de reciprocidad y dependencia

con otros y esas "(…) relaciones no son nunca entre iguales abstractos, como piensa el derecho, sino entre **personas singulares** que merecen un trato según el tipo"[5] (Miguez y Semán; 2006: 27).

3.2 Los oyentes

A lo largo de todo el discurso radiofónico analizado, *el oyente* es una de las imágenes de identificación fundamental que se proponen. En algunos casos articulado desde su modo plural, en tanto suma de individualidades – nombrado como la audiencia –, y en la mayoría de los casos en su carácter individual, esta referencia es fortísima y permanente.

Este tipo de destinatario es construido, a su vez, como un sujeto que cotidianamente busca en la radio "ritmo", "ánimo", "música y alegría" pero al que también se le atribuye interés en ser *participe activo y permanente* en la construcción del discurso de la emisora. En relación a esto se le atribuye gran nivel de participación a través del envío de mensajes de texto, mails, participación en la redes sociales, mensajes grabados, entre otros. A partir de esta configuración del destinatario como sujeto que invierte energías y recursos en mantener y establecer vínculos con la emisora, se soporta también la relación de reciprocidad en el intercambio que se dibuja con el enunciador: el destinatario--oyente es parte demandante, exigente y se le asigna una posición desde la cual puede jugarle bromas al locutor. Gracias a ese mecanismo que se construye como participación se posiciona en cierto plano de igualdad a destinatarios y enunciadores, pero de manera fundamental se legitima la emisora como espacio de visibilidad y rescate de lo que es vivido como lo propio.

No obstante, quizás el rasgo más interesante de este aspecto sea la particularidad de construir un destinatario-oyente que es una figura *previamente* constituida a la puesta en acto del discurso. En esa línea, la construcción que proponen los distintos enunciadores demarcan la imagen de un oyente ya existente y no como una figura potencial o posible. Así, en el discurso analizado no hemos registrado ni una sola

5 Las negritas son nuestras.

marca de referencias a destinatarios como oyentes a ser conquistados o a ser sumados. Para Radio Popular, el destinatario-oyente *siempre ha sido tal* a partir de lo cual también se construye la legitimidad de la emisora como la más popular, en el sentido de la más escuchada**.** El destinatario-oyente de la *Popular*, ya es parte de la audiencia de la radio, es un *ya-siempre-oyente*. Este verdadero dispositivo se revela como de particular importancia al operar como legitimador cotidiano de la propuesta radiofónica y como una operación de cierre de la imagen que se construye de sus oyentes. La figura que, de este modo, se propone es *cerrada y permanente*, todos los que deben estar posicionados en ese lugar, ya lo están, siempre lo han estado y por lo tanto siempre lo estarán. De esta manera este aspecto se constituye en parte nodal de la operación más amplia de interpelación en tanto propone anudar, unir a los sujetos a esta imagen de destinatarios desde un doble sentido: a) moldea la "historia" de esa imagen y su sentido de manera retroactiva por lo que moldea la propia "historia" del sujeto; b) produce un borramiento de la operación de identificación propuesta, del dispositivo de fijación de los sujetos a esta imagen significativa del *ya-siempre-oyente* (Zizek; 1992: 144).

3.3 Cuartetero(s)

Diseminado como elemento diverso pero omnipresente en todo el discurso de la emisora, el cuarteto se constituye en un elemento central desde el cual nombrar y construir al destinatario a partir de una serie de prácticas y ámbitos que se anudan a la imagen base ya descripta del oyente. En esa línea, desde el goce de este tipo de música difundida por la radio, pasando por la participación más activa del pedido y/o exigencia de la difusión de ciertas bandas o temas musicales específicos, a la asignación de la práctica permanente de asistir a los eventos bailables del género, se intenta construir un arco muy amplio de destinatarios relacionados al cuarteto a través del discurso de la emisora. De esta manera, se les asigna conocimiento y competencias sobre el desarrollo histórico de este ritmo; gusto e incluso fanatismo por bandas o cantan-

tes particulares – *seguidores*[6], *fans* –; se les atribuye también la práctica de asistir asiduamente a los bailes del género – *bailarines* – o también la característica de ser participes del mundo festivo de la noche de la ciudad – ser *fiesteros* –. Este amplio espectro, a su vez, contiene la imagen de sujetos adultos jóvenes con una vida en pareja o familiar, de jóvenes solteros con una vida amorosa activa – que se desenvuelve en los bailes como lugar primordial de encuentro con el otro sexo –, de hombres y mujeres heterosexuales e incluso muy tímidamente de homosexuales y travestis.

El cuarteto, así, es consumo cultural pero también analogía de la noche, la fiesta y los encuentros bailables – en tanto suspensión de las rutinas productivas –, desde donde se asigna a la dimensión del ocio, el placer y el goce de los destinatarios un carácter central en sus vidas. Nombrados desde el cuarteto se construyen sujetos que se emplazan en cuerpos que laten al ritmo de este género musical, es decir de la alegría, el baile y el goce despreocupado. Allí se dispone, al propio tiempo, a la vida amorosa, erótica y sexual como cuestión de relevancia y articuladora de las figuras de identificación propuestas.

Por otra parte, se dibujan sujetos que se articulan desde el mundo del cuarteto como espacio específico de trabajo y producción desde el que podemos reconstruir figuras particularizadas como productores musicales, músicos de pequeñas y grandes bandas, aspirantes a músicos que también son situados como cuarteteros y oyentes de la emisora.

Como se puede observar, desde una trama que se reconoce y construye como diversa y compleja por la variedad de condiciones y prácticas que acuna, ninguna posición relacionada con el cuarteto parece quedar fuera. En este caso la construcción de los destinatarios de Radio Popular se mueve en el juego de la amplitud del fenómeno cultural de este género musical[7] en pos de lograr la mayor inclusividad posible.

6 En muchas ocasiones el modo de nombrar la condición de seguidores de bandas o cantantes se produce a partir de un desplazamiento del propio nombre de los artistas. Así, por ejemplo, se designa a los destinatarios como *moneros* o *trulaleros*, dado que se les construye como seguidores del solista Carlos la *Mona* Jimenez o de la Banda Trulala.

7 Según un trabajo de investigación privado reciente el fenómeno del cuarteto se ha extendido – de manera desigual – a gran parte de la sociedad cordobesa.

Pero, a su vez, parece necesitar articularse con la asignación específica y diferenciada de prácticas y vivencias múltiples, con la construcción de singulares destinatarios que se definen en torno a las variadas experiencias culturales posibles en relación al mundo del cuarteto[8]. De este modo, lejos de proponer una figura única, socialmente reconocida como la del *cuartetero* –fruto de un proceso de simplificación estigmatizadora sobre el género, de modo específico, y sobre los sectores populares, de modo general –, este discurso radiofónico implementa un dispositivo complejo para la construcción de imágenes de destinatarios que puedan dar cuenta de la omnipresencia del cuarteto, por un lado, y que logre ser movilizador en términos específicos, por otro lado. En esa línea, una interpelación discursiva que se articula desde el cuarteto y que busque cierto nivel de eficiencia en el proceso de identificación propuesto parece requerir reconocer las pluralidades y complejidades de los mundo(s) del cuarteto(s) y de los heterogéneos sectores populares de la ciudad de Córdoba.

A modo más general, todas estas figuras están atravesadas por los circuitos de producción industrial de este tipo de música y por la práctica de su consumo. Sea como productor, músico, público de la emisora, participante de los eventos bailables, consumidor de los productos que

---

Así, si bien a medida que se asciende en el nivel socioeconómico decrece el gusto por este ritmo musical, dicha preferencia está presente en todos los estratos sociales: el 26% de los cordobeses prefiere este ritmo por encima de cualquier otro. Esta proporción, de todas maneras, aumenta notablemente en las clases marginales y bajas alcanzando un 40% de preferencia exclusiva (Consultora Delfos; 2007).

8 A partir de la complejidad que reconoce en el mundo del cuarteto, Blásquez ha planteado la idea de mundos de los cuartetos. Sostiene, en esa línea, que el cuarteto y su circuito de producción de bailes se le han presentado de manera muy plural: "cada conjunto musical o cuarteto se ve obligado a construir su propio mundo, su propio éxito (…) En la creación de estos mundos, el género musical se va haciendo diferente, con variantes que distinguen y diferencian a distintos y diferenciados grupos sociales que se identifican/son identificados como *cuarteteros, ambienteros o bailarines (…) Mundos del cuarteto* debe entenderse entonces como símbolo conceptual para representar las interconexiones de acciones y experiencias individuales (…)" de diferentes actores (Blásquez; 2008: 22, 23).

allí se comercializan, consumidor de materiales de prensa y difusión y, por supuesto, como consumidores de los materiales discográficos, todas estas figuras de destinatario están perforadas implícita o explícitamente por esta marca. Desde el discurso de Radio Popular el cuarteto es, de este modo, un relato que permite articular diversos destinatarios exclusivamente desde su carácter de industria cultural regional exitosa, es decir sólo *desde su lógica mercantil*. No queda lugar para ningún otro modo de interpelación desde el cuarteto: los individuos de sectores populares, en el mejor de los casos, son situados como parte productora de esta maquinaria de reproducción del capital y, en la mayor parte de la propuesta, son emplazados en el final del proceso, como espectadores y consumidores.

3.4 Los populares

Desde el propio nombre que sostiene la identidad de la emisora pero también desde el de uno de sus programas más importantes[9], se propone un juego de identificación basado en la apropiación del significante *popular*. En ese dispositivo, la emisora busca proponerse como espacio de encuentro, reconocimiento e inclusión del destinatario en lo que es nombrado como lo *popular.*

En términos generales esto se configura desde la estructuración de un mundo de temáticas centralmente atribuidas a los sectores populares de la ciudad – música de cuartetos y folklore, fútbol, mundo de los medios y el espectáculo de manera central y en menor medida avatares generales de la vida política y social –; un tipo de vínculo asignado a estos sectores – relación de proximidad y reciprocidad, condensada en una relación afectiva, en la cual el humor adquiere un lugar central –; un tipo de uso de la radio que se le asigna a los sectores populares – inserta en rutinas de trabajo, ocupación, ocio y en la cual la función del medio es la compañía, el entretenimiento, la musicalización de la vida cotidiana, y en menor medida un tarea informativa –.

Pero de modo específico lo *popular* configura a los destinatarios de toda la radio como parte de los sectores mayoritarios, de la gente

9 LOS POPULARES, conducido por Santiago Gianola. Emitido de Lunes a Sábado de 12 a 17 hs.

común, de la gente de a pié. No obstante, si bien este aspecto es parte general de todo el discurso de la emisora también es necesario señalar que se configuran modos diversificados de articular la construcción de distintos *destinatarios populares*.

a) el destinatario desde lo popular popularizado

De manera permanente Radio Popular construye un destinatario que es parte de la edificación de la popularidad de cantantes y bandas dentro de la señal de la emisora pero también de la popularidad de la propia radio. Expresiones como "*lo más pedido, acá lo tenés*", *"escuchala, la popu es la más caliente* [la más escuchada]*"* o dispositivos como el ranking semanal, que posiciona a temas musicales según los niveles de supuesta solicitud por parte de oyentes son transversales a todo el discurso de esta FM. Se trata de la popularidad medible y controlada.

En ese sentido, lo popular es lo que se vende masivamente, lo que gusta a multitudes, es decir que es *lo popular que se construye desde la popularidad*. El desplazamiento de pueblo a popular y, aún más, a popularidad puede ser leída, en esa línea, como una operación de neutralización de la susceptibilidad política del pueblo (García Canclini; 1998: 241 y ss).

En esta articulación el *destinatario popular* es tal porque es incluido entre aquellos que escuchan lo más escuchado, que piden lo más solicitado. El destinatario aquí es parte de lo popular porque aquello que se propone como lo más escuchado, pedido, bailado, merece su adhesión. Mientras el pueblo es espacio de posible tumulto y peligro, la popularidad es medible, cuantificable desde los sondeos de audiencia, desde los rankings de ventas, es decir desde la pura lógica del mercado.

b) el destinatario desde lo popular tradicional

Por otra parte, observamos que principalmente en determinados programas y, en menor medida, en el resto de la programación se puede reconstruir un destinatario que nombramos como *popular tradicional.* Construido con una clara marca generacional, como adulto y adulto mayor, la imagen de este tipo de sujeto está articulada en torno a la recuperación de las tradiciones nacionales y a la asignación de intereses

vinculados a fechas patrias, las propuestas musicales del folklore nacional como *su música* –por pertenencia social, generacional y nacional –, y de modo específico en la participación activa en celebraciones que honran todo lo que tenga que ver con el relato nacional de la Argentina gaucha y sus prácticas reivindicativas[10]. Pero además de estos elementos estos sujetos discursivos se dibujan como parte de la gente común que se levanta temprano por la mañana y que ven en el trabajo y el esfuerzo cotidiano la posibilidad de progreso.

Este tipo de asignaciones, de operaciones discursivas se configuran desde distintos elementos linguísticos – como la articulación de dichos y frases populares con marca tradicionalista y campestre[11] –, apelaciones diarias a un destinatario construido como sujeto marcado por el esfuerzo popular – "soldadito de la vida" – y metáforas interpelativas en el mismo sentido que invitan, por ejemplo, "a tirar de este gran carro que es la vida". La figura más notable dentro de este tipo apelaciones es el diario y sistemático llamado a los *soldaditos de la vida* que al son del toque de diana militar deben levantarse y enfrentar el nuevo día. Esta figura masculina y militarizada opera con gran presencia en tanto interpelación del programa de primera mañana y parece adquirir su relevancia al ser capaz de condensar por un lado, la *metáfora del esfuerzo y lucha individual permanente* y, por otro lado, la *reivindicación de lo nacional y tradicional,* a través del rescate de la narrativa militar.

---

10 Esto se ve especialmente en ALEGRE DESPERTAR pero también hay marcas de este dispositivo discursivo en PARA TODOS y LOS POPULARES. Particularmente en este último todos los días viernes se produce una sección fija denominada *La peña del Colorete*. Las Peñas son las reuniones musicales danzantes donde se difunde la música folklórica nacional por lo que en esta sección del programa se le da lugar a este tipo de temas musicales pero también a un tipo de poesía popular tradicional de la época colonial -los Aro- que articulan rimas y humor.

11 Programa ALEGRE DESPERTAR: "Si dios quiere" (26/04/2010); "Fieston en el mailincito, claro hombre" (26/04/2010); "Que falta que hace un matecito con poleo" (27/04/2010); "Vas a tener que darle cuerda al gallo para que se despierte más temprano" (28/04/2010); "El pago que eligió Yupanqui para vivir eternamente" (24/03/2011) entre otras.

c) el destinatario desde lo popular plebeyo

En este tipo de articulación es donde se construye con más claridad un *destinatario popular* al que se le atribuye pertenencia a posiciones bajas en las implícitas jerarquías culturales y sociales. Con distinta presencia y características según los enunciadores-locutores que lo proponen, se dibujan muy claramente estas líneas demarcatorias de la imagen de este tipo particular de destinatario. El mismo se construye como parte de *algo que no es lo mismo*, algo que es *diferente* a otros sectores sociales diferenciado por características que para los otros serían parte de lo repulsivo, asqueroso y grosero. Se propone así reconocerse en parte de las estereotipaciones y estigmatizaciones que pesan sobre los sectores populares para construir una imagen positiva; se propone reconocerse en lo despreciado, lo sucio, lo irrespetuoso:

> **Locutor Principal**: Cómo será una manifestación de la gente del country?
>
> **Loc. Secundario**: la verdad que no sé. Cálculo que será igual que todas.
>
> **Loc. Princ**.: no, no, no, no!!! (…) Y deben venir todos con desodorante, viste… porque hay un solsito lindo para caminar bajo el sol.. caminar unas cuantas cuadras bajo el sol, entras a transpirar todo… los muchachos nuestros no importa si hay baranda [12] y algo de eso. Pero estos [otros] cada tanto deben estar haciendo pss!! Psss!! (imita sonido de difusores de perfume) en el cuellito por todos lados... deben venir con abanico así como para… (…)[13]

En otro programa se afirma:

> **Locutor**: Los populares eh, eh somos como un cayo, nosotros… ¿viste que a todos le salen cayos? ¿Viste cuando sos viejo? Bueno nosotros somos como un cayo, una verruga, un lunar,

12 Baranda es un modo popular de referir los malos olores corporales.

13 Diálogo sobre una acción de protesta protagonizada por vecinos de un barrio cerrado de clases altas. Programa PARA TODOS (27/4/2010).

> somos la muela picada, somos los hongos de los pies, somos los pelos de la axila… (…) somos la uña encarnada… que sé yo… somos… los populares… ni sé yo que somos…[14]

Esta imagen que se propone se extiende de modo difuso en parte importante del discurso de la emisora. En este marco la construcción del destinatario como parte de lo popular, desde esta articulación de sentido que hemos nombrado como *plebeya*, se define por ser lo execrable, lo que no es deseado por otros pero que opera, por diferencia, *como un límite demarcatorio fuerte y por ello como núcleo duro de un aspecto identitario que se le asigna al destinatario*.

De todas maneras, si bien hemos logrado reconstruir claramente la constitución de esta diferencia para desde allí nombrar a *lo popular plebeyo* y articularlo con el destinatario, no hemos registrado en ningún caso que esta diferencia se afinque o se establezca como conflicto con eso otro que lo define. En ese sentido, la construcción de lo *popular* se produce fundamentalmente como estilo diferenciado de vida y no desde la desigualdad o relaciones que puedan tener aires de dominación.

3.5 Ciudadanos: entre lo íntimo-privado y el conflicto imposible

Como hemos señalado la imagen de destinatario que se construye desde el discurso de Radio Popular está fuertemente marcada por su carácter singular e individual. Así, desde el despliegue de un sujeto afincado en lo personal sin mayor anclaje en lo social, lo subjetivo emerge como espacio nodal de articulación de los destinatarios de estos discursos. De este modo, si bien se le asignan actividades y atributos identitarios que pueden desenvolverse en y desde lo público urbano – como la de *cuartero (s)* – su articulación central se realiza desde un espacio familiar, del trabajo o las ocupaciones que está marcado por lo íntimo y lo privado. Esa relación de reciprocidad íntima en la que se

14 Referencia ambigua a productores del ciclo y a los que escuchan el programa. Programa LOS POPULARES (23/4/2010).

inscribe al destinatario aparece, entonces, marcada por la ambiguedad entre aquello que tiene su origen en lo privado y requiere de lo público para su expresión.

En este marco, el bajo nivel de incidencia que tienen las referencias que se le asignan a los destinatarios insertos en aspectos de la vida social problemáticos es una cuestión a ser destacada. Sea en el hogar, el trabajo o incluso en espacios de entretenimiento y espectáculos musicales y bailables[15] el destinatario parece no poder ser constituido como un sujeto que acarrea preocupaciones, problemas o como partícipe de conflictos *compartidos con otros*[16]. La tendencia es a dar lugar a dificultades y problemáticas de tipo personales, individuales o a lo sumo vinculados al ámbito familiar.

En este marco las situaciones de *demanda o conflicto* que efectivamente son construidas como tales, adquieren características verdaderamente llamativas.

Por un lado, se configuran prácticas de demanda o situaciones de conflicto en las que el destinatario es situado como parte de un *nosotros inclusivo* que incluye al enunciador como posible afectado por la situación de injusticia o de conflicto. Este *nosotros inclusivo* se presenta como de carácter amplio, ambiguo y en muchas ocasiones implícito, y remite a entidades abstractas como "los argentinos", "los cordobeses" o a afirmaciones generales como "así somos", sin clara demarcación de esa cuerpo colectivo. Desde este dispositivo discursivo el enunciador llega a incorporar al destinatario en acciones que exigen modificaciones pero que no terminan de configurarse como *demandas consolidadas*.

---

15 Los conflictos entre los asistentes a los bailes de cuarteto y la policía son hechos relativamente comunes pero no hemos encontrado ningún tipo de referencias a este tipo de cuestiones.

16 Los temas que mencionamos, de todos modos, no están totalmente ausentes pero parece proponerse que el destinatario construido los asume como un dato más de una realidad que se muestra como de difícil modificación: desde la ironía, desde dispositivos humorísticos, desde el asombro o el estupor que se le atribuye se construye un sujeto que es observador distante de la conflictiva realidad y que no se construye como actor en la misma. De allí que la imagen de destinatario en la que se le propone reconocerse a los oyentes es la de un sujeto resignado ante una realidad que, en general, se consideraría como socialmente inmodificable.

Así, por ejemplo, ante la difusión mediática de denuncias sobre la capacitación del personal de un servicio público de emergencias de salud de la ciudad (Servicio Municipal 136) se sostiene:

> **Locutor Secundario**: uno relato que manejaba camiones y que al mes siguiente estaba canalizando y poniendo inyecciones a niños…
>
> **Loc. Principal**: Gravísimo…
>
> **Loc Sec**: que no tenía ni idea de lo que era una jeringa…
>
> **Loc. Principal**: (…) ¿Dónde estamos? ¿En manos de quién estamos? ¿Qué comemos? ¿Quién nos atiende? ¿En manos de quién estamos en este país?[17]

En otro segmento, ante un fallo judicial que condena a una empresa prestadora de servicios de Internet a pagar multas por la mala calidad del mismo, se asegura:

> **Loc. Principal:** yo no sé realmente si se hace una investigación profunda, profunda, profunda y como debe ser, si realmente le están mandando siempre, permanentemente o casi permanentemente lo que uno paga. Pero bueno es otra de las *eternas dudas* que deberemos sufrir los usuarios en la República Argentina.[18]

Como se observa, en las situaciones potencialmente conflictivas, de negación o incumplimiento de derechos, se propone una imagen de destinatario incluida en entidades colectivas abstractas que son caracterizadas como críticas pero pasivas y resignadas. Complementariamente, las marcas – generalizables al resto del discurso radiofónico – como "lamentablemente es así" o "eternas dudas" nos hablan de la resignación atribuida a aquellos cuyos derechos son burlados y, por ello, tiene como supuesto una configuración inmodificable de los problemáticas reconocidas como tales. Las demandas de respeto de los derechos consagrados

17 Programa PARA TODOS (26/04/2010).

18 Ibid.

o por mayores derechos, de este modo, se configuran como tales sólo en aquellas situaciones en las que el enunciador se construye como parte perjudicada al tiempo que se dibujan como *necesarias* pero *irrealizables*.

En otros pocos fragmentos discursivos, la demanda se constituye como reclamo conformado desde una perspectiva individual[19]. Allí, el caso individual, el drama subjetivo, la casuística es la lógica que licua el carácter social del problema o situación: la carencia, la negación o suspensión de los derechos básicos es una situación que sufren sujetos particularizados.

De modo distinto a lo presentado, en otros segmentos del discurso de la emisora puede reconocerse un tipo diferente de construcciones que proponen un destinatario que sí logra dibujarse como parte de acciones de demanda, actividades de protesta social o protagonista activo de situaciones conflictivas pero con características particulares que vale la pena revisar.

A modo de ejemplo, podemos ver que ante la posibilidad de que los estudiantes de nivel medio pudieran ver los partidos de fútbol del Mundial Sudáfrica 2010 durante el horario escolar, tras críticas a los docentes por su supuesta poca dedicación al trabajo, se sostiene:

> **Locutor**: Vamos a hacer una marcha para que los chicos vayan a estudiar al colegio.[20]

Por otra parte, ante el mensaje de un oyente que informa que se corta la retransmisión del programa en una radio del interior provincial, se pronuncia:

> **Locutor**: Y bueno si saben donde vive, vayan a la casa y tirenle piedras muchachos. Si saben donde vive Raso [dueño de la emisora], agarren piedras y vayan y destrúyanla. Yo ya no defiendo más a Raso ya. Y si no vayan con una goma y la ponen ahí en frente de la Radioshow y la queman y que haya olor (…). No hay ningún problema eh[21].

19 Este tipo de configuraciones pueden ser reconocidas de manera especial en el programa matutino de la emisora, PARA TODOS.

20 Programa LOS POPULARES (27/4/2010).

21 Programa LOS POPULARES (27/4/2010).

En otro caso ante la falta de presentaciones musicales del cantante de cuarteto Cristian Amato se afirma:

> **Locutor**: Hay que hacer una movilización. Quiero que vuelva el avión de Amato!!; sí!!! quiero que vuelva el avión de Amato. Hagamos una movilización muchachos que vuelva el avión de Amato[22].

Como se podrá notar, en todos estos casos – en la mayoría de los cuales también operan entidades colectivas inclusivas que incorporan al enunciador – se propone llevar adelante acciones de protesta y demanda por situaciones que se viven como injustas, es decir que *al destinatario se le atribuyen capacidad y potencialidad para este tipo de acciones*. No obstante, el estilo paródico desde el cual se retoma toda una serie de acciones que forman parte del repertorio de las protestas sociales de nuestro país – movilizaciones, quema de neumáticos, cortes de rutas, tirar piedras – y su articulación al servicio de demandas que se muestran sin mayor relevancia o infundadas permite restarles validez. La banalización de las acciones de demandas y protesta sociales debido al tipo de motivaciones inauditas y ridículas que darían origen a los reclamos que se proponen las configuran como *farsa y parodia*, se las construye desde el sin sentido.

En esa línea, este tipo de articulación discursiva da cuenta de la permeabilidad del discurso de la emisora a aspectos del discurso social – como el reconocimiento de la protesta social y su repertorio de prácticas – pero al ser articuladas en relación a situaciones que no admitirían verdaderas acciones de este tipo, en un contexto propio del ridículo, se produce un efecto de deslegitimación de las mismas.

Desde este punto de vista puede comprenderse que desde su diferencia, los dos modos fundamentales de constituir al destinatario en relación a demandas sobre derechos y acciones de protesta social, de hecho, se presentan como complementarios. Tanto desde la imagen resignada como en la de tipo paródica, el efecto de sentido que se propone alrededor del destinatario como protagonista de situaciones

22 Programa LOS POPULARES (27/4/2010).

de conflicto, demanda por derechos vulnerados o acciones de protesta social es sino idéntico, muy similar. Por un lado, se las subraya como imposibilidad y, por otro lado, se las ubica en un plano de futilidad, próximas al sinsentido. Pero también sucede que se licuan las entidades objetivo de cualquier acción de este tipo. No se configuran, en esa línea, poderes sociales ante quien el destinatario podría reclamar o emerger en tanto demandante, en unos casos por inexistentes, en otros por su bajo nivel de incidencia en la organización social (en los ejemplos vertidos maestros y propietarios particulares de emisoras del interior).

En este marco de cosas se torna especialmente sugerente que a lo largo del discurso analizado no hemos logrado reconocer ni siquiera en una sola ocasión la articulación del significante *ciudadano* como modo de apelación o de referencia a las imágenes de destinatario propuestas. Idéntica situación se presenta con la figura de *vecino* mientras que el significante *usuario* tiene una inserción absolutamente minimizada[23].

Desde ya entendemos que la presencia de este tipo de significantes no aseguraría la articulación de un determinado sentido de los mismos. No obstante estas ausencias se tornan significativas si prestamos atención al hecho de que para algunas vertientes teóricas, en América Latina los modos de comprender y nombrar la protesta social y la acción colectiva por la demanda de derechos, está pasando fundamentalmente por procesos relacionados con la categoría de la ciudadanía (Mata y Córdoba; 2009).

Desde este lugar teórico, podremos comprender la relevancia del tipo de configuraciones sobre el destinatario que venimos describiendo y la *obliteración de la ciudadanía como identidad y práctica propuesta***.** Los destinatarios que construye el discurso de la emisora no son actores de demanda o protagonistas de litigiosidad y desde allí se les niega su inscripción tanto como ciudadanos, vecinos o usuarios. La ciudadanía, por su parte, como potente figura posible de articulación en lo público de la protesta por aquello que es negado, como punto desde el cual emerge y adquiere visibilidad la demanda y la proposición, es sellada y desterrada…

23 Tras analizar ciento treinta y nueve horas del discurso de Radio Popular hemos reconocido su uso para nombrar o referenciar a los destinatarios del mismo en sólo tres ocasiones.

4 Algunos cierres posibles: presencias, ausencias y lo que nombra lo popular

Para toda una tradición política y cultural latinoamericana, lo *popular* podía nombrar, al decir de Renato Ortiz, una alteridad posible y la potencialidad de un mundo diferente (Ortiz; 1996: 38). Incluso desde las ambiguedades que una mirada crítica pudiera atribuirle, lo *popular* logró funcionar durante años como el lugar de la posible revuelta, del tumulto o como evocador de posibles insurrecciones, en definitiva como lugar de la potencialidad política del pueblo.

Como hemos visto, nada de ello está presente en el discurso de Radio Popular. La emisora captura este significante como parte de su identidad; uno de sus principales programas también. *Lo popular es el punto nodal desde el cual se sostiene toda la propuesta de sentido* de este discurso pero en su articulación redundante se va vaciando y alivianando.

Ser *popular*, nos dice la radio, es ser ya-oyente de la emisora y en una operación circular, dicha condición nos baña en el espíritu de las mayorías. Las dos figuras son parte de una triada que se completa con la imagen – casi siempre implícita – del consumidor por lo que lo *popular* parece nombrar, fundamentalmente, a conjuntos de individuos agrupados por el espacio de consumo que el mercado les ha propuesto: se trata de un segmento, de un nicho de mercado. Así, en sus distintas derivas, lo *popular* es fragmento, diferencia, emergencia particular en configuraciones multiculturales que permiten la convivencia entre una diversidad de estilos de vida. Emplazar sujetos como parte de lo *popular*, desde allí, es asignarlos a un determinado juego de signos y prohibiciones fundadas en la industria cultural (Oropeza; 2004: 709), que sitúan a la emisora y al cuarteto como piedras de toque. Por ello, no implica conflicto ni puede hacerlo; es la celebración de sí mismo y no hay nada allí que nos hable de la dominación y lo que la misma moviliza.

Desde esta serie de marcas, en las que el cuarteto ocupa un lugar destacado, lo *popular* se torna un tipo de representación folklorizada de la cultura local/cordobesa y es prolijamente emplazado como una mercancía cuasi – artesanal, en el estante del pastiche cultural de la ciudad

(Jameson; 1995). Así, tiene aires de pieza inconexa de nuestra cultura en el marco de una lógica fragmentaria (Grüner; 1998) en la cual las formas e identidades culturales singulares conviven y son articuladas de manera superpuesta. Lo *popular* se construye sin relación con una centralidad o normalidad a ser burlada o a ser subvertida; la irreverencialidad que supo acunar y nombrar se desliza hacia la neutralidad de un elemento más entre otros muchos diversos.

La figura del destinatario de esta emisora articulada alrededor de estos sentidos, nos habla, entonces, de una serie de prácticas que se le proponen como propias a los individuos de sectores populares de la ciudad. Pero también nos habla de una demanda: la licuación del conflicto que podría implicar lo *popular* desde otras posibles articulaciones.

En este marco, tras largas décadas de hegemonía neoconservadora en América Latina y en nuestro país en particular, durante los cuales lo *popular* parecía haber perdido su capacidad para nombrar una alteridad [radical], una propuesta discursiva como la que hemos analizado quizás no debería suscitar sorpresa. No obstante, también es cierto que desde hace algunos años muchos de los países de América Latina vivencian complejos y ambiguos nuevos tiempos, nuevos procesos en los que de manera muy diversa y desde distintas tradiciones políticas, este viejo significante busca ser pronunciado desde otros lugares que no sean los exclusivos del mercado[24]. Estos procesos, en los que tumultuosamente millares de conciudadanos irrumpen en lo público construyendo nuevas presencias y tomando la palabra en relación a hechos políticamente conflictivos, deben ser parte necesaria de nuestras lecturas.

El discurso de Radio Popular, por un lado, articula de manera compleja distintas y diferenciadas figuras de destinatarios que buscan dar cuenta de las heterogéneas franjas de sectores populares de la ciudad

24 En el caso de Argentina hemos sido parte de profundos procesos de movilización social en el marco del conflicto entre el Gobierno Nacional y parte del sector ruralista por la fijación de los derechos de exportación de materias primas pero también por la discusión de una nueva ley de medios audiovisuales o por la discusión de la ley de matrimonio entre personas del mismo sexo. Mucho más cercano en el tiempo hemos observado con sorpresa a millones de personas movilizadas para honrar y despedir al ex presidente Néstor Kirchner tras su muerte en octubre de 2010.

con sus particulares experiencias, consumos, intereses y expectativas. No obstante, por otro lado, en toda la complejidad de este sistema de interpelación, de manera transversal se propone la licuación de lo *popular como subalternidad.* Así, acolchado (Zizek; 1992) desde específicos dispositivos discursivos – algunos de los cuales hemos descripto – estas propuestas *eclipsan* cualquier posibilidad de constituir lo *popular* de manera irreverente, cuestionadora, en definitiva, como una otredad potencialmente conflictiva, atendiendo, de esta manera, a los principales reclamos de la hegemonía conservadora de la provincia y la ciudad.

Para nosotros describir, comprender y criticar el papel de esta propuesta mediática, en relación articulada con otros discursos de amplia circulación social, forma parte de la posibilidad de transformar estas relaciones de sujeción. Es, entonces, desde esta tarea académica y política que podemos acercar nuestro aporte para modificar los ordenes de dominación que se promueven a partir de los cuales los sectores populares cordobeses parecen sólo tener asignado una posición pasiva y menor como simpáticas, coloridas y folklóricas figuras locales.

Referencias

ANGENOT, Marc (1998). Hegemonía, disidencia y contradiscurso. Reflexiones sobre las periferias del discurso social en 1889. In: **Interdiscursividades. De hegemonías y disidencias**. UNC. Córdoba, Argentina.

BLÁSQUEZ, Gustavo (2008). **Músicos, mujeres y algo para tomar. Los mundos de los cuartetos de Córdoba**. Ediciones Recovecos. Córdoba, Argentina.

DELFOS Consultora de Opinión Pública. ¿Cómo es el cuartetero Cordobés? Publicado en www.delfos.com. Año 2007.

ENTEL, Alicia (2008). **Dialéctica de lo sensible**. Paidós; Buenos Aires, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor (1998). **Culturas Híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad.** Grijalbo. México.

GRÜNER, Eduardo. El retorno de la teoría crítica de la cultura: una introducción alegórica a Jameson y Zizek. In: JAMESON, F.; ZIZEK, S. (1998) **Estudios Culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo.** Paidós. España.

HALL, Stuart (2003). Introducción ¿Quién necesita la <identidad>? In: HALL Stuart *et al.* **Cuestiones de identidad cultural**. Amorrortu; Bs. As., Argentina.

JAMESON, Frederic (1995). **El posmodernismo**. Paidós Studio. Barcelona, España.

MATA, M. Cristina; SCARAFÍA, S. (1993). **Lo que dicen las radios. Una propuesta para analizar el discurso radiofónico**. ALER. Quito, Ecuador.

MATA, M. Cristina; CÓRDOBA, M. Liliana (2009). Ciudadanía, información y acción colectiva: variaciones en torno a un vínculo. In: CONGRESO NACIONAL SOBRE PROTESTA SOCIAL, ACCIÓN COLECTIVA Y MOVIMIENTOS SOCIALES. Buenos Aires, Argentina.

LOZANO, José (1995). Hacia la reconsideración del análisis de contenido en la investigación de los mensajes comunicacionales. In: CERVANTES, C. y E. SÁNCHEZ RUIZ (Comp.) **Investigar la comunicación. Propuesta iberoamericana**. ALAIC. Guadalajara. Mex.

MIGUEZ, Daniel; SEMÁN, Pablo (2006). **Entre santos, cumbias y piquetes. Las culturas populares en la Argentina reciente.** Editorial Biblos. Bs. As. Argentina.

OROPEZA, Mariano (2004). Un barrio a la carta. Un ensayo sobre estilos de vida y ciudad. **Estudios Sociológicos.** Vol. XXII, n. 3, p. 701-718. México.

ORTIZ, Renato (1996). **Otro territorio:** ensayos sobre el mundo contemporáneo. Universidad de Quilmes. Quilmes, Argentina.

PORTANTIERO, Juan Carlos (2002). Hegemonía. In: *ALTAMIRANO, Carlos* (Director). **Términos críticos de sociología de la cultura**. Paidós, Buenos Aires, Argentina.

VERÓN, Eliseo (1998). **La semiosis social**: fragmentos de una teoría de la discursividad. Gedisa, Argentina.

ZIZEK, Slavoj (1992). **El sublime objeto de la ideología**. Siglo XXI.

Hegemonía y prácticas culturales:

experiencias formativas con textualidades audiovisuales

Noel Padilla Fernández

"…las ideas de la clase dominante son las ideas dominantes en cada época; o dicho en otros términos, la clase que ejerce el poder MATERIAL dominante en la sociedad es, al mismo tiempo, su poder ESPIRITUAL dominante. La clase que tiene a su disposición los medios para la producción material dispone con ello, al mismo tiempo, de los medios para la producción espiritual, lo que hace que se le sometan, al propio tiempo, por término medio, las ideas de quienes carecen de los medios necesarios para producir espiritualmente".

(Marx y Engels, 1845)

Marx y Engels (1845) en la Ideología Alemana, incorporan elementos para interpretar y analizar la dominación no sólo en el contexto de la apropiación de la fuerza de trabajo como mercancía, refieren a los mecanismos que despliega la clase dominante para la legitimación de la dominación, cuando establecen la relación entre poder material dominante y poder espiritual dominante.

El poder espiritual referenciado por los autores alemanes podemos focalizarlo en la contemporaneidad en los discursos que ocupan

los contextos mediáticos, en particular los discursos audiovisuales que desde las pantallas de cine y televisión forman parte fundamental del consumo simbólico generalizado en la mayoría de la población. Nos referimos, en este sentido, a los discursos que requieren en su construcción de especificidad en la elaboración audiovisual, hablamos entonces de filmes, comics, telenovelas, publicidad, programas de entretenimiento, esta *producción espiritual*, en casi su totalidad, está referenciada en lógicas y en la racionalidad de quien ejerce el *poder material* dominante. Mirar esta dimensión simbólica en el escenario de contradicciones societales que configuran la vida política de Venezuela de los últimos doce años, nos coloca en la preocupación de estudiar, discutir y reflexionar dicha singularidad simbólica, reconociéndola en los territorios de la hegemonía, comprendiendo ésta como dominación en base al consenso.

Señala Antonio Gramsci (1980) que la hegemonía la ejerce la clase dominante porque logra imponer "*dirección intelectual y moral*" (visión del mundo, valores, sentido común, cultura, racionalidad), orientada al reconocimiento de la dominación por las clases dominadas. La presencia de los discursos audiovisuales que se consolidó en nuestras sociedades desde mediados del siglo XX, con la televisión, potenció la masificación de los imaginarios sociales vinculados a los referentes mercantiles de los grupos económicos que, en más de medio siglo ocupan monopólicamente el espectro radioeléctrico y la esfera pública televisiva. "Las esferas públicas[1] no sólo son espacios para la formación de la opinión pública discursiva, sino también espacios para la formación y concreción de las identidades sociales" (MARTÍN-BARBERO Y REY, 1999).

En Venezuela durante décadas la televisión privada ha marcado las formas de hacer televisión, desarrollando estándares en los gustos de las audiencias, esta impronta se refleja también en el hacer de algunos canales públicos hoy, donde el abordaje de las políticas comunicacionales del Estado se hacen desde lógicas funcionalistas, en las cuales la

1 Nancy Frazer define la esfera pública como el espacio donde los ciudadanos discuten lo que es común, donde se producen y transitan discursos, donde se institucionaliza la interacción discursiva (1997).

información y la opinión ocupan, en casi su totalidad, la programación de estos canales, subestimando una diversidad de nuevos y renovados formatos que, además de ser atractivos a la audiencia, puedan colocar y hacer circular en la esfera pública contra-discursos que refieran a lógicas e identidades antagónicas a las propiciadas por los medios masivos privados. Algunas experiencias de televisión pública como Ávila TV[2] han construido discursos que visibilizan a quienes históricamente no han tenido presencia en las pantallas, colocando la voz e imagen de los barrios populares de la ciudad en contra-discursos y estéticas, que han sido ocultadas o negadas por los monopolios de la información y la comunicación. Así como por sectores conservadores y funcionalistas que dirigen las políticas comunicacionales públicas en nuestro actual momento político.

Sectores político-económicos que adversan el proyecto de transformación del país, señalan que el gobierno que dirige el presidente Hugo Chávez es quien tiene la *hegemonía comunicacional,* porque existen hoy 5 canales de televisión pública y 4 emisoras públicas de radio. Estos canales y emisoras no ocupan el 20% del espectro radio eléctrico nacional, otro 10% lo ocupan medios comunitarios y el 70% los medios privados. Cuando referenciamos en el presente artículo, la hegemonía a través del consenso, es porque creemos que no es una cuestión de números, aunque ello sea importante, lo fundamental es quién continúa colocando las mediaciones legitimadoras de consenso y promovedoras de prácticas culturales que definen, en gran medida, los contextos culturales contemporáneos.

Los medios de comunicación (privados), *fábricas de consentimiento* como lo señala Noam Chomsky[3], son quienes ocupan las pri-

2 Avila TV, es un canal público metropolitano de la ciudad de Caracas, su programación de carácter juvenil es producidad por jovenes que viven o están vinculados a las barriadas populares caraqueñas.

3 En el documental **Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media** (1992), de Peter Wintonick, Chomsky critica con dureza las políticas de la élite del poder y la violenta política exterior de USA, así como el uso de la influencia y poder por parte de los medios de comunicación para hacer a las masas ignorantes ante ciertos problemas reales, alimentándolas en cambio con propaganda no crítica. Unos medios de comunicación que no ofrecen

meras filas en los escenarios de lucha política, en franca oposición a las transformaciones económicas, políticas, sociales y culturales que se viven en Venezuela en los últimos doce años. Asumiendo la acción política directa, desde la invisibilización de los alcances de las políticas económicas, sociales, educativas, que incluyen a los sectores de la población que fueron históricamente excluidos, pasando por sistemáticas campañas de desprestigio al gobierno del presidente Chávez, hasta la participación activa y directa en el Golpe de Estado de abril del 2002 y en el paro empresarial y petrolero de finales de diciembre de 2002 a febrero 2003. Este posicionamiento claramente asumido por los medios privados en Venezuela, y que se vincula estrechamente con centros del poder mundial, se direcciona en frenar las iniciativas y los avances que los pobres de nuestro continente vienen impulsando en construir modelos de sociedades de equidad y justicia social. Esta dimensión mediática de nuestra realidad focaliza nuestra preocupación investigativa y formativa por la visibilización de la posición política de los medios privados en Venezuela y sus discursos, en el marco de lo que teóricos (as) e investigadores (as) han denominado Guerra de Cuarta Generación o Guerra Asimétrica.

Los medios de comunicación en primera línea de la guerra asimétrica

Referenciar la guerra de cuarta generación o guerra asimétrica, lo hacemos en relación a la evolución de la guerra moderna. En tal sentido, la primera generación tiene su referente en la guerras napoleónicas con sus grandes contingentes de tropas enfrentados en un campo de batalla; la segunda generación evoluciona en relación a la revolución industrial, de allí que las máquinas ocupan un lugar fundamental, tanto en la movilización de tropas, como en el diseño de armas con alto

---

al público hechos y datos importantísimos, sumiéndoles en una ignorancia equiparable a la que existiría en una dictadura, pero implantada con medios más sutiles, y no menos efectivos, que la censura o la encarcelación de periodistas.

poder de fuego (su referente es la Primera Guerra Mundial); la tercera generación caracterizada por la velocidad en la movilización de tropas y de grupos comandos con el fin de atacar e inmovilizar puntos estratégicos del enemigo (Segunda Guerra Mundial). La cuarta generación de la guerra moderna transciende el ámbito estrictamente militar y se despliega en la sociedad como escenario general de guerra, desaparecen los teatros de operaciones clásicos, y la población civil pasa ser considerada objetivo, por parte de quien despliega la táctica y la estrategia de la guerra. "Los objetivos del rival incluyen el aspecto cultural del enemigo y la capacidad de disuadir el apoyo de su población a favor de la guerra" (GRAUTOFF, 2007).

Grautoff también señala que una de las características de las guerras asimétricas "es aprovechar las libertades[4] y el sistema democrático de las sociedades, desde la legitimidad al deslegitimar su gobierno obligándolo a que su fuerza militar actué de forma irregular colocando a los ciudadanos en contra de su política" (idem).

En el concepto de la asimetría de la guerra, tiene relevante importancia el control sobre la tecnología, en particular las de información y comunicación. Por ello, los medios de comunicación, quienes actúan en nombre de la libertad de prensa, ocupan importantes líneas de batalla en este contexto, influyendo en la opinión pública nacional e internacional, siendo – en esa dimensión – la influencia en la opinión pública y la fabricación de consenso armas fundamentales.

Fuera de cualquier vestigio de teoría de la conspiración, los acontecimientos de nuestra historia contemporánea latinoamericana y mundial, apuntan a esta fase de guerra desplegada por los que siempre hacen la guerra, los centros mundiales del poder. En nuestro continente el Golpe de Estado en Venezuela en 2002, el Golpe de Estado en Honduras en 2009, los escenarios de desestabilización del gobierno constitucional del presidente Evo Morales, en Bolivia, la intentona de Golpe de Estado en Ecuador contra el presidente Correa en 2010, y la más reciente invasión a Libia por fuerzas de la OTAN, evidencian el papel que los medios de comunicación han jugado en estos nuevos contextos de guerra por la apropiación de recursos energéticos y en

4 En particular la libertad de prensa.

contra de propuestas societales antagónicas a las lógicas del capitalismo y sus imperios.

Venezuela, lucha política en contextos simbólicos

La fabricación del consenso, trasciende los formatos mediáticos de la información, esta se ubica también en otros tipos de discursos que, aunque responde a formatos y géneros distintos, refieren a la misma lógica, a la misma racionalidad, se trata de estandarizar formas de interpretar la realidad, propiciar lo que Bronislaw Backzo (1984) llama *comunidad del imaginario* o *comunidad de sentido*, contexto de comunidad masiva, de cultura compartida, donde ejerce el poder quien impone el discurso.

El discurso hegemónico que se desplaza en el contexto simbólico se orienta a promover la legitimidad de la estructura y la lógica de la sociedad en un momento histórico determinado. En nuestro *contexto y tiempo* contemporáneo, que además es global, el lugar social de construcción de ese discurso se localiza en el paradigma del proyecto civilizatorio capitalista. La enunciación de las lógicas de este modelo, se encuentran también planteadas en la dimensión del "entretenimiento", en este lugar radica, en gran medida, el peso formativo que los medios de comunicación desarrollan en la sociedad.

> […] los medios ejercen una influencia variada en sus audiencias que atañe a distintos niveles: afectivos, racionales, axiológicos, psicomotrices, informativos, actitudinales. A la vez los medios influyen en diferentes ámbitos: el de la realidad, el de la fantasía, el del placer, el de la responsabilidad, el del hacer y el del pensar (OROZCO 1997, p. 26).

El investigador mexicano se refiere a diferentes niveles y ámbitos con respecto a las audiencias, de estos últimos, consideramos importante destacar los referidos al *placer, hacer* y *pensar*, porque creemos que la influencia "sutil" que puedan ejercer los medios de comunicación a través del entretenimiento, nos da la pertinencia en señalar que el entretenimiento como discurso, no es aséptico de ideología.

> Se puede decir que el poder ideológico de los medios es, en cierto modo, proporcional a la aparente naturalidad de sus representaciones, puesto que la potencia ideológica de un producto de los medios radica principalmente en la capacidad que tengan los que lo controlan y lo elaboran, para hacer pasar por real, verdadero, universal y necesario lo que son construcciones inevitablemente selectivas y cargadas de valores, en las que se inscribe intereses particulares ideologías y modos de entender (discursos) (MASTERMAN, 1993, p. 36).

Los medios de comunicación desarrollan su poder en el contexto simbólico, a través del entretenimiento o de la información se va fundando el consenso que universaliza lo real, propiciando así los imaginarios que racionalizan desde la mirada de quien ejerce el poder ideológico, la naturalización de la sociedad capitalista y sus prácticas reproductoras.

En Venezuela en doce años de proceso de transformación económica, social y política, la racionalidad comunicativa del proyecto histórico capitalista continúa expresándose de manera hegemónica, como ya lo señalamos, no solamente en los formatos informativos y de opinión que banalizan y satanizan (con el caduco discurso de la guerra fría del llamado "castro-comunismo") el proyecto de país propuesto en la Constitución de 1999; sino en los otros formatos, que por ser considerados "neutrales", como el caso, del entretenimiento, plantea la promoción presente de los imaginarios simbólicos coherentes con el modelo hegemónico.

> En toda sociedad, donde una clase social es dueña de los medios de producir la vida, también esa misma clase es la propietaria del modo de producir las ideas, los sentimientos, las intuiciones, en una palabra el sentido del mundo. Para la burguesía, en definitiva, se trata de invertir la relación real entre base y superestructura: las ideas producen la riqueza por medio de la única materia que les queda limpia: la materia gris y la historia pasa a ser la historia de las ideas (DORFMAN Y MATTELART, 1979, p. 152).

El sentido común que aún se sigue imponiendo desde las trincheras y posiciones que hoy ocupan los medios de comunicación priva-

dos, es la *acción sutil* desarrollada por estos en el contexto de la guerra de cuarta generación o guerra asimétrica.

Leer y escribir en lo simbólico para caminar en tránsitos emancipatorios

Al señalar nuestra consideración de que en el contexto de guerra asimétrica se trasciende la dimensión informativa y se complementan con otros formatos y géneros del discurso, es porque estos últimos están orientados a influir en la sensibilidad, en el *espíritu*, a decir de Marx y Engels (1845). Señalaba Sergei Eisenstein que el lenguaje cinematográfico (podemos decir hoy lenguaje audiovisual) representa un potencial creativo y persuasivo, que permite capturar la atención del espectador y estimular en él sus emociones, que posteriormente inciden en la razón (2001), a decir del realizador ruso, el lenguaje audiovisual actúa de la imagen a la emoción y de la emoción a la idea. El lenguaje audiovisual, en particular, el que se localiza en el entretenimiento, está orientado a trabajar en la sensibilidad (emociones, sentimientos, afectos) para luego consolidarse en la razón (valores, sentido común, racionalidad).

> Una atracción es cualquier aspecto agresivo […] o sea, cualquier elemento que somete al espectador a un impacto sensual y psicológico, regulado experimentalmente y matemáticamente calculado para producir en el ciertos choques emocionales que, cuando puestos en una secuencia apropiada en la totalidad de la producción, se torna el único medio habilita el espectador de aquello que está siendo demostrado, la conclusión ideológica final (EISENSTEIN, 1999, p. 169).

Esta incidencia del discurso ofrecida por Eisenstein, tiene muchas posibilidades de desplegarse en las miradas y significaciones de la audiencia, si se consumen estos discursos de manera acrítica y complaciente, siendo así, las lógicas y racionalidad configurativas del modelo hegemónico podrán seguir subsistiendo naturalizadamente en los imaginarios e identidades de nuestras prácticas culturales.

En la cotidianidad nos relacionamos con textos audiovisuales que responden a la intencionalidad referida por Eisenstein. En este relacionamiento cotidiano nos cuestionamos en función de dar cuenta desde los espacios universitarios y de la academia, de esta realidad concreta y compleja; ¿Como audiencia, leemos textos audiovisuales o solo miramos? ¿Tenemos habilidades y destrezas cognoscitivas para descomponer estos discursos? ¿Si las mediaciones son el lugar desde donde se le otorga sentido a la comunicación (MARTÍN-BARBERO, 2001), qué mediaciones están influyendo en las audiencias, para significar en nuestros contextos culturales contemporáneos? Si los discursos que los medios de comunicación privados en Venezuela, comportan un posicionamiento concreto, en el contexto simbólico de lucha política en el país ¿cuál debe ser el papel de la universidad? y ¿cuál el papel de instituciones públicas vinculadas a la cultura? ¿Estás se asumen como lugar de creación de conocimiento para transformaciones históricas emancipatorias?

Preocupaciones como estas, nos llevan desde el CEPAP (Centro de Experimentación para el Aprendizaje Permanente) programa académico de la Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez (UNESR), a mirarnos y asumirnos en la dimensión formativa para actuar en esta realidad mediática. Por ello en articulación con la Fundación Cinemateca Nacional (FCN), hemos desarrollado e impulsando en los últimos cinco años, diversos espacios y acciones formativas orientadas al reconocimiento, análisis, comprensión, reflexión y acción en el contexto simbólico que hemos señalado, a través del Proyecto de Cultura Audiovisual, iniciativa de articulación para la formación en el contexto de la lectura y escritura audiovisual.

Reconocer (nos) como sujetas/sujetos mediados comunicacionalmente, un punto de partida fundamental

Al mirar los procesos comunicacionales como procesos de producción de sentido, nos ubicamos necesariamente desde las mediacio-

nes como punto de partida para su comprensión. La o el sujeto que recibe el mensaje no es un ente pasivo, es precisamente una/un sujeto que puede resignificar a partir de los referentes que les da su vida misma, los entornos familiares, comunitarios, escolares, institucionales y laborales. Es decir, las múltiples dimensiones en las cuales interactúan, son los lugares que le posibilitan construir sentido; estamos inmersos e inmersas en entornos culturales, donde desde nuestros referentes desarrollamos prácticas que aportan al contexto cultural que hacemos con otros y otras. La teoría crítica hace aportes importantes para comprender lo cultural dentro de una realidad cruzada por lo mediático, el enfoque de la industria cultural nos da elementos que aportan a la reflexión de cómo los medios de comunicación desde la racionalidad mercantil que los determinan, influyen de manera fundamental en los contextos culturales. Sin embargo, consideramos fundamental posicionar la reflexión en el lugar de la mediación como categoría que nos permite analizar, comprender y hacer en la complejidad *multiléctica*[5] de los procesos culturales y comunicacionales.

> El desplazamiento del concepto de comunicación al concepto de cultura. Desplazamiento de un concepto de comunicación que sigue atrapado en la problemática de los medios, los canales y los mensajes a un concepto de cultura en el sentido antropológico: modelos de comportamiento, gramáticas axiológicas, sistemas narrativos. Es decir, un concepto de cultura que nos permita pensar los nuevos procesos de socialización. Y cuando digo procesos de socialización me estoy refiriendo a los procesos a través de los cuales una sociedad se reproduce, esto es sus sistemas de conocimiento, sus códigos de percepción, sus códigos de valoración y de producción simbólica de la realidad. Lo cual implica, y esto es fundamental, empezar a pensar los procesos de comunicación no desde las disciplinas, sino desde los problemas y las operaciones del intercambio social esto es desde las matrices de identidad y los conflictos articulan la cultura (MARTÍN-BARBERO, 1991, p. 20).

5 Multiléctica, en la concepción de Efendy Maldonado (2009), se refiere a la compresión de los procesos y praxis de interrelacionamientos dialécticos múltiples, que expresan la densidad y riqueza de lo concreto en movimiento. Las contradicciones, conflictos, anexos e interrelaciones, en esta perspectiva, no tienen formatos ni dicotómicos ni triádicos ni finitos.

Consideramos que no es suficiente anclarnos en el análisis de los efectos de lo mediático en lo cultural; aceptar el efecto del mensaje en la recepción, sin mirar la complejidad que ese proceso comporta, estaríamos negando la posibilidad que el/la sujeta pueda asumir una actitud de deconstrucción de los discursos mediáticos, de ser crítico/a y activo/a ante lo que las pantallas y los otros medios dicen. Estaríamos desdeñando la posibilidad de colocar nuevas mediaciones para resignificar los discursos que se consumen a través de las pantallas y otros medios, y para el auto reconocimiento como sujetos mediados mediáticamente.

Reconocernos como sujetos/sujetas productores de sentido, y de nuestras capacidades de resignificar, de leer los textos y los contextos, las intencionalidades y los lugares sociales del discurso, requiere con urgencia del despliegue de *mediaciones alternativas* como lugares de resistencia en los actuales contextos simbólicos. Esta preocupación es la que nos ha llevado a desarrollar en el marco del Proyecto de Cultura Audiovisual *experiencias formativas con textualidades audiovisuales*, en esta experiencia hemos diseñado y desarrollado procesos de formación a lo largo de los últimos cinco años. Los mismos han constado de ciclos permanentes de Foro-cine, espacios dedicado a la reflexión y discusión en torno a diversas temáticas, realizados con la participación de investigadores e investigadoras de los temas.

De igual forma hemos realizado diversos seminarios, a saber:

- Seminario en Realización Cinematográfica (enero 2008), experiencia trabajada en base a la obra cinematográfica del realizador argentino Marcelo Piñeyro, con la participación del mismo.
- Seminario Pantallas y Nuevas Educaciones (julio 2008), realizado con la participación del profesor/investigador de la Universidad de Guadalajara- México, Guillermo Orozco.
- Seminario *de Educación para la Comunicación* desde una perspectiva participativa *(octubre 2010)*, donde contamos con la presencia del investigador cubano Pablo Ramos Rivero.
- Seminario Gramsci, Hegemonía, Cultura y Educación, (abril 2011), con el profesor/investigador de la Universidad del Tolima- Colombia, Jorge Gantiva.

De manera más permanente, desarrollamos experiencias formativas (talleres) donde se trabaja la problematización de los contextos simbólicos contemporáneos, a través de temáticas que abordan desde el análisis y deconstrucción de discursos audiovisuales, hasta la promoción de espacios de auto reconocimiento de subjetividades mediadas en contextos comunicacionales.

Los procesos formativos desplegados en el marco del Proyecto de Cultura Audiovisual se han realizado en diversos espacios y comunidades a lo largo del territorio nacional, donde hemos contando con la participación de estudiantes y profesores universitarios, comunidades organizadas y colectivos vinculados a las experiencias de comunicación comunitaria y de la red de salas de cine comunitario y de salas regionales[6].

La Educomunicación cómo praxis político-epistemológica

Pensar que todo acto educativo es un acto comunicativo y viceversa no es más que el reconocimiento de la complejidad y la dialéctica de los procesos donde aprendemos y producimos conocimientos. Es esta complejidad, escenario donde la Educomunicación es lugar desde donde abordamos la educación y la comunicación *transdisciplinaria* y *transmetodológicamente* como campo de conocimiento reconocedor de procesos educativos mediados por prácticas comunicativas, que propo-

6 La red de salas de cine comunitario y salas de cine regional son programas para la exhibición de cine alternativo y formación de audiencias, de la Fundación Cinemateca Nacional, las salas de cine comunitario se encuentran en diversas comunidades a lo largo del país (comunidades urbanas, campesinas e indigenas) funcionan en casas comunales, bibliotecas, escuelas, casas de la cultura o en espacios abiertos (salas de cine comunitario itinerante) estos espacios son atendidos por grupos y comunidades organizadas, en la actualidad existen aproximadamante 150 salas en funcionamiento. Las salas de cine regional son salas de cine con aforo para 120 personas, estas están ubicadas en las capitales de algunos estados del país, existen actualmente 16 salas, estas son atendidas por cooperativas.

ne al descentramiento y deslocalización[7] de los aprendizajes propiciada por la centralidad mediática, el desarrollo de estrategias formativas para la lectura y escritura de diversas textualidades discursivas, en contextos de aprendizajes configurados por relaciones y prácticas dialógicas creadoras de conocimiento.

En los procesos formativos desplegados desde el Proyecto de Cultura Audiovisual desde el enfoque educomunicativo reconocemos la impronta mediática en los contextos educativos y culturales, la proposición de apropiación de formas de lecturas y escrituras de textualidades comunicacionales mediáticas y despliegue de dimensiones intersubjetivas para facilitar procesos formativos en coherencia con sensibilidades, racionalidades y acciones comunicativas transformadoras de la realidad.

Para Habermas (2005) la racionalidad comunicativa es posible desde la concepción *de sujetos constructores de la sociedad en condiciones dialógicas como potenciales de racionalidad de un mundo de la vida*[8] *que otorga sentido a las experiencias individuales, sociales y culturales como proceso de significación para la construcción y comprensión de la realidad.*

La Educomunicación representa en el Proyecto de Cultura Audiovisual una dimensión político-epistemológica que implica la in-

---

7 "El saber se sale de los libros y de la escuela, entendiendo por escuela cualquier sistema educativo desde la primaria hasta la universidad. El saber se sale ante todo del que ha sido su eje durante los últimos cinco siglos: el libro. Un proceso que no había tenido casi cambios desde la invención de la imprenta sufre hoy una mutación de fondo, especialmente con la aparición del texto electrónico" (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19).

8 El concepto de *mundo de la vida* (Lebenswelt) es desarrollado inicialmente por Husserl (1991), en el se propone establecer los elementos que rigen el mundo humano como punto de partida para el análisis de la conciencia individual. La conciencia es una representación humana de aquello que se presenta de modo inmediato. Siendo lo más inmediato la cotidianidad. Husserl señala "este mundo es el constante suelo de validez, es una fuente siempre lista de auto evidencia, una fuente a la que recurrimos sin más ni más, bien en tanto que hombres prácticos, bien en tanto que científicos" (p. 128). Habermas parte de la noción de mundo de la vida de Hussrel para elaborar un concepto que reivindica la dimensión comunicativa como espacio de interacción para la construcción desde lo cotidiano.

terpretación que hacen sujetos comunicativos a través de relaciones dialógicas intersubjetivas desde donde se desarrollan discursos argumentativos para la construcción de consenso, por lo que consideramos los procesos de formación educomunicativos en pertinencia reconocedora de sujetos/as interactuantes en contextos de dialogicidad, donde se signifiquen las experiencias individuales, colectivas, sociales y culturales como construcción y comprensión de los propios aprendizajes. La racionalidad y acción comunicativa propuesta por Habermas (idem) son andamio pertinente para la perspectiva educomunicativa que asumimos como práctica cotidiana en la acción formativa transformadora.

Investigación y producción de conocimiento en la praxis educomunicativa

Las dinámicas formativas y de articulación desplegadas en el Proyecto de Cultura Audiovisual, nos plantea como universidad, la necesidad de profundizar, reflexionar y producir conocimiento en torno al hacer formativo y en particular en el campo de conocimiento que en este hacer formativo venimos trabajando. En tal sentido, consideramos fundamental desde el CEPAP, en el marco de sus líneas de investigación, generar procesos que impliquen la producción de conocimientos desde proyectos de investigación socialmente pertinentes con las transformaciones que están planteadas en nuestro país. Por ello, hemos propuesto el desarrollo de la Maestría en Educomunicación, la cual responde a una acción práxica en relación al hacer formativo desplegado, a la necesidad de investigar en el campo educomunicativo, y a la multiplicación de procesos formativos educomunicativos.

Este curso de maestría lo focalizamos en la complejidad que supone, la centralidad comunicativa mediática y sus implicaciones educativas y socio-culturales, tal como lo expresa Martín-Barbero desde las nociones de descentramiento y deslocalización, lo que nos lleva a mirarnos en el despliegue de dinámicas formativas que posibiliten una aproximación a los procesos educomunicativos desde y para la investigación, producción de conocimientos con incidencia transformadora.

En tal sentido, miramos este programa de formación de estudios de postgrado transversalizado por una dimensión política que comporta el reconocimiento de un territorio de fundamental presencia en la lucha política contemporánea, como lo es el contexto simbólico mediático; donde proponemos desarrollar estrategias que posibiliten la deconstrucción y el análisis de los discursos mediáticos desde la propia realidad cultural y condición de audiencia de los medios. Dimensión política que se imbrica además en lo epistemológico al pretender el despliegue de procesos de aprendizajes y producción de conocimientos, en y desde metódicas dialógicas y reconocedoras de los saberes, con el propósito de multiplicar, en diversos espacios de nuestra realidad concreta, estrategias para la reflexión epistemológica, social, estética, política, comunicacional y cultural de textualidades y discursos que están presentes en los contextos mediáticos contemporáneos.

Andar y actuar en tránsitos emancipatorios

Para avanzar en la construcción del Estado Social de Derecho, de Justicia y de Equidad que hoy se intenta en Venezuela, es fundamental el desarrollo de pensamiento crítico propiciador de dinámicas transformadoras en el seno de la sociedad nacional, que se entrecruce con tejidos socioculturales diversos, que implique el despliegue de visiones y sentidos emergentes dinamizadores de rupturas paradigmáticas con el pensamiento dominante, a través de procesos creadores y resignificadores de perspectivas epistemológicas de cara a nuevas prácticas y relaciones sociales y culturales en la emergencia de la reconfiguración de un nuevo/otro modelo societal necesario e impostergable.

Este tiempo concreto nos exige compromiso, desde nuestro espacio universitario y de articulación asumimos la responsabilidad social que nos concierne. Desde nuestra militancia educativa tomamos la palabra para ocupar las trincheras que nos correspondan en estos escenarios de lucha simbólica. La articulación de espacios de discusión--reflexión-formación de lecturas de textos cinematográficos, televisivos, audiovisuales y de deconstrucción discursiva, podrán ser enclaves im-

portantes para la acción de visibilizar la hegemonía en las pantallas que vemos, convertirlas en espejo que nos permitan mirar en nuestras prácticas elementos hegemónicos que posibilitan la permanencia y la reproducción de la dominación. Así como propiciar escritura de contradiscursos, que lo serán, si se transforman el lugar social de su construcción y se despegan del matiz mediático hegemónico que aun los cubre. Lo emancipatorio es fundamental en el los territorios de lo cultural. Necesario será leer los discursos y construir otros que propicien nuevos imaginarios, otros promovedores de nuevas racionalidades y sensibilidades; contradiscursos que inviten a imaginar, soñar y prefigurar la sociedad desde nuevas lógicas. Otras que desplacen y derroten la racionalidad dominante y su reproducción.

Referencias

BACZKO, B. (1984). **Los imaginarios sociales**: memorias y esperanzas colectivas. [Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs]. Buenos Aires: Nueva Visión.

DORFMAN A. MATTELART A (1979). **Para leer al Pato Donald**: comunicación de masa y colonialismo. Siglo XXI, Mexico.

EISENSTEIN, S. M. (1999). El montaje de atracciones. En: **El Sentido del cine.** Siglo XXI, Madrid.

EISENSTEIN, S. M. (2001). Montaje. En: **Hacia una teoría del montaje** (vol. 1), Paidós Comunicación 115 Cine, Barcelona.

FRAZER, N. (1997). **Iustitia Interrupta,** Siglo del Hombre/Universidad de los Andes, Santa Fe de Bogotá, Colombia.

GRAUTOFF, M. (2007). De Clausewitz a la guerra asimétrica: una aproximación empírica. **Revista de relaciones internacionales, estrategia y seguridad**, enero/junio año/vol. 2, n. 1. Universidad Militar Nueva Granada. Bogotá, Colombia, p. 131-144.

HABERMAS, J. (2005). **Teoría de la acción comunicativa** (Manuel Jiménez Rodondo Trad., Tomo I). México: Taurus Humanidades.

GRAMSCI, A. (1980). **Antología**: selección, traducción y notas de Manuel Sacristan. Biblioteca del pensamiento socialista. Siglo XXI Editores. México; p. 486.

HUSSERL, E. (1991). **La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental.** Barcelona: Crítica.

MALDONADO, A. (2009). La perspectiva transmetodológica en la coyuntura de cambios civilizatorios a inicios del siglo XXI. En: PADILLA, A. y MALDONADO A. (Org.), **Metodologías Transformadoras:** Tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina. Red AMLAT. Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez. Caracas: Fondo Editorial CEPAP. UNESR.

MARTÍN-BARBERO, J. (1991). De la comunicación a la cultura: perder el objeto para ganar el proceso. **Revista Signo y Pensamiento**, n. 18. Cali: Facultad de Comunicación Social. Pontificia Universidad Javeriana.

MARTÍN-BARBERO, J. y Rey Germán (1999). **Los ejercicios del ver**: hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa.

MARTÍN-BARBERO, J. (2001). **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, p.233.

MARTÍN-BARBERO, J. (2003). Saberes Hoy: Diseminaciones, Competencias y Transversalidades. **Revista Iberoamericana de Educación** [Revista en línea], 32, Madrid: Organización de los Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). 2003. Disponible: http://redalyc.uaemex.mx/pdf/800/80003203.pdf [Consulta: 2007, agosto 14].

MARX, K y ENGELS, F. (1976). Feuerbach. Oposición entre las concepciones materialistas e idealistas, Capítulo I de la Ideología Alemana. En: **Obras Escogidas.** Moscú, Editorial Progreso.

MASTERMAN, L. (1993). **La enseñanza de los medios de comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre.

OROZCO, G. (1997). Medios, audiencias y mediaciones. El reto de conocer para transformar. **Comunicar**: revista científica de comunicación y educación [Revista en línea], 8. Universidad de Huelva. Disponible en: http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/628 [Consulta: 2009, junio 10].

Filmografía

Mark Achbar y Peter Wintonick (Dirección) **FABRINCANDO Consentimiento**. Australia. Productora: Humanist Broadcasting Foundation, National Film Board of Canada (NFB), Necessary Illusions Productions Inc. Entrevistados: Mark Achbar, Noam Chomsky, Edward S. Herman. 1992. Sonido: Mono. Color: Blanco y negro/ color. 167m. Título Original: Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media. Documental basado en el libro "Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media" de Edward S. Herman y Noam Chomsky.

A inter-relação teórico-metodológica entre cidadania e etnografia

Joel Felipe Guindani

Introdução

Todo o referencial teórico, ou questões conceituais, necessita de aspectos operacionais, que lhe deem sentido a partir de uma possível aplicabilidade. Tal afirmação não se configura como uma obrigação epistemológica para todas as teorias, tanto porque, sobretudo para os herdeiros do racionalismo moderno, toda a validação teórica faz do próprio "*cogito ergo sun*" o seu campo legitimador. No entanto, quando se pretende abordar um campo conceitual abstrato – como a própria noção de cidadania – a partir da ação social ou do real concreto, faz-se indispensável a apropriação de instrumentos investigativos que não sirvam apenas para o exercício da verificação, mas que possibilitem, especialmente, a interação do pesquisador com as diversas fontes de sentido produzido no campo a ser investigado.

Nesse caminho, o presente artigo propõe algumas reflexões teórico-metodológicas sobre a importante inter-relação entre a noção de cidadania e a etnografia, compreendida como prática metodológica capaz não apenas de instrumentar uma operacionalização conceitual,

mas de estimular o pesquisador a um olhar mais sensível, dinâmico e atento aos acontecimentos que compõem a realidade investigada. Assim, este artigo expõe como a etnografia possibilita avanços não apenas metodológicos, mas, sobretudo, qualitativos para a pesquisa que tem a cidadania como foco teórico e político de investigação[1].

A reflexão segue a seguinte estruturação: a construção do método de pesquisa na relação com a fundamentação teórica sobre a noção de cidadania, compreendida a partir de autores que a valorizam enquanto construção a partir da ação social; considerações sobre a abordagem qualitativa, a qual introduzirá a etnografia como metodologia utilizada na relação com as técnicas metodológicas consideradas indispensáveis. Ao final, é apresentado um esquema aplicativo a partir dos principais conceitos abordados no decorrer deste artigo.

O método de investigação articulado com a noção de cidadania

A noção de cidadania é apropriada e problematizada neste artigo como constituinte e resultante da ação social e não representa um conceito universal que busca subsumir o empírico em detrimento de sua validação teórico-abstrata. Para uma melhor aplicação e compreensão dessa posição epistêmico-teórica sobre cidadania, faz-se necessário, primeiramente, compreender o método de pesquisa empreendido por Cáceres (1998), para quem os fenômenos sociais devem ser identificados, apreendidos e analisados enquanto ação, resultantes de sujeitos que reinventam a realidade a partir das suas competências[2], oportuni-

1 Este artigo é parte de minha tese de doutoramento, iniciada em março de 2010, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo geral é compreender a construção e exercício da noção de cidadania a partir da prática radiofônica desenvolvida por militantes do Movimento Sem-Terra (MST). Por esse motivo, algumas reflexões desenvolvidas estão diretamente ligadas ao contexto desse objeto.

2 Apresenta-se a noção de competências no sentido expresso por Brandão e Streck (2006), que compreendem as "competências individuais" não no

dades e resistências protagonizadas em contextos mais específicos, bem como globais.

Cáceres enfoca a ação – participação – dos sujeitos como central para a análise e consequente compreensão da realidade social: "[...] Num sentido geral a relação ator-mundo se define logicamente como a relação sujeito-objeto, relação sempre mediada pela ação" (1998, p. 9, tradução nossa). Na investigação da vida social é importante observar as características do movimento que gera "[...] o contato entre os sujeitos sociais, e que o outro, particular e geral, tem um efeito definitivo sobre a construção do sujeito" (CÁCERES, 1990, p. 8, tradução nossa).

Assim, conforme o autor, a ação instaura-se como mediadora da relação sujeito-objeto e os critérios que normatizam essa relação são o tempo e o espaço: "[...] o tempo e o espaço são as dimensões gerais adequadas para ordenar tudo o que sucede na vida" (CÁCERES, 1990, p. 9, tradução nossa). Na perspectiva desse autor, a existência de estruturas econômicas e políticas estão relacionadas mais à possibilidade de ação do que de coação ou de resignação do sujeito. Em outras palavras, o tempo e o espaço – que para algumas teorias são instância determinadas unicamente pelo campo econômico – são elementos constituídos pela efervescência de diversas ações contra-hegemônicas, sejam elas econômicas, culturais, políticas, dentre outras.

Para facilitar a operacionalização do método, o autor ainda exemplifica que o tempo pode fragmentar-se em períodos, em etapas, em momentos e o espaço pode ser igualmente fragmentado em regiões, áreas, contextos, zonas, dentre outros. Para tanto, as formas de compreensão do tempo e do espaço precisam ser dinâmicas para que as manifestações do contexto não sejam observadas descontextualizadas do global. Ou seja, "[...] o método de trabalho ideal teria como qualidade o movimento analítico e sintético desde o micro até o macro (1990, p. 11, tradução nossa)". Assim, num primeiro momento, o movimento micro deve ser operacionalizado por um conjunto de categorias que de-

---

sentido de competir, mas na capacidade de empreender esforços em qualquer atividade humana. Sendo que as competências e as habilidades de cada um também são construídas ao longo da vida, nas ações que visam à superação de alguma realidade opressora que o cerca e, por isso, o constitui.

verão ser confrontadas com situações dos sujeitos no tempo e no espaço da prática radiofônica ou de qualquer outra prática comunicacional.

No entanto, num segundo momento, a investigação não deve se encerrar na dimensão micro, mas retornar para o macro, ou seja, para as grandes áreas da organização social, as quais são fundantes da noção geral de cidadania, como o econômico, o político e o cultural: "[...] não há formação social donde não se possa identificar o particular e não haverá indivíduo que não possa ligar-se ao seu contexto de vida geral" (CÁCERES, 1990, p. 12, tradução nossa).

As "situações" configuram espaços de problematização das categorias/tipologias analíticas: "[...] uma situação é onde o sujeito realiza uma ação em busca de um objeto ou objetivo" (CÁCERES, 1990, p. 17, tradução nossa). A situação é a unidade de trabalho de análise micro e, na visão de Cáceres, a ação social pode apresentar-se como uma cadeia de situações, com antecedente e consequente: "[...] essa cadeia de situações pode se ordenar em mapas situacionais, sempre com o tempo e o espaço como marco de localização" (1990, p. 18, tradução nossa).

Jorge González (1989) salienta que a ação social – que neste artigo relaciona-se com a cidadania a partir da prática radiofônica do MST – deve ser compreendida por um método que contemple as seguintes temporalidades: passado, presente e futuro. Para o autor, essas temporalidades podem ser formatadoras das perguntas da pesquisa, pois facilitam a compreensão da cidadania no funcionamento da prática radiofônica não apenas como algo historicamente dado ou funcionalmente estabelecido, mas, sobretudo, de forma construtiva e inter-relacionada com as práticas de sujeitos sociais inseridos em uma dinâmica ativa e criativa. Assim, a problematização, bem como a aplicabilidade da noção de cidadania pode ser compreendida a partir do reconhecimento das múltiplas formas de ação enquanto disputa, interdependência e negociação, entre outras, acionadas tanto no interior da prática radiofônica, como no seu enfrentamento com outras forças ou formas de autoritarismos vigentes.

Dessa explanação geral e sintética sobre o método, é importante estar atento, como aponta Correia (2004, p. 129), para o fato de que

a dimensão comunicacional da ação se constitui, por vezes, como um espaço de liberdade, o que nos faz esquecer as complexas relações de poder que a cidadania possui com os campos econômico, político e cultural. Conforme afirma o autor:

> [...] a ênfase crescente nessa dimensão comunicacional, simbólica e cultural, aumenta a complexidade das sociedades, abre caminho a novas pretensões conflituais, às possibilidades de novos dizeres, entreabrindo a porta para formas de cidadania insuspeitas, nas quais os *media* poderão desempenhar um papel importante.

Apresenta-se, então, a necessidade de se observar a dimensão epistemológica da cidadania também enquanto ação (MATA, 2006) e estratégia (DAGNINO, 2006), que se contrapõe, inclusive, àquelas posições epistemológicas que desconsideram a cidadania enquanto uma ação de sujeitos em movimento, de enfrentamento as formas mais atuais e específicas de autoritarismos político, econômico e cultural (DAGNINO, 2006). Por esse caminho, a concepção social, ativa e democrática de cidadania, como esclarece Vieira (2001, p. 39), objetiva "[...] constituir cidadãos baseados em valores centrais, como identidade comum, solidariedade, participação, ação e interação". Mesmo se tratando de uma ação mais para o acesso do que para a construção de direitos, o que precisa ser enaltecido é a manifestação social, que deslegitima discursos autoritários, os quais compreendem o sujeito apenas pela ótica da ação como causa-efeito ou pela passividade mediante o mundo que se constitui sem o seu intermédio ou participação.

Essa perspectiva epistemológica valoriza a ação do sujeito na relação com o outro, ou seja, é somente na relação social que ocorre os laços de cooperação e de comunicação, sem os quais, inclusive, a cidadania e nem a vida humana seriam possíveis (JOVCHELOVITCH, 2008). Outro autor que acena nessa direção é Habermas, o qual confere centralidade à ação comunicativa dos sujeitos para a construção e prática da cidadania. Esse autor caracteriza a esfera pública, identificando-a como arena de formação da vontade coletiva, de ação política e cidadã, onde, virtualmente,

> [...] todos os participantes tem chances iguais de iniciar e continuar a comunicação, de fazer comentários, recomendações e explanações e de expressar desejos e sentimentos; devem ser livres para tematizar as relações de poder que, em contextos ordinários normais, constrangeria a livre articulação de opiniões e posições (VIEIRA, 2001, p. 60).

A esfera pública habermasiana, também se apresenta como espaço onde os movimentos sociais "[...] constituem os atores que reagem à reificação e burocratização, propondo a defesa das formas de solidariedade ameaçadas pela racionalização sistêmica" (VIEIRA, 2001, p. 63). Na esfera pública, o agir comunicativo é fundamental, pois as ações dos sujeitos envolvidos "[...] são coordenadas não por meio de cálculos egocêntricos de sucesso, mas por meio de atos para se alcançar entendimento" (HABERMAS, 1984, p. 86). Assim, a noção de cidadania transcende a relação passiva ou ordenada entre "Estado-indivíduo" e inclui a relação com a esfera pública, sendo, inicialmente, uma proposta de ação política capaz de modificar as formas de sociabilidade e gerar uma cultura mais democrática.

Na perspectiva sociológica da construção social, a cidadania sendo uma estratégia ou ação de sujeitos diverge daquelas noções que compreendem e definem a cidadania enquanto: concessão pelo Estado-previdência (MARSHALL, 1967); conquista individual de direitos e deveres (ABRANCHES, 1985); como lugar de defesa da propriedade privada, do consumo individual, de direitos abstratos e universais – modelo neoliberal –, dentre outras. Dessa constante e atual divergência, o problema de se pensar a cidadania a partir da ação social também se defronta com o seu sentido político que, na grande maioria dos discursos e práticas, está ancorado em uma perspectiva de totalidade social ou a um conjunto de propósitos universais, sobretudo os consagrados sob a égide dos direitos históricos, como uma compilação de leis asseguradas pela tradição, a qual atua como a medida interpretativa e a prescrição para qualquer ação social.

Isso se deve, em grande parte, à dinâmica política específica da Europa Ocidental, onde a noção de cidadania foi um poderoso instrumento universal utilizado para "[...] compensar a teia de privilégios que

se cristalizavam em diferenciações e hierarquias sociais" (DAMATA, 1987, p. 77). Da mesma forma, a noção da cidadania como um instrumento nivelador dificilmente poderá ser utilizada para a compreensão ou para explicação das ações sociais que buscam romper com qualquer tipo de poder não democrático, que desrespeita a diversidade cultural e econômica de cada contexto.

Esse caráter puramente abstrato e instrumental da cidadania também se confronta com a sociabilidade humana, tecida por expectativas diversas, as quais, na grande maioria, não são frutos de um único elemento, seja ele político, econômico ou culturalmente constituído. Em outras palavras, a cidadania comporta uma dimensão sociológica e, sem dúvida, o "ser cidadão" é algo que se aprende, ao mesmo tempo, a partir de expectativas singulares e enquanto um comportamento político e moral, que também é histórico e coletivamente compartilhado. No entanto, definições apressadas têm vinculado essa abordagem socio-antropológica da cidadania ao indivíduo isolado, que possui direitos e deveres naturais, ou seja, sem relação alguma com as dimensões pedagógica e social.

Na mesma medida, o "ser cidadão" se vincula ao um conjunto variado de ações possíveis num ambiente público, partilhado, colaborativo e comunitário. A ação que busca o pertencimento a uma nação ou a uma pátria está, na grande maioria, legitimado sob consentimentos individuais e coletivos, a partir de disputas de poder que consolidam associações, práticas midiáticas e comunicacionais, dentre outros. Quer dizer: "[...] a nação e a sociedade não são mais uma fonte de humanidade (e de sentido), conforme dispunha a teoria tradicional que concebia a sociedade como uma *universitas*" (DAMATA, 1987, p. 73). Essa reflexão, também é reveladora do motivo pelo qual o modelo ou a concepção liberal de cidadania têm dificuldade de reconhecer as ações sociais advindas do mundo das relações enquanto resistência e luta pela ampliação ou pela garantia de novos direitos (CARVALHO, 2007).

Para Roberto Damata (1987), a cidadania é tida como um papel contaminador de toda a conduta humana. Mas, é preciso ter cuidado, pois essa generalização pode apagar as particularidades que distingue a cidadania das demais ações não cidadãs, ou seja, daquelas práticas

sociais autoritárias, que geram a submissão, o constrangimento e a exclusão dos sujeitos. Para tanto, é necessário, também, questionar as concepções ou os discursos sobre a cidadania que advogam a igualdade social como natureza política ou tradicionalmente assegurada e estabelecida, descartando, assim, a necessidade de se observar a ação social de modo mais constante, específico e local (GEERTZ, 1989). Mesmo assim, uma questão permanece: será que essa ideia de cidadania como um papel social relacionado à igualdade de todos os homens em todos os lugares é verdadeira do ponto de vista da prática social? Para Damata (1987), as respostas a essa questão poderão ser encontradas a partir de uma observação atenta às singularidades que compõem os diversos contextos, espaços ou cenários de onde emergem os autoritarismos inibidores da cidadania. Ou seja,

> Há uma forma de cidadania universalista, construída a partir dos papéis modernos que se ligam à operação de uma burocracia e de um mercado; e também outras formas de filiação à sociedade brasileira – outras formas de cidadania – que se constroem através de espaços tipicamente relacionais, dados, inclusive, a partir do espaço da casa (DAMATA, 1987, p. 94).

Essa problematização teórico-epistêmica possibilita a operacionalização da cidadania para além do campo político ou de uma mera observação da relação indivíduo e Estado. Isso porque, a própria construção da democracia brasileira pode ser examinada em função da "[...] mudança de atitudes no comportamento dos atores sociais, e não apenas a partir das relações entre o Estado e o sistema político" (VIEIRA, 2009, p. 77). Pensar a noção de cidadania a partir das diversas formas de ação e de mobilização social deve ser o ponto de partida e não o de chegada para as pesquisas que procuram compreender as raízes dos problemas sociais contemporâneos.

Para tanto, destaca Cáceres (1990), é preciso que as grandes narrativas ou matrizes teóricas que fundamentam a cidadania fomentem a criação de categorias, as quais funcionarão como referências ou mediações de ação social a serem identificadas nas situações empíricas mais ou menos demarcadas em um tempo e espaço, como já exposto. Quer

dizer, esse modo de investigação ou de produção de saber condiz com uma postura epistemológica relacional, na qual os modos de operacionalização conceitual não atuam de modo dicotômico ou somente a partir de uma única racionalidade teórica. Assim, a cidadania assume uma forma de racionalidade mais sensível e relacional, essencialmente pedagógica, construtiva e, portanto, capaz de identificar as diversas motivações da ação social entre o sujeito com o mundo e com os demais em seu contexto (BACHELARD, 1996).

Essa postura enaltece a produção de conhecimento sobre a cidadania enquanto lócus de problematização, construção e análise da ação social integrada à historicidade (tempo) e ao funcionamento (espaço) da prática comunicacional investigada. No entanto, vale reforçar que o método de Cáceres (1990) nos alerta que o movimento teórico-analítico não deve permanecer apenas na dimensão empírico-conceitual micro, sendo necessário, assim, um retorno analítico-sintético até as dimensões macro da organização social a partir dos campos: político, econômico e cultural. A importância da formulação de categorias para análise da cidadania na prática comunicacional sustenta-se na seguinte constatação:

> [...] a elasticidade do termo cidadania revelada por um tempo em que empresa, os governos, a mídia, a educação, a cultura, o consumo, a juventude, se propõem a serem cidadãos, aponta para um reordenamento na lógica dialética – inclusão exclusão – e ao mesmo tempo a ascensão de uma perspectiva multidimensional (civil, política, econômica, cultural, global etc.) na conformação empírico-conceitual da cidadania nas sociedades contemporâneas, como resultado de práticas sociais heterogêneas e esparsas, e nem sempre conciliáveis (COGO, 2010, p. 47).

Assim, na proposta de pesquisa que inspira este artigo, a cidadania apresenta-se como uma prática social, política, econômica e cultural, desde uma pragmática possível, compreendida como ação social diversa, que envolve categorias como: a expressão da subjetividade e do lúdico; de prática profissional ou de trabalho; de fascinação pela tecnologia radiofônica; de conscientização política e de luta de classes; pela democratização da comunicação; de motivação contra-hegemônica; de estratégia para a

conquista de direitos; de formação e de participação na esfera pública; de busca por emancipação; de resgate da memória e da construção identitária; de prática pedagógica; de comunicação popular e comunitária.

A partir dessas diversas categorias, que são, aqui, largamente devedoras de um melhor aprofundamento teórico, a cidadania também amplia seu *status* qualitativo, contribuindo, assim, para o empoderamento dos grupos sociais que dela se utilizam, sobretudo, porque hoje em dia, as lutas sociais atuam em dimensões que podem ser novas para algumas pretensões conceituais mais fechadas (PERUZZO, 2009).

A abordagem qualitativa e a etnografia como metodologia

Após a explicitação do método e reflexão teórica sobre a noção de cidadania, a qual se complexifica em diversas categorias analíticas, é central a construção de uma metodologia que possibilite a sua operacionalização. Trata-se, sobretudo, da necessidade de entrada em campo do pesquisador, para que, conforme alerta Lévi-Strauss (1975, p. 211), as operações racionais formuladoras de um dado objeto ou problema de pesquisa se confrontem com um espaço humano e geográfico concreto: "[...] contra o teórico, o observador deve ter sempre a última palavra; e contra o observador, o indígena".

Desse modo, o primeiro passo metodológico é de ajuntamentos e de flexibilidades, afinal, toda a investigação ou produção de conhecimento depende de aproximações, de comunicação, de sensibilidade entre pesquisador e o universo investigado. Inicialmente, a ação metodológica deriva de um momento construtivo *a priori*, que, no método de Cáceres, condiz com o estado especulativo e abstrato: "[...] antes de iniciar os caminhos da indagação, o investigador tem diante de si um panorama amplo de opções por desenvolver" (1998, p. 352, tradução nossa). Assim conjuga-se a essa perspectiva o modelo qualitativo de pesquisa, inicialmente, porque a processualidade é a característica central tanto do método como da própria noção de cidadania a ser problematizada na inter-relação com o empírico.

Para Flick (2004), o modelo qualitativo de pesquisa possibilita a interpretação dos fatos e não apenas a sua apresentação ou a informação de descobertas. O uso da abordagem qualitativa é necessário para se identificar, apropriar e diagnosticar as situações sociais em movimento, pois, segundo Gil (1995, p. 24), "[...] os fenômenos humanos não podem ser quantificados com o mesmo grau de precisão das ciências naturais".

A abordagem qualitativa também facilita o desvelamento da historicidade do fenômeno investigado, conectando os resultados às situações paralelas e à dinamicidade das múltiplas estruturações espaçotemporal que constituem a ação social. No entanto, a abordagem qualitativa não exclui a possibilidade de outros procedimentos, dentre eles a de abordagem quantitativa, pois a dinâmica da caminhada investigativa – sobretudo a partir das situações empíricas – certamente configurará, como explica Santaella (2001, p. 127), "[...] esses procedimentos de uma maneira que lhe é própria, desenvolvendo metodologias específicas e relevantes para determinadas aplicações de acordo com necessidades que brotam dentro dela e que não podem ser impostas de fora".

Eis o desafio de assumir – em certa medida como operação epistemológica – a produção do conhecimento sobre a realidade social tendo a ação como intermediadora da relação sujeito/objeto. Assim, a compreensão qualitativa desse mundo histórico, mas complexo e movente, requer uma metodologia sensível às múltiplas situações que o compõem. Portanto, identifica-se a etnografia como a matriz metodológica capaz de operacionalizar essas múltiplas lógicas.

Cabe esclarecer, porém, que a etnografia é apropriada neste projeto como uma metodologia de pesquisa qualitativa, pois apresenta princípios teóricos, bem como instrumentos capazes de incorporar a questão do "significado e da intencionalidade" inerentes as ações dos sujeitos (MINAYO, 2004). Da mesma forma, o modo etnográfico objetiva a complexidade e possibilita contemplar e envolver uma multiplicidade de elementos, que vão desde a ordem técnica até a epistemológica (CAIAFA, 2007).

De acordo com Cáceres (1998), o momento *a priori* da investigação etnográfica se dimensiona em duas fases: (1) especulativa e abs-

trata e (2) operativa e prospectiva. A primeira é oriunda do universo reflexivo do pesquisador e diz respeito ao momento de sua introspecção a partir das suas condições histórica, cultural, econômica e subjetiva com relação ao desenvolvimento teórico-empírico da pesquisa. Esse momento é crucial para a reflexão e o esclarecimento sobre as intenções e projeções do pesquisador para com o campo de investigação: "[...] quando um indivíduo entra em contato com o outro, o guia uma intenção, uma perspectiva, do que pode suceder e um impulso do que se deseja" (CÁCERES, 1997, p. 127). A segunda dimensão é o movimento das operações práticas e hipotéticas a partir do que se refletiu, codificou e apreendeu no campo investigado.

Cáceres (1998) comenta que a etnografia é um trabalho fenomenológico – que observa aquilo que se mostra aos nossos sentidos – e hermenêutico – que trata da interpretação, da escrita e da produção de sentido sobre o observado. Ou seja, o ofício etnográfico expressa uma dupla forma: "[...] por um lado, a capacidade de leitura e de impressão do externo no interior e, por outro, a força expressiva e o domínio de suas formas, na exteriorização textual" (CÁCERES, 1998, p. 351, tradução nossa).

Como metodologia utilizada para a compreensão do um problema investigativo movente, composto por relações históricas, atuais e projetivas (GONZÁLEZ, 1989), a prática etnográfica requer um considerável tempo de permanência do pesquisador no campo de investigação: "[...] o ofício da mirada de sentido não é para os apressados" (CÁCERES, 1998, p. 353, tradução nossa). Pois a percepção é o coração do trabalho etnográfico, tanto porque "[...] a etnografia supõe uma combinação instável de alma de poeta e suor científico" (CÁCERES, 1998, p. 351, tradução nossa).

Quando a pesquisa etnográfica é realizada num tempo curto ou às pressas, corre-se o risco de se expressar mais informações ou impressões do que conhecimento crítico e elaborado: "[...] a etnografia requer estar ali, submergido no cotidiano com a atenção a cem por cento para decidir se algo é significativo ou não". Com isso, a compreensão da cidadania decorrente do processo etnográfico não é imediata, mas gradual, específica, como, também, ampla e interligada à generalidade das situações e dos contextos investigados. Cabe ao pesquisador, portanto,

desenvolver uma atitude científica de persistência observacional, mas que também esteja ancorada ou subsidiada em objetivos e ações metodológicas organizadas, para que sua permanência no campo não seja apenas uma passagem desatenta e improdutiva (GEERTZ, 1989).

Nessa consciência, a pesquisa etnográfica deve ser utilizada – ou estruturada – a partir de alguns procedimentos investigativos, que, segundo Cáceres (1998), são divididos em três momentos: (1) *explorar/observar*; (2) *registrar/descrever* e (3) *significar*. Em *explorar/observar*, o fazer etnográfico deve ser vivenciado a partir das primeiras aberturas que o campo de pesquisa oferece ao investigador. A exploração – como incursão inicial – deve se caracterizar como o momento prévio do pesquisador com os sujeitos do campo de pesquisa, pois a etnografia se configura a partir da comunicação (CÁCERES, 1998).

Para isso, fazem-se necessários os contatos preliminares através de bibliografias ou estudos já realizados naquele campo e a troca de telefonemas, cartas ou *e-mails* com as fontes possíveis. Trata-se, portanto, de um *"visualizar"* estratégias aproximativas, ao mesmo tempo em que se observam os demais condicionantes físicos, geográficos, culturais do local a ser investigado. O *chegar,* o *estar* e o *viver intensamente* serão os modos de ser do pesquisador no momento exploratório do universo investigado. Cáceres (1998) também aconselha a criação de mapas dos acontecimentos possíveis do momento exploratório para facilitar a descrição mais detalhada dos lugares ou espaços que vão sendo perseguidos ou que vão se configurando no decorrer da caminhada.

Como passo seguinte, o *registrar/descrever* (CÁCERES, 1998) ocupará o centro da prática etnográfica, pois o coração do ofício etnográfico é o registro. Não se trata de uma ação separada do momento exploratório anterior, pois todas as ações da pesquisa necessitam ser registradas. Condiz, porém, com algumas especificidades científicas da pesquisa e que somente serão possíveis após o contato com o campo ou com os sujeitos interlocutores. Assim, essa fase terá como baliza os objetivos específicos estabelecidos, mas buscará registrar e descrever a partir da sensibilidade do olhar atento às manifestações do outro – vozes, atitudes, silêncios e ausências, entre outras – na relação com o local que proporcionou tal vivência.

Cáceres enfatiza que o momento da descrição deve levar em conta tudo, desde o subjetivo do pesquisador até o detalhe mínimo do objeto pesquisado. Nessa multiplicidade de formas perceptivas, a descrição não é una. O que se configura, conforme o autor, é um caleidoscópio descritivo, já que se obtém muitas versões e visões da vida social individual e coletiva: "[...] todas elas têm valor; se está produzindo a vida social mesma em sua vitalidade e movimento" (CÁCERES, 1998, p. 357, tradução nossa). Segundo Cáceres (1997), essa etapa metodológica pode contar com outras técnicas de registro como o fotográfico, o sonoro e o audiovisual.

O *significar* apresenta-se como último passo etnográfico, pois condiz com o regressar, organizar e refletir do pesquisador sobre tudo aquilo que foi percebido e registrado (CÁCERES, 1998). Mas não se exclui a possibilidade de sua manifestação durante os momentos anteriores, como na exploração ou na descrição. No entanto, o momento de *significar* requer um maior esforço reflexivo sobre as impressões ou os dados anteriormente observados. Nessa dimensão, a etnografia apresenta-se como uma metodologia que possibilita uma operação intelectual capaz de reconstruir as observações até uma proposta configuradora de sentido: "[...] o etnógrafo toca os fios invisíveis do mistério do visível, mostra o que está mais além do evidente e lhe dá forma e o estrutura ante nossos olhos" (CÁCERES, 1998, p. 348, tradução nossa). O ofício de *significar* é uma aposta geradora de sentido: "[...] o etnógrafo é, então, um escritor, um criador de imagens que mostra os caminhos do que está mais além do evidente" (CÁCERES, 1998, p. 352, tradução nossa).

Dessa forma, mesmo que a etnografia seja tomada como metodologia, não se exclui a possibilidade de que ela se torne um aspecto atuante no processo de análise ou de síntese da pesquisa. Há, então, no momento de significar, uma interligação com o método e com as perspectivas teóricas que atuam enquanto espaços de síntese para o que se observou no campo investigado. Ou seja, os momentos anteriores têm sentido porque aqui se culminam o exercício da imaginação e da criatividade e se realiza a possibilidade de comunicação e reconstrução do ser social na relação com o que foi registrado, com toda a literatura visitada e com os problemas concretos da realidade pesquisada.

Mesmo que o elemento técnico central da pesquisa etnográfica seja a própria percepção do investigador, a etnografia possibilita, ou requer, o uso de uma multiplicidade de técnicas metodológicas. Elas munem o pesquisador, que busca aprofundar sua relação perceptiva com o terreno que tem pela frente ou em que já se envolve: "[...] as diversas técnicas se utilizam como redes exploratórias sensitivas" (CÁCERES, 1998, p. 356). Dentre as inúmeras técnicas metodológicas possíveis, destacam-se a do *diário de campo* e a da *entrevista*.

O *diário de campo* é um instrumento de registro e catalisador das experiências em todas as suas dimensões de composição. O *diário de campo* estimula e facilita a explicitação da interioridade do pesquisador, algo que, para Cáceres (1997), é central na fase exploratória da investigação. Ele ainda complementa enfatizando que o *diário de campo*, em suas diversas formas, será o "[...] *alter ego* do etnógrafo em sua exploração, porque a exploração não é só do mundo do outro, se não do próprio mundo interno tocado pelo que é distante" (CÁCERES, 1998, p. 357). Ou seja, Cáceres ressalta a importância da dimensão subjetiva do pesquisador, que deve ser explicitada de alguma forma, pois se caracteriza como parte dos processos investigativos da pesquisa. Pode ser considerado como uma técnica de autoconhecimento do pesquisador ao mesmo tempo em que descreve sentimentos, impressões e outras afetações que emergem durante o contato com o exterior investigado.

A *entrevista* é outra técnica metodologia relevante para a operacionalização dos objetivos da pesquisa que se pretende etnográfica. A *entrevista* pode ser caracterizada até mesmo na ação dialógica ou na interpelação que ocorre entre os sujeitos de alguma situação cotidiana. Na relação com a proposta etnográfica, a *entrevista* funcionará como um instrumento eficaz na medida em que se fundamentam os laços e configuram-se os vínculos entre os sujeitos da pesquisa. Para Sierra (1998, p. 281), a *entrevista* "[...] é um intercâmbio verbal, que nos ajuda a reunir os dados durante um encontro", onde o entrevistado expõe sua versão a partir dos questionamentos relacionados ao problema investigativo. De maneira mais aplicada, Cáceres (1997) aconselha que sejam esclarecidos ao entrevistado os objetivos e motivações da entrevista. O autor ainda aconselha o pesquisador a localizar e descrever o contexto sociocultu-

ral, bem como algumas especificações sobre o perfil entrevistado: nome, idade, naturalidade, escolaridade, profissão ou função desenvolvida na comunidade, na prática comunicacional, entre outras.

É importante, ainda, o desenvolvimento de esquema situacional ou de um guia a partir dos passos metodológicos requeridos pela etnografia na conexão com as categorias analíticas e com os objetivos da pesquisa. De acordo com Cáceres (1998, p. 352), esse guia pode ser elementar e complexo, como uma ferramenta "[...] prospectiva das ações possíveis a se realizarem, mesmo que no trabalho concreto muito se modifique e, inclusive, se improvise". Esse guia metodológico, conforme o esquema abaixo, deve ser formatado a partir das dimensões ou passos da pesquisa etnográfica na relação com o método, teoria e objetivos específicos.

Tabela 1: Esquema geral das dimensões operativas da pesquisa etnográfica

Fenomenológica - **Especulativa e abstrata** *Explorar e observar*				**Hermenêutica – Operativa** *Registrar e descrever / Téc. Metodológicas*	**Prospectiva** *Significar*
Situação Objetivos específicos	**Tempo**	**Ação / Categorias**	**Espaço**		
1 -					
2 -					

Fonte: Elaboração própria.

Esse esquema demonstra que a etnografia é uma prática metodológica capaz não apenas de instrumentalizar uma operacionalização conceitual, mas de estimular o pesquisador a um olhar mais amplo, sensível, dinâmico e atento aos acontecimentos que compõem a realidade investigada.

Como passo final, o modelo de investigação etnográfica proposto por Cáceres indica a importância de tornar os sujeitos da pesquisa

também atores do processo, viabilizando, assim, uma continuidade da investigação, mesmo quando da ausência do pesquisador: "[...] os sujeitos secundários da pesquisa mantêm o processo de investigação a partir das suas condições de vida" (CÁCERES, 1997, p. 173, tradução nossa). Nesse sentido, o investigador profissional adquire o perfil de um promotor social ou de um agente-organização por investigação e pela cidadania. A partir daí, os laços entre a etnografia e a cidadania ficam mais visíveis e se articulam de modo mais intencional e produtivo, proporcionando, assim, novos horizontes de continuidade e de aprimoramento crítico para ambas.

Conclusão

Ao final desta reflexão, espera-se que algumas dúvidas persistam, sobretudo para que essas estimulem novas pesquisas que tenham a cidadania como objeto teórico a ser problematizado, verificado ou articulado com as demandas de algum contexto ou organização social. Para tanto, é indispensável pensar a cidadania enquanto ação relacionada ao ato criativo de sujeitos, os quais resistem e reinventam práticas sociais contra-hegemônicas, mediante as novas ofensivas repressoras da contemporaneidade. Assim, compreender ou pensar essa cidadania implica, sobretudo, articulá-la a uma metodologia que não apenas instrumente ou defina por si o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, mas que o estimule à criatividade e à sensibilidade compreensiva mediante as diversas ações sociais, tanto nas particularidades dos contextos como no todo das estruturas econômicas, políticas e culturais.

Enfim, acredita-se que a cidadania e a etnografia apresentam mais potencialidades e desafios do que limitações e impossibilidades. Nessa perspectiva, a pesquisa sobre cidadania que aposta na prática etnográfica terá mais chances de ir além do evidente ou daquilo que é praticado pelo discurso acadêmico racional, o qual desconsidera as vozes dos sujeitos, os sentimentos e os demais sentidos produzidos nos diversos ambientes, seja na casa, na rua ou no cotidiano de alguma prática comunicacional.

Referências

ABRANCHES, Sérgio H. Nem cidadãos nem seres livres: o dilema político do indivíduo na ordem liberal democrática. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, IUPERS, 1985, n. 28.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

CÁCERES, Luiz Jesús Galindo. **La mirada en el centro:** vida urbana en movimiento. Huella. Cuadernos de divulgación científica, n. 19. Guadalajara. ITESO, 1990.

_____. **Sabor a ti:** metodología cualitativa en investigación social. Xalapa. Universidad de Veracruz, 1997.

_____. **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación.** México. CNCA/Addison Wesley Longman, 1998.

CAIAFA, Janice. **Aventuras das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COGO, Denise. Comunicação, cidadania e transnacionalismo. In: BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise. **Comunicação para a cidadania**: temas e aportes teórico-metodológicos. São Paulo: Intercom, 2010.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação e cidadania**: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas. Lisboa: Livros Horizontes, 2004.

DAGNINO, Evelina. Concepciones de la ciudadania en Brasil: proyectos políticos en disputa. In: CHERESKY, Isidoro. **Ciudadania, sociedad civil y participación política**. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006.

DAMATA, Roberto. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Bookmann, 2004.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GONZÁLEZ, Jorge. Juego peligroso: Ferias, memorias urbanas y frentes culturales. **Dia-logos de la Comunicación** (Número 23). FELAFACS. Lima, Marzo de 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **"Aula inaugural"**. Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadania: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo: Unisinos VIII (1): 5-15 jan./abr., 2006.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. In: MENDONÇA, Maria L. M. (Org.). **Mídia e diversidade cultural:** experiências e reflexões. Brasília: Casa das Musas, 2009**.**

SANTAELLA, Lúcia. **A pesquisa, seus métodos e seus tipos**. In: Comunicação e Pesquisa. São Paulo: Hackers Editores. 2001.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. In: CÁCERES, Jesús Galindo (Coord.) **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México. CNCA/Addison Wesley Longman, 1998.

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania**: a sociedade civil na globalização. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Experiências e contextos comunicacionais latino-americanos:

algumas problematizações sobre o sistema multimidiático TeleSUR

Tabita Strassburger

1 Sobre a importância das comunicações e sua democratização

Para refletir sobre a problemática da democratização, o presente texto[1] assume como necessário considerar a importância das comunicações, de modo especial pelo contexto vivenciado atualmente com os meios assumindo papel central nas sociedades midiatizadas. Importa enfatizar sua atuação como articuladores, pautando certas temáticas e

1 Importa ressaltar que essa reflexão surgiu a partir problematizações desenvolvidas no contexto do seminário "Las disputas por democratizar las comunicaciones en Latinoamérica/ Las tomas de posición de las organizaciones de la sociedad civil en el siglo XXI", junto ao Mestrado em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), ministrada pela Professora Dra. María Soledad Segura, no segundo semestre de 2011.

colocando determinadas representações, contudo, não são os únicos responsáveis agindo nesses cenários. Os meios são instituições nucleares das lutas simbólicas, porém, não são determinantes, nesses processos em que participam também família, trabalho, escola, grupos de amigos, igreja, movimentos sociais, organizações de bairro, universidade, entre outros.

Com relação à democratização das comunicações, Segura (2010) elucida tratar-se de uma preocupação histórica nos estudos de comunicação e práticas na América Latina, e afirma que se deve pensá-la como um processo com diferentes níveis. Além disso, para Mastrini e De Charras (2005, p. 217, tradução nossa)[2], "a luta segue sendo política, baseia-se em uma disputa em torno de recursos econômicos e simbólicos, e é cada vez mais necessário voltar a propor a necessidade de democratizar os recursos comunicacionais da sociedade"[3].

Enquanto lugar de busca pelo poder, cabe refletir sobre os modos de produção dos discursos comunicativos e os agentes que participam dessas elaborações. Nesses espaços se travam disputas simbólicas (geralmente desiguais) pelo espaço de fala e manifestação e, ainda, pelo acesso às regras do jogo, um controle que possibilitaria determinadas mudanças em tais disposições ou mesmo a manutenção de normativas e práticas estabelecidas ao longo dos anos. Também nesse âmbito os meios têm função importante, pois fazem circular determinados discursos e posturas acerca dos processos democratizantes.

De acordo com Rey (2003, p. 2, tradução nossa), a comunicação seria

> um campo especialmente tensionado de interesses, um âmbito em que se produzem colisões semelhantes às que se vivem

2 Os autores elaboram uma abordagem ampla sobre o debate da redemocratização, regressando muitos anos nas discussões sobre a temática e enfatizando as trajetórias desde a iniciativa da Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC), na década de 1980, até a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (CMSI), em 2005.

3 "la lucha sigue siendo política, se basa en una disputa en torno a recursos económicos y simbólicos, y es cada vez más necesario volver a plantear la necesidad de democratizar los recursos comunicacionales de la sociedad".

> em outras áreas da sociedade (na economia ou na circulação de conhecimento) entre a diversidade e a concentração, a democratização ou o predomínio hegemônico, o local e o global, a exclusão ou a participação[4].

Todavia, a sociedade civil tem assumido cada vez mais uma posição de destaque nesse espaço de tensões, através de instâncias como, por exemplo, os observatórios[5] que monitoram as atividades dos meios, criticando e questionando suas tomadas de decisão. A maneira como ocorrem essas organizações assinala a imprescindibilidade de levar em conta os movimentos de contextualização para compreender as dinâmicas de produção e circulação informativa, bem como os contornos e nuances que se estabelecem nesse jogo simbólico, e os atores que o conformam e articulam.

Assinalando aspectos do cenário comunicativo nos últimos anos, pensando seus modos de organização, temas colocados, grupos que participam nas discussões, dinâmicas que concentram a propriedade dos meios e/ou dificultam o acesso coletivo, foram criadas determinadas iniciativas e movimentos[6]. Tais perspectivas assumem características próprias e apontam questões daquilo que seriam contextos ideais para a democratização das comunicações, como a vinculação da comunicação com os direitos humanos (incluindo direito à comunicação, acesso e divulgação), com a vida social e com a cultura; o acesso ao conhecimento;

---

4 "un campo especialmente tensionado de intereses, un ámbito en que se producen colisiones semejantes a las que se viven en otras áreas de la sociedad (en la economía o en la circulación de conocimientos) entre la diversidad y la concentración, la democratización o el predominio hegemónico, lo local y lo global, la exclusión o la participación".

5 Rey (2003) desenvolve a experiência dos observatórios e *veedurías* dos meios de comunicação, aprofundando os aspectos do contexto latino-americano, especificamente Argentina, Brasil, Colômbia, Uruguai, Venezuela, Peru, Equador e Chile.

6 Campanha pelos Direitos da Comunicação na Sociedade da Informação (CRIS, conforme sigla em inglês), no ano de 2001; Fórum Mundial sobre o Direito à Comunicação, em 2003; Carta Pública Redes Latino América, em 2004; Declaração da Sociedade Civil na Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (CMSI), em 2005.

os projetos que articulem os atores da sociedade civil; a comunicação como democracia inclusiva e participativa; os marcos regulatórios; o direito de vigiar os meios; as redes públicas de comunicação; o apoio a meios comunitários; a ampliação da internet; a comunicação pública (mesmo que a propriedade seja diversa), entre outros.

2 Experiências e contextos comunicativos na América Latina

Apesar de diversas semelhanças quanto às iniciativas de democratização das comunicações, cada país latino-americano tem suas particularidades, relacionadas aos distintos atores que participam nessas dinâmicas sociais e à distribuição do poder de modo geral. Para Rey (2003), haveria uma crise relacionada aos modelos de construção da informação, ao jornalismo e aos meios no continente. Ao mesmo tempo em que são propostas novas legislações e projetos legais, a realidade midiática se concentra e as demandas da sociedade sobre a informação se mostram acentuadas.

Nessa direção, instaura-se a importância de considerar os cenários em que são produzidos os projetos comunicativos e as informações que os mesmos divulgam. Para tanto, com base em Segura (2010), busca-se elucidar a realidade dos meios de comunicação na América Latina, delineando um breve resgate dessas problemáticas e refletindo sobre o sistema multimidiático TeleSUR como uma possível tentativa de comunicação alternativa.

A autora explicita que as disputas por democratizar as comunicações na região passam por movimentos de reconfiguração[7], por exemplo, passando das teorias desenvolvimentistas do Pós-guerra e Guerra Fria, para a ampliação das noções de público, a partir da observação da complexidade de tais sujeitos, nos anos 1980. Em seguida, também o desenvolvimento informático e digital interfere de modo intenso nas formas de comunicação, colocando o caráter mercantil dessas concepções para uma "sociedade da informação", durante a década de 1990.

7 As informações detalhadas sobre essa dinâmica podem ser encontradas em Segura (2010).

Com a chegada dos anos 2000, começam a ser superados pensamentos de valorização extrema da técnica e ilusão de revolução através da tecnologia. Tem espaço o sujeito cidadão na figura da sociedade civil. Conforme explica Segura (2010, p. 6, tradução nossa), nesse novo milênio, a luta dos movimentos sociais pela democratização das comunicações ocorre estrategicamente em dois planos, por meio de "aliança com outras organizações que propõem a democratização das relações sociais em diversos âmbitos [e] frente aos Estados, às organizações supranacionais e às empresas"[8].

O novo século retomou questões de democratização apresentadas anteriormente e que vinculavam a comunicação à mudança social (como as que se referiam ao Direito à Comunicação colocadas nas décadas de 1960 e 1970, no âmbito da Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação – NOMIC – e das propostas de políticas nacionais de comunicação). Entretanto, colocou desafios de outras dimensões, propondo novas ações, molduras e sujeitos, bem como, trazendo concepções distintas acerca do que seria o social, a política e a democracia.

Somado a isso, as últimas décadas viram a emergência de governos populares, a nova esquerda latino-americana, impulsionar movimentos em favor da ampliação do acesso às comunicações e de informações diversificadas. Essas dinâmicas aliadas à participação de organizações da sociedade civil resultaram em reformas legais em direção a políticas de comunicação que democratizam os sistemas midiáticos[9], como a criação de projetos públicos e estatais, distintos e semelhantes a TeleSUR. Tomando o caso específico do sistema multimidiático analisado, cabe trazer que a organização apresenta características de uma rede de comunicação, principalmente pela estrutura descentrada e atuação articulada em diferentes espaços geográficos.

---

8 "En alianza con otras organizaciones que proponen la democratización de las relaciones sociales en diversos ámbitos [y] frente a los Estados, las organizaciones supranacionales y las empresas".

9 Nesse sentido, são exemplos: Lei de Radiodifusão Comunitária, no Uruguai, em 2007; Direito à Comunicação, no Equador, em 2008; Direito à Comunicação, na Bolívia, em 2009; Lei de serviços e comunicação audiovisual, na Argentina, também em 2009; e lei da TV por assinatura, no Brasil, em 2011.

Rey (2003, p. 3, tradução nossa) coloca alguns aspectos desse debate, como

> os entendimentos sobre a liberdade de expressão (que não são já tão monolíticas nem tão unilaterais), as formas de concorrência e os monopólios comunicativos, as relações entre institucionalidade democática e infomação, as modalidades de propriedade dos meios, as regras de jogo das empresas midiáticas, os sistemas de regulação e de controle do poder dos meios, a responsabilidade social desses, entre outros temas[10].

O autor aponta algumas críticas que colocam os meios de comunicação no centro das discussões e assinalam a crise vivenciada, por exemplo, devido a um modelo informativo endógeno, alheio às espectativas e demandas da sociedade, interessado em outros setores do poder e enfrentando problemas de credibilidade e qualidade jornalística. Com relação à América Latina, de modo especial, afirma que se questionam aspectos referentes à pouca diversidade e concentração dos meios, pluralismo, elaboração das agendas, operações de distorção na construção informativa, invisibilidade de determinadas temáticas e atores, o distanciamento entre sociedade e meios, preocupações com a censura e autocensura, e ainda fatores relativos a questões trabalhistas dos profissionais do jornalismo.

Partindo dessa perspectiva e buscando de certa maneira aproximar as dinâmicas entre a produção e seus públicos, como cenários específicos de experiências comunitárias e cidadãs aparecem os observatórios e *veedurías* dos meios que, conforme elucida Rey (2003, p. 1, tradução nossa), seriam "metáforas recentes de processos sociais e comunicativos fortemente relacionados com movimentos de democratização da sociedade, afirmações emancipatórias e confrontações frente

10 "las comprensiones sobre la libertad de expresión (que no son ya tan monolíticas ni tan unilaterales), las formas de competencia y los monopolios comunicativos, las relaciones entre institucionalidad democrática e información, las modalidades de propiedad de los medios, las reglas de juego de las empresas mediáticas, los sistemas de regulación y de control del poder los medios, la responsabilidad social de estos, entre otros temas".

às variações que também vão adotando as maneiras diversas em que se expressa o poder"[11].

Nessa direção, pode-se trazer a inferência de Monje (2007, p. 6), para quem "o direito à comunicação supõe a necessidade de proteger as pessoas que se comunicam, assim como garantir que o espaço público da comunicação, onde atuam instituições como os meios, está aberto realmente a todos as pessoas e grupos sociais"[12]. Observa-se que tais tentativas (assumindo também o sistema multimidiático TeleSUR), guardadas as proporções e os níveis de participação e acesso, pretendem ocupar esse lugar de fala e escuta que é um direito comunicacional, divulgando uma voz própria e manifestando suas necessidades nos mais variados âmbitos sociais.

3 O caso do sistema multimidiático TeleSUR

A TeleSUR é parte de um projeto mais amplo do atual governo da Venezuela e busca aproximar os povos latino-americanos, através de uma comunicação diferenciada que enfatize as informações da América Latina e valorize suas culturas. Talvez em virtude dos objetivos que possui e por ser um espaço recente de informação, as falas dos profissionais ligados ao projeto, bem como os materiais disponibilizados no portal web e em panfletos impressos com os quais se teve contato, costumam apresentar forte teor emocional e sentimental. Costumam aparecer tons de defesa e encantamento, buscando, de certa maneira, legitimar, solidificar e difundir os ideais.

O objetivo de dar visibilidade às lutas sociais, aos conhecimentos populares e aos movimentos de identidade latino-americana, integrando

11 "metáforas recientes de procesos sociales y comunicativos fuertemente relacionados con movimientos de democratización de la sociedad, afirmaciones emancipatorias y confrontaciones frente a las variaciones que también van adoptando las maneras diversas en que se expresa el poder".

12 "El derecho a la comunicación supone la necesidad de proteger a las personas que se comunican, así como garantizar que el espacio público de la comunicación, donde actúan instituciones como los medios, está abierto realmente a todos las personas y grupos sociales".

para além de contratos e acordos, por meio de uma comunicação ajustada com as características e os interesses dos povos da região, também aponta para discursos entusiastas. Quando surgiu, buscando romper com o domínio de redes de comunicação presentes na América Latina, Fidel Castro afirmou que estava nascendo a CNN dos humildes. Somado a isso, o projeto de integração traz feições anti-imperialistas, propondo uma espécie de libertação midiática das matrizes estadunidenses.

Assim, organizando-se como um espaço comunicacional voltado à América Latina, e com o lema "Nuestro Norte es el Sur", em 24 de julho de 2005 (dia em que se comemorava o aniversário de 222 anos de nascimento do líder Simon Bolívar), foram realizadas em Caracas as primeiras transmissões da emissora de televisão que se afirma multiestatal. Seguindo princípios da Revolução Bolivariana[13], Venezuela, Argentina, Cuba e Uruguai se uniram na criação de um sistema midiático direcionado a conteúdos majoritariamente informativos, e focado na integração econômica, política e social da região. Em 2007, também Equador, Bolívia e Nicarágua se inseriram no grupo.

Ponderando sobre as configurações do sistema comunicativo, importa ressaltar que os ideários que culminaram no desenvolvimento da TeleSUR, em boa medida, vêm da emergência dos governos de esquerda[14] que assumiram os países latino-americanos na última década. São expressões dessa vertente os governos do Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia, Nicarágua, Equador, Uruguai, Chile e Venezuela.

Ainda, os acontecimentos que envolveram o presidente venezuelano e a grande mídia daquele país foram decisivos para a aceleração dos processos de criação e investimento em meios de comunicação estatal. Nesse sentido, destaca-se, como ponto dinamizador dessa nova organização comunicacional na Venezuela, o golpe de Estado[15], apoia-

---

13 O termo, apropriado pelo presidente venezuelano Hugo Chávez, faz referência às reformas sociais, políticas e econômicas realizadas em seu governo, baseando-se nos ideais do libertador Simon Bolívar e tendo por objetivo chegar a um socialismo (denominado por Chávez de Socialismo do século XXI).

14 Natanson (2010) traz um panorama e as tendências da relação desses governos com os meios.

15 Ver documentário "A revolução não será televisionada".

do pelos meios comerciais hegemônicos e que fracassou, em 2002, e a decisão de não renovar a concessão da RCTV (Rádio Caracas de Televisión), no ano de 2007.

Além disso, cabe referir ao aspecto internacional desse sistema midiático, tanto por sua configuração envolver distintos países, quanto pelo caráter de abrangência e penetração latino-americana. Em um contexto comunicacional, formado principalmente por emissoras comerciais hegemônicas, carente de informações sobre a América Latina, governos com posturas semelhantes, organizados por objetivos comuns, estruturam um espaço para transmissão das culturas, vivências e experiências dos povos da região.

Pensando as metas executáveis do sistema comunicativo, pode-se afirmar que o número de correspondentes e colaboradores vem sendo alargado[16], assim como o sinal via satélite está em processo de ampliação. Em geral, a produção e a retransmissão do conteúdo televisivo ocorrem por meio de acordos e convênios comunicacionais com colaboradores, produtores independentes, organizações sociais, emissoras de televisão (comunitárias, estatais, universitárias) e cadeias de telecomunicações.

Cinco anos antes da criação da TeleSUR, Fuenzalida (2000) desenvolvia esforços em pensar o destino das emissoras de televisão pública na América Latina. Tais reflexões eram assinaladas tanto pela presença de uma crise que, em referência à má administração, a dificuldades de sustentação econômica e à debilidade da programação para atrair as audiências, ameaçava a sobrevivência dessas estações, quanto pela chegada de uma tendência, um momento de bifurcação, remetendo a uma reforma modernizadora profunda ou à privatização.

O autor defende a busca por um modelo latino-americano de televisão pública (admitindo emissoras que possuem outros objetivos, que não o lucro como finalidade principal) e, pelo argumento utilizado, aproxima-se bastante de algumas finalidades afirmadas pela TeleSUR, como "responder às expectativas subjetivas dessa audiência peculiar e

16 Tais profissionais estão em países como México, Estados Unidos, Bolívia, Venezuela, Nicarágua, Argentina, Colômbia, Equador, Brasil, Cuba e Peru.

às necessidades objetivas que emanam dos graves problemas sociais da gente desta região"[17] (FUENZALIDA, 2000, p. 8).

Desse modo, para o acesso dos públicos aos conteúdos e à programação, a página na internet (<www.telesurtv.net>) é outra plataforma oferecida. As opções de contato com os materiais produzidos são diversas, desde a transmissão ao vivo, até um acervo de texto, imagem, som, vídeos e programas exibidos há bastante tempo. Segundo observações e entrevistas realizadas durante a imersão na TeleSUR, o portal web é a principal fonte de interação com os usuários. Todavia, a investigação tem observado que a ferramenta não é tão eficaz na comunicação como se pretende.

Além de informações variadas, filmes, esportes, programas de opinião, debates, entrevistas, documentários, musicais, o jornalismo figura como característica principal na "Televisão do Sul", tanto em conteúdos televisivos, quanto digitais. A emissora conta com telejornais de hora em hora e inserções durante toda a programação. A página é atualizada constantemente e traz notícias recentes acerca do que acontece pelo mundo.

Pensando um *modelo latino-americano de TV Pública*, Fuenzalida (2000, p. 41, tradução nossa) propõe avançar com uma programação que se fundamente em

> – um acordo de política televisiva de Estado (base sociopolítica),
> – necessidades e expectativas da audiência televisiva (base na audiência),
> – *ethos* latino-americano (base cultural),
> – e caráter lúdico-afetivo da linguagem televisiva (base semiótica)[18].

17 "responder a las expectativas subjetivas de esta audiencia peculiar y a las necesidades objetivas que emanan de los graves problemas sociales de la gente de esta región".

18 "– en un acuerdo de política televisiva de Estado (base socio-política),
– en las necesidades y expectativas de la audiencia televisiva (base en la audiencia),
– en el *ethos* latinoamericano (base cultural),
– y en el carácter lúdico-afectivo del lenguaje televisivo (base semiótica)".

De acordo com o autor, assumindo essas condições, a programação deveria propor, como objetivos, uma educação para a vida cotidiana, pensando a formação da audiência familiar em consonância com as necessidades existenciais latino-americanas; o desenvolvimento de uma cultura com foco no protagonismo social para o desenvolvimento e a superação da pobreza; "reforço da identidade através da *presença da cultura lúdico-festiva da diversão popular latino-americana*, em lugar de privilegiar a presença da Alta Cultura na TV"[19] (FUENZALIDA, 2000, p. 44, grifos do autor, tradução nossa); oportunizar espaços de informação e discussão dos problemas sociais, buscando avanços nas políticas nacionais para combater essas deficiências.

Outra questão muito enfatizada pelo autor diz respeito à importância de a televisão pública acolher várias vozes, principalmente as dos povos, em vez de centralizar as falas em fontes oficiais, institucionalizadas, políticas. E, também, à necessidade de não se constituir como ferramenta política, partidária, ideológica, governamental, propagandista, moldando-se em decorrência de determinada liderança e dos seus próprios interesses.

4 Aproximações à noção de cidadania comunicativa

A relação entre cidadania e o sistema comunicativo TeleSUR surgiu a partir da fala dos entrevistados[20], em argumentos como os objetivos de integração dos povos latino-americanos, a organização de um novo modelo comunicacional, a elaboração plural dos conteúdos,

19 "reforzamiento de la identidad a través de la *presencia de la cultura lúdico-festiva de la entretención popular latino-americana*, en lugar de privilegiar la presencia de la Alta Cultura en la TV".

20 Durante o primeiro semestre de 2010, foi desenvolvida uma primeira pesquisa exploratória para compreender aspectos da investigação e definir os próximos passos da pesquisa. Na oportunidade, além de contato digital com sujeitos que acessam conteúdos de TeleSUR, foi possível realizar entrevistas presenciais com uma telespectadora de Caxias do Sul e com o jornalista e então membro da Junta Diretiva, Beto Almeida.

notícias, informações, programação. Após considerar a utilização dos conceitos relativos a essa problemática, mostrou-se fundamental a tarefa de debruçar-se sobre tais perspectivas, enfatizando o olhar sobre as teorizações de Mata (2006) e Mata *et al.* (2005; 2009) que desenvolvem a complexa noção de cidadania comunicativa, relacionada à importância do conceito de público e advinda de uma necessidade de diferenciar o público do cidadão.

Nos últimos anos, o termo cidadania voltou a figurar nas pesquisas pelos distintos campos do conhecimento, sendo que a América Latina aparece como importante espaço de teorizações acerca dessa noção, de suas redefinições e desdobramentos junto à pesquisa em comunicação. Pela conjetura de lutas e elaborações no transcorrer de distintos momentos políticos, sociais, econômicos, culturais, convém assinalar a imprescindibilidade dos contextos para o desenvolvimento do conceito[21], que foi sendo cunhado segundo necessidades específicas de cada época, necessidades a que estava relacionado em determinadas circunstâncias.

A redefinição do conceito passa pela ideia de direitos, elaborada por Dagnino (2003) e cuja referência inicial aponta uma concepção do direito a ter direitos. Porém, não se limitando a provisões legais, a direitos definidos e formais, mas sim, ampliando para uma invenção/criação de novos direitos, relacionados a lutas específicas e práticas concretas de sujeitos sociais ativos que possuem o direito de escolher e se mobilizam por suas demandas.

Nesse sentido, a partir do que vem sendo pesquisado, colocam-se algumas pistas que conjeturam e incentivam espaços de exercício da cidadania pelas particularidades da TeleSUR. Pensando os movimentos da investigação, tais manifestações foram percebidas tanto com relação às propostas da emissora quanto – e principalmente – pelas ações visualizadas na concretude dos programas e conteúdos que são veiculados.

O mote da democracia é um dos focos que importa trazer, nesse momento, em virtude da importância junto à noção de cidadania, bem como pela situação de similaridade dos países da América Latina em

21 Um debate aprofundado das questões referentes à noção de cidadania, com destaque para a realidade latino-americana, pode ser encontrado em autores como Garretón (1995; 2006), Dagnino (2006), Huergo (2005), Vermeren (2001).

seus processos históricos, especialmente no que se refere às ditaduras e, na contemporaneidade, às experiências de governos populares, conforme mencionado anteriormente. Guardando diferenças, proporções, intensidades e características de cada local, todos os povos da região passaram pela repressão e queda ditatorial, seguidas da experiência das promessas não cumpridas pela democracia. Dentro desse novo cenário de contestação do que se esperava diferente e renovador, é que a cidadania adquire a configuração atual.

Somado a isso, outro aspecto importante de ser mencionado diz respeito à configuração comunicacional dos países da região, apresentando forte influência de matrizes estadunidenses e conjunturas de fusão de grupos em conglomerados comunicativos. Apenas nas últimas décadas proliferaram possibilidades de acesso e produção diferenciada, por meio de meios comunitários, alternativos, públicos, organizações e movimentos sociais, entre outros exemplos de comunicação.

Passando à cidadania comunicativa, tem-se na perspectiva a noção de um direito básico, como, por exemplo, o acesso à internet que deveria ser possível a todas as camadas do estrato social. De acordo com Mata *et al.* (2005), a cidadania comunicativa pode ser entendida como o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda, no âmbito da comunicação pública, e no exercício desse direito. Refere-se também a direitos civis garantidos juridicamente, como liberdade de expressão e direito à informação, para ilustrar. Implica o desenvolvimento de práticas que contribuam na garantia dos direitos junto ao campo da comunicação.

Um ponto do conceito que remeteu à TeleSUR diz respeito a aspectos mais subjetivos dos indivíduos, pois "a cidadania comunicativa se entrelaça com as referências identitárias e os reclames mais gerais de igualdade não somente em relação ao Estado, mas também em relação à ação do mercado e todo tipo de dispositivos que promovem a desigualdade"[22] (MATA, 2006, p. 13). Dessa maneira, a percepção

22 "la ciudadanía comunicativa se entrelaza con las referencias identitarias y los reclamos más generales de igualdad ya no sólo en relación al Estado sino en relación con la acción del mercado y todo tipo de dispositivos que promueven la desigualdad".

inicial que se tem da emissora é de participação na apresentação das identidades latino-americanas, de certa forma, suprindo certas necessidades de visibilidade dos povos não preenchidas por outros meios de comunicação.

O exercício de uma cidadania comunicativa, segundo Mata *et al.* (2005), precisa ser postulado na dupla condição de consciência e prática, sendo que não existe um único estado de consciência, nem um único tipo de prática. Assim, é necessária a existência de diferentes níveis, que a autora coloca como cidadania comunicativa formal (direitos jurídicos no âmbito comunicacional), reconhecida (conhecer tais direitos como inerentes a sua condição), exercida (desenvolvimento de práticas sociais reivindicatórias desses direitos, por sua vigência e ampliação) e ideal (colocada como utópica ou meta alcançável vinculada com processos de democratização da sociedade).

Além disso, existem condições objetivas e subjetivas para que a cidadania comunicativa se configure como tal (MATA *et al.*, 2005). O primeiro ponto se refere às regulamentações políticas e comunicativas vigentes na sociedade, as lógicas informativas e comunicacionais hegemônicas, e as práticas e movimentos sociais, políticos e culturais direcionados ao fortalecimento dos direitos. A segunda, por sua vez, diz respeito às representações hegemônicas e contra-hegemônicas sobre o direito à comunicação, às motivações e fundamentos presentes nas experiências e práticas próprias de indivíduos e coletivos, e às expectativas expressadas por indivíduos e coletivos sociais em torno do direito à comunicação.

Nesse sentido, instaura-se a imprescindibilidade de se pensar os elementos de contexto, tanto em um sentido amplo quanto nas especificidades de cada investigação. Quando se desenvolve a problemática da cidadania comunicativa é fundamental pensar todos os processos que circundam e atravessam seus modos de exercício, nas condições objetivas e também nas subjetivas.

Retomando as pistas que foram colocadas pela entrada em campo e que apontam a aproximação entre cidadania e TeleSUR, pode-se refletir sobre a contribuição desse sistema comunicativo para a constituição cidadã, através do direito a uma comunicação diferente da apre-

sentada pelos meios comerciais hegemônicos. Observa-se a necessidade de investigar pontos que remetem à cobertura, que seria voltada ao pluralismo cultural, privilegiando a multiplicidade de vozes e informações presentes na América Latina, e a possibilidade de uma postura diferenciada de trabalhar a cidadania, priorizando os direitos dos povos do "Sul" em particular.

Pensando o cenário brasileiro em que a pesquisa se insere, outras questões se voltam ao contato dos públicos com o sistema comunicativo, tendo em vista a limitação do acesso, a TeleSUR ainda não se configuraria como um exemplo cidadão. Isso em virtude tanto da restrição do sinal quanto da ausência de programas traduzidos para o português, o que possibilitaria a compreensão de mais telespectadores – apesar de algumas produções circularem nesse idioma, são poucas as iniciativas, diante da importância que teria essa configuração junto a essa audiência.

A importância de trazer tais noções se instaura no fato de elas terem assumido espaço a partir da pesquisa exploratória. Um conceito que não havia sido pensado antes da entrada em campo, passa a ser central para a investigação, figurando nos objetivos principais do esforço teórico e metodológico de pensar o objeto de referência, a pesquisa e suas processualidades.

5 Algumas considerações de continuidade

Nesse momento de fechamento do texto, torna-se importante encaminhar certas reflexões para a continuidade da pesquisa que está sendo desenvolvida, de maneira especial pensando o objeto empírico de referência investigado.

No que diz respeito à compreensão do papel de TeleSUR no processo de democratização das comunicações e seguindo uma tendência à cidadania comunicativa, observa-se uma contribuição a partir da alternativa informativa que é propiciada, por meio do direito a uma comunicação diferente da apresentada pelos conglomerados midiáticos. A cobertura se volta ao pluralismo cultural, privilegiando a multipli-

cidade de vozes presentes na América Latina. Tais iniciativas, em certa medida, favorecem a dissolução do nível de concentração e de controle das empresas de comunicação e informação, permitindo o contato dos públicos com uma visão distinta daquela apresentada pelos espaços tradicionais e hegemônicos.

Há concordância com algumas das afirmações institucionais com as quais se teve contato durante as entrevistas; por exemplo: a investigação compreende que o sistema midiático representa uma alternativa às falas recorrentes das empresas de comunicação comerciais e hegemônicas. Os conteúdos elaborados e apresentados no portal e demais espaços da TeleSUR buscam contemplar as diversidades e pluralidades existentes na América Latina, primando pela abrangência e profundidade das informações e, ainda, pretendem viabilizar a difusão de produções relacionadas às distintas culturas, identidades, tradições e idiossincrasias dos países da região.

A priorização por discursos referentes a aspectos sociais, culturais, às vivências, experiências, ao cotidiano dos povos, remete aos objetivos do projeto, afirmados em entrevistas durante a entrada na sede em Caracas e inscrito em um dos panfletos de divulgação, no ano da criação de TeleSUR. "Ver-nos é conhecer-nos, reconhecer-nos é respeitar-nos, respeitar-nos é aprender a querer-nos, querer-nos é o primeiro passo para integrar-nos"[23]. O texto delineia passos considerados necessários para efetivar a integração, como o conhecimento e o respeito mútuo entre os países latino-americanos.

Obviamente, a experiência em questão também possui seus interesses e lógicas de produção, voltados a finalidades específicas. Contudo, mantém uma cobertura diversificada dos assuntos e uma abordagem peculiar das informações, com foco na integração dos países do "Sul". Assim, assume uma postura diferenciada de trabalhar a cidadania, priorizando os direitos dos povos dessa região em particular e apresentando demandas que em outros espaços não teriam vez.

O período de imersão no sistema apontou que ainda há muito por fazer pelo projeto TeleSUR e que são necessárias mudanças em di-

23 "Vernos es conocernos, reconocernos es respetarnos, respetarnos es aprender a querernos, querernos es el primer paso para integrarnos".

versos aspectos (observou-se, por exemplo, impasses em especificidades do âmbito editorial, por exemplo, em definições de pautas para reportagens jornalísticas). Apesar dos esforços por construir uma comunicação que vá além da mercantilização, ainda se percebem certas características comerciais, mesmo em sistemas como o que se está analisando, que não possui a lucratividade em seus objetivos. Contudo, tais fatores e obstáculos não diminuem a importância e a urgência de iniciativas como essa.

Somado a isso, a experiência mostrou que há um movimento de ampliação dos acessos e de melhorias por parte do sistema que está passando por um processo geral de reformulação, buscando tanto atualização informativa e estética, quanto acessibilidade e maior participação por parte dos públicos. Acredita-se que esses movimentos de autoanálise, questionamento e mudanças em fatores que se mostrem necessários, sendo realizados constantemente pelos meios, também é um dos pontos importantes para se chegar à democratização das comunicações.

Referências

DAGNINO, Evelina. **Confluência perversa, deslocamentos de sentido, crise discursiva**. Buenos Aires, 5 e 6 de junho de 2003. Trabalho apresentado à reunião do Grupo de Trabalho Cultura e Poder do CLACSO.

FUENZALIDA, Valerio. **La televisión pública en América Latina:** reforma o privatización. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

GARRETÓN, Manuel Antonio. Democracia, ciudadanía y medios de comunicación: un marco general. In: ALFARO, María. **Los medios:** nuevas plazas para la democracia. Lima: Calandria, 1995.

_____. Sociedad civil y ciudadanía en la problemática latinoamericana actual. In: CHERESKY, Isidoro (Comp.). **Ciudadanía, sociedad**

civil y participación política. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006, p. 45-60.

HUERGO, Jorge. Reflexiones sobre la formación ciudadana en la "sociedad de la información". In: **Democracia y ciudadanía en la "sociedad de la información":** desafíos y articulaciones regionales. Córdoba: Escuela de Ciencias de la Información-UNC, 2005.

MASTRINI, Guillermo; DE CHARRAS, Diego. 20 años no es nada: del NOMIC a la CMSI o el mismo amor, la misma lluvia. **Anuario Ininco**, 2005, v. 17, n. 1, p. 217-240.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teóricos-políticos de su articulación. **Fronteiras:** estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 5-15, jan.-abr., 2006.

MATA, María Cristina *et al.* **Condiciones objetivas y subjetivas para el desarrollo de la ciudadanía comunicativa**. Córdoba: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2005, 26 p.

_____. Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: PADILLA, Adrián; MALDONADO, ALBERTO (Org.). **Metodologías transformadoras**: "tejiendo la red em comunicación, educación e integración en América Latina". Caracas: Fondo Editorial CEPAP: UNESR, 2009.

MONJE, Daniela Inés. Notas sobre radiodifusión en procesos de integración regional. Propuestas para comparación entre los países. **1º Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação**, Intercom, Santos, Brasil, 29/08 a 2/09/2007. Mimeo.

NATANSON, José. Médios y "Nueva Izquierda": algunos apuntes impressionistas. In: RINCÓN, Omar (Ed.). **¿Por qué nos odian tanto?** Estado y medios de comunicación en América Latina. Bogotá: FES, 2010.

REY, Germán. Ver desde la ciudadanía: observatorios y veedurías de medios de comunicación en América Latina. In. REY, Germán *et al.* **Veedurías y observatorios**: participación social en los medios de comunicación. Buenos Aires: Colectivo La Tribu, 2003, p. 12-21.

SEGURA, María Soledad. Democratizando las comunicaciones globales: nuevos sujetos y nuevas prácticas. **Rastros**, ano XI, n. 13, NECOM-IELUSC, p. 55-68, set. 2010, Santa Catarina.

VERMEREN, Patrice. El ciudadano como personaje filosófico. In: QUIROGA, Hugo; VILLAVICENCIO, Suzana; VERMEREN, Patrice (Comp.). **Filosofías de la ciudadanía:** sujeto político y democracia. 2. ed. Rosario: Homo Sapiens, 2001. p. 19-32.

Created in Brazil: espaço-conceito e a construção de marca-nação

Aryovaldo de Castro Azevedo Jr.
Fábio Caim Viana

Introdução

O conceito-país é vinculado a estereótipos sobre uma nação e se fundamenta em representações mentais sobre a cultura, as pessoas, os produtos e serviços, os símbolos, a música, a tecnologia, a economia, o esporte dentre outras variáveis. Essas diversas representações mentais da imagem de um país são associadas pelo consumidor às suas marcas e produtos disponibilizados no mercado internacional. E a percepção do consumidor sobre a qualidade de um ou mais produtos fabricados no país é construída psicologicamente pelas relações com os produtos e serviços desenvolvidos nele ou vinculados a ele, somados ao conjunto de estereótipos com os quais ele tem contato, principalmente pelas informações divulgadas pela rede midiática.

O trabalho de construção de marca ou branding, que visa desenvolver uma percepção atraente do Brasil, deve ser uma amplificação positiva do que já existe, utilizando um ideário de brasilidade que valoriza os estereótipos da exuberância natural, da hospitalidade, da ginga, da criatividade e da sensualidade, somados ao conceito de Brasil contemporâneo, reflexo idealizado do futuro, que reforça elementos de um país

multifacetado e cosmopolita, economicamente pujante, com empresas presentes em inúmeros países através de produtos e serviços variados; tecnologicamente inovador, com a realização de pesquisas em áreas estratégicas como energia, biotecnologia e aeroespacial; e culturalmente diferenciado, com destaque para sua produção musical e audiovisual.

Uma das formas de atuar na construção da identidade de marca de empresas (ou nações, no caso) é através da utilização de espaços conceituais que reforcem o posicionamento da marca, através da disponibilização de elementos que reforcem as características desejadas. Este artigo destaca o espaço conceitual brasileiro na Exposição Mundial de Xangai 2010 e como essa proposta apresenta potencial de replicação em espaços conceituais de brasilidade nas principais metrópoles do planeta como uma ferramenta de comunicação de marketing para a construção de uma Marca Brasil com percepção internacional.

Marketing e Espaço-conceito

De acordo com a American Marketing Association – AMA (2007), *marketing* é a atividade, conjunto de instituições e processos para criar, comunicar, entregar e oferecer produtos e serviços que têm valor para os clientes, parceiros e sociedade em geral. *Branding* é um sistema de comunicação que deixa claro porque a marca importa. É achar e comunicar algo que atraia os consumidores para a marca. É fazer com que um potencial consumidor perceba a marca como a única solução para o que ele busca. Marca é um nome, termo, sinal, símbolo ou *design*, ou uma combinação de tudo isso, com a intenção de identificar bens e serviços de um vendedor ou grupo de vendedores e para diferenciá-los dos concorrentes.

Brand-equity é o conjunto de todas as qualidades e atributos relacionados a uma marca ou ao poder que ela tem para convencer um consumidor a escolhê-la em meio à concorrência. Tudo de tangível ou intangível que possui e que contribui para seu crescimento e lucratividade constitui sua identidade de marca (MARTINS, 2006). A construção de valores na mente do consumidor, resultando na percepção de

marca, considera os seus atributos, os benefícios por ela proporcionados e as suas atitudes pessoais sobre a mesma. O sucesso de uma marca relaciona-se a uma alta percepção de valor. Quanto maior o desejo, maior o valor.

O valor da marca é um conjunto de ativos e passivos ligados a ela, ao seu nome e ao símbolo, que adicionam ou subtraem percepção de qualidade ao produto ou serviço. Esses ativos podem ser agrupados em quatro dimensões: notoriedade da marca, qualidade percebida, associações e lealdade à marca (AAKER, 1998).

Para se criar uma imagem da marca qualificada e duradoura, a relação da empresa com o consumidor deve ser resistente às investidas dos concorrentes, com a definição dos atributos, benefícios e atitudes associados à marca, ou seja, o seu posicionamento representado em todas as relações entre a empresa e o consumidor, atravessando etapas que vão desde a responsabilidade socioambiental da empresa, *design*, domínio tecnológico, patentes, relações comerciais, preço e distribuição, entre outras.

Posicionamento é a síntese da concepção estratégica da marca, com o desenvolvimento de diferenciais competitivos difundidos e compreendidos pela sociedade e pelos consumidores. Ele é definido junto ao planejamento de marketing, com a percepção clara de sua identidade de marca. Na construção identitária são considerados aspectos como *design*, preço, características técnicas e tecnológicas, área de atuação/distribuição, imagem institucional do fabricante etc. (STEVENS, 2001).

A construção de uma a marca-país é um processo de longo prazo, que deve se valer de variadas ferramentas de marketing para perpetuar um relacionamento baseado no posicionamento desejado. Dentre tantas ferramentas ofertadas para uso pelo marketing, vale destacar a imersão do potencial consumidor (*prospect*) dentro de uma marca, fato que é bastante útil para materializar o conceito de posicionamento junto ao consumidor. É nesse sentido que a utilização de ações de marketing de experiência e marketing de ambiente desenvolve formas de tentar manter a relação com o consumidor em seus momentos de lazer (experiência) e de consumo (ambiente).

As definições assumidas neste artigo são: o marketing de experiência é a construção planejada, via ferramentas de marketing, de situações que permitam ao consumidor vivenciar sensações que a marca pretende evocar e, assim, qualificá-la através de uma experiência a ser vivenciada pelo *prospect* e relacionada com a mesma. Sensações geram mais força perceptual do que a simples apresentação tradicional dos benefícios e características do produto, pois o consumidor não é só racional, é também emocional e, ao vivenciar emoções positivas relacionadas com a marca, ele passa a experimentar um pouco do universo referencial associado a ela, facilitando a aproximação e introjeção dos valores relacionados à identidade de marca, importante para o processo de fidelização e construção de uma identidade sólida no longo prazo.

O marketing de ambiente (ou *ambient marketing*) pode ser compreendido como a construção de ambientes que visem valorizar um conceito buscado por determinada marca. A ambientação criativa e adequada, que combina um ambiente conceitual com o posicionamento da marca, pode influenciar no comportamento do público-alvo, gerando uma experiência concreta e memorável junto à mesma. É função da exibitécnica transformar o espaço-conceito em uma grande atração, em um verdadeiro relacionamento entre o consumidor e a marca, expondo, dispondo e exibindo os produtos e serviços, tornando-os visíveis, bem iluminados, colocados estrategicamente, em um clima sugestivo e com uma atmosfera ideal construção da identidade marcária (FERRACCIÚ, 2002).

Através das experiências e dos espaços conceituais, as marcas vinculam-se à vivência de momentos singulares do consumidor e expressam de modo eficaz o posicionamento desejado, envolvendo o cliente na atmosfera de interesse da marca. Os espaços-conceito são planejados para oferecer uma experiência sensorial ao consumidor. Por isso, a preocupação com o *layout* diferenciado, decorações exclusivas, bom atendimento e experimentação de produtos enquanto atributos que fazem dos espaços-conceito um local onde o cliente pode vivenciar a essência da marca.

A construção dos gostos conforme o espaço social parte das distinções simbólicas, e são materializadas por determinadas condições,

éticas ou estéticas, de acordo com o espaço dos estilos de vida. As estratégias de comunicação podem construir relações com o consumidor, por meio dos módulos experienciais, ou categorias de estímulos que expandem as características das marcas para a conexão com a vivência cotidiana do público visado pela comunicação. Assim, o contato do consumidor com a marca é ressemantizado, reificado e valorado a partir da atuação da marca na promoção de momentos especiais, que são constituídos por diversas fontes de experiência (RIEGEL, 2008). Para gerar tal efeito, o espaço-conceito deve representar esteticamente e funcionalmente os valores da marca, principalmente considerando os seguintes elementos:

- **Qualidade e benefício**: a qualidade é o somatório que gera o atestado de garantia de que o consumidor conseguirá os benefícios advindos de sua escolha ao optar pelo local.
- **Estilo ou ambientação**: abordagens comunicacionais e a construção de ambientes conceituais ganham força na relação com os *prospects*. Essas ambientações podem aparecer em quaisquer lugares – showrooms, internet, lojas conceito, espaços diferenciados em pontos de venda etc. E devem considerar as seguintes variáveis: sinalização, acesso, vitrines, estilo arquitetônico do imóvel, bairro, tráfego, estacionamento; ambiente, cores, luminosidade, temperatura, limpeza e organização, odores e aromas; *layout* do espaço e navegação, organização espacial dos ambientes; características dos empregados, uniformes, linguagem e gestualidade, perfil da clientela, demanda do público. Enfim, um composto abrangente de variáveis relacionadas à construção da percepção do *prospect*.

O espaço-conceito constitui a simbolização do espaço, que, por sua vez, constitui a experiência da marca. O espaço se transforma, assim, em um lugar identitário e relacional, onde o consumo conceitual é baseado no que é ofertado (produtos e serviços) e relacionado a valores determinados pelo marketing, no caso, do país. Pelas características supra expostas, o espaço-conceito tem um forte apelo potencial para uso junto às ferramentas mais tradicionais da comunicação mercadológica,

como a publicidade, as relações públicas e a assessoria de imprensa, principalmente.

Buscando uma interface entre espaços conceituais e marca-país, chegou-se à intersecção de culturas nacionais e produtos oferecidos ao público, conforme oferecido no Pavilhão Brasileiro na Expo Xangai, com experiências vivenciais derivadas da cultura nacional como forma de oferecer um panorama de conceitos relevantes associados ao país.

Conceito-país e identidade marcária

Estado-nação é um território geograficamente delimitado, composto por um governo e uma população de composição étnico-cultural homogênea, representada por símbolos que reforçam sua unidade nacional. Com a globalização, cresce a relevância de sua percepção em escala internacional, daí o trabalho planejado para se estabelecer uma identidade da nação, sua marca-país.

Imagem-país pode ser compreendida como o resultado das crenças e impressões que as pessoas têm acerca de um país. As imagens representam uma simplificação do conjunto de associações e informações relacionadas com um lugar. É vinculado a estereótipos sobre uma nação e se fundamenta em representações mentais sobre a cultura, as pessoas, os produtos e serviços, os símbolos, a música, a tecnologia, a economia, o esporte dentre outras variáveis. Essas diversas representações mentais da imagem de um país são associadas pelo consumidor às marcas e aos produtos do mesmo (KOTLER; GERTNER, 2005).

Os países e suas corporações enfrentam forte concorrência no mercado internacional e a busca de vantagem competitiva faz, cada vez mais, parte da pauta de ambos na necessidade de atrair investimentos e de conquistar consumidores, respectivamente. A inter-relação inerente à associação entre a marca-país e o conjunto das marcas corporativas originadas nesse mesmo país deve ser considerada no contexto de criação e desenvolvimento de um trabalho integrado que busca gerar um claro posicionamento internacional.

A percepção do consumidor sobre a qualidade de um ou mais produtos fabricados no país é construída psicologicamente pelas rela-

ções com os produtos e serviços desenvolvidos nele, somados ao conjunto de estereótipos com os quais ele tem contato, principalmente, pelas informações divulgadas pelos meios de comunicação. Isso caracteriza a marca-país.

De acordo com a pesquisa *BrandZ Top 100 Most Valuable Global Brands* da empresa de pesquisa Millward Brown[1], das dez marcas globais mais valiosas de 2011, nove são norte americanas: Apple, Google, IBM, McDonald's, Microsoft, Coca-Cola, AT&T, Marlboro e General Electric. Ainda conforme a mesma pesquisa, com foco na América Latina, o Brasil é destaque, junto com o México, com as marcas Petrobras, Itaú, Bradesco, Natura, Skol e Brahma.

Pela pesquisa, percebe-se que a marca americana é muito forte no contexto global, enquanto a marca brasileira tem uma forte penetração regional. Globalmente, a Petrobras aparece na 61ª posição, Itaú em 90ª e Bradesco em 98ª. Outro índice interessante é o da Fundação Dom Cabral[2], que mensura a internacionalização de empresas brasileiras. Cruzando as informações, percebe-se que por mais forte que as marcas sejam, isso não necessariamente significa sua internacionalização. E, das empresas brasileiras em internacionalização, poucas trabalham a construção de uma marca brasileira forte, exceção mais direcionada a Vale e a Tigre.

Construção de marca-país: brasilidade

Os elementos positivos da identidade da marca podem ser chamados de "patrimônio de comunicação", uma coleção de ativos de comunicação de uma marca que refletem sua ideologia, como logotipos, slogans, identidade visual, cores, sons etc. Para um país, podem variar de eventos históricos e políticos a indivíduos específicos (LIMA, 2006). Com o intuito de se construir uma marca-país, deve-se fomentar a criação de uma imagem, tanto interna quanto externa, com base em valores positivos e relevantes que diferenciem e singularizem o país.

---

1 <http://www.millwardbrown.com/Libraries/Optimor_BrandZ_Files/2011_BrandZ_Top100_Chart.sflb.ashx>.

2 <www.fdc.Org.br/pt/Documents/ranking_transnacionais_2010.pdf>.

Philip Kotler, em artigo para a revista HSM Management, expôs como o marketing estratégico de lugares deve ser gerenciado, destacando a relevância da análise e definição dos principais pontos fortes e fracos e das principais oportunidades e ameaças. Também enfatizou a importância da seleção de setores de atividade, personalidades, marcos naturais e eventos históricos que possam formar a base de uma sólida estratégia de marca. O processo de internacionalização da economia brasileira deve considerar, além da qualidade intrínseca de produtos e serviços oferecidos (associados a aspectos naturais, tecnológicos e econômicos), a construção de identidade de marca que represente aspectos conceituais diferenciadores que potencializem a identificação de elementos de brasilidade (DRAMALI, 2010).

Essa brasilidade é aqui entendida como o somatório entre qualidade (principalmente a percebida pelo consumidor), sustentabilidade (conceito do *triple bottom line*, com lucratividade empresarial, preservação ambiental e desenvolvimento social), competitividade internacional, *design* (diferenciação estética e funcional) e criatividade (novas formas de solucionar problemas), que podem estabelecer um posicionamento positivo e diferenciado em nível global.

Resultado da atuação em áreas variadas, a marca Brasil, como aqui proposta, será reflexo de um processo constante de relacionamento entre o conjunto de marcas brasileiras e os variados consumidores e *prospects*, nos mais diversos pontos de contato dessa relação permanente. Para tanto, considerando os aspectos acima, propostos por Kotler, deve-se seguir alguns caminhos para a construção da marca, conforme destacamos abaixo, onde aspectos positivos da identidade nacional podem ser reunidos:

a. História e Cultura

Explorar a singularidade da história brasileira, como único país latino-americano que fala português, tendo adotado o Império como sistema de governo que manteve sua unidade territorial. E, embora seja um país continental, mantém sua identidade cultural e unidade linguística, sendo a maior pátria católica do planeta, mas que convive

ecumenicamente com várias outras religiões, como cristãos evangélicos ou protestantes, espíritas, judeus, muçulmanos, budistas, umbandistas etc. A mistura de raças dos brancos europeus, índios brasileiros e negros africanos, no processo de mestiçagem, que caracteriza a população brasileira como a maior democracia multirracial do hemisfério sul do planeta. Aliás, é nessa diversidade harmoniosa que o Brasil encontra um de seus principais diferenciais mundiais, conforme é indicado no projeto Cara Brasileira, do SEBRAE:

> As dimensões continentais, a mistura de raças, a existência de culturas diversas, a coexistência de populações indígenas ainda em estado primitivo e de pessoas com acesso a padrões de modernidade e desenvolvimento comparáveis àqueles das sociedades mais avançadas criam no Brasil fortes contrastes que não encontram paralelo no mundo.
>
> A cultura brasileira é aberta à incorporação de diversas manifestações culturais sem se sentir ameaçada. Isso minimiza a necessidade de afirmação de expressões culturais excludentes e, por conseguinte, reduz as áreas de atrito. A convivência multicultural e multirracial é, pois, um traço cultural próprio dessa cultura: a miscigenação – que em outros contextos seria destrutiva – no caso do Brasil provou ser benéfica.
>
> Além disso, no futuro, a grande especificidade do Brasil consistirá, na verdade, em sua própria "inespecificidade" (em função de sua evidente diversidade cultural). As condições geográficas, climáticas e históricas continuarão a criar elementos que caracterizam o "espírito brasileiro", que se configura em forte marca cultural (SEBRAE, Projeto Cara Brasileira, 2002, p. 13).

b. Grandes eventos

Ressaltar a diversidade brasileira com a realização de grandes eventos, em áreas variadas, tende a colocar o Brasil na mídia mundial e reforçar sua diversidade: Carnaval; Festa do Boi de Parintins; Festas Juninas; Reveillon; Oktoberfest; Festa do Peão de Barretos; Parada do Orgulho GLBT; Fórmula 1; Fórmula Indy; Rock in Rio 2011; Rio+20

– Conferência das Nações Unidas em Desenvolvimento Sustentável 2012; Fórum Social Mundial 2012; Copa do Mundo de Futebol de 2014; Jogos Olímpicos Rio 2016.

c. Personalidades brasileiras de nível internacional

O Brasil conta com uma gama de personalidades com reputação internacional, reconhecidas por sua competência e habilidade em áreas variadas como: Esportes (Pelé e Ronaldo no futebol, Cesar Ciello na natação, Anderson Silva no MMA); Empresas (considerando-se as marcas corporativas como personalidades brasileiras: Vale, Petrobras, Embraer, dentre outras); Ciência (Cesar Lattes, físico; Milton Santos, geógrafo; Johanna Dobereiner, engenheira agrônoma; Crodowaldo Pavan, geneticista; Paulo Freire, educador; Mário Schenberg, astrofísico; Miguel Nicolelis, neurobiólogo etc); Arte e Cultura (Paulo Coelho, literatura; João Gilberto, Caetano Veloso, Ivete Sangalo – música; Walter Salles, Fernando Meirelles, José Padilha e Carlos Saldanha – cinema; Osgemeos, Romero Brito, Vik Muniz, Beatriz Milhazes – artes plásticas); Design e Arquitetura (Jaime Lerner, Angelo Bucci e Oscar Niemeyer – arquitetura, irmãos Campana – design); Moda (Oskar Metsavaht, Lucas Nascimento, Francisco Costa, Alexandre Herchcovich, Carlos Miéle – estilistas e, Gisele Bundchen, Adriana Lima, Alessandra Ambrósio, Ana Beatriz Barros – modelos).

d. Inovação e tecnologia *made in Brazil*

O país é inovador em áreas diversas como energia (exploração de petróleo em águas profundas e desenvolvimento destacado na área de biocombustíveis); inovação tecnológica (motores para veículos flex, projeto genoma, melhoramentos genéticos no agronegócio, que tornaram o país celeiro mundial, principalmente de soja, e no maior exportador mundial de carnes bovina e de frango; um dos mais importantes players da indústria aeronáutica mundial, detentor de tecnologia bancária que é referência no mercado financeiro, vide o valor das marcas Banco do Brasil, Itaú e Bradesco); a sustentabilidade (é o país com a

maior matriz energética renovável do mundo – a hidroeletricidade e biocombustível – e com empresas verdes com reconhecimento mundial pela revista canadense *Corporate Knights*, responsável pelo ranking das 100 empresas mais verdes do planeta, com a presença das brasileiras Natura, Petrobras e Bradesco)[3].

Pavilhão Brasileiro na Exposição Mundial de Xangai 2010

A Exposição Universal de Xangai 2010 foi um evento internacional originado em Londres, em 1851, e se repete a cada cinco anos. Em 2010, foram 189 países participantes. A Expo recebeu mais de 73 milhões de pessoas ao longo de seis meses – de maio a outubro de 2010. Para organizar a participação do Brasil, foi criada, em junho de 2008, uma Comissão Interministerial (CI) coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). Em março de 2009, uma portaria do MDIC determinou que a execução do projeto brasileiro ficaria a cargo da Apex-Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos). A Apex-Brasil trabalha para promover as exportações de produtos e serviços brasileiros, apoiar a internacionalização das empresas e atrair investimentos estrangeiros para o país e, valendo-se dos conceitos de marketing listados anteriormente, uma das propostas da APEX foi desenvolver o Pavilhão Brasileiro em Xangai para apresentar o que o Brasil tem de especial[4].

O Pavilhão do Brasil apresentou um exterior inspirado no artesanato, no trançado a várias mãos, no folclore, na natureza e no universo lúdico popular brasileiro, constituído pela complexa trama de várias raças e culturas. Com o tema Cidades Pulsantes, o Pavilhão apresentou a diversidade humana e cultural das cidades brasileiras, o dinamismo de suas grandes metrópoles e de sua pujante economia, com destaque para os setores de alta tecnologia, e os principais avanços do país na área da

3 <http://www.odiarioverde.com.br/2011/02/tres-empresas-brasileiras-entre-as-mais-verdes-do-planeta>.

4 <http://www.apexbrasil.com.br>.

sustentabilidade e de inclusão social e política. Abrigou eventos artísticos, culturais e turísticos, discussões temáticas, encontros empresariais, aulas de gastronomia, além de degustação de produtos alimentícios típicos do Brasil. Por meio de fotos, vídeos, músicas, peças artesanais e textos, mostrou a grande diversidade étnica, cultural e paisagística do país. O Pavilhão do Brasil recebeu 2.630 milhões de visitantes (http://www.apexbrasil.com.br).

Pavilhão Brasileiro e os espaços conceituais

Na entrada do Pavilhão, com o tema Cenas Urbanas Cotidianas, o visitante era envolvido por uma tela curva, do chão ao teto, exibindo um filme com cenas do cotidiano urbano e arquitetônico do Brasil. A projeção iniciava-se com imagens de cidades, seguida de filme sobre a interligação entre o cotidiano do cidadão, a altivez do concreto dos edifícios, a singeleza das casas e a exuberância da natureza.

Na Sala da Alegria Brasileira, ambiente subsequente, o visitante descobriu o Carnaval de várias cidades, o ritmo e as cores das festas regionais, os esportes olímpicos praticados no país e o futebol. Tudo projetado em uma tela arredondada – 160 graus. Bolas verdes, amarelas e azuis, usadas em diferentes esportes, pendiam do forro dentro de uma rede.

O salão central de 390 metros, "Cidades Pulsantes: Sinta a Vida das Cidades Brasileiras", possuía um cubo, suspenso a dois metros do piso e constituído por quatro telas contínuas de 12m x 5m cada. Um filme projetado nas paredes internas exibia um dia na vida de quatro brasileiros – um agricultor, um engenheiro aeronáutico, uma artista plástica e um químico. A história era de um Brasil moderno, capacitado tecnologicamente desde a exploração de petróleo em águas profundas e construção aeronáutica, até o cultivo agrícola com maquinário de grande porte. Nas paredes externas foram projetados trechos literários, em prosa e verso, abordando as cidades: em inglês e mandarim. No chão, imagens de satélite – em movimento – focalizavam cidades brasileiras.

Cercando o espaço central, apelidado de sala do cubo, havia quatro paredes de exibição, com diferentes propostas. No Corredor das

Melhores Práticas Urbanas, com tecnologia touchscreen, em mandarim e inglês, havia uma apresentação interativa de projetos brasileiros de gerenciamento urbano. O Corredor da Sustentabilidade e da Inclusão Social exibia, em 4 telas LCD, um vídeo de projetos de sustentabilidade social e ambiental desenvolvidos pela Vale, empresa brasileira patrocinadora oficial do Pavilhão.

O Corredor da Diversidade ofereceu aos curiosos visitantes um jogo interativo com representações em tamanho real de brasileiros, divididos em três partes, enfatizando a diversidade do país em tipos humanos. Para jogar, bastava tocar as telas de cada parte (cabeça, tronco e membros inferiores), e compor um tipo brasileiro, homem ou mulher, com diferentes vestimentas. No Corredor do Turismo e das Cidades-sedes da Copa do Mundo, telas multi-touch com sistema interativo apresentaram o turismo no Brasil, incluindo seis temas com 15 destinos turísticos cada. Mais duas telas do mesmo tipo deram uma visão das 12 cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014, com mapas, fotos e informações em inglês e mandarim.

O Pavilhão contava com um restaurante para eventos especiais com empresários, autoridades de Governo, jornalistas e outros públicos. Patrocinadores e parceiros utilizaram o espaço para receber fornecedores, realizar apresentações e palestras, bem como confraternizações. Em todos esses momentos foram servidos pratos típicos do Brasil, como moqueca de peixe, feijoada, churrasco, sucos e sorvetes de frutas. A Sala VIP recebeu seminários de investimentos, fóruns temáticos, rodadas de negócios, coletivas de imprensa, aula de gastronomia, reuniões políticas, shows culturais, atividades especiais – como o encontro do cartunista Mauricio de Sousa e estudantes.

Na saída do Pavilhão, havia uma loja onde os visitantes podiam adquirir produtos diversos: bolas de futebol, mico-leão-dourado de pelúcia, chapéu de palha, bolsa, caneta, chaveiro, camisetas, livros e uma variedade de itens com referências ao Brasil. Externamente, uma lanchonete servia coxinha de frango, pão com linguiça, churrasco e feijoada, refrigerante, sorvete e outras guloseimas.

Conclusão

A valorização das idiossincrasias brasileiras, a realização de grandes eventos, a divulgação por meio de brasileiros famosos e as criações nacionais devem ser trabalhadas dentro de um planejamento integrado, que envolva governos e iniciativa privada, articulados de modo a construir uma imagem positiva do Brasil contemporâneo, que mescla os tradicionais estereótipos da exuberância natural, da mistura de raças, da sensualidade, do hedonismo e do jeitinho brasileiro, com a capacidade de desenvolvimento de novas tecnologias, da valorização da sustentabilidade, da criatividade inovadora, da gente trabalhadora, que está se abrindo para o mundo com uma nova proposta de desenvolvimento. Nessa linha, a APEX propôs o desenvolvimento de um espaço conceitual que simbolizasse aspectos fundamentais para posicionar o Brasil no mercado internacional. A diversidade do povo e da cultura brasileira foi apresentada com recursos tecnológicos que conotam a tradição e a modernidade que caracterizam o país. Os diversificados eventos culturais, esportivos e de negócios, a ênfase no desenvolvimento sustentável e em tecnologias desenvolvidas no país tornam-se diferenciais que singularizam o Brasil contemporâneo como uma nação mais complexa que os estereótipos que ainda circulam na mídia internacional (SANTOS; GAYER, 2010).

Como forma de potencializar esse posicionamento, o país pode aproveitar essa ideia implementada na Expo Xangai, de espaço multiuso, e replicá-la nas principais cidades do planeta, para alavancar a marca Brasil de um modo permanente e intenso, servindo de justificativa para ações promocionais, de relações públicas e de assessoria de imprensa que podem repercutir na mídia e divulgar o país. Nesses espaços multiuso seriam reforçadas a diversidade e a criatividade dos produtos brasileiros, por meio de ações de relações públicas, eventos artísticos, culturais, científicos e esportivos, levando a imagem do Brasil contemporâneo para o exterior, mostrando que o país não é só samba, carnaval, mulata e futebol, estereótipos ainda bastante arraigados na percepção dos consumidores internacionais. Também é arte, cultura, tecnologia, ciência, entre outros aspectos que podem vir a ser destacados na construção da imagem de um Brasil contemporâneo.

Referências

AAKER, D. A. **Marcas**: "brand equity" gerenciando o valor da marca. São Paulo: Negócio, 1998.

Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX/Brasil). **Expo Xangai 2010**. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/>. Acesso em: 1º jun. 2011.

American Marketing Association – AMA (2007). Disponível em <http://www.marketingpower.com>. Acesso em: 10 maio 2011.

DRAMALI, Bianca Leite. **O mito de um novo país: Brasil no intervalo comercial**. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 6 de setembro de 2010. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010.

FERRACCIÚ, João de Simone. **Promoção de vendas**. São Paulo: Makron Books, 2002.

KOTLER, Philip; GERTNER, David *et al.* **Marketing de lugares:** como conquistar crescimento de longo prazo na América Latina e no Caribe. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

LIMA, Miguel Ferreira. **A Percepção da marca "Brasil" na atitude dos consumidores estrangeiros**: uma investigação junto aos traders brasileiros. Disponível em: <http://www.dominiopublico.mec.gov.br>. 2006. Acesso em: 8 maio 2011.

MARTINS, Jose Roberto. **Branding**. São Paulo: Globalbrands, 2006.

MILLWARDBROWN. **Brandz Top 100 most valuable global brands.** Disponível em <http://www.millwardbrown.com/Libraries/Optimor_BrandZ_Files/2011_BrandZ_Top100_Chart.sflb.ashx>. Acesso em: 8 maio 2011.

RIEGEL, Viviane. **As estratégias de comunicação da marca global McDonald's**: o ponto de venda como representação do mundo

simbólico do trabalho. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.

SANTOS, Rafael José dos Santos; GAYER, Priscila. **Imagens de um país:** da Mestiçagem à "Marca Brasil". In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasilia: INTERCOM, 2006.

SEBRAE. **Pesquisa Cara Brasileira, a brasilidade nos negócios**: um caminho para o "made in Brazil". Sebrae, 2002. Disponível em: <http://www.iets.Org.br/biblioteca/Cara_brasileira.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

STEVENS, Robert. **Planejamento de Marketing**. São Paulo: Makron, 2001.

A etnografia como método:
vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço

Maria Elisa Máximo
Theophilos Rifiotis
Jean Segata
Fernanda Guimarães Cruz

Introdução

A discussão que trazemos para este artigo contempla um dos projetos mais caros e mais antigos ao Grupciber[1]: trata-se de discutir mais detidamente questões metodológicas relativas à pesquisa no "ciberespaço" (e nos meios digitais, de maneira geral), com base numa reflexão acerca de como os pesquisadores vêm tratando essa questão a partir de suas experiências concretas de pesquisa. O livro *Antropologia no Ciberespaço*, lançado em 2010, constituiu-se como nossa primeira tentativa concreta de sistematização das pesquisas realizadas no Grupciber, tendo por eixo estruturador o viés metodológico e questões acerca do *fazer etnográfico* no ciberespaço.

1 Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço, ligado ao Programa da Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC, ao qual se integram os autores deste artigo. O Grupciber foi fundado em 1998 e é coordenado pelo Prof. Dr. Theophilos Rifiotis e pela Profa. Dra. Maria Elisa Máximo.

Em que medida e por quais caminhos a pesquisa no ciberespaço nos permite revisar criticamente as concepções de etnografia? Eis um questionamento sempre presente nas discussões realizadas no Grupciber, norteador de parte significativa de nossos empreendimentos de pesquisa. Num primeiro momento, nossos estudos foram significativamente marcados por uma defesa da etnografia no ciberespaço, realizada nos seus moldes clássicos (RIFIOTIS, 2002; MÁXIMO, 2002; 2003; GUIMARÃES, 2000), como será discutido mais adiante. Estávamos vivenciando o boom da internet no Brasil, em pleno contexto de surgimento do campo de estudos do ciberespaço. Percebia-se uma forte tendência em considerar a necessidade de criação de métodos específicos para as pesquisas na internet, pelas implicações que o meio colocava para a inserção e presença do pesquisador em campo. No contraponto, situados na fronteira entre a nossa observação e a nossa experiência como nativos do ciberespaço, buscávamos aquilo que seria a marca registrada do grupo:

> colocar sempre em primeiro plano a dimensão vivencial das experiências sociais analisadas. Centramos nossas pesquisas em torno da abordagem etnográfica através da qual dialogamos com os discursos e práticas sociais que têm lugar no ciberespaço (RIFIOTIS, 2010, p. 7).

Desse modo, e apoiados numa concepção dialógica do fazer etnográfico (CLIFFORD, 2008), tínhamos como ponto de partida a necessária suspensão da autoridade do pesquisador, bem como da familiaridade com o objeto, visando à produção de uma narrativa e de interpretações marcadas pelo contínuo movimento entre o "interior" e o "exterior" das experiências sociais. E isso incluía considerar, é claro, o diálogo crítico permanente entre as vivências do pesquisador em campo e sua condição de nativo do seu próprio campo de estudos (RIFIOTIS, 2002)[2].

---

2 Refere-se ao artigo intitulado *Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade*, apresentado em 2001 no encontro anual da ANPOCS e posteriormente publicado no periódico **Antropologia em Primeira Mão,** editado pelo Programa de Pós-graduação em

No entanto, num primeiro momento, nossas discussões sobre o método estavam, de um modo geral, bastante associadas aos relatos sobre o processo de constituição do campo da pesquisa: a inserção em campo, a negociação da identidade juntos aos sujeitos pesquisados, as dificuldades com a interface tecnológica e as estratégias para superá-las, dentre outras questões inerentes ao "encontro etnográfico". Diferentemente das abordagens generalizantes, marcadas pelas posições ideologicamente polarizadas entre apocalípticos e apologéticos que inauguraram os estudos do ciberespaço em meados dos anos 1990, nossas pesquisa baseavam-se em estudos contextuais, preocupados em alcançar a dimensão vivencial de cada modalidade de "comunicação mediada por computador" (CMC). Desse modo, seguíamos a tendência de pesquisas que, mais tarde, tornaram-se marcos importantes na constituição do campo de investigação do ciberespaço, como as pesquisas de H. Rheingold (1993) na "comunidade Well", R. Mackinnon (1992) e N. Baym (1995), nos *newsgroups*, e E. Reid (1991; 1994) nos MOODs e *chats*.

Como já comentamos na primeira publicação da Rede AMLAT (CRUZ; MÁXIMO; RIFIOTIS, 2010a), nossas primeiras experiências de pesquisa apontaram, nesse quadro, para a importância do trabalho etnográfico na compreensão da produtividade social do ciberespaço, permitindo-nos perceber que a existência social desses espaços *online* estava diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos próprios sujeitos em interação. Tal percepção, fomentada pela dimensão vivencial da experiência etnográfica, manteve nosso foco nas interações sociais produzidas na comunicação *online* e fez das especificidades relativas às interfaces e *softwares* um aspecto secundário de nossas pesquisas.

De uns anos para cá, temos sido frequentemente provocados a problematizar a questão metodológica, sobretudo no que toca as relações entre a teoria e a prática etnográfica. E isso se deve em grande parte à nossa aproximação com o campo da Comunicação, seja pela participação no NECOM (IELUSC), pela nossa participação na Rede

---

Antropologia Social da UFSC. Em 2010, o mesmo artigo revisado integrou o primeiro livro do Grupciber, **Antropologia no Ciberespaço** (Florianópolis; EDUFSC, 2010).

AMLAT e, também, pela nossa participação na ABCiber (a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), onde a presença de pesquisadores do campo da Comunicação é bastante ampla. Essa proximidade com o campo da Comunicação tem nos oferecido outros pontos de vista a partir dos quais tem sido possível reavaliar o lugar da Antropologia e da etnografia nesse campo de estudos. Algo muito próximo do exercício de "transformar o familiar em exótico" (DAMATTA, 1974), ou seja, de transformar nossos próprios fazeres e pressupostos teórico-metodológicos em função dessas relações de alteridade vivenciadas no âmbito de trocas e cooperações acadêmicas.

Nesse sentido, o presente artigo se apoia num exercício inicial de levantamento e análise crítica dos estudos e reflexões no campo da cibercultura, com ênfase na discussão metodológica. Fundamentados num visionamento ainda panorâmico desses estudos, pretendemos fomentar o debate acerca de como vem se configurando a reflexão metodológica no domínio das pesquisas na internet e da comunicação mediada (ou intermediada?)[3] por computador. E, na condição de antropólogos, nossa contribuição para esse debate será, principalmente, a de pensar como os referenciais e pressupostos metodológicos da Antropologia – em especial a etnografia – vêm sendo apropriados pelos estudos do ciberespaço atualmente.

---

3 A provocação em torno da noção de "mediação" se deve aos estudos empreendidos no GrupCiber sobre a obra de Bruno Latour (2000; 2005; 2008). No âmbito da *teoria ator-rede*, que coloca sujeitos e objetos em relações simétricas, a noção de "mediação" é associada aos atores (sujeitos, objetos; humanos, não humanos) que, dotados de agência, apresentam capacidade de transformar, traduzir, distorcer ou modificar o significado dos elementos que transporta. Diferentemente, são considerados "intermediários" os atores que transportam significados sem promover transformação. É importante dizer que, na abordagem de Bruno Latour, não há definições a priori de "mediadores" e "intermediários". Trata-se, na verdade, de maneiras distintas de se perceber os atores, conforme os efeitos de suas agências. Cabe lembrar ainda que a contribuição da *teoria ator-rede* de Bruno Latour para os estudos da cibercultura e das redes sociais, incluindo a problematização mais detida de conceitos como de *ator*, de *rede,* de *tradução*, de *mediadores* e *intermediários*, foi o eixo central de nossos artigos para o segundo (RIFIOTIS *et al.*, 2010b) e o terceiro (RIFIOTIS *et al.*, 2011) livros da Rede AMLAT.

Etnografia ou netnografia: pensando sobre a adjetivação do método

Desde os primeiros estudos no ciberespaço, a questão metodológica aparecia como um desafio colocado pela necessidade de se pensar sobre os modos de se fazer pesquisa *online*, ou seja, em "campos" intermediados e mediados pelo computador. No campo da Comunicação, a discussão se devia, em parte, à questão sobre se a internet se constituía num "meio de comunicação" específico, com linguagens e lógicas próprias, inspirando, portanto, métodos próprios de análise tal como já acontecia nos estudos das outras mídias (meios impressos, televisão, rádio etc.).

Ainda nos anos 1990, algumas obras importantes buscavam cercar esse debate metodológico, como um artigo basilar de Luciano Paccagnella, *Getting de Seat of your Pants Dirty: Strategies for Ethnography Research on Virtual Communities*, publicado em 1997 no JMCM[4], e a coletânea organizada por Steve Jones em 1999, *Doing Internet Research: Critical Issues and Methods for Examining the Net*. A discussão voltava-se, sobretudo, para as pesquisas sociais, de caráter qualitativo, levantando questionamentos sobre como se dariam as relações entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa em ambientes *online*, bem como sobre as condições para a observação-participante, dentre outras questões.

Nos anos 2000, a questão metodológica foi objeto central de obras como a de Daniel Miller e Don Slater, *The internet: na ethnographic approach* (2000); *Virtual Methods*: *issues in social research on the internet*, organizada por Christine Hine em 2005 e *Internet Inquiry: conversations about method*, organizada por Annette Markham e Nancy Baym em 2009.

Dentre esses esforços de reflexão e sistematização teórica acerca das questões metodológicas colocadas nas pesquisas no ciberespaço, a etnografia aparece como uma das possibilidades mais "apropriadas" para aqueles que desejam compreender as dinâmicas e especificidades

4 Journal of Computer-Mediated Communication, vol. 3, junho 1997. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue1/paccagnella.html>. Acesso em: 17 jan. 2012.

das interações *online*. Desde a publicação de *Virtual Ethnography* por Christine Hine, em 2000[5], o termo "etnografia virtual" entrou para o vocabulário do campo de estudos do ciberespaço.

Especificamente no Brasil, acompanhando os debates nos Simpósios da ABCiber[6] (2006, 2008, 2009 e 2010), tem nos chamado a atenção o interesse crescente e manifesto em outras áreas, em especial na Comunicação Social e nas Ciências da Informação, pela apropriação da etnografia como **um** ou **o** método privilegiado para o estudo dos processos e fenômenos sociais que se expressam no ciberespaço[7]. E, nesse caso, é comum atribuírem-lhe outro rótulo: netnografia. O termo é anterior à abordagem de Hine (2000) e sua autoria é, em geral, atribuída ao pesquisador da área do marketing/comportamento do consumidor Robert Kozinetz que, a partir de 1997, lançou uma série de produções[8] nas quais aborda a "netnografia" como método interpretativo e investigativo para o comportamento cultural em comunidades online (KOZINETZ, 1998).

A adjetivação do método coloca, portanto, o debate metodológico na mesma esteira das demais categorias engendradas desde a fundação da internet e das tecnologias digitais: primeiro vieram as "realidades virtuais", o "ciberespaço", a "cibercultura", "as comunidades virtuais" e, então, passamos a ter a "etnografia virtual" ou a "netnografia". Pressupõe-se, com isso, que a experiência etnográfica se modifica nos "ambientes virtuais" e que, portanto, não seria apropriado tratá-la nos mesmos termos das etnografias realizadas em situações face a face, nos campos já clássicos da Antropologia. Por outro lado, é importante

---

5 Um artigo datado de 1994, intitulado Virtual Ethnography, posteriormente deu origem ao livro com mesmo título, lançado em 2000.

6 Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura.

7 Inclusive, em 2009, organizamos uma mesa temática para o III Simpósio Nacional da ABCiber, intitulada Perspectivas metodológicas em pesquisas no "ciberespaço": redes sociais, identidade e sociabilidade. A mesa, inscrita no eixo "Redes sociais, identidade e sociabilidade", contou com a participação de Theophilos Rifiotis (GrupCiber/UFSC), Maria Elisa Máximo (NECOM/IELUSC e GrupCiber/UFSC) e Alex Primo (UFRGS).

8 Em 2009, Kozinetz publica, pela Sage Editors, o livro Netnografia: fazendo pesquisa etnográfica online.

não tomar "etnografia virtual" e "netnografia" como sinônimos, pois há distinções importantes no tratamento que Christine Hine (1994; 2000) e Robert Kozinetz (1998) dão, respectivamente, a cada um dos termos.

Em 2007, durante uma conferência para o III Congresso do Observatório para a Cibersociedade, Christine Hine deixou uma questão provocativa: *há um elemento distintivo na etnografia virtual ou a etnografia virtual é unicamente a mesma etnografia clássica com um novo objeto: a internet?*

Situada no campo da sociologia da ciência e da tecnologia, Christine Hine foi uma das primeiras pesquisadoras a discutir detidamente o método etnográfico nos estudos da e na internet. Hine (1994) desenvolve sua concepção da "etnografia virtual" retomando as várias faces do conceito mais moderno de etnografia. Nesse sentido, a autora considera sua **dimensão epistemológica**, situada numa matriz antipositivista, herdeira da sociologia compreensiva, que considera o conhecimento como prática social essencialmente contextual; sua **dimensão conceitual**, associada a uma concepção semiótica da cultura, que considera o potencial de agência dos indivíduos na constituição da cultura; e sua **dimensão** propriamente **metodológica**.

Consideradas essas três dimensões, a etnografia pode ser mobilizada para alcançar os significados da tecnologia e das culturas que a estruturam, ao mesmo tempo em que são estruturadas por ela (HINE, 2000, p. 8). Isso está relacionado a duas formas distintas de conceber a internet, segundo a autora. Na primeira, ela concebe a internet como *lugar* (ciberespaço) onde a cultura é produzida e reproduzida. Trata-se da instância propriamente social da internet, que dá lugar as experiências interativas e comunitárias. Nesse caso, o estudo etnográfico das situações *online* pode contribuir para a consolidação da internet como universo cultural onde as diferentes apropriações das tecnologias disponíveis tornam-se objetos de estudo. A segunda forma de se conceber a internet é, para Hine, considerá-la como sendo *artefato cultural,* ou seja, como produto da cultura. Nesse sentido, Hine trata a internet como uma tecnologia produzida por pessoas particulares, com metas e prioridades contextualmente situadas, moldada para usos e mercados

específicos (HINE, 2000, p. 9). O que a internet é e o que ela faz é, desse modo, produto de entendimentos culturalmente produzidos que podem variar no decorrer do tempo.

Diante dessa dupla possibilidade, a abordagem etnográfica sugere, segundo a autora, que podemos pensar as tecnologias como tendo flexibilidade interpretativa, que seus usos e sentidos específicos devem ser entendidos contextualmente. E, com isso, Hine chama atenção para o fato de que, na maior parte dos estudos etnográficos, privilegia-se a internet como *cultura* e negligencia-se seu status de *artefato cultural*. Daí a importância de se pensar na especificidade da prática etnográfica em contextos *online*[9], repensando as relações entre a etnografia e o espaço, considerando a internet como cultura, bem como artefato cultural (ibid., p. 10). É possível dizer, portanto, que Hine está preocupada em não reduzir a complexidade dos fenômenos produzidos *online* e suas possibilidades interpretativas apostando-se numa mera "transposição" da abordagem tradicional da etnografia à "comunicação mediada por computador".

Assim, a noção de "etnografia virtual" não remete, para a autora, à criação de um novo método, mas para a importância de se colocar em foco os pressupostos que estão na base da etnografia juntamente com aspectos relativos às tecnologias que se tornam centrais e constitutivos desses contextos que estamos estudando. O principal argumento de Hine (1994) para a definição de uma "etnografia virtual" é o de que *se estamos produzindo novos insights sobre os praticantes dessa cultura* – no

9 É importante lembrar que a abordagem de Hine acerca da "etnografia virtual" repousa num estudo cujo propósito era "seguir" um sistema de informação em seus dois polos – de produção e de consumo –, mobilizando um tipo de etnografia em que o artefato tecnológico era sujeito tanto quanto os atores humanos. Tratava-se de um grupo de profissionais de informática que proviam acesso remoto a um sistema de menus através do qual geneticistas britânicos podiam se comunicar e acessar bancos de dados. Nesse caso, Hine se inspirou em Bruno Latour e sua proposta de uma Antropologia simétrica, em que a noção de ator-rede não força distinções a priori entre agências humanas e não humanas. No entanto, ela não considera que sua abordagem "se enquadre" na teoria ator-rede; apenas se diz testando a hipótese de que tomar a tecnologia mais seriamente pode fazer diferença nas conclusões dos estudos nesse campo.

caso a cibercultura – *antes é necessário examinar os pressupostos de nossa própria prática analítica, considerando-se que nossas análises não podem ser vistas como independentes das culturas que estamos estudando.*

Em termos gerais, este artigo segue a mesma proposta. Não há dúvidas de que o estudo das interações mediadas por computador traz para a Antropologia uma série de desafios teóricos e metodológicos, impondo-nos uma retomada dos fundamentos da disciplina (RIFIOTIS, 2010)[10]. Em última instância, refletir sobre a especificidade da etnografia no ciberespaço e sobre a pertinência e/ou significado das adjetivações do método é um caminho para a revisão crítica dos pressupostos fundadores do fazer etnográfico. Ao mesmo tempo em que é uma tentativa de ocupar o lugar da Antropologia nesse debate metodológico, é também uma forma de confrontar com o *standard* antropológico, considerando que a riqueza das questões colocadas pelas pesquisas no ciberespaço ultrapassa as especificidades desse universo e combina-se com as discussões da maior atualidade na Antropologia (ibid., p. 17).

A discussão não se esgotará neste artigo, estamos certos disso. Pelo contrário, está nos planos do GrupCiber transformar as linhas gerais dessa discussão num projeto de pesquisa que nos permita mapear e analisar como está se dando o debate sobre as metodologias de pesquisa na internet, sobretudo no que toca a etnografia e os modos pelos quais ela vem sendo apropriada pelas pesquisas em outras áreas.

A etnografia como "método"

Especificamente, o que nos interessa é refletir sobre como a questão metodológica tem sido discutida pelos pesquisadores brasileiros e, nesse contexto, como a etnografia vem sendo apropriada como "método" para a investigação das interações *online* nas suas diferentes

10 Essa questão foi tema do paper apresentado por Theophilos Rifiotis na mesa redonda A sociedade da informação: reflexões teóricas e metodológicas da XXV Reunião Anual da ANPOCS (Caxambu, 2001). O paper foi posteriormente transformado em capítulo do livro Antropologia no Ciberespaço, organizado pelo GrupCiber e lançado em 2010 (EDUFSC).

modalidades e formas de expressão. O foco no cenário nacional deve-se, fortemente, à fundação e consolidação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), que impulsionou e deu mais visibilidade à produção científica nacional nesse campo.

Dentre os pesquisadores que têm os métodos de pesquisa para a internet no centro de suas preocupações podemos citar Simone Sá (2001); Sandra Montardo e Paula Rocha (2005); Sandra Montardo e Liliana Passerino (2006); Adriana Amaral (2007; 2008; 2009); Adriana Braga (2007), Renata Duarte (2008); e, Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011). Nesses estudos, todos situados no campo da Comunicação, a etnografia é tratada como "instrumento", "ferramenta", "método", "perspectiva" ou "abordagem" privilegiada para as pesquisas no ciberespaço. Como sugerem Montardo e Rocha (2005, p. 4), a "netnografia" pode ser considerada

> como uma das ferramentas metodológicas capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos etc.

Nesse caso, a experiência da "virtualidade" é entendida como lócus de produção de formas específicas de relacionamento e de gestão da informação, demandando, consequentemente, métodos de investigação igualmente específicos. Adriana Braga (2007 p. 5), ao discutir o emprego da etnografia nas pesquisas na internet, concorda que

> o modo peculiar de interação ocorrente na CMC é de alguma forma uma novidade, que traz desafios metodológicos à aplicação dessa tradicional técnica de pesquisa, tornando necessário ajustar alguns pressupostos da etnografia a esse novo objeto, de que somos testemunhas e agentes em sua confecção.

O termo "netnografia" emerge, então, das tentativas de "transposição dessa metodologia (a etnografia) para o estudo das práticas comunicacionais mediada por computador" (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 2). Trata-se, como sugeriu Adriana Braga, de um esforço de

"ajuste" dos pressupostos clássicos da etnografia às particularidades do ciberespaço ou da "comunicação mediada por computador". É justamente esse esforço que parece estar na base do argumento de Kozinetz (1998).

Kozinetz (1998) concebe a netnografia como "método qualitativo", interpretativo, desenhado especificamente para investigar as comunidades produzidas através da comunicação mediada por computador. Fazendo referência ao conceito antropológico de etnografia como proposto por Clifford Geertz e à abordagem proposta por Arthur Escobar (1994) sobre a importância da análise antropológica na compreensão dos tipos de comunidades criadas a partir do uso das tecnologias emergentes, Kozinetz (1998) considera a netnografia como uma "adaptação" do método antropológico com ênfase para o trabalho de campo e para a observação-participante. Nesse sentido, o autor ressalta as "vantagens" da netnografia no que se refere aos "dados" produzidos durante as pesquisas. Sendo estes dados privilegiadamente textuais, resultantes de downloads de arquivos, de postagens em newsgroups, trocas de emails ou de registros automáticos de conversações em "tempo real" (chats, MUDs[11] etc.), para o autor, é como se eles (os dados) surgissem prontos, "já transcritos". Assim, os dados "podem estar menos sujeitos à memória imaginativa (fazendo com que as notas de campo sejam usadas para uma reflexão mais retrospectiva e menos introspectiva)"[12] (KOZINETZ, 1998). Segundo Kozinetz, a predominância textual permite, ainda, ao "netnógrafo", a "pré-edição" dos pensamentos expressos em campo, assim como mais possibilidades para uma apresentação "estratégica" do eu.

Desse modo, a abordagem de Kozinetz sugere uma espécie de "simplificação" da perspectiva etnográfica, propiciada pelas supostas facilidades que o "meio digital" oferece para a experiência da observação-participante e, principalmente, para a coleta e registro de dados. E a maior evidência disso é o recorrente tratamento da etnografia enquanto

---

11 Abreviação para Multiple User Domain.

12 Tradução livre dos autores. Originalmente, "...thus may be less subject to the vagaries of memory (freeing the research's use of fieldnotes for more introspective, rather than retrospective, reflection)" (KOZINETZ, 1998).

"método" ou "instrumento" de pesquisa, verificado em grande parte dos trabalhos dedicados a delinear os contornos da "netnografia" a partir de experiências concretas de pesquisa.

Em livro recentemente publicado no Brasil, Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral propõem-se a "apresentar perspectivas metodológicas construídas para as problemáticas relativas à própria comunicação mediada pela tecnologia digital" (2011, p. 18) e dedicam uma parte do livro à discussão sobre "a amplitude e as limitações da adaptação do método etnográfico a esse contexto" (ibid., p. 20). Introduzindo o capítulo *Abordagens Etnográficas*, as autoras procuram contextualizar os debates gerados em torno da apropriação do "método etnográfico" pelas pesquisas na internet desde os anos 1990, apontando os questionamentos suscitados em torno da postura do pesquisador em campo; das implicações colocadas para o exercício do estranhamento no âmbito da "'fria' relação entre homens e máquinas"; e dos reflexos do redimensionamento das dimensões de espaço e do tempo nas narrativas produzidas a partir da experiência etnográfica etc. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 172). Nesse quadro, consideram não só a "netnografia" tal como concebida por Kozinetz (1998) para os estudos de mercado, como também a noção de "etnografia virtual" desenvolvida por Christine Hine (2000) no âmbito acadêmico, dentre outras terminologias nascidas, segundo as autoras, das aproximações entre as pesquisas de mercado e as pesquisas acadêmicas, como "webnografia" ou "etnografia digital" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 176).

No entanto, apesar de considerarem as nuances desse debate metodológico e concordarem que uma abordagem mais instrumentalizada da etnografia pode reduzir a sua complexidade teórico-epistemológica, as autoras estão confessamente inclinadas a pensar as "funcionalidades do método etnográfico" nas pesquisas em ambientes digitais, em relação a objetos e problemáticas específicas. Por um lado, as autoras mostram-se preocupadas em esclarecer que para cada objetivo e problema de pesquisa há métodos e estratégias para a constituição do campo mais ou menos apropriadas. Por outro lado, ao enfatizar a instância do "quando" e "como fazer" etnografia na internet, as autoras acabam por

esvaziar a importância de se refletir sobre a dimensão vivencial da experiência etnográfica. A ênfase desse tipo de abordagem está nitidamente colocada sobre os instrumentos de coleta de dados e de observação, entendendo-se que sua aplicação varia dos ambientes *offline* para os ambientes *online*.

> As diferenças, sejam elas sutis ou intensas, entre uma entrevista realizada presencialmente e uma entrevista conduzida por e-mail ou ferramenta de conversação como o MSN ou Skype devem ser incluídas na narrativa etnográfica que será construída ao longo da pesquisa. O refinamento das análises sofrerá influências que podem ser significativas, e, nesse sentido, devem ser respeitados os planos *online* e *offline* (ibid., p. 178).

Ao tratar a etnografia como método que, como tal, pode combinar-se com outros métodos e técnicas (ibid., p. 188), Fragoso, Recuero e Amaral acabam reduzindo a importância da dimensão que, pode-se dizer, é constitutiva da própria teoria etnográfica: a dimensão da experiência, fundada no exercício de imersão do pesquisador nos domínios da "vida nativa". Há dois pontos do texto das autoras que apontam mais significativamente para essa redução conceitual da etnografia. O primeiro deles diz respeito ao processo de inserção em campo que, na internet, abriria espaço para a opção pela observação silenciosa, realizada apenas na condição de *lurker* (ibid., p. 192). Sobre isso, nos perguntamos: seria realmente possível, do ponto de vista etnográfico, realizar uma etnografia na condição de *lurker*, optando por uma observação "silenciosa" ou "anônima" sem que se revele a identidade do pesquisador diante do grupo estudado? Um segundo ponto, diz respeito ao nível de familiaridade do pesquisador em relação ao grupo estudado. As autoras sugerem, nesse sentido, que o "grau de inserção do pesquisador" em campo é uma questão de "escolha" que tem implicações éticas e que influencia na análise dos resultados da pesquisa. Diferente do *lurker*, o pesquisador *insider*, por exemplo, leva a campo elementos autobiográficos e conhecimentos prévios acerca da cultura estudada que também comprometem a narrativa etnográfica e que devem, portanto, ser problematizados. Segundo Amaral (2009),

a opção pela pesquisa *insider* abre espaço para uma "autonetnografia", compreendida como

> uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado (AMARAL, 2009).

Sob essa perspectiva, *lurker* e *insider* integram um conjunto de categorias que parecem remeter a uma espécie de "objetivação" da experiência etnográfica, transformando em "ferramentas" de pesquisa aquilo que é próprio da vivência de cada pesquisador. Tomando por base os entendimentos canônicos acerca da representação etnográfica, diríamos que realizar uma observação mais silenciosa ou mais participante não implica em escolhas que o pesquisador deve fazer a priori, mas depende das relações e das negociações estabelecidas em campo e, portanto, são processos construídos no âmbito de cada experiência de pesquisa particular.

Em Malinowski (1976), para quem a preocupação com o rigor do método era central, a dimensão subjetiva e vivencial da etnografia já era reconhecida como sendo essencial na pesquisa antropológica. Para o autor, a observação da dinâmica social de qualquer grupo ou comunidade humana nos coloca diante de um conjunto de fenômenos importantes (os chamados *imponderáveis da vida real*) que integram a essência da vida social e não podem ser registrados com auxílio de instrumentos mais precisos como entrevistas e questionários. Como pontua Geertz (1997, p. 86), os diários de campo de Malinowski nos ensinam que somente é possível conhecer a maneira como um ativo pensa, sente e percebe o mundo se formos capazes, "graças a algum tipo de sensibilidade extraordinária", de pensar, sentir e perceber o mundo como um nativo. Mais do que uma questão ética, "ver as coisas do ponto de vista dos nativos" trata-se de uma questão epistemológica constitutiva do conceito moderno de etnografia que, mesmo já tendo sido submetida a revisões e críticas contemporâneas, ainda define significativamente os modos pelos quais realizamos nossos trabalhos de campo.

Diretamente ligada à compreensão da análise antropológica como forma de conhecimento, a etnografia – ou a prática da etnografia – não é mera questão de métodos (GEERTZ, 1989, p. 15). Desse modo, Geertz nos ensina que não são as técnicas e procedimentos que definem o empreendimento etnográfico, mas sim, o esforço intelectual voltado para a "descrição densa" em busca dos significados. Para tanto, é preciso *situar-se* ou, como coloca Geertz, "tentar formular a base na qual se imagina [...] estar-se situado" (ibid., p. 23). Assim, o processo de inserção do pesquisador em campo é uma construção constante, sempre a mercê das interações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa que, por sua vez, não são necessariamente igualitárias.

Por fim, é preciso dizer que o empreendimento etnográfico não se encerra no trabalho de campo, na realização da pesquisa propriamente dita. É na escrita que a natureza interpretativa da etnografia toma definitivamente seu lugar. A escrita é, por excelência, o lugar de expressão do jogo dialético entre os conceitos de "experiência próxima" (advindos das teorias nativas) e os conceitos de "experiência distante" (acionados pelo pesquisador para descrever seus "achados" de pesquisa) (GEERTZ, 1997, p. 86). Ao final, "o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas" (GEERTZ, 1989, p. 19).

Essas poucas linhas a respeito das concepções clássicas da etnografia já nos possibilitam uma reflexão crítica acerca das formas pelas quais a etnografia vem sendo apropriada nos estudos das interações *online*. Parece haver, de fato, uma oscilação entre dois modos distintos de tratar a etnografia no ciberespaço, sobretudo no que se refere às implicações colocadas para a observação-participante (limitações e possibilidades), para os registros de campo (dada a facilidade de arquivamento de informações/dados/conversações) e para o processo de inserção em campo e de negociação da identidade do pesquisador.

Por um lado, o reconhecimento da etnografia como uma perspectiva apropriada para análise das dinâmicas sociais engendradas na comunicação "mediada" por computador sugere uma preocupação desses pesquisadores com o caráter qualitativo de suas pesquisas. Nesse sentido, a etnografia é considerada como um caminho propício para

alcançar a heterogeneidade e complexidade dos contextos e interações estabelecidas *online*.

Por outro lado, o objetivo de compreender como os próprios sujeitos que participam desses contextos *online* pensam, sentem e percebem suas práticas e suas experiências, vem imediatamente acompanhado de um entendimento enviesado da prática da etnografia. A necessidade, vislumbrada por alguns desses estudos, de "ajustar" a etnografia às características e particularidades dos contextos *online* e de definir esses ajustes através de novas terminologias levou a uma instrumentalização daquilo que, segundo Hine (1994), não se concebe fora de suas três dimensões constitutivas: a epistemológica, a conceitual e a metodológica. O resultado disso é uma redução da etnografia a uma perspectiva empiricista, que tem o potencial de aproximar o pesquisador da "realidade" do contexto estudado. No centro da definição que Kozinetz faz da "netnografia", está a ideia de que esse "método" apresenta

> vantagens explícitas como consumir menos tempo, ser menos dispendiosa e menos subjetiva, além de menos invasiva já que pode se comportar como uma janela ao olhar do pesquisador sobre comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço fabricado pela pesquisa, sem que este interfira diretamente no processo como participante fisicamente presente (KOZINETZ, 2002 *apud* AMARAL; NATAL; VIANNA, 2008).

Perde-se de vista, desse modo, o caráter interpretativo da etnografia e a natureza pessoal de toda experiência etnográfica. Sob tal perspectiva, o próprio diário de campo parece ter seu sentido esvaziado, pois, como já comentamos anteriormente, entende-se que o meio digital simplifica o registro das informações. Seguindo a linha de Kozinetz, Amaral, Natal e Vianna (2008, p. 36) também consideram que a criação de dados *online* facilita o trabalho do pesquisador, que não precisa mais transcrever suas interações e entrevistas para analisá-las posteriormente. No entanto, como insígnia do fazer etnográfico, o diário de campo, mais do que um instrumento de registro, é um lugar de reflexividade, através do qual o etnógrafo busca constantemente equalizar os

efeitos dos movimentos de estranhamento e familiarização em relação ao universo estudado.

Considerações finais

A análise desses estudos permite-nos arriscar a dizer que na base desse debate semântico e metodológico está a persistente distinção entre os domínios do *online* e do *offline*. Ainda que se reconheça a importância de pensar esses dois domínios como contíguos e interdependentes (AMARAL; NATAL; VIANNA, 2008), nos mesmos estudos perduram as análises pautadas pela reafirmação das distinções entre ambos. Essa necessidade de efetuar a "transposição" para as pesquisas no ciberespaço de métodos originalmente concebidos para pesquisas face a face é uma evidência da permanência dessa dualidade entre *on* e *offline*. Nesse sentido, a adoção de novas terminologias metodológicas como "etnografia virtual", "netnografia", "webnografia", dentre outras, remete-nos ao ato de fundação desse campo de estudos e à profusão de categorias marcadas pelo adjetivo "virtual".

Um caminho profícuo para a desconstrução dessa dualidade entre o *online* e o *offline* nos é oferecido por Daniel Miller e Don Slater (2000), que propõem uma abordagem etnográfica da internet através de uma pesquisa realizada em Trinidad, onde buscaram compreender como a internet vem sendo assimilada e entendida particularmente nessa sociedade. Ao considerarem a internet como uma característica constitutiva daquela sociedade, os autores afirmam não estarem lidando com um caso de "ciberespaço" ou com qualquer experiência desconectada do *offline*. Revisitando criticamente a primeira geração de estudos sobre a internet, Miller e Slater (2000, p. 5) acreditam que qualquer foco na "virtualidade" pode ter menos a ver com as características da internet e mais com as demandas de projetos intelectuais específicos. Por isso os autores sugerem: se pretendem alcançar a internet, não comece por ela. Miller e Slater sugerem que os "meios digitais" sejam tratados como engendrados no âmbito de estruturas e relações sociais específicas, podendo transformá-las, mas sendo também determinados por elas.

A perspectiva dos autores nos reposiciona diante da complexidade da experiência etnográfica, provocando a reflexão sobre o papel da Antropologia nesse debate acerca das metodologias de pesquisa na internet. Se, sob a influência de Kozinetz (1998; 2007), a prática da etnografia em contextos *online* pode ser reduzida às possibilidades do "netnográfo" se transformar num *experimentador de campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa*, cabe à Antropologia tomar seu lugar nesse debate, resgatando a centralidade da dimensão vivencial da etnografia. É apenas do interior da experiência etnográfica que se pode alcançar e compreender a especificidade dos campos de pesquisa, sejam eles *online*, *offline* ou resultantes de um entrelaçamento desses dois domínios. Assim, a multiplicidade de termos criados para se especificar as etnografias realizadas *online* perdem sua força e seu sentido. Em discussão mais recente, Christine Hine reconhece essa possibilidade e propõe uma possível suplantação do termo "etnografia virtual". Por ocasião de um debate na lista de discussão da AOIR *(Association of Internet Researchers*)[13], a autora considera que esses termos acabam aludindo à distinção entre *online* e *offline* e, nesse sentido, o que antes ela mesma tratava como etnografia virtual poderia ser tratado apenas como etnografia.

Com isso, voltamos ao ponto central de nossa participação nas publicações da Rede AMLAT (CRUZ; MÁXIMO; RIFIOTIS, 2010a; 2010b; RIFIOTIS; MÁXIMO; CRUZ; SEGATA, 2011), construído em torno do cruzamento e do diálogo entre a Antropologia e a Comunicação. Revisitando criticamente os pressupostos teórico-metodológicos da Antropologia, procuramos pensar as situações comunicativas não como conjuntos de atos isolados (reduzidos à emissão e à recepção de mensagens, informações), mas como situações constituídas em contextos sociais/culturais específicos. Sob essa perspectiva, as situações comunicativas, sejam elas quais forem, não são apenas informadas pela cultura mais ampla em que se estabelecem, mas também contribuem com a própria construção da cultura. Ou seja, quando se comunicam e interagem, os sujeitos produzem cultura (RIFIOTIS *et al.*, 2010b, p. 175).

---

13 O debate é referenciado por Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 178).

Tal abordagem contextual da Comunicação reafirma a importância da investigação etnográfica para esse campo de estudos em que somos pesquisadores e, ao mesmo tempo, nativos. Isso pede que situemos o lugar do sujeito pesquisador, problematizando a dualidade entre sujeito e objeto e considerando o diálogo como uma necessidade, assim como uma postura crítica (RIFIOTIS, 2010). Nessa linha, recuperamos a dimensão cofigurativa da produção antropológica, considerando a existência de uma simetria entre os discursos nativos e os discursos dos pesquisadores (CLIFFORD, 2008). Colocada em xeque a "autoridade" do pesquisador, a experiência etnográfica passa a ser entendida muito mais na perspectiva do "descentramento" do que do "deslocamento" e se configura "como um campo articulado pelas tensões, ambiguidades e indeterminações próprias do sistema de relações do qual faz parte" (GONÇALVES, 2008, p. 10).

Essa perspectiva se constitui como pano de fundo para as preocupações teóricas mais atuais do GrupCiber, como esboçada em artigos anteriores (CRUZ; MÁXIMO; RIFIOTIS, 2010b). Nossa participação na Rede AMLAT foi fortemente marcada por uma reflexão crítica sobre a produção da ciência e suas clássicas dicotomias tais como natureza e cultura, indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, humano e não humano. Inspirados pela obra de Bruno Latour (2003; 2005; 2008), e na sua teoria *ator-rede*, procuramos construir uma abordagem sociotécnica das *redes* constituídas na comunicação *online*; uma abordagem que considere o lugar dos dispositivos técnicos nas interações sociais e que nos permita repensar a própria técnica e a centralidade do *social* em nossos estudos.

Não cabe aqui recuperar a reflexão esmiuçada em nossos dois últimos artigos. Cabe-nos, apenas, recuperar o valor metodológico da teoria ator-rede que nos permite pensar a rede como método e não como objeto ou como meio por onde as informações circulam ou são transportadas de maneira intacta. Ligada permanentemente à noção de ator (que, por sua vez, não pode ser confundido com a noção de ator social), a rede, na concepção latourniana, se transforma e transforma o que por ela passa. E o que passa também fica para associar, gerar

efeitos e traduções.[14] Assim, se a rede é multiplicidade, ela não pode ser definida superficialmente, como uma entidade fixa; seu foco está nos agenciamentos, nas alianças entre elementos heterogêneos (humanos e não humanos), na sua capacidade de transformar os seus componentes ou de ser ela mesma (a rede) um ator. Portanto, Latour não está interessado nas redes propriamente, mas nos efeitos das associações, nas possibilidades de conexão, no que faz os atores fazerem (SEGATA, 2009). Nesse caso, a rede é um modo de ver essa produção de efeitos, na possibilidade que ela dá de rastrear e descrever sem explicar o trabalho de fabricação dos fatos, de sujeitos e de objetos que se faz em rede, através de associações entre humanos e não humanos (FREIRE, 2006 apud SEGATA, 2009, p. 138). Seguir as conexões nos possibilita, segundo a proposta de Latour, ver o modo como determinados elementos se associam e fazem fazer efeitos.

Esse descentramento, fomentado pela abordagem latourniana, traz implicações importantes para os estudos do ciberespaço, sobretudo em termos metodológicos. Nesse sentido, temos sido provocados a rever a ênfase sobre a vida social no ciberespaço, entendendo que essa vida social não se resume às interações entre as pessoas (humanas), mas envolve múltiplas associações e agências entre elementos humanos e não humanos que, por sua vez, não devem ser definidos a priori. Isso implica em pensar, como coloca Segata (2009, p. 143), que o computador, a tela, o teclado e os *drivers*, os sites, os *softwares*, os *hardwares* e tudo mais que não é humano são, antes de tudo, agentes das associações produzidas nas interações *online*. Eles *fazem fazer*, no sentido de também produzirem efeitos, de atuarem como *mediadores* (capazes de agência) e não apenas como *intermediários* (sem força de ação, de modificação, de tradução) no processo interativo.

Essa perspectiva traz implicações significativas para o fazer etnográfico concebido a partir das abordagens clássicas. Como já discutido

---

14 A noção de tradução, na perspectiva de Bruno Latour, compreende o deslocamento de objetivos, as transformações que determinado fato ou ator (pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, ou tudo isso simultaneamente) vai sofrendo ao passar de mão em mão pela rede (RIFIOTIS *et al.*, 2011).

em artigo anterior (RIFIOTIS *et al.*, 2010b), especificamente no domínio dos estudos etnográficos no ciberespaço, o que temos, em geral, é uma espécie de "vontade de saber sociotécnico", que nos provoca a buscar um tratamento analítico que traduza as interações entre humanos e destes com os objetos tecnológicos (*softwares*, máquinas etc.). No entanto, o que vínhamos fazendo em nossas pesquisas não ultrapassava o nível das descrições de "modos de iniciação" e de "socialização" dos "usuários" com as plataformas e equipamentos. Desse modo, continuávamos pensando nos "sujeitos" de um lado e nos "objetos" de outro; apresentávamos o domínio da técnica para depois centrarmo-nos na dimensão humana das situações que estávamos analisando.

À luz da teoria *ator-rede*, somos provocados a pensar a etnografia como um exercício de descrição das interações entre todos os elementos, sem que haja definições *a priori* do que sejam os "objetos", os "sujeitos", a "técnica", o "social". No nosso entendimento atual, essa é a chave para uma abordagem sociotécnica das redes. Se, para Latour (2005, p. 83), qualquer "ente" pode ter agência desde que produza algo em outro "ente" (seja humano ou não humano) e as agências não estão previamente determinadas, cabe à etnografia descrever o que *faz fazer*, identificar se um agente incide de algum modo no curso da ação de outro agente. As perguntas etnográficas configuram-se, nesse sentido, em torno de *como narrar uma ação e mostrar as conexões e rastros que ela deixa?* (LATOUR, 2005, p. 99). Para Latour, o importante é descrever as agências e narrar a multiplicação dos sujeitos presentes nas cenas analisadas. Trata-se, enfim, de *rastrear associações*. A perspectiva latourniana lança-nos no desafio de repovoar as Ciências Sociais com elementos que estavam sendo pensados apenas como acessórios para uma descrição centrada na ação humana.

Todas essas questões, quando pensadas no âmbito dos estudos das situações comunicativas estabelecidas na ou através da internet, complexificam o debate metodológico contornando qualquer tentativa de instrumentalização da etnografia. É desse lugar, portanto, que pretendemos continuar contribuindo com esse debate metodológico, mantendo-nos no desafio do diálogo e da mútua fecundação da Antropologia e da Comunicação que nos trouxe para a Rede AMLAT.

Referências

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online. O papel do pesquisador-insider nas subculturas da web. **Anais do GT Comunicação e Sociabilidade do XVII Encontro Anual da Compós**. São Paulo. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

_____. Categorização dos gêneros musicais na Internet: para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma social Last.fm. In: FREIRE FILHO, J., HERSCHMANN, M. (Org.) **Novos rumos da cultura da mídia.** Indústrias, produtos e audiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, A; RECUERO, R.; MONTARDO, S. **Blogs.com:** estudos sobre blogs e comunicação. SP: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <www.sobreblogs.com.br>.

AMARAL, Adriana; NATAL; Georgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista FAMECOS**, PUC/RS, ano 13, n. 20, p. 34-40, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>. Acesso em: 10 jul. 2011.

BAYM, Nancy. **The performance of humor in computer-mediated communication**, Dissertação Mestrado, Wayne State University, 1995.

BAYM, Nancy; MARKHAM, Annette. **Internet Inquiry:** conversations about method, London: SAGE Publications, 2009.

BRAGA, Adriana. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. **Anais do XVI Encontro da Compós,** na UTP, em Curitiba, PR, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2008.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica:** Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CRUZ, F. G.; MÁXIMO, M. E.; RIFIOTIS, T. Diálogos Metodológicos entre Antropología y Comunicación en la investigación de las formas de apropiación de centros públicos y acceso a la Internet. In: FERNÁNDEZ, Adrián Padilla; MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Metodologías transformadoras:** tejiendo la red en Comunicación, Educación, Ciudadanía e Integración en América Latina. Caracas: Fondo Editorial CEPAP, Universidad Nacional Experimental Simón Rodrigues, 2010a, p. 147-175.

_____. Diálogos de frontera: volviendo a pensar en las redes sócio-técnicas a partir de experiencias etnográficas en lan houses. In: VELAREZO; Alberto Pereira; MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **La investigación de la comunicación en América Latina.** Quito: Fondo Editorial FACSO-UCE, 2010b, p. 169-195.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: CARDOSO, Ruth (Org.) **A aventura sociológica,** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

DUARTE, Renata F. **Práticas comunicacionais e sociais dos *cosplayers* no Brasil:** uma análise dos processos *online* e *offline* através do Orkut. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

ESCOBAR, A. **Welcome to Cyberia:** notes on the Anthropology of Cyberculture, 1994. Disponível em: <http://www.unc.edu/~aescobar/html/texts.htm>. Acesso em: mar. 2012.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**, Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local:** novos ensaios em Antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 85-107.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Apresentação. In: CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica:** Antropologia e Literatura no século XX, RJ: Editora UFRJ, 2008.

GUIMARÃES JR. Mário J. L. **Vivendo no Palace:** etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2000.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000.

_____. **Virtual Methods**: issues in social research on the internet. Londres: Berg Publishers, 2005.

_____. Virtual Ethnography. **International Symposium** When Science Culture Becomes, Montreal, 1994. Disponível em: <http://www.cirst.uqam.ca/pcst3/PDF/Communications/HINE.PDF>. Acesso em: 10 jul. 2011.

JONES, Steve (Org.) **Doing internet research**: critical issues and methods for examining the net. London: Sage, 1999.

KOZINETZ, Robert. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. In: **Advances in Consumer** Research, vol. 25, Alba & J. Wesley Hutshinson, Provo, UT: Association for Consumer Research, 1998, p. 366 - 371. Disponível em: <http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>. Acesso em: 18 jan. 2012.

_____. Netnography 2.0. In: BELK, R. W. **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Londres: Edward Elgar Publishing, 2007.

LATOUR, Bruno. **Un monde pluriel mais commun:** entretiens avec François Ewald. Luxembourg: Éditions de L'Aube, 2003.

_____. **Jamais fomos modernos***:* ensaio de Antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. **Reemsamblar lo social:** una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MACKINNON, Richard. **Searching for the Leviatan in Usenet**. Dissertação Mestrado, Departamento de Ciência Política, San Jose State University, 1992.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do pacífico ocidental.** São Paulo: Abril, 1976. Coleção Os Pensadores.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Compartilhando "regras de fala":** interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2002.

_____. Sociabilidade no ciberespaço: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão Cibercultura. **Antropologia em primeira mão,** PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2003.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The internet:** an ethnographic approach. NY: Oxford, 2000.

MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **RENOTE** – Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 4, 2006.

MONTARDO, Sandra; ROCHA, Paula J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, volume 4, Brasília, 2005. Disponível em: <http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2011.

PACCAGNELA, Luciano. Getting de seats of your pants dirty: strategies for ethnographic research on virtual communities. **JMCM**, vol. 3 (1), junho 1997. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue1/paccagnella.html>. Acesso em: 16 jan. 2012.

REID, Elizabeth. **Electropolis**: communication and community on internet relay chat. Honours Thesis, Departamento de História, Uni-

versidade de Melbourne, 1991. Disponível em: <http://www.aluluei.com/work.htm>. Acesso em: 26 out. 2006.

_____. **Cultural formations in text-based virtual realities.** Master Thesis in Arts, Programa de Estudos Culturais, Departamento de Inglês, Universidade de Melbourne, 1994. Disponível em: <http://www.aluluei.com/cult-form.htm>. Acesso em: 27 out. 2006.

RHEINGOLD, Howard [1993]. **The virtual community**, 1998. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book>. Acesso em: 26 out. 2006.

RIFIOTIS, Theóphilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 51, Florianópolis, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.

_____. Apresentação. In: RIFIOTIS, T.; MÁXIMO, M. E.; LACERDA, J.; SEGATA, J. (Org.). **Antropologia no Ciberespaço.** Florianópolis: Edufsc, 2010.

RIFIOTIS, T.; MÁXIMO, M. E.; LACERDA, J.; SEGATA, J. (Org.). **Antropologia no Ciberespaço.** Florianópolis: Edufsc, 2010.

RIFIOTIS, T.; MÁXIMO, M. E.; CRUZ, F. G. Diálogos Metodológicos entre Antropología y Comunicación en la investigación de las formas de apropiación de centros públicos y acceso a la Internet. In: FERNÁNDEZ, Adrián Padilla; MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Metodologías transformadoras:** tejiendo la red en Comunicación, Educación, Ciudadanía e Integración en América Latina. Caracas: Fondo Editorial CEPAP, Universidad Nacional Experimental Simón Rodrigues, 2010a, p. 147-175.

_____. Diálogos de frontera: volviendo a pensar en las redes sócio-técnicas a partir de experiencias etnográficas en lan houses. In: VELAREZO; Alberto Pereira; MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **La investigación de la comunicación en América Latina.** Quito: Fondo Editorial FACSO-UCE, 2010b, p. 169-195.

RIFIOTIS, T.; MÁXIMO, M. E.; CRUZ, F. G.; SEGATA, J. Redes sociotécnicas: hibridismos e multiplicidade de agências na pesquisa da Cibercultura. In: LACERDA, Juciano; BARRETO, Virgínia Sá. **Comunicação, Educação e Vivência:** saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa; Natal: EDUFPB; EDUFRN, 2011.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografias nas redes digitais. **X Compós**, Brasília: UnB, 2001.

SEGATA, Jean. Entre agentes: a ANT, a Antropologia e o ciberespaço. **Revista Rastros,** ano X, n. 12, Joinville: IELUSC, nov. 2009, p. 133-146.

3ª PARTE

Projetos integrados de formação científica

A pesquisa da pesquisa em projetos de IC e TCC para a formação de novos pesquisadores

Juciano de Sousa Lacerda
Helena Velcic Maziviero
Amanda Cínthia Medeiros e Silva
Luciana Lima Garcia

1 Introdução

A construção da comunicação como campo de conhecimento data das primeiras décadas século XX, período de acelerado desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, considerada a "era dos extremos" por Eric Hobsbawn (1995). Estamos no início do balanço da primeira década do século XXI, marcados pelo advento das sociedades midiatizadas, tendo consciência que são um desenrolar dos processos da cultura midiática (MATA, 1999) e das sociedades midiáticas do século XX (VERÓN, 2005). É da época das sociedades midiáticas industriais, do início do século XX até os anos 1950, o advento e consolidação dos meios de comunicação para massas, segundo Eliseo Verón (2005). Nessa visão, o surgimento dos cursos de Comunicação Social, no Brasil, em áreas disciplinares de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV (entre outras), na segunda metade do

século XX, seria um fenômeno situado no período da midiatização das sociedades, que expressaria "a adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas as intermediárias incontornáveis da gestão do social" (VERÓN, 2005, p. 278). A profissionalização das práticas de comunicação vem transcendendo o âmbito específico das empresas de mídia, passando a ter importante papel no desempenho econômico, simbólico e político de campos institucionais tradicionais como o educacional, o religioso e, principalmente, o político. No entanto, o processo de surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação, nos últimos 50 anos, sofreu uma aceleração e uma expansão sem correspondentes em outras épocas, cujo ritmo não é acompanhado na mesma velocidade pelas instituições tradicionais e pelas práticas culturais cotidianas (SANTOS, 2002).

Os estudos dos processos de midiatização, para o campo da comunicação, voltam a reforçar uma dificuldade epistemológica vinda da acelerada mutação das tecnologias de informação e comunicação, em que a produção de conhecimento válido sobre os fenômenos comunicativos é simultânea a esses processos, enquanto ocorrem no seio da sociedade com suas implicações políticas, sociais e culturais (FRANÇA, 2001; VERÓN, 2005; SODRÉ, 2002; BRETON; PROULX, 2002). A produção de conhecimentos sobre a comunicação é historicamente vinculada e situada, com uma tendência à sua compreensão como fenômeno altamente complexo. Passamos por períodos em que se identifica como base a visão de um processo simples e linear de transferência de informações de um emissor a um receptor, até chegar a concepções contemporâneas que reconhecem a comunicação como um processo complexo, interacional, assimétrico de condições de produção, circulação, reconhecimento e reprodução de formas simbólicas (VERÓN, 2005; WOLF, 2003; SODRÉ, 2002; FRANÇA, 2001; MIÈGE, 2000; CHARAUDEAU, 2006). No entanto, é muito arriscado afirmar que o conhecimento sobre o processo da comunicação obedece a uma lógica evolucionista. Está mais para movimentos em espiral, de idas e vindas, altos e baixos. O que temos de seguro, nesse processo epistemológico, é a acumulação de um conjunto significativo de conhecimentos, de consistência teórica reconhecida, embora identifiquemos divergências

sobre o tratamento dado à comunicação: ora ciência, ora campo, ora disciplina ou interdisciplina (FRANÇA, 2001; SODRÉ, 2002; BRAGA, 2004; MARTINO, 2001).

Nossa perspectiva compreende a comunicação como um campo do conhecimento. Nesse campo, para desenvolver pesquisas, a primeira atitude epistemológica é reconhecer que a construção de um objeto de conhecimento é um exercício desenvolvido no diálogo com uma pluralidade de vozes estabelecidas, ou discursos como diria Vilém Flusser (2007), que, direta ou indiretamente, resultam em sucessivas fundações (VERÓN, 1996). De fato, os distintos conhecimentos científicos constituem programas (BACHELARD, 2006), que correspondem a visões de mundo e sofrem determinações históricas (VERÓN, 1996). A produção de conhecimento no campo da comunicação parece sofrer do mesmo mal dos discursos produzidos pelos meios de comunicação de massa: o presenteísmo sem conexões com o passado. Esse é um risco que corremos o tempo todo, pois lidamos com uma realidade empírica que produz novos dispositivos técnicos a cada semana (FRANÇA, 2001), que produzem efeitos, ou atuam, como se também fossem a-históricos (SODRÉ, 2002), gerando um "tautismo"[1] (SFEZ, 1994) sem precedentes. Um bom exemplo é o uso reiterado da expressão "interatividade" em detrimento do conceito de "interação" quando se abordam as "novas" tecnologias da comunicação. Expressão vazia de sentido teórico, "interatividade" repete a exaustão o mesmo sentido usado pelas estruturas de mercado, quando oferecem novas tecnologias sob a lógica de serem mais "interativas" do que as anteriores (SFEZ, 1999, p. 131-132).

Essa falta de conexão com o passado histórico da construção do campo da comunicação também se reflete na possibilidade de formação de novos pesquisadores. Um dos caminhos com maior poder de alcance são os trabalhos de conclusão de curso (TCC). Mas um problema enfrentado pela maioria dos cursos de graduação em Comunicação Social é a concentração das disciplinas teóricas, como Teorias da Comunicação, Pesquisa em Comunicação, Semiótica entre outras, do primeiro

1 Lucien Sfez (1994) produz um neologismo "tautismo", numa combinação de tautológico com autismo para representar o pensamento produzido sobre a comunicação tecnológica.

ao terceiro semestre. Assim, a distância entre as disciplinas teóricas e a produção do trabalho final de curso (TCC) pode chegar a três anos. Tanto tempo, envolvendo o aluno em disciplinas técnicas, parece gerar uma amnésia temporária naqueles que iniciam o processo de pesquisa para seu TCC. O sentimento mais comum é o de "não encontrar nada" sobre o tema ou objeto que estão investigando no campo da comunicação, como se tratassem sempre de algo "totalmente novo", "original". Nesse intervalo, entre as disciplinas teóricas e o TCC, ganham importância as experiências de Iniciação Científica (IC), quando alunos passam a vivenciar a experiência de pesquisa articulada a projetos de professores-pesquisadores, a partir de planos de trabalho específicos e relacionados com o projeto macro, conduzido pelo pesquisador ou por um grupo de pesquisa.

É o caso do projeto de pesquisa "Comunicação comunitária e local em rede: lógicas, práticas e vivências de sociabilidade e cidadania em telecentros e lan houses na Região Metropolitana de Natal-RN" (CNPq/Edital Universal 2010), que desenvolvemos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir do Grupo de Pesquisa Pragma (Propesq-UFRN/CNPq). Ao tratar de fenômenos recentes focados nas ambiências de telecentros de acesso público gratuito e lan houses (de acesso pago), não poderíamos conduzir nossa problematização tratando como algo totalmente novo processos que já possuem certa historicidade e acumulação de saberes, capazes de serem avaliados e criticados, produzindo avanços mais significativos. Com essa meta, vimos a Iniciação Científica como a melhor estratégia para esse exercício teórico-epistemológico, que contribuiria fundamentalmente para a pesquisa em início e, ao mesmo tempo, constituiria uma experiência significativa para os estudantes, que estavam distantes do processo científico. Nossa estratégia foi a de realizar um exercício de pesquisa em busca do que alguns denominam de "estado da arte" (FERREIRA, 2002), ou "pesquisa bibliográfica" (GIL, 2002; STUMPF, 2005) ou, ainda, "pesquisa da pesquisa" (BONIN, 2006) sobre os *usos* e *apropriações* das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação). Como cada proposta é um programa carregado de especificidades e distinções (BACHELARD, 2006), decidimos pela proposta de Jiani

Bonin (2006) de "pesquisa da pesquisa", por não ter, ao nosso juízo, uma conotação "totalizante" sobre o conhecimento de uma temática como carrega a noção de "estado da arte" (FERREIRA, 2002), nem um caráter de levantamento estatístico da perspectiva "bibliográfica" (GIL 2002; STUMPF, 2005).

2 As operações da pesquisa da pesquisa durante o processo de Iniciação Científica

Compreendemos a pesquisa da pesquisa como movimento metodológico processual que articula e alimenta uma proposta de projeto consolidado de pesquisa (BONIN, 2006). A pesquisa da pesquisa é "o revisitar, interessado e reflexivo, das pesquisas já realizadas sobre o tema/problema a ser investigado ou próximo a ele" (BONIN, 2006, p. 31). O primeiro movimento foi o de mapear pesquisas já desenvolvidas sobre a temática ou com temas relacionados, para submetê-las a processos de *desconstrução,* de *reflexão/tensionamento* e de *apropriação* daquilo que poderiam oferecer para a consolidação do projeto com o qual o pesquisador está envolvido (BONIN, 2006).

Toda investigação necessita de um recorte. Em nossa meta de trabalhar sobre o conjunto das pesquisas que tratam da inclusão digital sob a angulação dos *usos* e *apropriações* (CERTEAU, 2000; THOMPSON, 2001; MARTÍN-BARBERO, 2004) das tecnologias digitais de comunicação e informação, em lan houses e telecentros de acesso público gratuito, decidimos por dois movimentos: a) fazer o levantamento das pesquisas publicadas nos últimos cinco anos (2006-2010) nos 511 periódicos listados pela Capes, de Qualis A1 a B5, dentro do Campo de Ciências Sociais Aplicadas I; b) identificar as teses e dissertações na Área da Comunicação Social, especificamente nos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas I – Comunicação reconhecidos pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior sobre o tema[2]. Tínhamos consciência das restrições do

2 No período da investigação, tínhamos 54 cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas I – Comunicação, sendo 39 mestrados e 15 doutorados.

recorte, pois a pesquisa da pesquisa não deveria deixar de lado outros campos do conhecimento ou repositórios internacionais (GRINGS, 2008), mas nosso propósito era compreender essa construção dentro das ciências da comunicação e da informação no contexto brasileiro de pesquisa. Dentro desse cenário, o processo de pesquisa é um contínuo movimento de gerar uma perspectiva de precisão, ou seja, de objetivação entre tantas possíveis, uma vez que o mesmo objeto pode pertencer a distintas problemáticas (BACHELARD, 2006). O que nos leva, necessariamente, a investigar outras perspectivas de precisão desenvolvidas na área de conhecimento sobre o mesmo objeto.[3]

> Localizadas e acessadas as pesquisas, o investigador-artesão passa ao processo de estudo interessado e reflexivo das mesmas. Nesse processo, é importante o desenvolvimento da habilidade de desconstrução metodológica que, do modo como a compreendo, é um refazer reflexivo do percurso de construção da pesquisa. Nessa desconstrução, refazemos os passos propriamente metodológicos do investigador, percebendo como está construída a pesquisa em suas linhas/fases arquitetônicas de base e refletindo sobre a coerência e articulação das mesmas, a saber: a formulação do objeto/problema, os objetivos, a construção o problematização teórico-metodológica, a construção da observação, as análises descritiva e interpretativa (BONIN, 2006, p. 32-33).

Três movimentos são essenciais na pesquisa da pesquisa: "processos de desconstrução, de reflexão/tensionamento e de apropriação" (BONIN, 2006). Já foram realizadas várias investigações que abordam, direta ou indiretamente, telecentros e lan houses, mas nosso foco estaria naquelas que tratassem da perspectiva dos "usos e apropriações". Em nossa tarefa coletiva, de pesquisador e orientandos de Iniciação Cientí-

---

3 Quando falamos aqui de objeto é na concepção bachelardiana, que não se refere propriamente a um objeto físico designado, em termos de "isto ou aquilo", como, por exemplo, um telecentro e seus computadores conectados, mas ao conjunto de elementos conceituais (programas de experiências) e descritivos (discursivos) acionados na construção/descrição, retificação, estruturação do objeto (BACHELARD, 2006, p. 132-134).

fica, buscamos desconstruir os objetos, objetivos e métodos propostos nessas investigações, confrontamos suas contribuições como propõe Bonin (2006), num movimento de "inventário e classificação" (BACHELARD, 2006) que pudesse configurar perspectivas do que poderá ser apropriado ou redefinido em nossa experiência de pesquisa, como perspectiva de fazer avançar o campo da comunicação sobre a compreensão do papel dos usos e apropriações das TICs, em telecentros e lan houses, na configuração dos fenômenos da convergência digital e da "sociedade midiatizada" (GITLIN, 2005; JENKINS, 2008; LACERDA, 2008).

O levantamento no conjunto de periódicos da área de Ciências Sociais Aplicadas I consistiu em abranger todos os artigos que dessem conta da proposta de nossa pesquisa no sentido de contribuir com a investigação a cerca da produção de conhecimento sobre usos e apropriações das TICs em lan houses e telecentros. Como método de filtragem, foram selecionados quatro termos/palavras-chave (TICs, telecentro, lan house, usos e apropriações), sendo que eles deveriam constar – individualmente ou em conjunto – no título, resumo ou palavras-chave de cada artigo. Ressalta-se que nem todos os sites contavam com mecanismos práticos de busca, como barras de pesquisa ou aproximação semântica, sendo necessário, nesses casos, o acesso manual e individual de cada uma das edições e artigos indexados.

> No caso de periódicos cadastrados na Scientific Electronic Library Online – SciELO e/ou no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (OJS 2.2.3.0), a busca foi facilitada devido ao fato de tais plataformas terem por objetivo o armazenamento da produção científica em formato eletrônico, como uma biblioteca virtual, o que, por si só, já prevê metodologias mais eficientes de catalogação e busca de material. No caso da Scielo, a busca pode ser feita pelo título, autor e/ou assunto do artigo. Já o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas, possibilita, além da busca por autor e título, a localização de artigos a partir do resumo, termos indexados e texto completo (MAZIVIERO; LACERDA, 2011).

Ao todo foram obtidos 248 artigos, presentes em 79 revistas (de Qualis A1 a B5), que corresponderam ao método de filtragem utili-

zado. Em função do grande volume de material levantado, optamos por adentrar os artigos a partir de uma desconstrução metodológica de seus resumos. Nesse sentido, foi construído um quadro de análise, em que constavam os objetos de estudo, objetivos, metodologias e resultados principais de cada artigo. Vale ressaltar, entretanto, que nem todos os resumos analisados continham integralmente os quatro elementos considerados pertinentes para a desconstrução analítica proposta pelo método de mapeamento utilizado.

A construção do quadro de análise dos resumos foi elaborada a partir da necessidade de uma seleção quantitativa que permitisse filtrar a grande quantidade de material a fim de obter uma abordagem mais aproximada dos artigos pertinentes à proposta inicial da pesquisa. O processo de análise dos textos na íntegra, proposto por Bonin (2006) na pesquisa da pesquisa, foi iniciado a partir da aproximação temática dos artigos presentes no quadro de análise. Dessa forma, os textos que apresentavam o termo "usos e apropriações" em seus resumos e/ou palavras chaves foram automaticamente selecionados para análise. Em relação a artigos que mencionavam "telecentros" e "lan houses" em seus resumos, foram analisados apenas aqueles em que figurava o termo "usos e apropriações" no corpo do texto. Assim, obtivemos oito artigos no total, sendo que em seis deles os termos "telecentros", "lan houses" e "usos e apropriações" constavam de forma simultânea.

Em relação aos artigos, os objetos de pesquisa mais estudados são, respectivamente: os novos processos informacionais e dinâmicas sociais da sociedade da informação; o papel das TICs no processo educacional e de aprendizagem; telecentros e programas sociais de inclusão digital; causas, consequências e conceituação de inclusão/exclusão digital. Dos 9 (nove) artigos lidos na íntegra apenas dois usaram de forma distinta os termos "uso" e "apropriação" das TICs e em nenhum deles figurava uma conceituação de maneira a deixar clara a diferença de sentido existente entre os dois substantivos.

O levantamento realizado nos bancos de dissertações e teses dos 54 Cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas I – Comunicação, reconhecidos pela Capes, se concentrou nas pesquisas que tivessem sido defendidas e/ou publicadas entre os anos de 2006 e 2010 e que

estivessem disponíveis em formato eletrônico. No total foram abordados 39 Programas de Mestrado e 15 Programas de Doutorado, todos em Comunicação e ligados à Capes. Quanto às dissertações, 32 delas foram identificadas, em 15 Programas de Mestrado, como relevantes para este trabalho. Tratando-se das teses, através de sete Programas de Doutorado foi possível selecionar 12 delas, as quais também constituíam material de interesse para esta pesquisa. Dessa forma, 44 textos, entre dissertações e teses, foram analisados nesta segunda parte da pesquisa.[4]

Para a concretização desta segunda etapa, optamos por identificar, a partir dos resumos indexados aos 44 textos em questão, as seguintes informações: objeto, objetivos, metodologia e resultados preliminares; as quais foram organizadas em um quadro sistemático. Logo em seguida optamos por analisar os pontos comuns existentes no que diz respeito ao objeto, aos objetivos e às metodologias aplicadas, organizando-os não um a um, mas em grandes áreas temáticas. Vale ressaltar que aqui encontramos nosso primeiro obstáculo: dentre os resumos analisados, nem todos os elementos considerados pertinentes para a sistematização analítica das dissertações e teses puderam ser identificados; vezes por falta de clareza na escrita, vezes por real ausência das especificações dos elementos buscados, o que pode ter nos levado, em algum momento, a ter descartado involuntariamente informações que pudessem ser importantes para a nossa pesquisa.

Tentamos desviar da forma mais prática possível os obstáculos até então encontrados, e continuamos o nosso trabalho identificando quais textos possivelmente trariam em suas discussões teóricas uma abordagem dos conceitos de "uso" e "apropriação" e, logo, seriam pertinentes para o desenrolar desta etapa. Assim, dos 44 materiais considerados na primeira etapa, 27 (sendo 16 dissertações e 11 teses) passaram a ser trabalhados através do processo qualitativo que trataremos a seguir.

Nesse processo qualitativo, nos deparamos com nossa segunda grande dificuldade: optamos inicialmente pela análise da estrutura teórica das dissertações e teses com o intuito de identificar uma possível abordagem conceitual dos termos "uso" e "apropriação" das TICs. To-

4 Os resultados foram apresentados em detalhe em artigo apresentado na Intercom 2011 (GARCIA; SILVA; MAZIVIERO; LACERDA, 2011).

davia, após ter sido iniciado tal procedimento, notamos que, devido à não centralização das discussões teóricas em uma única parte dos textos, era preciso avaliar toda a estrutura de cada tese e dissertação. Da mesma forma, os conceitos de "usos" e "apropriações" estavam presentes em vários momentos do texto, mas a partir da efetiva desconstrução metodológica desses textos foi possível perceber a rara e não clara abordagem conceitual dos conceitos em questão.

É preciso ressaltar que nenhum dos 27 textos trabalhados mais detalhadamente neste processo de pesquisa da pesquisa objetivavam, de fato, um trabalho conceitual de "uso" e "apropriação" das TICs; contudo, é certo que a apresentação desses conceitos viria a enriquecer tais textos na medida em que possibilitaria o esclarecimento da diferença de sentido existente entre os termos, os quais, como constatado nessa amostragem, por vezes são usados como sendo palavras sinônimas, o que não chega a ser um equívoco plenamente, mas que contribui para uma polissemia problemática, uma vez que o exercício do esclarecimento sobre a *apropriação* dos conceitos é parte da construção e do relato de uma pesquisa.

3 O aprendizado para a vida de pesquisador

A partir da realização da pesquisa da pesquisa sobre usos e apropriações das TICs em telecentros e lan houses foi possível colocarmos em prática e termos uma dimensão concreta dos pressupostos teóricos que orientaram o trabalho. Os obstáculos e dificuldades encontradas contribuíram para os pesquisadores de Iniciação Científica exercer suas capacidades de adaptação e adequação metodológica. É comum iniciarmos uma pesquisa acreditando que determinada metodologia dará conta de todo o processo de pesquisa, mas pudemos perceber o quanto isso não é verdadeiro. Por mais consistente que seja nosso plano de trabalho, ele precisará sofrer modificações na medida em que os resultados forem surgindo e, infelizmente, na maioria dos casos, eles não são bem como esperávamos. É nessa hora que o pesquisador precisa fazer sua escolha e acreditar na validade dos dados obtidos, ou seja, adequar a

metodologia à realidade observada e não o contrário. Entender que o método não se conduz sozinho e sim que se trata de uma orientação para os caminhos que a pesquisa irá nos levar foi certamente a maior contribuição que pudemos descobrir na experiência entre pesquisadores iniciantes e orientador, durante o processo de Iniciação Científica. Outro aspecto importante foi como a experiência de IC possibilitou uma maior desenvoltura no processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no aprendizado sobre como organizar as ideias, sobre como pesquisar conteúdo acadêmico na internet e sobre a própria estrutura de um texto científico, aprendizado adquirido na desconstrução dos artigos, teses e dissertações.

O resultado da iniciação científica produzida com a pesquisa da pesquisa também gera duplo significativo sabor: tanto no sentido de ter contribuído com a produção científica na área de comunicação quanto por ter proporcionado o conhecimento de novas técnicas que, certamente, serão trabalhadas em outras etapas que surgirão na carreira acadêmica. O uso do método da pesquisa da pesquisa proporcionou, em última instância, a identificação de problemas em materiais caracterizados como produto final de uma investigação. Perceber tais problemas serviu para que, em nossas próximas produções científicas, não cometamos o erro de não aprofundarmos os conceitos centrais da pesquisa. A pesquisa da pesquisa serviu também para desconstruir o imaginário *a priori* do total ineditismo de uma proposta, pois a partir da análise dos textos mais diversos, pudemos perceber que o trabalho que desenvolvemos está mais para uma refundação, uma atualização, um novo olhar sobre o que outrora já foi abordado.

O estudo e elaboração permitida pelo processo de pesquisa da pesquisa – desde o primeiro momento na academia com a Iniciação Científica, passando pelo TCC – é um aporte fundamental para uma posterior vivência na pós-graduação. Não bastasse esse processo, que por si só já é enriquecedor, a pesquisa da pesquisa proporciona ao estudante/pesquisador conhecer todas as articulações feitas para se chegar à produção de um artigo, de uma dissertação ou tese.

Portanto, a pesquisa da pesquisa deve ser adotada desde a Iniciação Científica, para que o graduando possa visualizar todas as etapas da

pesquisa e identificar as produções já elaboradas, até mesmo para essas produções possam servir de parâmetro e de base para as novas pesquisas, principalmente durante o processo de Trabalho de Conclusão de Curso, e para a continuidade do processo de artesanato intelectual na pós-graduação. Podemos afirmar que a experiência é de extrema importância nessa etapa inicial da vida acadêmica, sedimentando a vivência necessária para os futuros desafios de maturação investigativa. Encerramos este trabalho de pesquisa com a ideia de que estamos agora mais preparados para os nossos próximos desafios enquanto pesquisadores e pesquisadoras.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BONIN, Jiani. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experenciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Efendy *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação***:* olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-40.

BRAGA, José. L. Sobre objetos e abordagens: sua contribuição para a pesquisa em comunicação & sociedade. **Revista e-Compós**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2004.

BRETON, Philipe.; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 91-108.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago., 2002, p. 257-272.

FLUSSER, Vilém. O que é comunicação? In: FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 88-100.

FRANÇA, Vera. V. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis. C.; FRANÇA, Vera. V. (Org.) **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 39-60.

GARCIA, Luciana L.; SILVA, Amanda C. M.; MAZIVIERO, Helena V.; LACERDA, Juciano de S. **Usos e apropriações das TICs**: um balanço da pesquisa da pesquisa em dissertações e teses do campo da comunicação. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITLIN, Todd. Estilos de navegación e implicaciones políticas. In: GITLIN, Todd. **Enfermos de información**. Barcelona: Paidós, 2005, p. 145-212.

GRINGS, C. A pesquisa da pesquisa e a descoberta do transdisciplinar e do transmetodológico. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 103-112.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LACERDA, Juciano de S. **Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação São Leopoldo: UNISINOS, 2008, 291 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MARTINO, Luis. C. Interdisciplinariedade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis. C.; FRANÇA, Vera V. (Org.) **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 27-38.

MATA, Maria C. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Revista Diálogos de la Comunicación,** n. 56, Lima, FELAFACS, 1999, p. 81-91.

MAZIVIERO, Helena V.; LACERDA, Juciano de S. **A pesquisa da pesquisa sobre usos e apropriações das TICs**: perspectivas iniciais. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Maceió, 2011.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SFEZ, Lucien. As tecnologias do espírito. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 1999, p. 119-135.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SODRÉ, Muniz. O *ethos* midiatizado. In: SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11-83.

STUMPF, Ida. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

THOMPSON, John. B. Comunicação e contexto social: In: _____. **A mídia e a modernidade**. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001, p. 19-46.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

VERÓN, Eliseo. Fundaciones. In: VERÓN, E. **La semiosis social**. Barcelona: Gedisa, 1996, p. 13-86.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Vozes da Vila:
a história oral da Vila de Ponta Negra no rádio

Maria Angela Pavan
Joanisa Prates Boeira
Ana Paula de Barros Ferreira

Introdução

O radiodocumentário *Vozes da Vila* nasceu no Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Comunicação Social da UFRN com habilitação em Radialismo e durante seu desenvolvimento tornou-se uma grande série radiofônica constituída de doze episódios que resgata a história da Vila de Ponta Negra em Natal no Rio Grande do Norte.

Essa proposta surgiu a partir das experiências vividas pelos idealizadores do projeto *Vozes da Vila* que foram moradores do bairro e tiveram contato direto e diário com fragmentos das lembranças da população desse local (descendentes dos primeiros moradores) a respeito do surgimento e afirmação do lugar como bairro e destino turístico.

A primeira grande transformação da Vila de Ponta Negra foi durante a década de 1960 com a mudança no meio de subsistência: plantações e roçados foram destruídos para dar lugar a loteamentos. Apesar da grande perda econômica e das suas tradições, a vida seguiu de acordo com as condições que existiam e o lugar se transformou em uma vila de pescadores e perdeu as práticas agrícolas. Seus habitantes passaram

a trabalhar com o comércio, surgindo os barraqueiros e ambulantes da praia. Ponta Negra se transformou em bairro integrado ao roteiro turístico de Natal. Cresceu vertiginosamente, de forma desordenada, e hoje concentra a maior parte dos hotéis, pousadas, *flats*, bares e restaurantes da cidade de Natal/RN. No meio de toda essa prosperidade, o bairro também se destaca pelos elevados índices de violência, tráfico de drogas e prostituição devido ao abismo social que se instalou ao longo dos anos. Percebe-se que essa história e todo o patrimônio histórico-cultural acumulado na Vila estão caindo no esquecimento da cidade e das novas gerações de moradores, criando uma lacuna entre o passado e presente que ameaça o futuro.

O radiodocumentário funciona como um inventário sonoro desse patrimônio; um registro que retrata a cultura local através de narrativa construída a partir de entrevistas e depoimentos de moradores no cotidiano do bairro.

Dividimos o artigo em três partes: *O caminho percorrido em busca das vozes da Vila de Ponta Negra,* onde abordamos os dispositivos encontrados para realização do trabalho, principalmente a ajuda das pessoas que fazem parte do bairro que colaboraram com o andamento da pesquisa; *Um bairro e muitas vozes*, onde abordamos as estratégias metodológicas para construção do aporte teórico e a entrevista. E, por fim, nas *Considerações finais*, descrevemos a realização do documentário, o material bruto, a edição e a pós-produção do radiodocumentário e também uma reflexão do trabalho realizado.

O caminho percorrido em busca das vozes da Vila de Ponta Negra

O objetivo principal era a realização de um documento sonoro para registrar a história da Vila de Ponta Negra a partir do relato das pessoas que construíram sua história de vida no lugar. Ao realizar o primeiro levantamento de dados em livros, arquivos e internet, percebemos que havia uma grande escassez de fontes escritas sobre a história da comunidade. Organizamos um cronograma e decidimos sair em

campo para construção da documentação e da coleta de dados. Nessa etapa, contamos com a participação fundamental de Yuno Silva[1]. Ele foi o que o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, do Departamento de História da USP, chama de "ponto zero", permitindo a criação de uma rede de entrevistados bem rica e, entre eles, a antropóloga Lois Martin Garda, cuja dissertação de mestrado foi realizada em 1983, intitulada *A Família e Mudança Social*, um estudo etnográfico sobre os laços familiares e as mudanças sociais dos moradores de Ponta Negra, baseada nos relatos de nativos e antigos moradores. Essa dissertação nos forneceu as primeiras informações detalhadas sobre a história da Vila de Ponta Negra. Posteriormente à leitura e à busca de fontes bibliográficas, ouvimos a antropóloga que depois de sua pesquisa escolheu viver entre os moradores. Porém queremos esclarecer que a nossa intenção não é afirmar que o conteúdo do documentário radiofônico *Vozes da Vila* é a verdade absoluta sobre a história do bairro. Nossa intenção é dar voz as pessoas que, de alguma maneira, participaram dos eventos relatados, bem como registrar, através das técnicas de história de vida, a memória do bairro. Entendemos que a história é movente, e que é necessário, segundo Agnes Heller (1985), uma construção demorada na construção da teoria da história.

Um bairro e muitas vozes

Para desenvolver o trabalho de resgate histórico através do rádio, foi necessária uma estratégia metodológica que permitisse religar a dinâmica da vida social na Vila de Ponta Negra. No primeiro momento, realizamos uma pesquisa nos arquivos de imagens, fotográficas, jornais antigos, estudos acadêmicos e internet. Essa fase de pesquisa durou dois meses. Depois saímos a campo em busca da confirmação através da memória individual dos moradores do local. Esse período de captação

1 Morador da Vila há trinta anos, jornalista e participante e fundador do SOS Ponta Negra, que atua na defesa dos interesses do bairro e contra a especulação imobiliária. Trabalhou na produção e na roteirização dos 12 episódios do documentário radiofônico *Vozes da Vila.*

durou três meses e resultou em quinze horas de material bruto. Esse material foi transcrito na totalidade e a partir da transcrição pensamos a construção do documentário.

Foram dez meses de convivência entre os entrevistados, de fevereiro de 2010, quando demos início à pesquisa, até dezembro de 2010, quando apresentamos o trabalho e foram veiculados os doze capítulos do radiodocumentário nas rádios públicas brasileiras. Nesses dez meses, houve muitas descobertas, esperas, ouvidos atentos, revelações que transcendiam o material de arquivo pesquisado, muitos laços compartilhados.

São muitos aportes teóricos e metodológicos necessários para se desenvolver um trabalho documental na área de comunicação. Entendemos que a vida social se constrói no ambiente midiático, por isso, considerando o acesso à internet e às redes sociais, foi necessário criarmos um link <www.vozesdavila.com.br> para que as pessoas pudessem ter acesso e também colaborar na troca de informações e memória da Vila de Ponta Negra através do site. Compreendendo que a memória social está sendo repensada através das novas tecnologias (GOULART; HERSCHMANN, 2008, p. 17) percebe-se que o "antigo e novo coexistem e competem pela atenção" (BURKE, 2009, p. 62).

Segundo Beatriz Sarlo (2007, p. 10) é necessário problematizar o relato oral. De acordo com a autora, "a lembrança insiste porque de certo modo é soberana", para isso devemos levantar outras formas de pesquisa além da captação em áudio e denotar que a variação de fatos é que nos dá a perspectiva real da história e entender que ela está sempre em construção.

Representar o outro é um caminho envolvente, mas é necessário muita dedicação e tempo. É interessante frisar a importância do processo de trabalho de campo em projetos que envolvem a história de vida na comunicação social. Em cada entrevista realizada, sentimos a presença constante do passado que se faz presente nos vestígios do cotidiano. Ao adentrar as casas, descobrimos a forma como conduzem suas vidas, sua intimidade. Envolvemo-nos com o fio da memória e sentimos em cada lembrança a emoção aflorar. A realização desse resgate nos fez sentir parte dessa história construída. E o melhor, mudou a forma

com que vemos a Vila de Ponta Negra. Nosso olhar mudou e com a realização dos documentários conseguimos mudar o olhar de quem os ouve e, assim, reelaboramos a história do lugar a partir das memórias. O ato de construir o radiodocumentário nos ensinou a desenvolver uma outra forma de ouvir a percepção do lugar. O verbo ouvir para nós ultrapassou os limites do ver, despertamos uma nova visão. Através do ouvir conseguimos sentir e ter a percepção maior das histórias de vida da Vila e de toda mudança desses últimos cinquenta anos (BERENDT, 1997). Com um ouvido pensante (SCHAFER, 1991), elevamos nosso olhar que saiu da superfície relatada nos folders de turismo do lugar. Conquistamos um olhar poroso que abrange e abarca cada voz. Cada uma delas se transformou numa paisagem sonora que nos acompanha toda vez que passamos pela Vila de Ponta Negra. Se a voz e som levam o mundo para dentro como nos relata Berendt (1997, p. 176), este dentro nos traz a compreensão que os olhos não alcançam. Essa via de mão dupla do mundo sensorial faz com que nossa consciência humana participe e comece a valorizar as particularidades. Essa observação participativa é um trabalho árduo, pois era preciso manter certa distância emocional para poder avaliar e filtrar as informações coletadas nas entrevistas e religar aos outros documentos coletados.

> O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referências entre observador e observado (LAKATOS, 1991, p. 194).

Apesar de utilizar a entrevista não estruturada com a maioria dos entrevistados, sentimos a necessidade de elaborar roteiros de entrevista para duas entrevistadas: as senhoras Lois Martin Garda (antropóloga) e Guiomar Rodrigues (entrevistada mais idosa da lista, com 90 anos). Elas foram fundamentais para compor a narrativa do primeiro episódio do radiodocumentário *Vozes da Vila*.

Outro tipo de entrevista que utilizamos foi o *perfil humanizado* proposto por Cremilda Medina em seu livro *Entrevista: o diálogo possível.* Medina cita uma classificação sintética da entrevista na comunicação coletiva, que se dividem em dois grupos: entrevistas de espeta-

cularização do ser humano e as de compreensão. Edgar Morin (1973), porém, classificou quatro tipos de entrevistas: a entrevista-rito – as palavras são rituais que completam a cerimônia, só têm importância para aquele momento (*hic et nunc*); a entrevista anedótica – se situa no nível dos mexericos, fofocas; a entrevista-diálogo – entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade; as neoconfissões – o entrevistador se apaga diante do entrevistado.

Medina vai além da classificação de Morin e oferece subdivisões dos gêneros descritos pelo filósofo: entrevista conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado. Esta última é a classificação que mais se aproxima do método utilizado no *Vozes da Vila*, que tem como objetivo traçar um perfil humanizado, buscando uma entrevista aberta, a fim de mergulhar no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida (MEDINA, 1995, p. 18). Nesse sentido, podemos exemplificar tais características através dos relatos das senhoras Maria Helena Correia, Maria de Lourdes e Guiomar Rodrigues, que compartilharam suas lembranças conosco, como se fôssemos amigas de longa data, sempre à vontade para falar de suas impressões sobre a Vila e, sobretudo, acerca das situações e momentos vivenciados por elas.

Nesse ponto, percebemos a particular relação entre pesquisador-historiador e a técnica de história oral e comunicador social. A entrevista é um dos instrumentos básicos da pesquisa desses dois profissionais, que devem basear-se em princípios mínimos de civilidade, no que diz respeito ao comportamento ético diante do entrevistado, pois:

> Nesse sentido, existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar direta ou indiretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem (AMADO *apud* ROUCHOU, 2000, p. 181).

Portelli (1997, p. 22) exemplifica:

> [...] quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. [...] meus colaboradores

> – os estudantes – me pediram: "Ensine-nos a fazer entrevistas." [...] a única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. [...] Significa que, em vez de irmos à casa de alguém e tomarmos seu tempo a lhe fazer perguntas, vamos à casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.

Além de utilizarmos tais técnicas de entrevista, também consideramos a ética em nosso discurso e a abordagem com os entrevistados, afinal todo depoimento publicado em jornais impressos ou *online*, ouvido em rádios e até mesmo os televisionados, transformam-se em documentos históricos, uma vez que irão testemunhar opiniões, contextualizar fatos, e poderão servir como fonte de pesquisa e referência para pesquisadores de várias vertentes. A entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, confirmação de histórias já levantadas, e pode até mudar o rumo de investigações. Ouvimos, em *off,* depoimentos reveladores; falas que poderiam comprometer os entrevistados e outras pessoas que não estavam ali presentes. Assim, foi preciso refletir, à luz da ética e do bom senso, e filtrar as informações que realmente eram relevantes para o nosso objetivo.

Os depoimentos foram registrados com um gravador digital e alguns deles também foram filmados. Todos os arquivos de áudio foram transcritos e decupados para serem construídos no radiodocumentário.

Considerações finais

No período de elaboração do pré-projeto do Trabalho de Conclusão de Curso do documentário radiofônico *Vozes da Vila*, foi publicado o edital *I Concurso de Fomento à Produção de Programas Radiofônicos – Prêmio Roquette-Pinto*, realizado pela Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), com patrocínio da Petrobras e apoio do Ministério da Cultura. Estudamos o edital e percebemos que tínhamos excelentes condições de concorrer ao prêmio, então resolvemos adaptar o pré-projeto e inscrevê-lo no concurso e fomos contempladas.

Dessa forma, o *Vozes da Vila* passou a ser um projeto bem maior do que imaginávamos, ele tornou-se o primeiro documento radiofô-

nico que registra a história de Ponta Negra e desdobrou-se em uma série com duração de seis horas, divididas em doze episódios. Conseguimos, dessa maneira, registrar vários aspectos da Vila de Ponta Negra e divulgá-la não só para Natal, mas para todo o Brasil. Os projetos selecionados poderão ser veiculados em todas as emissoras de rádios públicas associadas à ARPUB.

Escrever um projeto para concorrer ao Prêmio Roquette-Pinto foi muito importante para a definição das características técnicas desse documentário radiofônico.

As informações principais sobre a Vila de Ponta Negra contidas nos episódios são: as primeiras referências históricas sobre Ponta Negra; relatos do desenvolvimento e dos aspectos físicos, geográficos, econômicos, sociais e culturais do local nos últimos 70 anos, a partir da memória popular e de algumas fontes escritas.

Também tentamos responder alguns questionamentos sobre a comunidade.

- Qual a origem do bairro Ponta Negra?
- Qual foi o impacto da Segunda Guerra Mundial no povoado?
- Por que a agricultura parou de ser praticada?
- O que aconteceu com as pessoas que praticavam a agricultura?
- Por que tantas pessoas escolheram morar em Ponta Negra?
- Quando o turismo começou a se desenvolver?
- Qual a atual situação da comunidade?

As entrevistas foram captadas com um gravador de 4 canais, marca Zoom, modelo H4n; microfones do gravador ZOOM H4n; microfone de mão, marca SHURE, modelo SM58; microfone de lapela – marca LESON, modelo ML70; totalizando 8 horas e 53 minutos de entrevistas (material bruto utilizado para edição do primeiro episódio de 30 minutos), realizadas nas casas dos entrevistados ou em locais de reuniões sociais, para criar o que McLeish chama de impressões e verdades.

> A razão de usar sons ao vivo é ajudar a criar um clima apropriado. Mais do que isso, para aqueles ouvintes que estão fami-

> liarizados com o tema, o reconhecimento de um ambiente autêntico e de ruídos específicos eleva a autoridade do programa (MCLEISH, 2001, p. 194).

Os ruídos captados durante as entrevistas foram usados para proporcionar sensações de tridimensionalidade ao ouvinte. Por exemplo, quando entrevistamos Guiomar Rodrigues, uma senhora com 90 anos de idade, ela nos acomodou em sua ventilada varanda. Há muitas árvores ao redor da residência dela e também percebemos que sua rua serve de atalho para muitas pessoas cruzarem um quarteirão. Esse ambiente pode ser sentindo através de ruídos como o vento, passarinhos cantando, pessoas passando, latidos de cachorro etc. Esses elementos são essenciais para o documentário ter credibilidade porque esses sons são genuínos e fundamentais para a fidelidade da cena que está sendo apresentada.

Contar quase trezentos anos de história em seis horas divididas em doze episódios de trinta minutos foi a etapa mais difícil da produção e o narrador (junto com outros elementos) foi fundamental para obtenção do resultado esperado.

> Um narrador ajuda o programa a cobrir uma área extensa num tempo bem curto, mas aí é que está parte do perigo; e também pode dar a impressão de ser eficiente demais, "cortado" ou "frio" demais. Sua tarefa deve ser *vincular* e não *interromper* (MCLEISH, 2001, p. 193).

Para não cair nessa armadilha, criamos um narrador dramatizado que dialoga e interage com as sonoras e com os ouvintes. Esse estilo de narração estimula o ouvinte a permanecer escutando as histórias e também criou uma identidade ao documentário.

A estrutura do radiodocumentário é uma descrição do passado e presente da Vila de Ponta Negra, e é o locutor (de maneira descontraída e com uma linguagem bem próxima daquela falada pelos moradores da Vila), dando sequência as diversas sonoras, que conduz o ouvinte por uma viagem imaginária pela comunidade.

Além de ser o guia do ouvinte, o locutor é o fio condutor que costura as histórias e memórias, criando uma sequência temporal e

lógica dos fatos ocorridos na Vila; ele também estimula a criação de imagens mentais porque descreve os aspectos físicos e emocionais do entrevistado ajudando o ouvinte a imaginar aquilo que está ouvindo.

Outra função importantíssima do locutor é sinalizar a entrada de um novo assunto e identificando quem irá falar na próxima sonora. Mas é importante frisar que o papel do locutor foi potencializado pelos recursos sonoros que foram utilizados.

> A música e os efeitos sonoros exploram a sugestão, criando imagens na mente dos ouvintes. São auxiliados pelo tom e pela flexão da voz do locutor ou apresentador. Assim, os efeitos sonoros permitem ao público *ver* o que está sendo descrito e a música possibilita ao ouvinte *sentir* o que se transmite. Servem também para pontuar o programa (FERRARETTO, 2007, p. 286).

A trilha sonora do documentário radiofônico *Vozes da Vila* foi pensada com o intuito de enfatizar a vida simples e o cotidiano da comunidade da Vila de Ponta Negra, que traz uma rica bagagem de tradições seculares e grande diversidade cultural, social e econômica. Pensando em valorizar a música do Rio Grande do Norte, buscamos, dentre os músicos potiguares, aquele que traz em sua musicalidade características que complementassem e marcassem os hábitos e costumes do povoado da Vila. Não demorou muito para descobrir que o escolhido seria o flautista e compositor Carlos Zens.

É interessante registrar aqui que durante a edição do radiodocumentário, enquanto escolhíamos as músicas, a impressão que dava é que elas tinham sido compostas e musicadas especialmente para o *Vozes da Vila*, tamanha sincronicidade das composições com os fatos narrados e a maneira como aquele povo leva a vida. Foram momentos inesquecíveis e emocionantes, que fez a ilha de edição derramar algumas lágrimas durante o processo, um misto de alegria, felicidade e emoção.

Buscamos com este trabalho um aprendizado que nos qualifique enquanto ouvintes das histórias de vida dos protagonistas que constroem a história no cotidiano, como afirma Agnes Heller (1985) o cotidiano é constitutivo da história, e é o "centro do acontecer histórico".

Vigiai e escutai...
Do futuro chegam ventos
Com misteriosas batidas de asas,
E para ouvidos finos há boa notícia

Friedrich Nietzche, *Assim falou Zaratustra.*

Referências

BERENDT, Joachim Ernst. **Nada Brahma, a música e o universo da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1997.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Ferraretto, 2007.

GARDA, Lois Martin. **A Família e mudança social**. Dissertação de mestrado – UFRN. Natal, 1983.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1991.

MCLEISH, Robert. **Produção em rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão. In: MOLES, A. A. *et al.* **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Projeto História n. 15. São Paulo, abr. 1997.

ROUCHOU, Joëlle. História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. XXIII. n. 1, jan./jun. 2000.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

Sobre os autores

Adrián José Padilla Fernández Licenciado en Comunicación Social, Universidad Central de Venezuela, UCV, Caracas. Magister en Ciencias de la Comunicación, Universidade de São Paulo, USP, Doctor en Ciencias de la Comunicación, Universidade de São Paulo, USP. Docente-Investigador del Centro de Experimentación para el Aprendizaje Permanente (CEPAP), de la Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez (Venezuela). Línea de investigación: Movimientos sociales y saberes multidimensionales. Coordinador de la Red AMLAT en Venezuela.
E-mail: adrianpadifer@gmail.com

Alberto Efendy Maldonado Pós-Doutor em Comunicação (UAB-2005); Doutor em Ciências da Comunicação (USP-1999); Coordenador Geral da Rede AMLAT-CNPq: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (UNISINOS-Brasil, UNC--Argentina, UCE-Equador, UNESR-Venezuela, UFPB-Brasil, UFSC--IELUSC-Brasil, UFRN-Brasil). Professor/Investigador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação UNISINOS. Professor visitante UAB, CIESPAL, UCE, UASB, UFPB, UFPI, UPS, UNITINS. Membro do Comitê Científico das revistas Comunicação & Educação (USP); Comunicação e Consumo (ESPM-SP), Ciberlegenda (UFF), Mediaciones Sociales (UCM), Comunicare (Cásper Lìbero--SP). Editor da revista Fronteiras (2006-2008). Coordenador do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM CNPq-UNISINOS. Coordenador do GT-Teoria da Comunicação INTERCOM 1998-2000; fundador do GT-Epistemologia Compós 2001.
E-mail: efendymaldonado@gmail.com

Alberto Pereira Valarezo Profesor de linguística y semiótica de la Facultad de Comunicación de la Universidad Central del Ecuador y de lenguaje y comunicación en la Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Quito. Coordinador de la Red AMLAT en Ecuador. Sus publicaciones principales son Sociolinguística y Educomunicación y Claves semióticas de la televisión.
E-mail: alpervala@hotmail.com

Amanda Cínthia Medeiros e Silva Bolsista voluntária de Iniciação Científica, integrante do GP PRAGMA (UFRN). Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: amanda.cnth@gmail.com

Ana Paula de Barros Ferreira Radialista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Pesquisa PRAGMA – Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania. Produtora, pesquisadora e roteirista, busca unir conceitos, teorias e produção audiovisual com o objetivo de produzir comunicação humana e cidadã.
E-mail: anacutrufelli@gmail.com

Aryovaldo de Castro Azevedo Jr. Bacharel em Publicidade e Propaganda, mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e doutor em Multimeios pelo IAR/UNICAMP. Integra as bases de pesquisa NIELP (USP) e PRAGMA (UFRN). Membro fundador da Associação Internacional de Investigadores em Branding (Observatório de Marcas) e diretor regional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Propaganda (ABP2). Professor adjunto e coordenador do curso de graduação do Departamento de Comunicação da UFRN. Tem experiência nas áreas de Marketing, Comunicação, Design e Educação.
E-mail: ary.azvd@uol.com.br

Beatriz Sallet Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Docente nos cursos de Comunicação e coordenadora na Graduação Tecnológica em Fotografia, na UNISINOS. Jornalista, fotógrafa; possui mestrado em Comunicação (2006).
E-mail: bsallet@gmail.com

Caroline Casali Professora Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen (CESNORS/UFSM). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo, pela UFSM (2004), mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2006) e Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais.
E-mail: carolcasali@gmail.com.

E. Santiago Martínez Luque Becario Doctoral CONICET, integrante del equipo de investigación de Ciudadanía y Comunicación (CEA-UNC) dirigido por la Prof. María Cristina Mata.
Correo electrónico: santiago_martinez_luque@hotmail.com

Fábio Caim Viana Publicitário, doutor em comunicação e semiótica, coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Nove de Julho e professor universitário do curso de Propaganda e Marketing da Facamp. Consultor na área de comunicação e semiótica e autor do livro Singularidades do masculino na publicidade impressa: semiótica e psicanálise, pela editora Intermeios.
E-mail: fabiocaim@uol.com.br

Fernanda Guimarães Cruz Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Membro do Grupo GrupCiber (UFSC), do TRANSES (Núcleo de Antropologia do Contemporâneo PPGAS/UFSC) e do PROCESSOCOM (UNISINOS-CAPES-CNPq).
E-mail: fernandaguic@yahoo.com.br

Helena Velcic Maziviero Bolsista PIBIC/CNPq de Iniciação Científica, integrante do GP PRAGMA (UFRN). Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: hmaziviero@hotmail.com.

Jean Segata Doutorando em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC. Professor da UNIDAVI e editor da UNIDAVI. Membro do GrupCiber/UFSC.
E-mail: jeansegata@gmail.com

Jiani Bonin Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Cocoordenadora do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (UNISINOS/CAPES/CNPq). Membro da Rede Temática AMLAT: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina, financiada pelo CNPq. Tem pesquisado problemáticas com foco em mídias e identidades culturais e cidadania, recepção midiática e metodologias de pesquisa em comunicação.
E-mail: jianiab@gmail.com

Joanisa Prates Boeira Radialista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e estudante do curso de Comunicação Social, Jornalismo, na mesma instituição. Assessora de Comunicação do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Integrante do Grupo de Pesquisa PRAGMA – Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania. Desenvolve pesquisas e produções audiovisuais nas áreas da comunicação, história de vida e cultura.
E-mail: joanisaprates@gmail.com

Joel Felipe Guindani Doutorando pelo programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Graduado em Rádio e TV pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Estudou Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, pesquisa sobre Comunicação e Cultura, Cidadania e Movimento Sociais.
E-mail: j.educom@gmail.com

Juciano de Sousa Lacerda Professor Permanente e vice-coordenador do Mestrado em Estudos da Mídia (UFRN). Doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2008), com estágio doutoral na

Universidad Autónoma de Barcelona (2005/06-CAPES/MECD). É coordenador do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (PRAGMA-UFRN) e membro da Rede AMLAT (PROSUL/MCT/CNPq Nº 11/2008). É vice-coordenador do GP "Comunicação para a Cidadania" (INTERCOM).
E-mail: juciano.lacerda@gmail.com

Karine Moura Vieira Jornalista, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, e professora na Universalidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Membro do GPJor – Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo do PPGCC/UNISINOS.
E-mail: karinemourav@gmail.com

Luciana Lima Garcia Bolsista PROPESQ de Iniciação Científica, integrante do GP PRAGMA (UFRN). Estudante de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: luciana_l.garcia@hotmail.com

Maria Angela Pavan Professora do curso de Comunicação Social da UFRN e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia na linha de Pesquisa Produção de Sentido. Doutora em Multimeios (UNICAMP) e integrante do Grupo de Pesquisa PRAGMA: Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania. Desenvolve pesquisa na área de comunicação e cultura.
E-mail: gelpavan@gmail.com

Maria Elisa Máximo Doutora em Antropologia Social pela UFSC (2006). Professora da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, no curso de Comunicação Social. Coordenadora geral do NECOM/IELUSC e vice-líder do GrupCiber/UFSC. Membro da comissão editorial da Revista Rastros.
E-mail: elisamaximo@gmail.com

Nísia Martins do Rosário Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq nível 2. Possui

doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997) e graduação em Comunicação Social pela mesma instituição. Seus focos de pesquisa têm sido imagem, corporalidades e metodologia científica.
E-mail: nisia@corporalidades.com.br

Noel Padilla Fernández Prof. Msc. en Tecnologias de la Información y la Comunicación por la UCV. Documentalista. Docente/Investigador de la Universidad Nacional Experimental Simón Rodriguez (Venezuela) en las áreas de Educomunicación y Análisis del Discurso.
Correo electrónico: chaplincine@gmail.com

Rafael Foletto Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (2008) e em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, pela mesma instituição (2009). Mestre (2011) e doutorando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na linha de pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
E-mail: rafoletto@gmail.com

Tabita Strassburger Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2012). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (2010). Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM.
E-mail: tabita.strassburger@gmail.com

Theophilos Rifiotis Professor do Departamento de Antropologia e Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC. Coordenador do GrupCiber/UFSC.
E-mail: rifiotis@uol.com.br

Grupos da Rede AMLAT

PROCESSOCOM-UNISINOS (Brasil)

O Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (PPGCC-UNISINOS) se caracteriza pelo seu compromisso acadêmico/ético-científico, numa perspectiva de investigação epistemológica e metodológica que problematiza as transformações socioculturais contemporâneas nas dimensões comunicacionais. Trabalha, teoriza, experimenta e pesquisa uma diversidade de metodologias em projetos de produção de conhecimento sobre processos midiáticos e comunicativos. Sua opção política-investigativa promove inter-relações de cooperação, intercâmbio e produção conjunta de ensino e pesquisa com núcleos, grupos e instituições de América Latina e Europa. A Rede AMLAT é seu projeto de maior envergadura ao relacionar oito universidades de Venezuela (UNESR-CEPAP), Equador (UCE-FACSO), Brasil (UNISINOS, UFPB, UFRN, UFSC, IELUSC) e Argentina (UNC-CEA) numa opção *transmetodológica* de encontro, colaboração, aprendizado e integração.

CEPAP-UNESR (Venezuela)

O *Centro de Estudios para el Aprendizaje Permanente* é um organismo que trabalha a *educomunicação* em perspectiva experimental, seguindo uma linha pedagógica transformadora de participação estratégica dos formandos na definição dos seus currículos, linhas de investigação e articulações teórico-metodológicas. Tem como referencias cen-

trais os métodos de Paulo Freire e o *método de projeto* na configuração do Cepap. Promove cursos de formação em nível de graduação, especializações e seminários de extensão na inter-relação *educação-comunicação*. A partir do trabalho com a Rede AMLAT está desenhando uma proposta de mestrado. No contexto da Rede, tem trabalhado o proyecto Impulso y desarrollo de las Líneas de Investigación, concebendo as mesmas como comunidades de aprendizagem que trabalham de maneira sistemática na produção e socialização de conhecimentos; como também na formação de pesquisadores, no intercâmbio e cooperação científico-acadêmica, tanto em nível nacional quanto internacional.

CEA-UNC (Argentina)

El *Proyecto Medios, espacio público y ciudadanía* trabaja en la Red AMLAT tres aspectos centrales de la comunicación y la cultura política en las sociedades mediatizadas. Uno, la constitución de los individuos como públicos, con las consiguientes transformaciones identitarias que ello conlleva. Otro la articulación comunicación-ciudadanía, tanto en sus dimensiones conceptuales como a nivel de las limitaciones y potencialidades que para el ejercicio de la ciudadanía tienen las actuales condiciones de producción de la comunicación- Un tercero, vinculado con la capacidad de los medios masivos de comunicación de construir agendas que funcionan como dispositivos discursivos y marcos interpretativos. Como antecedentes generales, el proyecto reconoce las reflexiones, debates e indagaciones empíricas que en el cruce de teorías comunicativas, sociales y políticas problematizan el lugar y papel de los medios masivos y tecnologías de información y comunicación en la construcción del orden democrático.

FACSO-Q/UCE (Equador)

Trabaja en la Red AMLAT la línea de investigación *Diseño, análisis y difusión curricular de la Comunicación Social en el Ecuador*, sitúa la

investigación como el eje articulador de todo el proceso de formación de los futuros profesionales. Propone un vínculo con la colectividad de forma constante a través de los procesos de investigación, la realización de prácticas pre-profesionales, la realización de proyectos integradores de base curricular y de proyectos de innovación tecnológica, empresarial y social.

NÚCLEO UFPB-UFRN (Brasil)

O núcleo da Rede AMLAT no *Departamento de Comunicação e Turismo* do CCHLA UFPB procura analisar as relações entre culturas televisivas (aqui entendidas como os processos de significação das práticas comunicacionais em relação aos cenários socioculturais) e *comunidades*, em razão da imanência da questão dos vínculos sociais, dos laços de atração destas. Nessa perspectiva, procuram-se entender a natureza audiovisual televisiva, suas lógicas, estratégias, enfim, questões relativas à *dialogia*, a exemplo do *receptor construído* nos discursos televisivos, as *propostas de pactos simbólicos.* O grupo de pesquisa *Pragmática da comunicação e da mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania* (PRAGMA/UFRN), integrante da Rede AMLAT, desenvolve o *Projeto convergência digital e comunicação comunitária* (UFRN). No contexto da comunicação regional e da relação local-global, pretende investigar as lógicas, práticas e vivências que caracterizam a condição de agentes produtores de comunicação e informação local e comunitária, em ambientes digitais midiático-comunicacionais, das pessoas que fazem uso de lan houses (centros públicos de acesso pago à internet) e grupos que participam de projetos de inclusão digital públicos e gratuitos, na Região Metropolitana de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Adota-se, como referencial metodológico, a perspectiva da pesquisa-participante, num modelo plural e flexível de webgrafia, midiografia dos telecentros e entrevista em profundidade. Com isso, pretende-se fazer o mapeamento das condições tecnológicas em multimídia de telecentros e lan houses da região, sistematizar a produção digital local e comunitária, tendo em vista identificar tipos de agência cidadã ou contra-hegemônica em seus modelos e resultados.

Grupo de Estudos em Comunicação NECOM-IELUSC / GrupCyber-UFSC (Brasil)

Participa na Rede AMLAT com o projeto *Estudo etnográfico das formas de apropriação dos centros públicos de acesso pago à Internet*, situando-se num lugar específico dos debates acerca da "inclusão digital" – que, em geral, polarizam-se entre o reconhecimento ou da *necessidade* ou do *direito* à comunicação. O projeto busca habitar o nível da análise, da compreensão, apoiado na materialidade vivencial da pesquisa etnográfica, isto é, em termos metodológicos, empenha-se na realização de uma abordagem contextual do fenômeno social em questão, buscando alcançar, em última instância, uma compreensão mais sofisticada dos modos pelos quais o ciberespaço se entrelaça ao espaço urbano, possibilitando reconfigurações nas formas pelas quais a cidade é imaginada e experienciada.